

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

CAMILA SATURNINO BRAGA ENNES

CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO EDIFICADO:
Ensino e prática na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal
Fluminense

VOLUME II

Rio de Janeiro
2019

Ficha Catalográfica

E59c Ennes, Camila Saturnino Braga.

Conservação do patrimônio universitário edificado : ensino e prática na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense / Camila Saturnino Braga Ennes ; orientada por Inês El-Jaick Andrade. – Rio de Janeiro : s.n., 2019.
2 v.

Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.
Bibliografia: 173-183f.

1. Arquitetura. 2. Universidades. 3. Patrimônio. 4. Brasil.

CDD 720.981

Apêndices

Apêndice 01: Transcrições de relatos

APÊNDICE 01a: TRANSCRIÇÃO BRUTA DE RELATO (ÁUDIO GRAVADO)

Maria Cristina Fernandes de Mello

GESTÃO DE SÍTIOS HISTÓRICOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: REFLEXÕES E DESAFIOS DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO HISTÓRICO DO CAMPUS MANGUINHOS, FIOCRUZ-RJ

Projeto de Entrevistas Dirigidas: Narrativas e trajetória do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz

Transcrição de entrevista (bruta) realizada por Tarcísio Bastos.

Entrevistada: Maria Cristina Fernandes de Mello

Data: 24/11/2017

Entrevistadores: Débora Paiva Monteiro, Inês Andrade, Sônia Nogueira e Camila Ennes

Entrevistador: A entrevista de hoje é com Maria Cristina Fernandes de Mello e faz parte do projeto de entrevistas dirigidas “Narrativas e trajetória do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz da Fiocruz”. A entrevista está sendo realizada no dia 09 de março de 2018 por Debora Paiva Monteiro, Inês Andrade, Sônia Nogueira e Camila Ennes. Esta entrevista está sendo gravada e registrada por Gregório Albuquerque.

Bom, Cristina, então, formalmente agora, seja bem-vinda. Muito obrigada pela sua disponibilidade. Como eu te falei a gente vai fazer um primeiro bloco de registro dos seus dados pessoais. Então, primeiro eu queria que você dissesse seu nome completo, se a gente registrou corretamente, a data e o local do seu nascimento.

CM: Maria Cristina Fernandes de Mello. É... 21 de setembro de 1950, em São Paulo.

Entrevistador: São Paulo capital?

CM: São Paulo capital.

Entrevistador: E a sua formação acadêmica? Como é que foi? Você fez faculdade de arquitetura?

CM: Eu fiz a FAU UFRJ, de arquitetura.

Entrevistador: Se você puder, se você lembrar, falar o seu ano de formação dos cursos.

CM: Eu me formei em julho de 1974. E fiz concurso pra UFF em 1976, isso. E trabalhei na UFF durante 30 anos como professora na Escola de Arquitetura e Urbanismo de lá.

Entrevistador: Uhum... Foi rápido né? De 74, você passou já em 76 pra Universidade. Então quando você fez o seu doutorado... você chegou a fazer o mestrado antes do doutorado?

CM: Não. Porque eu queria fazer restauração na Itália, porque eu me formei e o melhor curso de restauração, na época, era esse. Era da Universidade de Roma, *Università degli Studi di Roma La Sapienza*, bem modesto né?... E tinha um bom curso lá, só que nessa época, na Itália, não tinha essa correspondência mestrado e doutorado que é uma estrutura americana né. Hoje, o curso que eu fiz é doutorado, mesmo curso na mesma Universidade, ele adotou esse sistema: mestrado, doutorado, pós e tal. Mas antigamente tudo era especialização ou aperfeiçoamento. Tinha cursos de 3 meses que era aperfeiçoamento e de 5 anos também era de aperfeiçoamento, medicina por exemplo. Então, eu pedi bolsa ao CNPq, o CNPq me concedeu bolsa de doutorado, argumentei... e fui pra lá. E fiquei lá 2 anos e meio, fiz todos os créditos, fiz um projetinho de tese lá, numa cidade perto de Roma. Foi aprovado, fiz a qualificação e aí o Brasil, o CNPq do Brasil faz um convênio com a Universidade de Roma e determina que todos os bolsistas brasileiros, nesse curso, deveriam defender teses de monumentos brasileiros. E eu já tinha a qualificação de monumento italiano, aí eu voltei, voltei pro Brasil e em 80, final de 84. E o Sergio Arouca, em 85, me convidou pra trabalhar aqui e aí foi uma oportunidade que eu tive, conheci o lugar, me encantei pelo lugar e fiz toda... no início aqui, fiz todo aquele trabalho inicial de levantamento, conforme manda a metodologia, histórico, físico e tal. E estruturamos um plano de trabalho, que foram 4 contratos e finalmente eu fui contratada aqui em 1º de dezembro de 1986.

Entrevistador: Ta. Antes da gente entrar nesse aspecto. Deixa eu te perguntar. Esse período que você ficou em Roma, foi mais ou menos quando? Você lembra?

CM: Então, foi em 82, 83 e 84. Ess primeiro período. Não, eu to contando isso, porque as duas coisas tem ligação.

Entrevistador: Entendi.

CM: Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu fiz uma monografia, mandei pra um seminário e escrevi pro coordenador que era o Mario Mendonça, do curso lá da Itália, mudando a minha tese, já que eu tava vinculada ao CNPq e ele tinha que aprovar o tema. Aí escrevi pra ele, escrevi... perguntando se eu poderia fazer sobre o trabalho

que eu tava fazendo aqui, ele falou que sim. Então, todos os projetos que eu fiz aqui, eu fiz utilizando a metodologia internacional de restauração que eu tinha aprendido lá na Itália, a risca. Então, porque esse trabalho iria embasar a minha tese. Então, eu tive que... então, o que foi muito bom, assim, tanto, eu acho que... tanto pro resultado físico como de planejamento, porque aí foi usado o método científico né? Anamnese, diagnóstico, terapia, tudo direitinho e eu acho que foi, digamos assim, uma maneira também de organizar tudo que já tinha sido produzido aqui, meio com boas intenções, muita coisa se aproveitou mas não tinha uma organização de todo o conjunto arquitetônico. Quer dizer, tinha atuações pontuais, no intuito de preservar... depois da Ditadura que isso aqui quase foi destruído, pelo abandono. Então, tinha pessoas, por exemplo, no caso da torre Norte, há três anos já se tentava restaurar a torre Norte quando eu entrei aqui, só que tinham duas pessoas trabalhando que era o Doutor Eraldo e o Zé Mauro. E eles sozinhos não tinham como, eles conseguiam uma verba, consertavam aqui, quer dizer, a coisa não andava. Quando eu cheguei aqui tava tudo no osso, ninguém sabia direito como restaurar aquela estrutura, enfim, estavam preocupados em refazer os ornamentos, tinham contratado o Seu Adorsino pra ele fazer... o Zé Mauro descobriu o Seu Adorsino. Fez levantamento de três pavimentos, mas não tinha um conhecimento, digamos, científico da coisa. Mas o que eles produziram ajudou muito a construir esse conjunto de informações necessárias pra... Então isso tá ligado, uma coisa tá ligada com a outra. E eu defendi tese, depois o CNPq me deu outra bolsa pra eu ir pra lá. Eu defendi tese em...

Entrevistador: 88?

CM: Hein?

Entrevistador: 88, não?

CM: Acho que foi em 88.

Entrevistador: Era o que a gente tinha registrado aqui, queria confirmar.

CM: Foi em 88.

Entrevistador: E a defesa da sua tese então foi sobre o conjunto arquitetônico? Você teve que...

CM: Não. Foi sobre o projeto que eu fiz mesmo, assim, de cabo a rabo, totalmente, que foi a torre Norte. Só que uma tese, você tem que circunscrever a sua intervenção dentro de um histórico né? Na realidade, falou-se de tudo pra chegar na torre Norte, mas é que tinha que demonstrar um conhecimento específico sobre restauração, uma restauração pontual. Porque tinha uma parte histórica e tinha um projeto físico que... então, aí eu fiquei lá dois meses, porque eu cheguei lá aí o orientador italiano resolveu me pedir mais três pranchas, assim, na época que não tinha computador. Eram lençóis enormes, assim.

Entrevistador: E me diz uma coisa. Voltando ainda aí né, na sua formação acadêmica. Como é que... Pode falar alto.

Entrevistador: Posso? Então, é só pra ressaltar... porque vai ficar o registro né? É que a torre Norte, a gente fala assim né. Mas é só pra registro, do Pavilhão Mourisco.

Entrevistador: Ah tá. É que eu ainda... a gente ainda vai retomar um pouco desse assunto da torre Norte. Mas eu queria saber como surgiu seu interesse pela área de arquitetura, quando você foi, enfim, escolher a sua Universidade

CM: A minha profissão?

Entrevistador: Sua profissão. Você lembra? Assim, teve algum marco? Alguma questão?

CM: Eu adorava desenhar, desde criança, sempre desenhei, pinte. Gostava... e na realidade, eu queria uma profissão que fosse polivalente, que fosse múltipla. Eu não conseguia me imaginar especificamente numa coisa, tipo laboratório, microscópio, isso é uma coisa que eu não consigo nem imaginar. Nem... então, arquitetura pra mim, era uma profissão que se trabalha com várias escalas e na minha cabeça, eu ia usar o desenho e poderia desenhar uma mesa como poderia planejar uma cidade, assim. Então, era uma profissão que me daria... que eu encontraria alguma coisa dentro dessa profissão que me satisfizesse né, era mais livre. E eu tinha um primo arquiteto, que era dez anos mais velho do que eu, quem eu admirava muito, eu o via desenhando na prancheta quando eu era criança, eu achava... quer dizer, eu construí na minha cabeça, essa profissão sabe? Como um... e não me arrependo não. Arquitetura, acho que eu acertei, porque a minha profissão mesmo, que eu queria, eu queria ser bailarina, como todo menina. Mas bailarina, sabe como é né? É um sonho de criança, então, enfim, na arquitetura foi um outro jeito de desenhar, dançar, dançar com o lápis.

Entrevistador: E o seu interesse pela área de preservação especificamente? Você já tinha antes de entrar na faculdade? Ou foi alguma coisa que surgiu ao longo do seu curso?

CM: Surgiu ao longo do curso. Surgiu ao longo do curso, porque como eu entrei, entrei em 69, num período muito, político, muito repressor, que acontecia uma especulação imobiliária desenfreada, especialmente no Rio de

Janeiro. E a minha formação, os professores todos eram arquitetos modernistas, eles eram encantados com o concreto armado, com... e eu comecei a construir na minha cabeça um certo desagrado quando eu via grandes coisas sendo demolidas, assim, logo no começo da faculdade e comecei a me interessar sobre o assunto de manutenção da memória, de como é que se faz isso e nas matérias ligadas a história da arquitetura eu me interessava e enfim. As aulas de projeto, como a formação dos meus professores não incluía essa área de restauração, eles não foram formados, eles foram formados com as ideias modernistas, de demolir tudo, construir tudo em concreto, não sei o que... e aquilo começou... eu comecei a construir essa possibilidade. Não que eu não gostasse de arquitetura contemporânea, eu gostava, mas eu achava que as duas coisas poderiam conviver. Tentei trabalhar no IPHAN várias vezes, nunca consegui, como estudante, mandava meu currículo, nunca consegui um estágio lá. E tentei 4 bolsas diferentes, me inscrevi pra 4 cursos diferentes até ser aceita na Universidade de Roma. Pedi bolsa também pra 4 lugares diferentes, 3 não e aí o CNPq me deu um sim, mas eu já era professora, então isso era um ponto favorável. E como o concurso que eu fiz só tinha uma vaga, eu tirei em primeiro lugar né? Então isso também era outro ponto favorável, aí então eu consegui a bolsa. E realmente foi um aprendizado maravilhoso, assim, ter essa experiência de morar fora e conhecer... aí é que eu aprendi a história da arquitetura de verdade, aí é que eu aprendi. E é claro que essa minha carência enquanto estudante veio aparecer de novo como professora. Que eu voltei pra lecionar essa matéria na Universidade, só que como ela não tava no quadro obrigatório, era uma matéria optativa e eu acho que o melhor trabalho que eu fiz, até falei em outra entrevista na Universidade, foi, durante 5 anos, batalhar pra que essa matéria entrasse no currículo básico da arquitetura do Brasil inteiro. E aconteceu isso em 96. Em 96... obrigatória. Todas as disci

plinas relacionadas a restauração tanto de cidade quanto de edifícios históricos quanto teoria histórica da restauração, tudo isso passou a ser matéria obrigatória do currículo mínimo das escolas de arquitetura do Brasil todo, estabelecido pelo Ministério da Educação. Isso foi uma batalha que, obviamente, o fato da Maria Elisa ser presidente ABEA, Associação Brasileira de Ensino, e ser diretora da escola, quer dizer, ela também aprovava essa medida e ela estimulou que na reforma curricular que houve, acho que foi em 94, esses assuntos fossem inseridos e foi aprovado depois pelo conselho do MEC. E as disciplinas, a ementa das disciplinas foram elaboradas pelo professor Ciro Illídio Corrêa Lira e eu, que eram os dois professores da área na época na UFF. Nós elaboramos todas as ementas, quer dizer, aí essa minha carência lá atrás foi suprida, entende...

Entrevistador: Aqui no Rio, a UFF foi a primeira né?

CM: A UFF tinha um pouco por minha causa, que eu cheguei com o diploma né, enfim...

Entrevistador: Na minha época, que me formei em 81, não era nem optativa. Eu nunca nem tinha ouvido falar.

CM: Pois é. Pois é. É um absurdo.

Entrevistador: Na UFRJ

CM: É um absurdo. É porque a construção do currículo, anterior, antes desse, foi feita por esses professores modernistas né, que não valorizavam. O ecletismo era considerado...

Entrevistador: Uma aberração.

CM: Uma aberração na arquitetura.

Entrevistadora: Tem razões históricas, assim...

CM: É. Tem, enfim... então, eu acho que isso que foi bacana. Isso é uma coisa que eu me orgulho, sabia? Foram 5 anos que eu vinha com o papelzinho pros Congressos, até que enfim... mas a Maria Elisa foi fundamental, quer dizer, porque se você não tiver uma pessoa ali dentro que apóie também a ideia. Mas os tempos também tinham mudado, as pessoas passaram a valorizar mais. Havia um... o cidadão comum passou a dar mais valor ao antigo, enfim, não era mais essa visão de terra arrasada.

Entrevistador: O que ta na bibliografia, que a década de 80, inclusive, foi o boom de tombamentos e isso contribui, de certa forma.

CM: É. Quando eu ganhei bolsa do CNPq, eu tive a sorte do CNPq ter definido como prioridade bolsas de restauração, eu não sabia disso, foi um acaso. Ele deu várias bolsas na área de restauração naquele ano, no Brasil todo. Então, pô, eu ganhei na loteria, porque se fosse um ano antes, um depois, eu não teria ganho. Assim, foi o...

Entrevistador: O momento certo...

CM: É.

Entrevistador: Cristina, deixa eu te perguntar. Além dessa superespecialização que você fez na Itália né, você fez algum outro curso de capacitação na área de restauro específico?

CM: Não.

Entrevistador: O que você teve de especialização foi lá na Itália mesmo?

CM: Foi. Foi reconhecido como um doutorado.

Entrevistador: Como um doutorado. Sim. É... aqui você já respondeu. É... queria que você falasse um pouquinho...

CM: Ah, perai desculpa. Me lembrei agora. Desculpa, a minha cabeça... to esquecida.

Entrevistador: Imagina...

CM: Eu fiz alguns cursos. Eu fiz cursos, mas não são cursos... É... eu fiz o curso sobre paládio, fiz um curso sobre o Carlo Scarpa, tudo isso na Itália, e participei de vários seminários na área. Quer dizer, mas não são cursos com essa titulação formal, mestrado, doutorado, eram cursos... um mês, três meses, essas coisas assim. Aproveitava as oportunidades lá que surgiam né?

Entrevistador: Todos lá na Itália?

CM: Todos na Itália.

Entrevistador: No período que você tava lá cursando.

CM: Aí fiz um curso também na França, mas não tinha nada a ver com restauração, era outra história.

Entrevistador: Era de dança.

CM: Não... ciências das religiões da África negra.

Entrevistador: Uau, interessante.

CM: Foi o único que tinha vaga pra eu conseguir o cartãozinho de estudante. Que eu precisava.

Entrevistador: E, a gente queria que você fizesse assim, uma avaliação, um pouco, de como você considera, como que você via o campo da preservação na década de 80? Você já falou um pouquinho sobre isso né, na medida em que você foi falando da sua formação, que foi deficitária, não tinha muito. Mas no Brasil, de uma maneira geral, como que você mapeia o campo da preservação na década de 80?

CM: Olha, as instâncias governamentais, IPHAN, INEPAC e Prefeitura, muda sempre de nome, mas o setor da prefeitura que se ocupava disso, é que forneciam os técnicos pra atuar nessa área. Partia, eu acho que partia um pouco de fiscalização. Em 38, houve aquele grande tombamento com a criação do IPHAN que se focou, aliás, os modernistas admitiam que as Igrejas barrocas eram passíveis de restauração. Então, focou muito na preservação e no tombamento da arquitetura do século XVIII. Então tinham aqueles monumentos. Os técnicos do IPHAN se ocupavam de fiscalizar e tal, eles tinham até operários na época, até de fazer obras mesmo desses tombamentos e a preservação ficava muito ligada a esse, a esse corpo, esse corpo de profissionais que se ocupava disso. Posteriormente se criou um órgão estadual e depois municipal. O que eu sempre achei um pouco confusa essa, que é tombado... parece a história do mosquito, o mosquito é federal, o mosquito é estadual, o mosquito é... Eu gosto mais da ideia de que, que o valor seja atribuído pelos próprios habitantes, que o valor seja reconhecido pelos próprios habitantes. Não determinado por um órgão que aquilo tem valor, aquilo não tem valor em cima de um determinado conhecimento, porque não tinha esse conhecimento na Universidade. Então, ate a própria legislação de obras, de licitações, você tem como excepcionalidade, obras de restauração, e você pode contratar um restaurador sem licitação. Isso é a própria lei de licitação diz, por que? Não havia na formação do arquiteto, nem do engenheiro disciplinas nessa área, então portanto, ele não tinha conhecimento. Pra você trabalhar nisso, você teria que fazer um curso de especialização, então, aqui também não havia curso de especialização, você tinha que ir pra fora pra fazer o curso de especialização. Daí, por ser o custo, o custo do projeto era maior e por isso, além de não precisar de ser contratado, eu podia cobrar 10 ou 15 por cento a mais, por lei. Isso que criou uma distorção enorme, porque muita gente que fazia reforma se aproveitava dessa lei e dizia que o que tava fazendo ali era restauração, então não podia ser contratado, quer dizer, houve muito oportunismo por conta dessa coisa. Também reforçou a ideia de se introduzir na graduação essas disciplinas, pra que se mudasse um dia essa lei de licitação, que até hoje não mudou, mas enfim, a ideia era ter argumentos pra poder mudar. Todo arquiteto tinha que ter conhecimentos nessa área. Ele vai introduzir uma coisa nova num tecido existente, ele tem que saber qual a relação que ele vai estabelecer. Não é imaginar... porque os projetos eram feitos assim. O terreno era esse. Faz aqui uma casa. Era assim que a gente projetava, você não via relação do terreno com o resto da cidade. Então, hoje em dia ta completamente diferente. Hoje em dia, todo mundo conhece. Pode não considerara, mas conhece. Conhece, precisa fazer essas disciplinas. Acho que eu falei demais.

Entrevistador: Imagina... Bom, entrando especificamente na sua atuação profissional. Você já falou um pouco de como foi o seu ingresso na Fiocruz. Você falou que foi através do Sergio Arouca em 85, através desses contratos temporários pra projetos específicos.

CM: Foi convite. Sim. É.

Entrevistador: Esse foi seu primeiro contato. Você podia retomar um pouquinho essa história e depois retomar como você foi contratada?

CM: É que a gente combinou o seguinte. Eu tava chegando da Itália, ele falou “olha, to assumindo a Fiocruz. Gostaria que você fosse lá trabalhar”. Então nós combinamos que eu agiria em algumas frentes. A primeira era fazer o mapeamento da situação e atacar as obras emergenciais. No caso, a torre que tava, tava no osso, na época. Pequenas obras emergenciais, adaptar aqui, o pavilhão, esse pavilhão aqui pra receber a Casa de Oswaldo Cruz que tava também, ela começou na mesma época que eu cheguei.

Entrevistador: O pavilhão do relógio né?

CM: Do relógio, sim. Ia receber a Casa de Oswaldo Cruz e funcionava um laboratório de um pesquisador que já estava quase se aposentado, que foi transferido pra outro prédio. Tava aqui instalado a décadas né. E os prédios em torno e com isso, fazer um levantamento com orçamento, projeto e orçamento, pra gente elaborar um pedido de financiamento. E isso foi feito, junto com a Olga D’arc também. E a outra frente era montar a equipe. Nesse primeiro ano, eu cuidei desses levantamentos e montar a equipe, eu só pude começar a montar a equipe de verdade em 86, porque como eu tinha... a situação legal minha aqui era de contrato temporário, então eu não tinha essa, não tinha como. Depois que eu fui contratada que aí eu pude solicitar a contratação de mais pessoas. Então, em 86, final de 86 que eu fui contratada em dezembro. Em janeiro começamos a contratar as pessoas pra montar uma equipe mínima, bem menor do que é hoje pra desenvolver esses projetos. A gente imaginava que desenvolvendo nossos projetos, sem terceirizar, a gente conseguiria controlar o custo tanto da obra, na realidade, a Sônia sabia até quantos quilos de prego ia ter no andaime pra subir na obra porque era tudo calculado. Você tem que considerar que isso é 86, a inflação, na época do Sarney era 80% ao mês. Você administrar uma obra pública com uma inflação de 80% ao mês era enlouquecedor, se a gente não tivesse um controle de rigorosamente tudo, porque nós só podíamos ter os reajustes permitidos por lei. Então, se a gente não tivesse o controle total era... a gente não ia conseguir. E a gente conseguiu fazer a torre Norte no preço e no prazo. Disso eu me orgulho. Com inflação de 80% ao mês.

Entrevistador: Quando você foi contratada em 86, o primeiro projeto que vocês atacaram, vamos dizer assim, foi a torre Norte?

CM: Não, foi esse aqui. O pavilhão do relógio.

Entrevistador: Foi o pavilhão do relógio.

CM: Foi uma obra de duas semanas. Mas duas semanas, chegar até sábado, inclusive chegar aqui às 7 e sair às 7, com os operários da Fiocruz, porque não havia dinheiro. Porque pra gente conseguir o financiamento, a gente tinha que mostrar serviço. Na realidade, a torre Norte foi o nosso cartão de visita pra conseguir captar recurso da [Morquiza], [Sagem], [Coper], que financiaram, acabaram financiando a obra da Fiocruz. E da torre. E antes da gente conseguir esse financiamento, a gente teve que mostrar que nós éramos capazes. E tanto é que eu me lembro de um almoço. Você lembra desse almoço? Você já tava aqui? Teve um almoço que o Geisel veio aqui, com todo o staff dele de técnicos, não sei o que, e ofereceram um almoço lá na casa da presidência e me chamaram. Eu fui sabatinada nesse almoço pelos arquitetos das empresas do Geisel, assim, o Geisel tava sentado aqui, eu, estudante revolucionária de 68. O Geisel sentado lá e eu aqui com as pessoas e eles me sabatinando... que isso, aquilo, aquilo outro... Enfim, eu era muito jovem né, eu tinha uns trinta e poucos anos, mas eu acho que eu passei no teste porque eles acabaram financiando. Nós ganhamos dois financiamentos, ganhamos do Banco do Brasil e... mas a gente tinha que optar por um, aí enfim, foi assim, catando milho no começo. Depois teve, em 87, a gente restaurou a Cavaleriça também, manutenção preventiva criteriosa, porque também não havia verba, era pessoal daqui. E como era pessoal daqui, também, a gente fez um curso pros operários daqui, junto com convênio do IPHAN pra formar as pessoas aqui, minimamente, pra poder fazer essa manutenção. Quer dizer, não havia dinheiro. É completamente diferente do que você ter dinheiro sobrando. É outra história. Era até meio revolucionário aqui dentro, porque a gente tinha que provar... Aí, se você pegar quanto custou a obra da torre Norte, da licitação, a gente fez no preço e no prazo. Acho que foi a única obra do Brasil em 86 que foi feito no preço e no prazo. De restauração ainda por cima.

Entrevistador: Vale a pesquisa.

CM: Mas a gente, a gente foi assim, completamente... eu me lembro, tinha que ter calculo de quantos quilos de prego você ia precisar pro andaime de madeira que ia. Era assim, tim tim por tim tim.

Entrevistador: Super detalhista.

CM: Super detalhista e super fiscalizada. A Sônia era fiscal da obra.

Entrevistador: E ainda na época da máquina de datilografia, é bom ressaltar isso. Sem computador, não tinha computador.

CM: Não tinha computador. Era tudo desenho na mão, nanquim. No [ornógrafo]...

Entrevistador: Não tinha o CAD, era desenho em prancheta.

Entrevistador: E aí você tinha comentado antes e aí eu queria só confirmar essa informação, não sei se eu entendi errado, que quem tava a frente dessa... dos trabalhos na torre Norte era o Doutor Eraldo e Zé Mauro? Quando você chegou.

CM: É.

Entrevistador: Tinha mais alguém envolvido?

CM: O Doutor Eraldo se desinteressou, logo ele se aposentou, ficou um pouco com a gente, mas se aposentou. O Zé Mauro não quis continuar, foi trabalhar no escritório de engenharia daqui. Não tinha mais ninguém. Tanto é que eles não, eles não... estavam a três anos e não andava, porque não tinha mais ninguém. Não tinha, não tinha como, enfim. Mas ele foi muito importante. O que ele produziu, produziu o levantamento das peças, conseguiu... encontrou o Seu Adorsino pra moldar as peças, enfim. Tudo que ele fez foi aproveitado. Foi muito bem aproveitado.

Entrevistador: É, olha só. Eu achei que... ta havendo uma oportunidade de fazer uma pergunta e eu acho que é agora. Faz parte também dessa pesquisa aqui muitos produtos, que quando ficar pronto a gente faz questão de mostrar pra você, é linha do tempo do DPH, começa aí. Em 86. Com a sua chegada. Aí a gente tava pensando... vai ter um momento... a gente ainda ta pesquisando os dados pra colocar na forma de linha do tempo. É uma pesquisa mais... só que... e aí intercalamos com o texto né? DPH, Marcos, com a Casa, com a Fiocruz e também pretendemos com alguns marcos importantes da própria política de conservação no Brasil né? Nesse período, à partir de 86. Aí nesse levantamento que a gente ta fazendo a um certo tempo já, pra construir isso, chegar ao momento... chegar ao momento de... a forma de linha do tempo, uma forma disso e aí contratamos até um design pra isso. E aí particularmente, não tem o que falar, quem ta aqui desde o início né, também, tem questões, memórias e não sei o que. E aí a gente ta... eu, pessoalmente, to quase que revendo... até colocando perguntas que eu nunca me fiz sabe? Por exemplo, aí eu quero chegar na questão da torre Norte... ah, na próxima entrevista vou fazer essa pergunta pra Cristina, porque agora é uma curiosidade minha, que eu nunca tive e que, por exemplo, também estaríamos entrevistando o Zé Mauro se ele estivesse vivo.

CM: Ele morreu?

Entrevistador: Morreu.

CM: Não sabia...

Entrevistador: Aí a pergunta é o seguinte. Quando... nesse momento que nós, você né, coordenando, a gente pega a torre Norte pelada, a gente sempre fala "tava pelada", e o vídeo que você produziu começa assim, no panorama mostrando a torre Norte pelada com toldos voando...

CM: É... voando

Entrevistador: Momento histórico... aí tem uma história, ficou sempre assim, no nosso... memória coletiva, que naquele contexto que você pega, que teve a possibilidade, graças ao financiamento, de retomar aquela torre pelada que ela tinha sido embargada pelo IPHAN.

Entrevistador: Vou chegar lá Sônia...

Entrevistador: Então a gente queria, foca na linha do tempo, que contasse direito, o que que... qual foi o passo a passo, qual foi o processo que levou ao embargo da obra. E ela foi embargada mesmo? Então a gente quer só... o que que aconteceu exatamente antes até o momento da gente retomar?

CM: Olha...

Entrevistador: Antes de você falar do embargo, só pra gente retomar pra fazer um link. Havia sido feita alguma consulta ao IPHAN ao respeito da obra na torre Norte? E aí você pode falar da história...

CM: Olha, o que eu, o que eu... eu não me lembro de embargo algum. O que eu me lembro é que não havia obra. Não havia obra. O que havia eram dois funcionários, ficavam... o Zé Mauro ficava fazendo os levantamentos, seu Adorsino ficava lá tirando molde daquelas peças, o Doutor Eraldo ficava preenchendo os relatórios mas eles não tinham a menor estrutura, tanto é que eles estavam a três anos fazendo isso e ela continuava careca.

Entrevistador: Recursos da Fiocruz?

CM: Eram... recursos da Fiocruz, enfim. E eu lembro que o Jacinto.

Entrevistador: Edgar Jacinto

CM: Edgar Jacinto é que vinha aqui de vez em quando e conversava com eles, que era uma pessoa adorável. Adorava ele...

Entrevistador: Enquanto IPHAN?

CM: Enquanto IPHAN. Vinha aqui tomar conta. Como eu conhecia, na época o Superintendente que era o Sabino Barroso, eu fui direto no Sabino Barroso, expliquei toda a situação, não sei o que... e a gente se dava muito bem. Na realidade, Sabino Barroso me chamava pra ver outras obras do IPHAN pra eu dar palpite também, nessa época, entendeu? Ele... a gente trocava figurinha, ele... como eu disse, eu recebi uma formação quase científica na Itália e o pessoal do IPHAN era uma formação empírica. Nunca houve concurso, as pessoas chamavam porque se conheciam, passavam o que conheciam uns pros outros, então não tinha uma... as vezes eles mesmos ficavam inseguros. E aí o Sabino, de vez em quando, me ligava, vem ver o que você acha aqui, que material a gente pode usar... não sei que... Porque nessa época, tava na moda aquele livro “Teoria do Restauro”, Cesari Brandi. O Cesari Brandi, ele escreveu um livro, não sei se cabe agora falar isso, mas eu vou resumir rapidinho, ele escreveu um livro porque a formação dele era na restauração de objetos móveis, durante muitos anos ele foi um restaurador de objetos móveis, pintura, escultura... E ele escreveu esse livro transpondo essa teoria de objetos móveis pra objetos imóveis, então ele tava super na moda e gerou uma baita confusão na cabeça do pessoal do IPHAN, porque ele dizia, quando você vai restaurar um quadro de Leonardo da Vinci, se tem uma lacuna, você não pode pintar como era antes, você tem que fazer um tracejado muito sutil, com a cor de fundo pra ressaltar a pintura e ficar visível a restauração se você botar uma lupa, né? Então ele transpôs isso pra arquitetura. Então, a arquitetura antiga deveria ser restaurada, as partes novas deveriam ter a marca do seu tempo da restauração, a restauração seria datada, de maneira que no conjunto harmônico ela não se sobressairia, mas se você reparasse bem na parte feita seria visível que ela teria uma data. Só que isso gerou, na cabeça do pessoal do IPHAN, uma confusão absurda, porque eles achavam que tinha que ter... aí começou a surgir aquele termo... como é? Revitalização. A tal revitalização junto com Brandi, provocou uns equívocos, na minha opinião, gravíssimos assim, um dos maiores equívocos eu achava aquele Palácio lá do Parque da Cidade, que fizeram uma parte nova, assim, que parece um supositório. Você entra num prédio gigante entendeu? Então, equívocos estéticos né? E as vezes, é nessa hora que eles me chamavam... Cristina, como que... e agora? Pra dar uma opinião porque no fundo é tudo uma questão de sensibilidade e bom senso. Porque é muito tênue esse limite e a cultura, ela tá sempre em movimento, que é a maneira como as pessoas se comunicam. Então, a teoria da restauração também tá em movimento porque o mundo vai mudando, então você tem que ir adaptando, você não pode se fixar numa questão única. Por exemplo, vieram milhares de cartas depois, cartas de arquitetura vernacular, ninguém falava em arquitetura vernacular, quer dizer, arquitetura popular né? Como restaurar arquitetura vernacular? Queriam adotar a teoria do Brandi, que era pra obras raríssimas de pintura e etc numa arquitetura de terra, por exemplo. Então o IPHAN não aprovava a restauração de arquitetura de terra se não fosse uma coisa moderna, quando a carta de arquitetura vernacular diz que terra você restaura com terra, vernacular tem que seguir a linha, não tem sentido nenhum você colocar uma torre de vidro, de cristal, junto de um, de um adobe. Então, são muitos equívocos, exatamente porque não é... não é tão científico quanto parece. A única coisa que é científica é o método. Agora, o resto é sensibilidade. Você não tem método, que é anamnese, diagnóstico e terapia, essa é a única coisa científica que tem na ciência da restauração. Mas num... que que você perguntou mesmo?

Entrevistador: Ela tava querendo saber, enfim, sobre essa questão do embargo. Então você...

CM: Não, olha...

Entrevistador: ... não lembra...

CM: A questão do embargo, a questão do embargo eu não sei nada... eu não sei nada.

Entrevistador: Não tem esse registro

CM: Não tenho notícia de que houve embargo algum. O que eu sei é que ela por si só tava embarga... auto embargada, digamos assim. Porque não andava pra frente, tava careca, como diz a Sônia.

Entrevistador: Em relação a consulta do IPHAN. Você falou do Edgar Jacinto e o Sabino Barroso que você foi conversar antes de começar a obra?

CM: Não... eu já levei o projeto direto.

Entrevistador: Levou o projeto da torre pra ele avaliar?

CM: Não, eu levei... entreguei... entreguei em mãos o projeto da torre, dizendo que a gente tinha pressa, que se ele pudesse dar uma olhada, enfim. Na verdade eu nunca tive problema, nunca encaminhei formalmente o projeto pra ser aprovado e nunca houve problema, pelo contrario, eles forneciam, se a gente precisasse eles forneciam. Depois, na época da restauração de azulejos, a Aldeli Memória era amiga do Benedito, ela deu uma consultoria nessa parte de azulejos que ela entendia e assim, cada vez vinha um diferente né? Mas eu não sei... mas eu não sei o que que aconteceu, mas não sei... com relação à torre, nenhum problema a gente teve com o IPHAN.

Entrevistador: Ta.

CM: E nem com o resto dos projetos que a gente encaminhou, nunca... no tempo que eu tava aqui, nunca, nunca... Pelo contrario, eles elogiavam a beça, tinham a gente em alta conta, como técnicos.

Entrevistador: E nessa fase heroica, vamos dizer assim, nossa, o IPHAN tava sempre aqui né?

CM: Sempre aqui, é... eles traziam gente aqui.

Entrevistador: Trabalhavam muito junto...

CM: Eles sugeriam nos encontros que as pessoas viessem aqui visitar, trabalhos que fossem feitos... trabalhos sobre a Fundação. Eles davam o maior apoio.

Entrevistador: Bom, saindo um pouco da questão das obras e da torre Norte. Surgiu uma curiosidade. Foi você criou o nome Coordenação de Restauração?

CM: É por causa da minha carteira de trabalho, eu falei “como é que vou... vou chamar esse negócio?” Aqui minha carteira de trabalho, vou até ler pra você. Quem sou eu? Tipo assim, quem somos nós? Ó... essa carteira de trabalho é ótima, ainda bem que eu não joguei fora. “Designada para responder pela coordenação das obras de restauração dos prédios da Fiocruz, tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, subordinada diretamente a presidência da Fundação Oswaldo Cruz” Então... coordenação das obras e restauração... projetos e obras né. Então por isso que eu assinava, coordenação de restauração. É por causa da carteira de trabalho, nada mais. Uma vez eu fui a presidência e eles olharam assim o carimbo... “que coordenação é essa que não existe?”... nem existe mesmo, mas como que a gente ia botar o nome? A gente não era, não era... eu era ligada a presidência, não era ligada a prefeitura, não era ligada a Casa de Oswaldo Cruz, então eu não podia botar nem o nome, eu tinha que botar igual tava na minha carteira de trabalho.

Entrevistador: Mas os documentos, memorandos, não sei que, ia com esse nome... com esse... [coores] né?

CM: Coordenação de Restauração, [inaudível] pra coordenadora de restauração... ficou né? Era o meu vínculo legal.

Entrevistador: E toda a equipe funcionava... funcionou... atuou... na sala 1 do Castelo. Você foi recepcionada na sala 1 do Castelo hoje.

CM: É. Não, mas antes, antes... você ainda não tava aqui.

Entrevistador: É... antes.

CM: Antes quando eu tinha...

Entrevistador: Quando você chegou...

CM: Na fase banquinho e violão... você não pegou a fase banquinho e violão. Era um pedaço lá da...

Entrevistador: Que hoje é a... prefeitura

CM: ... do outro lado da biblioteca... Tinha uma sala vazia lá, me deram uma mesa e uma cadeira, e ali que eu fui... fiquei um tempinho ali, depois... porque não tinha ninguém comigo né, aí veio uma estagiaria, uma menina... esqueci o nome dela... ficou uns 3 meses, aí foi crescendo. Só a partir de 86 que pôde-se contratar.

Entrevistador: Que você pôde chamar umas pessoas...

CM: É, eu chamei umas pessoas. E eu já tava aqui... eu já tava aqui a um ano. Quando eu fui contratada aqui, eu já tava nesses quatro contratos temporários, já tava a um ano aqui.

SN: A sua secretária, Maria José, também já não ta mais aqui.

CM: Morreu?

Entrevistador: Não... não ta na Fiocruz.

CM: Se aposentou?

Entrevistador: Aí Cristina, você tava falando que o relacionamento com o IPHAN ao longo do tempo que você passou aqui, era um relacionamento super amistoso, tranquilo. Você lembra de alguns nomes, além dos que você já citou, que faziam fiscalização das obras aqui, funcionários do IPHAN?

CM: Olha... era o Edgar Jacinto e Sabino Barroso. Sabino Barroso era o Superintendente. E o Edgar Jacinto era o notório saber do IPHAN. Era um velhinho muito simpático.

Entrevistador: Entendi. E quando você assumiu a coordenação, quais eram os maiores desafios e obstáculos, que você acha, que você enfrentou aqui?

CM: Quando eu assumi a coordenação? Olha, tudo era desafiante porque era muito trabalho, era muito trabalho. E quanto mais eu conhecia as coisas aqui, aparecia mais trabalho. Por exemplo, o plano diretor, o plano diretor... o que que havia aqui? Havia pós-ditadura, onde cada pesquisador se cercou ali do seu trabalhinho ali, não havia A Fundação, havia várias unidades isoladas e dentro dessas unidades, vários pesquisadores, enfim. Então, eu percebi que havia necessidade de um plano diretor, a prefeitura funcionava atendendo uma demanda, então chegava um pesquisador e pedia... “ah, eu quero que faça um puxadinho aqui, porque eu preciso de mais espaço pra botar os meus bichos, não sei que” Aí a prefeitura atendia dentro de uma verba. Mas não tinha... então foi, tinha uma cara meio favelizante, esses puxadinhos. Especialmente nos prédios mais novos. Então, eu conversando lá com a presidência, eu falei, a gente precisa de um plano diretor, ou seja, organizar esse crescimento, estruturar qual é a demanda e definir a área não edificante, principalmente o meu interesse era quase que tombar esse centro histórico pra que não fosse feito... esse prédio aí atrás é um puxadinho né... pra não ser feito. Pra deixar essa área livre. Aí eu era muito amiga do Carlos Nelson Ferreira dos Santos que era diretor do Instituto Brasileiro de Administração Municipal e era professor da UFF, foi quem me chamou pra trabalhar lá e conversando com ele, eu falei bom... o IBAM pode fazer isso? Ele, pode. Aí a Fiocruz contratou o IBAM pra fazer esse plano diretor que seria entregue em três módulos. Então eles fizeram o levantamento de todas as atividades, de todos os prédios... e o Renato Gama Rosa era estagiário do IBAM e eu roubei ele do IBAM. Chamei ele pra trabalhar.

Entrevistador: Chegou nesse momento.

CM: Chegou... Não, eu roubei o... ele tava aqui fazendo levantamento, ele era estudante ainda da... conheci ele também da UFF. Eu chamei, você não quer trabalhar aqui no Departamento de Restauração, aí ele “ah eu quero fazer urbanismo” ... restauração... Não, você aprende, “vambora”, não sei que... ele entrou nessa época, como estagiário. Ele nem era formado, na época do plano diretor. Esse plano diretor não foi finalizado, no ultimo módulo foi cancelado o contrato com o IBAM, você não me perguntou “por que?”, porque eu não sei. Infelizmente. Porque era o modulo conclusivo, eu acho que houve essa ideia de definir áreas não edificantes, parece que não agradou muito, porque todos tinham projetos de expansão, enfim, não sei o que foi que aconteceu. Hoje em dia você vê que tem muito mais prédios do que 30 anos atrás, enfim, bastante ocupado isso aqui. E prédios, as vezes, não terem nada a ver com o outro, assim, não tem nenhuma...

Entrevistador: E o tal plano diretor deve ta na comissão...

CM: Mas não tem plano diretor.

Entrevistador: E nem tem... imagina ter comissão pra discutir isso

CM: É. O plano diretor definia diretrizes, usos né... bem inteligente, na época assim, ainda mais feito pelo Carlos Nelson que pra mim era um gênio total. Bom... por que que eu to falando disso? Que que você perguntou mesmo?

Entrevistador: Eu perguntei quando você assumiu a coordenação, quais eram os desafios e...

CM: Ah ta, os desafios

Entrevistador: ... os obstáculos

CM: Os desafios... Os desafios eram fascinantes, porque era resolver as coisas, as demandas, os problemas, sugerir propostas enfim, montar... tudo, tudo era desafiante. É obvio que quando, quando começou a aparecer o resultado do nosso trabalho, tipo a torre restaurada, várias coisas, muita gente ficou interessada em participar. Então, entrou gente de fora e a coisa foi crescendo, foi... mas aí no último ano que eu tava aqui, eu já tava bastante envolvida na UFF, aí fui eleita Chefe de Departamento. Eu já tava 20 horas, aí eu tive que assumir 40 horas lá, aí eu pedi demissão. Em novembro de 91, foi. Foram 6 anos.

Entrevistador: A [COORES] já tinha virado Departamento né?

CM: Já. Já tinha virado Departamento. Que bom né que virou Departamento, mas isso foi uma batalha, porque é... era pra ser Núcleo de Estudos de Restauração, aí isso foi uma batalha.

Entrevistador: Teve uma discussão na Casa de Oswaldo Cruz...

CM: Na Casa de Oswaldo Cruz... a Casa de Oswaldo Cruz... quer dizer, a presidência atendendo uma demanda da Casa, de localizar essas obras na Casa, nós fomos transferidos... nós saímos lá da prefeitura, onde a gente tava localizado... na realidade a coordenação era da presidência, mas a gente fisicamente tava lá no setor de obras, porque já que era obra ficaria mais fácil. Aí fomos pra Casa de Oswaldo Cruz. O que eu, na época, achava bom, trata-se de obras de restauração, por que não ficar na prefeitura do campus? Essas obras... quer dizer, junto com as outras obras. A minha ideia era um plano diretor... teria obras novas, obras antigas, enfim, mas era uma questão de obras.

Entrevistadora: Tinha manutenção também né?

CM: É, tinha manutenção. Então, ainda tinha a história da manutenção, montar uma equipe de manutenção. Tudo visando baixo custo e sobrevivência, porque não era uma ótica de financiamento, financiamento, era o contrario, era baixo custo, sobrevivência, pegar o pessoal da manutenção... não, não havia dinheiro, na época né. Aí a presidência transferiu essa coordenação pra Casa de Oswaldo Cruz, e aí a Casa de Oswaldo Cruz que tava começando, se estruturando administrativamente, definindo o que era núcleo de estudo, o que era departamento, não sei o que. E a proposta da Casa era nos colocar como núcleo de estudos que seria dissolvido após as obras emergenciais e os projetos terceirizados. Mas só conseguimos fazer isso tudo, porque a gente produzia os projetos, na minha opinião. Então, isso pra mim era o fim, o fim do controle sobre as obras, se você terceirizar projeto, como é que você vai ter controle sobre a licitação? Sobre as especificações? Entende? Diminuí enormemente o trabalho, então não precisaria mais das pessoas, teria tudo terceirizado. Sendo Departamento era mais difícil dissolver esse conhecimento que a gente já tinha acumulado sobre a Fiocruz.

Entrevistador: Tendo que ressaltar que é justamente na década de 90, pós-Collor, que veio esse novo formato chamado terceirização. Que a Fiocruz, por ser uma instituição federal, teve que adotar. Essa terceirização, ela nunca sempre existiu. Antes eram outras formas de contrato etc e tal. Você passou por isso. Então, isso tem que ser ressaltado. Desculpa interromper. A terceirização foi uma novidade dessa nova política neoliberal, que no Brasil, começou com o Collor. Bom... temos que ressaltar. E aí a Fiocruz foi obrigada a adotar isso, essa nova forma de contratação, terceirização né, que você ta falando.

CM: É, já havia, já havia certas coisas terceirizadas, mas o problema pra restauração... a terceirização, ela visa lucro e a obra de restauração... do que a gente já tinha conseguido fazer com a qualidade que a gente fez, até que fomos premiados, se tivesse ruim nem prêmio a gente levava, mas... no preço, no prazo e ainda com prêmio. A terceirização não faz isso não, de jeito nenhum. Então, eu defendi com unhas e dentes a criação do Departamento, que eu não me arrependo, de jeito nenhum, porque... e produzir os projetos, porque a gente sempre produziu os projetos e era fundamental pra você ter o controle sobre a licitação e controle sobre a obra. O projeto é seu.

Entrevistador: É. E o controle sobre a fiscalização da obra.

CM: Controle sobre a fiscalização da obra, era tudo, era dentro da... tinha que andar na linha dessa metodologia pra dar certo.

Entrevistador: E o que sempre nos diferenciou de outros lugares, de outros departamentos, de outros setores desse ramo.

CM: Exatamente.

Entrevistador: Você lembra quando que foi a instituição do Departamento?

CM: Quando que?

Entrevistador: Que fincou que era Departamento? Quando teve a mudança do... de coordenação...

CM: Ah, isso aí na Casa de Oswaldo Cruz deve ta... deve estar registrado...

Entrevistador: Eu não decoro... tinha que decorar. Que tem coisa que a gente tem que decorar, não consigo decorar.

CM: É.

ENTREVISTADOR: Não... porque as vezes você podia lembrar por conta dessa... batalha.

Entrevistador: Vai ta na linha do tempo.

Entrevistador: Bom, e no período que você ficou a frente da coordenação e depois do departamento, que que você acha que foram as suas maiores realizações aqui?

CM: Aqui?

Entrevistador: Isso. No seu trabalho de coordenação e não importa se o nome era coordenação ou se era departamento... no período que você atuou a frente do...

CM: Ah, a torre Norte acho que foi uma obra importante, porque tinha que dar certo pro resto acontecer. Então todo mundo tava empenhado, a gente tinha um espírito de luta, aguerrido. É, eu era braba. Lembra da manta butílica do terraço? A gente ó... ó um exemplo, a gente determinou a impermeabilização do terraço, porque tava chovendo na biblioteca. Então, a gente especificou uma manta butílica, a manta butílica você tem que colocar sobre uns determinados polímeros, que ela não pode encostar no cimento, porque se não pode furar e um furinho de agulha perde tudo. É o material mais caro e que dura mais. Então, no contrato constava que ele tinha que dar uma camada de 0,8 milímetros de polímeros, mas esses polímeros eram importados. A mesma fabrica, o mesmo

produtor que produzia essa manta era o que aplicava, era uma empresa que aplicava o que ela produzia. E nós éramos fiscais de obra. Aí um dia eu to chegando, ta lá a manta toda aplicada, 100 metros de manta assim, um dinheirão, toda aplicada... aí eu olho assim, to vendo assim, uns morrinhos... cara, eu levanto a manta, eles não tinham colocado em toda a extensão os polímeros porque era caro e importado. Só tinham feito umas faixas assim, pra colar a manta sobre a laje. Eu levantei, os 100 metros no braço, arranquei aquilo tudo, teve que jogar fora, eles tiveram que fazer tudo de novo. Mas fizeram direito, tanto é que funcionou. E aí é isso que eu digo, se você tem o controle sobre o projeto e sobre a obra, você tem controle sobre a fiscalização. Aqui, você... e o pior que eles é que deram a especificação da aplicação, o próprio produtor, eles disseram que tinha que ser toda a extensão da laje, a aplicação dos polímeros e eles na hora de aplicar deram uma roubadinha, entendeu? Então, aí você pega... agora se você terceiriza, jamais você vai saber de nada.

Entrevistador: O controle de todo o processo era importante.

CM: O engenheiro dessa obra, eu encontrei com ele uns 15 anos depois no IAP, numa cerimônia lá no IAP. Cara, ele olhou pra mim e falou assim “eu tenho medo de você”, ele tava com o irmão dele que tinha sido meu colega de turma, e aí o irmão depois veio falar comigo “meu irmão morre de medo de você, que que você fez?”, “nada, eu só arranquei o manto, mas ele que tava errado né”. Era eu. Era isso né, assim, mas disso tudo eu não me arrependo não, mas isso tudo envolveu muito desgaste com as pessoas que queria outra coisa, enfim. Quando você fala dos embates né, acontece, você precisa defender um ponto de vista, mas como eu tinha tanta certeza, eu fui até o fim. De jeito nenhum, eu fui na presidência, “não pode ser, tem que ser Departamento”.

Entrevistador: E essa atribuição de fiscalização ainda é... o DPH ainda tem né? De fiscalizar...

CM: Não, eu acho que vocês têm que... não pode nunca parar de produzir projeto. Terceirizar projeto...

Entrevistador: E já... pra você saber, já ta na hora de uma outra intervenção lá no terraço. Esse sistema já...

CM: 25 anos... é o prazo máximo, durou 25... durou 30 né?

Entrevistador: A gente ta debruçado nesse projeto.

CM: Deve ter até coisa melhor agora né?

Entrevistador: Hã?

CM: Deve ter até coisa melhor. O de cima não, do sétimo não, só o do nível da torre...

Entrevistador: Do quinto.

CM: Do quinto, é. O de cima foi depois.

Entrevistador: Então, deixa eu voltar, você até comentou que a obra, vocês tinham ganhado prêmio por ela, aí ao longo da sua gestão, vamos dizer, vocês ganharam muitos prêmios, menções honrosas pelos trabalhos aqui. A participação em eventos, de uma maneira geral, era uma prática estimulada dentro da sua gestão? Pros funcionários.

CM: É... acho que era né, cada um fazia o que queria. Não tinha um pode, não pode. Depois quando eu deixei a chefia, é que eu tinha que pedir licença pra tudo o que eu fazia, pro Benedito. Até trouxe uma cartinha, aqui ó, aqui ó, “pedindo licença pra escrever uma monografia pra apresentar nesse seminário aqui em Lisboa”, aí aqui tinha... ah, aí ele me manda, ele manda uma outra carta dele pedindo...

Entrevistador: Isso era você ainda aqui, só que não estava mais à frente...

CM: É porque eu fui chefe, aí depois eu passei pra 20 horas, porque o meu projeto não era ficar aqui pra sempre, eu tinha combinado com o Arouca de resolver esses problemas, na minha cabeça, em 3 anos. Só que quando eu tomei noção da encrenca, do tamanho da encrenca, demorou 6 e aí eu saindo, passei pra 20 horas no último ano e depois eu... eu queria mesmo era carreira universitária. Foi uma experiência riquíssima, maravilhosa, mas eu... tanto é que eu montei uma equipe pra continuar o trabalho, tanto é que eles estão aí até hoje né? Deu certo também essa escolha. E pra continuar o trabalho, eu só ia dar o start, resolver os problemas emergenciais, montar a equipe e apontar os caminhos, tipo, formação de operário, informação aos funcionários da Fiocruz, uma cartilha, uma coisa assim. Quer dizer, ia apontando os caminhos pra eles desenvolverem, mas tudo sem grana, era a fase banquinho e violão mesmo.

Entrevistador: Ao longo desses 6 anos que você ficou aqui, você não abandonou a Universidade? Você tava conciliando né?

CM: Não. Eu conciliava. Eu trabalhava de 5... de 8 às 5 e ia pra Niterói, dava aula a noite.

Entrevistador: Entendi.

CM: Duas vezes por semana e sábado de manhã, que eu cumpria horário. Fiquei assim o tempo todo. Eu realmente estava cansada, porque eu trabalhava 60 horas por semana, aí que eu pedi pra ficar aqui 20 horas. As coisas estavam caminhando e aí eu fiquei numa coisa que eu inventei, gerente de projeto, ficava na prancheta, com Sônia e aí a gente tava produzindo os projetos. Porque como o Castelo não podia ser desocupado, houve uma estratégia de dividir a obra em partes, deixar sempre 500 metros quadrados (m²) vazio pra se fazer a obra, ir pro outro, ir pro outro, ir pro outro. Então, esse plano de desmobilização e pequenas obras, porque não podia sair todo mundo... a gente cuidava disso, ora... quais eram as obras necessárias. Na realidade, a casta toda tava precisando de obras. E vai precisar sempre, porque no projeto original não foi calculado uma junta de dilatação, é o H né, aquela perna do H que deveria ter uma junta de dilatação, não fizeram. Então, com a mudança climática, aquilo fatalmente vai produzir rachaduras na superfície, então, fatalmente de tempos em tempos tem que se verificar todos esses ornamentos e recompor essas rachaduras, porque é um erro de projeto original que não pode ser mudado. Então, o único jeito de consertar esse projeto é uma manutenção preventiva periódica. Especialmente ali naquela perna do H tem uma carência de junta de dilatação. Então essas coisas, confirma a necessidade de você ter uma equipe trabalhando para sempre aqui, pra manter esse patrimônio, com esse conhecimento que já foi adquirido. Que o próprio conhecimento que foi adquirido já é um patrimônio também né.

Entrevistador: Sem dúvida.

CM: Mas vai terceirizar... faz uma licitação pra terceirizar, que você vai ver o que que você vai ganhar de projeto aí. Nada.

Entrevistador: Bom...

CM: Só se me contratar... Não, agora não, tenho mais cabeça não, pra isso... to velhinha já.

Entrevistador: Agora você vai dançar.

CM: Vou dançar, é... agora eu vou dançar. Minha segunda profissão. Diga lá.

Entrevistador: Então, quais eram as principais diretrizes que guiavam as intervenções na época que você atuou aqui? Havia consulta? Isso a gente já falou que a consulta com o IPHAN era feita de maneira informal, assim...

CM: O que me guiava era seguir rigorosamente uma metodologia científica internacional, que você seguindo por essa metodologia, você adquiria conhecimento sobre o objeto, você identificava os problemas, como no caso a gente identificou essa carência de junta de dilatação entre outros, e apresentava a solução técnica pra resolver esses problemas. Quer dizer, seguindo o método científico... tinha muito material histórico aqui, muitas fotos, muita... esse levantamento todo, esse material ajudava a compreender algumas coisas que foram feitas, fotos do projeto original, enfim. Tinha toda essa pesquisa histórica que vem junto com anamnese, não é só o implante físico, mas toda a pesquisa histórica. E eu acho que o abandono durante o período da Ditadura teve um... foi horrível, mas teve um aspecto positivo, não destruíram o patrimônio original. Tirando umas histórias escabrosas, tipo, descobriram que o impermeabilizante do terraço era cobre, folha de cobre, algum funcionário vendo tudo isso aqui abandonado, que que ele fez? Picou toda a cerâmica de [inaudível] que cobria esse cobre, roubou o cobre e acimentou o terraço do quinto pavimento. Quer dizer, pra você ver o grau de abandono... de um funcionário esperto conseguir roubar o cobre. Então é... mas, no mas, esse abandono preservou o aspecto original, não teve muita modificação, muito puxadinho.

Entrevistador: Você tinha comentado um pouquinho antes que, em relação as obras do Pavilhão Mourisco, vocês tinham... como ele não podia ser desocupado, vocês faziam esse quebra cabeça de deslocar... e fazendo um quebra cabeça pra obra poder acontecer.

CM: Sim, mas isso foi aprovado em reunião da presidência. Eu apresentei esse planejamento dos deslocamentos, chamava a reunião do Vaticano, que eles chamavam. Todos os diretores e presidentes aprovaram, todas as pessoas aprovaram com cronograma de obras junto com esses deslocamentos, pra onde iam as... foi tudo planejado isso.

Entrevistador: E você acha que as obras, no Pavilhão Mourisco, elas apresentavam um desafio maior que outros... outros espaços do conjunto arquitetônico da Fiocruz. Por estar ocupado ou pelas características da construção?

CM: Ambas as coisas... e pelo tamanho né? O Pavilhão Mourisco tem 5mil metros. Nenhum dos outros tem tantos metros, então era muito maior, por ser uma área muito maior já é... O problema que eu encontrei, maior ali, foi a instalação elétrica, você não tem noção do que era aquela instalação elétrica. A instalação elétrica do Pavilhão Mourisco era de... aquele fio de pano e borracha misturado com, era um negócio assim... um engenheiro electricista veio aí e disse "isso aqui ta pronto pra pegar fogo a qualquer minuto". E aí esse foi uma das primeiras obras que a gente fez, substituição da fiação elétrica do Pavilhão Mourisco e do quadro. Do PC. E foi um grande mote pra captação de recursos, foi um grande mote. A repórter da Globo veio aqui e, por acaso era até irmã de um amigo meu, mas quem, quem chamou foi uma moça que era da Relações Públicas aí da Fiocruz, falou com a Globo não sei que... eles vieram e fizeram uma matéria e me chamaram pra falar e eu fui completamente terrorista né, eu falei "vai pegar fogo", a gente mostrava o quadro de luz "isso está uma macarronada, a gente precisa restaurar esse

patrimônio” não sei que, eu falei lá e apareceu no Jornal Nacional, num sábado. Foi o que fez todo mundo... o Brasil inteiro ficou sabendo que a gente tava precisando de dinheiro e aí, logo em seguida, veio o financiamento. Quer dizer, foi uma divulgação super importante. Mas segunda feira teve, teve um negocio engraçado... eu falando no telefone, pedindo informação de um material lá no Rio Grande do Sul, aí o cara lá pergunto “ah, a senhora é da Fiocruz?” “A senhora é aquela mulher descabelada que apareceu... a senhora é aquela mulher descabelada que apareceu no Jornal Nacional?” “sou eu mesma”. Tava um vento danado, aquele vento ... pô, e tinha cabelo hein, tinha o cabelo grande... o vento aqui e eu falando e desesperada. “Ah eu conheço essa mulher, a descabelada que apareceu na televisão...”

Entrevistador: O efeito foi positivo mesmo né?

CM: Foi...

Entrevistador: Foi de propósito né...

Entrevistador: Em relação ao Pavilhão Mourisco, você acha que... queria destacar mais alguma coisa assim, que você considera desafiadora, diferente dos outros... você falou do tamanho né, da instalação elétrica que tava esse caos, alguma outra questão?

CM: Não, eu acho que a arquitetura dele, a estrutura como ele é né? Todo esses ornamentos em cimento, isso é uma coisa única né, é uma coisa que se usava. Na realidade isso... O cimento era uma novidade, quando ele foi construído né, tanto é que ele era importado. A primeira fábrica de cimento no Brasil foi em 1936, até então todo cimento usado era importado. E o Luiz Moraes Junior usou uma técnica utilizada há milênios chamada terracota, ele usou essa mesma técnica, só que ao invés de terracota, ele usou cimento. A terracota você tem umas grapas de ferro, umas coisas assim e você vem com a plaquinha de barro vitrificado, portanto a água não penetra, colava nesse ferro, portanto não enferruja o ferro e os prédios na Antiguidade eram feitos com terracota. Ele usou essa coisa, usando cimento, o material cimento que é poroso. Que hoje em dia, a gente já sabe que o material dura 80 anos e depois ele começa a perder a coesão e começa a ficar poroso. E aí foi isso que aconteceu, ele usou a mesma técnica da terracota com esses ornamentos, com o tempo a água entrou, entrou no ferro, o ferro expandiu e começou a rachar tudo e soltar as placas de cimento. Quer dizer, a própria construção tem essa particularidade, que ela tem que ser também, de novo, esse cimento novo que foi feito, vai durar 80 anos, já passou 30, daqui a 40, você bota aí... você que ta fazendo a previsão de manutenção, você pode dizer que daqui a 30 anos começa já a pensar em substituir, porque vai começar a rachar. Ele não dura muito mais.

Entrevistador: Dia 23 eu vou estar com o Geraldo Filizola.

CM: Aé? Manda um beijo pra ele. Um tempão que não vejo Geraldo. Só sei dele assim né, o pessoal “ah eu falei com Geraldo”, que ele é o calculista até hoje de todo mundo.

Entrevistador: É... a gente ainda trabalha com a acervo. Mas quem participou da torre Norte foi o irmão dele né? o Zé Carlos...

CM: O Zé Carlos que fez, mas o Zé Carlos na época era da CERNE, eram três irmãos. Aí o Zé Carlos se rebelou e foi montar a firma dele sozinho, porque ele brigava a beça com o Geraldo.

Entrevistador: Você ainda tava aqui... memória né... a gente esquece muita coisa. Você ainda tava aqui na época do... dessa modificação toda do ar condicionado, do sistema que a gente colocou?

CM: Não.

Entrevistador: Ah, não? Só uma informação pra você, já ta na hora de rever também, já ta caduco. O problema atual é o sistema de ar condicionado.

CM: É. O Luiz de Moraes planejou esse pé direito altíssimo e janelas exatamente pras janelas ficarem abertas e a ventilação cruzada e azulejo e aqui ser fresco.

Entrevistador: Quando o mar chegava aqui...

CM: O mar chegava aqui, é. Tinha a brisa do mar quando você abria a janela... Gente, mas eu fico impressionada, só uma pausa aqui, com o entorno. A cidade em volta do que... gente, muito tempo que eu não vinha pras essas bandas e não olhava. A Vila do João ta com cinco pavimentos né? Era 1 pavimento a 30 anos atrás. Impressionante né. Falta de... carência de habitação mesmo.

Entrevistador: Então, falando sobre sua saída daqui né, você já tinha comentado anteriormente que já era seu plano inicial fazer... dar o start pro projeto, pro Departamento caminhar sozinho e aos poucos você foi diminuindo...

CM: Aos poucos não, no último ano... acho que foi no último ano que eu passei pra 20 horas e depois pedi demissão.

Entrevistador: Isso foi em dezembro de 91 né? que você comentou...

CM: Novembro de 91.

Entrevistador: Novembro. Anotei errado aqui, tá.

CM: Coincidiu com assumir lá a chefia de departamento de arquitetura e urbanismo. Com quase 50 professores.

Entrevistador: E houve uma pressão da Universidade pra você aumentar sua carga horária lá também?

CM: Eu não poderia ser chefe com 20 horas. É dedicação exclusiva.

Entrevistador: Aí você foi convidada pra assumir o Departamento...

CM: Convidada não, fui eleita.

Entrevistador: Já era eleição...

CM: Eu ganhei até uma cartinha do Reitor dizendo que eu fui a chefe mais votada em toda a Universidade. Depois eu fui odiada, mas até ser eleita... até ser eleita eu fui a mais votada. E fiquei lá 2 anos, de chefe. Mas aí a minha... porque a vida acadêmica me dava mais possibilidade de ter outros trabalhos, eu queria ter outros trabalhos né. Montei uma firma depois de projeto de restauração, fiquei alguns anos com essa firma, fiz alguns trabalhos.

Entrevistador: Bom, como você acha que o trabalho aqui na coordenação e no departamento contribuiu pra sua trajetória profissional?

CM: Ah, foi maravilhoso. Foi assim, juntou uma vontade de realizar com a oportunidade de realizar, foi maravilhoso. E com energia juvenil e com boas companhias né. Assim, pessoas competentes em volta e tudo, assim, foi bem legal. Aí o apoio da presidência foi fundamental, enfim.

Entrevistador: Você comentou também, agora, que saindo daqui na Universidade você abriu um escritório de... uma firma de restauração. É a [Habitare] Arquitetura, é isso?

CM: É.

Entrevistador: Ah, ok. Foi... ela ainda existe?

CM: Não, durou pouco. Eu fechei, fechei... basicamente eu abri porque eu peguei vários projetos ali de Quissamã, várias fazendas e conjuntos não sei que... acabaram realizando esses projetos. Alguns, não todos e aí eu tinha que ter uma firma, não podia ser... e aí foi por isso que eu abri, mas encerrou esses projetos, durou o que? Uns 5 anos, aí eu também fechei a firma.

Entrevistador: Mas fora a sua atuação nessa firma específica, ao longo da sua carreira na academia, você trabalhou concomitantemente com outros projetos de restauração? Você podia falar um pouquinho?

CM: Não só de restauração como de urbanismo também. Eu participei da Rio Cidade, Rio Cidade eu participei de uns 4 bairros. Eu fazia muita consultoria pra firmas de engenharia que tinham obras de restauração. Paraná, Piauí, o Brasil todo. Assim, eu tenho que ver, de memória assim eu só lembro de algumas coisas. É... Campina Grande eu fiz o projeto de restauração do centro histórico lá de Campina Grande, lá tinha um centro Arte Decó, foi feito também, mas aí era prestação de serviço pra escritórios, pra firmas, enfim, me chamavam muito pra brigar contra o IPHAN. As firmas de engenharia, de restauração de ponte, era o Geraldo que me indicava. Eu ia muito pro Paraná, essas firmas que restauram pontes centenárias, aí o IPHAN ia lá, dizia que não era assim que era assado. Aí eu sempre fazia uns dossiês pras firmas pra encaminhar pro IPHAN pra aprovação. As vezes dava certo, as vezes o IPHAN continuava dizendo que não, mas eram coisas muito grandes, envolviam muito dinheiro, então não era só eu... eu fazia só a técnica mas tinham outros, outras coisas em questão, política, dinheiro, outras coisas que eu não me metia, eu só fazia a parte técnica, e as vezes não dava muito certo não. Mas aí até recentemente eu tinha... a última que ele me chamou, eu falei "não, eu to aposentada", não, era muito exaustivo.

Entrevistador: Então, atualmente, sua atuação profissional...

CM: A minha atuação profissional se restringe a... as pessoas me chamam pra fazer projeto, geralmente de reforma, mas assim, eu não corro atrás não. Se alguém... um amigo, amigo de amigo, aí chama, de vez em quando eu faço um projeto, mas não é... tá bom assim. Eu tenho um projeto enorme, os meus netinhos. Os meus netinhos são um projeto fantástico e me ocupa meio dia, todo dia, então eu só posso fazer isso. Isso que é bom, curtir os netos.

Entrevistador: E você falou que quando você voltou da Itália, você travou uma batalha também pra incluir nos currículos mínimos dos cursos de arquitetura as disciplinas relacionadas a restauração. Você podia falar um pouquinho, como é que foi sua experiência de ensinar esse tema nos cursos de graduação e pós-graduação ao longo da sua carreira?

CM: É curioso né, enquanto era uma opção... uma optativa, que na realidade não era uma optativa, era uma “optatória”, porque eram poucas optativas, você tinha que fazer muitas optativas... você é da UFF você sabe... e acabava sendo poucas opções de optativas. Eu sentia assim, uma animação maior dos alunos, depois que passou a ser obrigatória, tinha uma disciplina que eram 8 horas por semana chamada Projeto de Restauração que os alunos já tinham outro projeto... eles tinham Projeto de Arquitetura, Projeto de Urbanismo, Projeto de Restauração, era uma carga de trabalho muito grande. Eu sentia, não só na minha disciplina, como nas outras também, os alunos eram bombardeados, tinham que ficar só estudando 6 anos da vida, não podiam trabalhar, porque era uma carga, um volume de trabalho muito grande, todos os professores davam muitos trabalhos. Então, eu senti um pouco... agora, muita gente seguiu especialização nessa área, muitos alunos escolheram isso pra fazer mestrado, doutorado, tudo nessa área. Quer dizer, acho que esses eram os... eu dei aula também no Mestrado de engenharia civil lá da UFF, eles tinham uma linha de pesquisa chamada Materiais, então eu dei aula de restauração de materiais nessa turma de engenharia que fazia essa opção de pesquisa. Que foi muito proveitoso isso lá, nossa, eles adoravam porque eles não tinham ideia de história, de arquitetura, de nada, então era noções gerais, história dos materiais, como se restaura aqueles materiais.

Entrevistador: Ainda existe?

CM: Não sei. Não sei se existe, porque eu inventei... eles me chamaram lá pra dar e eu inventei essa disciplina que tivesse a ver com o curso de engenharia civil né. Nossa, foi muito legal, eu fiquei lá uns 5 anos. Orientei algumas dissertações de mestrado nessa área e alunos da arquitetura, como não tinha mestrado na arquitetura essa época, eles iam fazer o mestrado lá também. Legal. Até hoje eles me chamam pra voltar lá. To preguiçosa. Eu já trabalhei muito gente, vou te falar. Esses anos todos que eu trabalhei 60 horas por semana, eu cortei um dobrado. Na verdade eu trabalhei só 30 vezes 60.

Entrevistador: É. Tem uma hora que a gente tem que colocar um pé no freio mesmo né...

CM: Ah, a vida é tão boa, tem tanta coisa pra fazer né. Se puder né, trabalhar.

Entrevistador: A gente tinha aqui um registrado que você participou do processo de tombamento do conjunto da escola de arquitetura da UFF. É isso mesmo?

CM: Eu assinei a petição, logo que... essa petição foi feita... quem comandou essa petição acho que foi o Ciro Elídio Correa Lira, que era do IPHAN e foi tombamento estadual e municipal também. Aí eu assinei junto com todos os outros professores, mas acho que quem encaminhou a petição, acho foi o Ciro, tinha um outro professor lá que foi pra Brasília depois, acho que também tava nessa. O Rui Veloso também tava nessa. Que eram professores dessa área né, de História, Teoria e História... eu fiz concurso pra Teoria e História da Restauração, não, Teoria e História da Arquitetura. A ementa do concurso era essa, não se fala em restauração, só Teoria e História da Arquitetura.

Entrevistador: É, ao longo dos anos da sua formação que você foi assumindo mais as disciplinas de restauração?

CM: É. Pra você gostar de restauração, eu acho que primeiro você tem que conhecer o que restaurar. O que que é História, o que que importa, o que que não importa, o que que é um exemplar, o que que não é. Eu comecei pela História, estudei muito, me tranquei num quarto 4 meses, lendo um monte de livros pra fazer essa prova, mas esse conhecimento me ajudou muito né, pra fazer restauração. Você primeiro tem que conhecer a História. É um passo inicial.

Entrevistador: Bom Camila, você tinha algumas perguntas pra fazer né, antes da gente ir pro bloco final.

Entrevistador: Pode ser então. Você comentou que você em 91 saiu daqui né? E ficou 40 horas lá na UFF...

CM: Fiquei Dedicção Exclusiva lá.

Entrevistador: ... e aí um ano antes...

CM: 40 horas eu já era.

Entrevistador: Ah sim, ah ta. Entendi. E aí eu vi que tinha um registro de uma obra criteriosa que teve lá de 89 a 91. Foi essa obra que foi fruto da greve?

CM: Eu acho que sim, eu acho que sim.

Entrevistador: Você lembra alguma coisa dessa obra? Do que que... quais foram as intervenções principais?

CM: Não.. olha, eu te contei...

Entrevistador: Só pra registrar...

CM: Olha... teve uma greve longa de 3 meses, então o professor Ciro, porque nós dávamos as disciplinas dessa área. A Diretora era a Maria Elisa Meira e aí nós 3 resolvemos propor aos alunos uma ocupação de greve. Pra

fazer... completar os levantamentos, porque esses levantamentos parte já tinha sido feito na disciplina Estruturas Históricas que a gente dava... completar e fazer um projeto de restauração com o orçamento e encaminhar pra reitoria, pro pessoal de manutenção da UFF executar. Então era uma coisa modesta, porque óbvio, que nem aqui, verba de manutenção não dá pra você comprar telhado, tem que ser pintura, instalação, enfim, não dá pra muita coisa. E assim foi feito, 5 alunos se interessaram, iam lá levantar com a gente, a gente desenhou com lápis né, caneta nanquim... essa época não era computador, tão lá até hoje as plantas e fizemos a proposta. E aí a Maria Elisa conseguiu com o Reitor desviar uma equipe de manutenção da UFF e pronto, aí restaurou. Aí na na... Poxa. Ah, olha só que coincidência. Eu vou te mostrar a foto, eu tenho essa foto aqui que eu mandei pra um amigo que ta lá foto. O Niemeyer foi na inauguração. Deixa eu ver aqui... Eu tenho essa... eu fotografei, gente... eu fotografei a gente na frente do chalé. Aqui. João Sampaio, Maria Elisa Meira, o professor argentino que foi lá dar um seminário e eu.

Entrevistador: Ah, que legal. Cadê você? Aqui né? A última.

CM: Foi numa época que eu tinha o cabelo curtinho. Isso tem.. quantos anos? 26 anos.

Entrevistador: 91... 26, é.

CM: É?

Entrevistador: 27 quase né?

CM: 27, é.

Entrevistador: Que legal.

CM: Então, o João Sampaio morreu, foi prefeito de Niterói, foi Deputado Federal, foi diretor da Escola. A Maria Elisa é essa aqui, que era diretora da Escola. E aí foi o dia da inauguração. Isso é foto de foto, ta meio esquisito né, mas...

Entrevistador: Momento muito bom né?

CM: Maravilhoso. Todo mundo feliz, aí o Niemeyer deu uma palestra. Niemeyer não gostava muito de coisa velha, de caco velho não. Gostava dos “tcha”, é... mas é... mas é tão bom né, trabalhar é muito bom. Fazer coisa é muito bom. Realizar é muito bom. Conviver com os outros no trabalho é muito bom. Isso eu sinto falta. Parte do trabalho que eu mais sinto falta é conviver com as pessoas e...

Entrevistador: E aí nessa obra, foi mais a parte externa dos prédios, você lembra o que que...?

CM: Não. Foi tudo.

Entrevistador: Foi tudo mesmo?

CM: Caiu uma parede dentro, de podre.

Entrevistador: No chalé?

CM: No chalé. Tinha... a gente fez um projetinho lá pro fundo, aquele fundo era...

Entrevistador: Ah sim...

CM: Uma coisa horrora. Porque a história né... quando fizeram o prédio modernista pro campus da UFF, a proposta era demolir o chalé e o casarão, como eles não conseguiram terminar o prédio, onde é que iam colocar as pessoas que estavam lá no casarão e no chalé da arquitetura? Então eles cortaram o chalé, cortaram um pedaço do chalé e fizeram um prédio encostando, um prédio novo, mas a proposta era demolir...

Entrevistador: E teve uma repercussão né? Vocês tão falando e eu to me lembrando. Teve uma repercussão isso, na nossa área.

CM: Então, o tombamento foi pra evitar a demolição do resto.

Entrevistador: Uhum.

CM: Porque pros engenheiros aquilo ali era lixo. Tinha que demolir. Fazer aquele... caixa de sapato. Um amigo meu que diz assim “os arquitetos e os engenheiros chegaram no auge, agora eles projetam caixas de sapato”

Entrevistador: Finalmente né...

CM: Finalmente eles chegaram na caixa de sapato.

Entrevistador: E... nos jardins, nessa obra teve alguma coisa? Porque antes teve uma remodelação na área externa ali do campus, não teve? Só que por parte da SAEN.

CM: O que aconteceu foi o seguinte, eu já tava lá. Os engenheiro ao invés de fazer... tinha um morro, eles queria fazer aquela estrada lá pra chegar no estacionamento. Ao invés deles fazerem assim como todo engenheiro deve fazer, eles cortaram o morro assim. Aí o morro caiu em cima do casarão, entendeu? Aí a gente abria a janela assim, da sala de aula e tinha lá uma montanha de terra do lado de fora. Só pra você ter ideia de como eles tratavam bem a gente lá. Sempre houve enorme disputa política dentro de arquitetura e engenharia, porque arquitetura administrativamente era um Departamento da Engenharia, da Escola de Engenharia. E só foi... virou Escola quando a Maria Elisa conseguiu... essa moça que ta na foto, que já morreu... ela conseguiu transformar o Departamento em Escola. Aí a restauração do chalé e do casarão, foi junto com a festa e Niemeyer, foi um grande evento. Quantos anos? 27 anos atrás. Mas os engenheiros tão... se pudessem acabar... porque eles queriam um grande estacionamento onde a gente tava. Aí o processo de tombamento. Foram várias ações pra...

Entrevistador: Impedir...

CM: Impedir. E os engenheiros eram os poderosos ali, dentro da Universidade. Eles tinha a voz... a voz deles era muito mais alta do que a nossa. A gente nas cadeiras, enfim, Ditadura Militar, aquelas coisas.

Entrevistador: Momento histórico, foi um embate.

CM: Tudo era um embate.

Entrevistador: Estratégia foi vitoriosa.

CM: A gente tem que... tudo... meu filho fala assim “mãe, você é muito briguenta”, não é briguenta cara, você tem que lutar pelas coisas que você acredita, não adianta você ficar quieto esperando que alguém vai tocar a campanha “ah, é aqui que mora uma pessoa maravilhosa...”, não vai acontecer nada. Tem que lutar. E continuamente. Quanto mais, melhor. Pras coisas que a gente acredita que ta certo, coisas públicas. Eu sempre trabalhei em área pública, tirando esse meu período de dona de empresa e de escritório, que também trabalhei pra pública, um projeto lindo aliás, que também foi premiado pelo IAB. Fazenda Machadinho lá de Quissamã, que era um... era um quilombo. Inclusive tem uma música... que eles produzem uma música, eram pessoas que foram funcionários de uma empresa que também tinha falido, eram lavradores de cana, todos negros, todos parentes entre si. Mesmo como empresa também trabalhei em coisas coletivas, assim. Com história, enfim. Esse projeto foi legal também. Alguma coisa eles fizeram, não fizeram tudo, mas alguma coisa eles fizeram.

Entrevistador: E aí depois tem um material de um projeto de restauro de 99 feito com os alunos também. Aí tem algumas fotos de intervenções...

CM: Olha, eu sempre... porque era assim, projeto de restauração você precisa de um levantamento, fazer um levantamento. E eu usava meio a linha do Paulo Freire, vamos começar por onde a gente está? O que a gente conhece? Os problemas que a gente convive cotidianamente? Então, eu usava muito os prédios da UFF como exercício pros alunos, então por isso que tem uma profusão de levantamentos lá. Porque os próprios alunos... e primeiro que eram oito horas de aula, então eles levantavam e desenhavam ao mesmo tempo, ocupavam as oito horas de aula. Fazendo levantamento e tudo, a hora que tava todo mundo lá, enfim, era mais fácil que fosse ali perto do que se deslocar. A gente também atendia demandas de prefeituras, que era uma farra também. Alugava um ônibus e ia pro município fazer o levantamento de algum prédio que a prefeitura solicitava, a gente também fazia. Mas quando não tinha pedido de prefeitura solicitando era ali mesmo que a gente... a gente levantou tudo, tem tudo até... até as grades assim.

Entrevistador: É, pois é. Nesse de 99 tem algumas fotografias de intervenções de restauro feitas in loco e algumas restaurações de pedra também, com pó de pedra... tem algumas fotografias nos elementos assim. Eu não sei se foi dessa data ou se foi de algum outro momento, não sei... Voce não lembra não né?

CM: Olha, eu entreguei todo o material que eu tinha, aliás, de vez em quando eu ainda acho alguma coisa, só espero ir em Niterói e vou entregar lá. Tem..., são, são, teve várias fases né, teve essa grande obra, depois teve algumas, alguns remendos... remendos né? Depois restauraram o telhado, mas enfim, é tudo fragmentado porque eram períodos, eram alunos... a gente só supervisionava. Nós fizemos prospecção de cor de paredes lá. Com [Gilette], todo mundo, degrade, tudo direitinho. Eles aprendiam... fazer né.

Entrevistador: Na disciplina né? Ah, legal.

CM: Pronto?

Entrevistador: Era isso? É... Então pra gente finalizar, tenho mais 3 perguntinhas rápidas. Primeiro, saber se você quer destacar algum aspecto que a gente não mencionou em relação a sua atuação aqui na Fiocruz ou em relação a sua carreira de uma maneira geral? Que a gente não tenha levantado.

CM: Eu quero destacar a minha admiração pelo professor Sergio Arouca, que cabeça. Ele, ele era um visionário. Ele, ele...enfim, ele permitiu que isso tudo acontecesse, porque se ele não tivesse sido tão atuante né, tão...

construiu uma nova Fiocruz. Ele pegou isso aqui meio estraçalhado. Construiu durante esses anos, com capacidade de trabalho, com mente aberta, com... enfim, eu acho, eu destaco que se não fosse ele nada disso tinha acontecido.

Entrevistador: Mais uma coisa é que eu queria que você deixasse registrado alguma recomendação ou pensamento pra colaborar com a equipe do Departamento de Patrimônio, em relação a preservação do acervo daqui.

CM: Eu vou repetir o que eu já disse. Eu acho que o conhecimento sobre esse patrimônio e a produção de projetos tem que ser feita pelo Departamento. O controle sobre as licitações, o controle sobre as especificações e a fiscalização da obra tem que ser feita pelos funcionários do Departamento. Jamais terceirizar isso, porque pode se perder todo o controle da qualidade da restauração que tem sido feita até então. É isso que eu tenho pra dizer.

Entrevistador: Deixa como recomendação.

CM: Recomendação. E, obviamente, a maneira mais barata de se restaurar é a manutenção preventiva. Pra você ter uma boa manutenção preventiva, você tem que ter um calendário planejado dessa manutenção e pessoas treinadas pra fazer essa manutenção. É a maneira mais barata que existe, essa manutenção periódica preventiva, porque depois que cai, pra refazer custa muito caro.

Entrevistador: O custo é muito maior né?

CM: O custo é muito maior. Infelizmente, a pratica no Brasil é que deixa cair pro custo ser maior pras pessoas poderem tirar mais propina. Quanto maior o volume de dinheiro, maior... Então, a manutenção preventiva não é vista como uma coisa atraente, porque dá trabalho, custa menos dinheiro, precisa-se conhecer, mas é o segredo pra ter isso pra sempre. Já tem 100 anos, precisa durar mais 100 né. Pelo menos.

Entrevistador: Então, só pra finalizar. A gente queria, na verdade, verificar com você se sua tese de doutorado, ela foi...

CM: Ela foi reconhecida como doutorado. Foi um processo que foi aberto e reconhecido como doutorado em 91.

Entrevistador: Você sabe, você lembra se foi doada alguma cópia aqui pro arquivo?

CM: Não me lembro... eu achei que eu dei uma, dei uma... eu deixei uma pra alguém aí.

Entrevistador: Vocês não tem registrado aqui?

Entrevistador: Não tem... não tem... A gente poderia pedir uma outra cópia?

CM: Eu vou ver se eu tenho. Vou procurar, se eu achar... eu tenho um quartinho lá que eu tenho até medo de entrar, porque é só papel gente, o meu filho entra lá em casa e diz assim “mãe, eu não quero nem receber de herança esse quartinho”. Só papel, porque eu sou da época do papel né, não ta nada digitalizado, então... eu vou procurar, se eu achar.

Entrevistador: Ta ótimo. Muito obrigada.

Entrevistador: Então é isso... a gente queria agradecer muito o seu tempo.

CM: Nada, imagina...

Entrevistador: Seus conhecimentos...

CM: Bom é que eu to com tempo sobrando...

Entrevistador: Então obrigada, Cristina.

APÊNDICE 01b: TRANSCRIÇÃO BRUTA DE RELATO (ÁUDIO GRAVADO)

Cyro Illídio Correia de Oliveira Lyra

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ**Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde****Mestranda:** Camila Saturnino Braga Ennes**Depoimento n°:** 02**Data:** 17 de julho de 2019**Relato de:** Cyro Illídio Correia de Oliveira Lyra**Cargo/Função que ocupa:** Professor titular aposentado da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF).**Perguntas:****C: Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Cyro Illídio Correia de Oliveira Lyra, nasci em Petrópolis no dia 05 de janeiro de 1938.

C: Você pode contar um pouco como foi sua formação acadêmica?

Eu me formei na faculdade de Arquitetura da atualmente UFRJ. Na época que eu estudei, que eu entrei eu acho que em 1958, e saí em 1962, ou entrei em 57 e saí em 62. Cinco anos, né? Naquela época se chamava Universidade do Brasil. Era a Faculdade Nacional de Arquitetura. Naquela época você só tinha no Brasil eu acho que sete faculdades de arquitetura. Era uma no Rio, duas em São Paulo, uma em Porto Alegre, uma em Belo Horizonte e eu acho que uma em Recife. Talvez uma em Salvador... Muito poucas escolas...

C: E você começou a se envolver com Patrimônio...

Na faculdade. Na faculdade eu comecei a me interessar, me interessei logo por história da arquitetura. Ou melhor, comecei pela disciplina... tinham duas disciplinas muito ligadas à história. Tinha a chamada Arquitetura Analítica, que estudava, começava estudando arquitetura grega e no outro ano estudava arquitetura romana, quer dizer, estudava os clássicos. E você tinha também história da arte. Todas essas disciplinas eram muito bem dadas. História da arte era o... o que até, por incrível que pareça ele chegou a ser candidato a alguma coisa, prefeito ou vereador... depois eu me lembro! Ele era um grande, grande mestre... E a arquitetura analítica era dada pelo Lucas Mayerhofer, também uma grande figura muito cativante como professor. E eu me interessei... depois, no quarto ano, eu peguei as aulas famosas do Paulo Santos. Paulo Santos era um catedrático de Arquitetura do Brasil e o seu assistente era o Augusto Carlos da Silva Telles. Através deles eu me interessei pela questão da preservação e passei... fiz muita amizade com o Silva Telles, e o Silva Telles trabalhava no então SPHAN. Não era ainda IPHAN, era SPHAN. Então eu consegui um estágio. Eu estagiei no SPHAN, isso deve ter sido em 1960, provavelmente, e eu acompanhava as obras que o Silva Telles estava acompanhando, ia também muito à própria instituição, conheci o Doutor Rodrigo, o doutor Lúcio, aquelas figuras notáveis né... então eu comecei a me entusiasmar por essa área. Quando eu estava já, eu acho que no quinto ano, eu comecei a... meu irmão tinha ido morar no Paraná, casou-se com uma paranaense, e o Silva Telles me disse: "olha, trabalhar aqui você não vai conseguir (trabalhar no SPHAN), eu mesmo, eu, Silva Telles, não sou funcionário.... eu recebo, eu trabalho numa empresa tal que me dá uma possibilidade de frequentar aqui, eu tenho uma..." Era uma coisa complicadíssima poder trabalhar lá... fazer concurso também não... então ele disse: "Cyro, se você quer trabalhar nessa área eu acho que você vai ter que ir para outra cidade..." e nesse momento ele disse assim: "olha, as ligações com o Paraná... de repente você pode até fazer contatos lá...". E eu fui a Curitiba mais de uma vez e fiz contatos lá com o pessoal do Patrimônio Estadual de lá... que disse assim: "olha, você não quer fazer um levantamento?". E aí é que eu tenho a impressão de que foi no quinto ano que eu fui com um colega e fomos fazer o levantamento de uma igreja em Paranaguá... e na minha formação então, eu já parti do (inaudível) histórico, depois para a disciplina de Arquitetura do Brasil...

C: Você se lembra se nessa época esses órgãos estaduais de patrimônio já existiam em vários lugares ou ainda era incomum...

Vou te dizer... o primeiro a existir foi em Pernambuco na década de 20 ou 30... Não, na década de 30. Depois na Bahia. Depois, em 1948, o Paraná fez a sua legislação de proteção. E o Rio de Janeiro foi em 1952. Então, eu sei porque quando eu fui trabalhar no Paraná eu fiquei sabendo... Eu me interessei no porque que o Paraná já tinha e o Paraná foi o terceiro estado a ter uma legislação estadual.

C: E esse que você comentou de Pernambuco, então, foi anterior ao SPHAN?

Não... Eu não sei a data, não sei se é anterior ou não... Mas é uma lei estadual, eu acho que é na década de 30, mas pode ser 37, 38... não tenho certeza... E se segue o da Bahia. Eu posso ver daqui a pouco...

C: Sem problemas! A próxima que eu ia perguntar você já respondeu um pouco, que era se na sua graduação você chegou a fazer disciplinas relacionadas ao tema. Você já comentou...

Arquitetura do Brasil... A única disciplina ligada a isso era Arquitetura do Brasil que tinha trabalho prático de levantamento. Tanto que eu fiz, fui fazer um levantamento em Vassouras... Acho eu que era uma casa de Fazenda, não tenho certeza, mas era uma fazenda (inaudível), mas não tenho certeza se foi essa casa não... Acho que foi. Foi eu e juntei mais três colegas e fomos para lá para Vassouras fazer o levantamento. Então a disciplina Arquitetura do Brasil tinha essa... Já incentivava você conhecer os bens tombados através do levantamento.

C: Legal. Projeto não tinha né? Projeto de Restauo?

Não...

C: E você fez uma especialização no ICROMM né?

Aí sim... mas depois, bem depois.

C: Antes você foi trabalhar lá né? [em Curitiba]

Aí eu fui trabalhar lá porque eu tinha dois interesses... Tinha interesse em Patrimônio e tinha interesse em ensino. O Silva Telles, que você já deve ter ouvido falar dele, ele faleceu já... O Augusto Silva Telles falou assim: "Olha, Cyro, no Paraná, inclusive, eles estão criando uma escola de Arquitetura. Eles me convidaram para dar Arquitetura do Brasil. Mas eu não vou sair daqui do Estado do Rio... Você podia tentar lá." Então quando eu cheguei em Curitiba, isso foi em 1963, já tinha 01 ano a faculdade de existência, estavam no primeiro ano, e as disciplinas... várias disciplinas ainda estava em aberto quem ia dar. Uma delas era Arquitetura do Brasil. Eu então conversei com o diretor do Centro Politécnico, porque não era faculdade de Arquitetura, era um curso de Arquitetura no Centro Politécnico. Tinha curso de Engenharia, curso de Arquitetura... Então eu conversei com ele e ele disse: "Me traz o seu currículo...". Meu currículo era muito pobre... Até aconteceu uma coisa muito engraçada porque meu currículo tinha participação em Congresso da UNE, e ele disse: "Não! Tira isso, porque isso vai pegar muito mal lá na congregação...". Aí eu censurei meu currículo... E o que que era importante no meu currículo? Era o estágio no SPHAN. Eu tinha uma Carta de Rodrigo Franco atestando que eu fiz estágio lá... Isso é o que deve ter pesado, isso... E também o fato de só ter uma outra pessoa que tinha interesse, mas eu não sei até que ponto essa pessoa que eu não conhecia... soube por alto... "o arquiteto tal, mineiro, parece que vai também... tá interessado nessa disciplina...". Eu nem conheci esse arquiteto mineiro porque eu acho que ele nem chegou a se mudar para lá e aí eu fui contratado. Só que eu não dei logo a disciplina, dei no quarto ano. Então eu fiquei dando aula auxiliando o professor, já falecido, Fernando Carneiro, que dava História de Arquitetura. Ele dava a parte de Arte e eu dava a parte de Civil. Ele gostava mais da parte de Arte, História da Arte, e eu dava a parte de História da Arquitetura, até eu começar a dar minha disciplina.

C: O currículo então era mais ou menos parecido, o que você fez na UFRJ e o que tinha lá, em relação à quantidade de matérias relacionadas ao tema...

É... era parecido. Você tem razão. E depois que eu já estava dando aula, em 1968... Bem, eu aí tinha contato com o pessoal do Estado desde o levantamento da igreja eu tinha contato com a Secretaria de Cultura, o Departamento de Educação e Cultura, na Secretaria de Educação e Cultura do Estado, que tinha uma Divisão de Patrimônio Estadual, que cuidava disso. Eram historiadores... Eu frequentava, eu ia de vez em quando, então em 1967, 1968... acho que foi em 67, eu já estava dando aula e também trabalhando em vários... porque... ô Camila, você não tem ideia do que era o Brasil há 50 anos atrás... Caçavam o profissional! Se tinha fama... Precisavam de gente, era o contrário...

C: Puxa... quem tinha alguma relação com o patrimônio...

Principalmente em cidades como Curitiba... Rica e crescendo, por causa de uma fase muito boa do café... Paraná estava, assim, pujante. A cidade crescendo... Tinha trabalho... O Rio, é claro, o Rio é sempre mais difícil. Era a capital... Era mais difícil trabalhar no Rio, tanto que eu fui embora... Mas você ia... você saía do Rio e estavam catando gente... Então, a essa altura, eu estava na prefeitura de lá, trabalhei num órgão novo de Urbanismo, de Urbanização....

Ah, lembrei do Professor de História da Arte! Era o Fléxa Ribeiro....

Bem, mas então, me disseram: "olha, nós conseguimos um recurso e queremos restaurar a Igreja de São Benedito do Paranaguá... Você estaria interessado?" ... "Eu estou interessado!". Eles então mandaram, sabendo do Rio..."você tem alguma referência?" ... "Então, o SPHAN..." Então eles mandaram correspondência para o

SPHAN.. provavelmente pessoalmente, talvez vindo aqui ou mandado... para saber se eles podiam me contratar para fazer esse trabalho. Então, foi o primeiro trabalho de Restauração que eu fiz. Terminou em 1968, a Igreja de São Benedito. E depois... já era essa pergunta, não?

C: Era! A pergunta seguinte era sobre a prática profissional, então, pode falar!

Então.... São Benedito... depois de São Benedito eu fiz muito, sempre trocando ideias com o Silva Telles, com o Rio... não só com o Rio, por exemplo... a Igreja tinha várias imagens... tinha uma possibilidade de restaurar, como seria? Eu então entrei em contato com o SPHAN... o restaurador do SPHAN era o Edson Motta. Edson Motta era a pessoa de restauração de bens móveis do SPHAN, Edson Motta... Então, procurei o Edson Motta, aí ele: "Não, você traz as imagens que a gente restaura aqui no Atelier." Eu que botei no carro, eu tinha uma *Vemaguet*, e trouxe na *Vemaguet*, se não me falha a memória, eram quatro imagens São Benedito, Nsa. Sra. do Rosário, Santa Efigênia e uma Santa Luzia... É... então, as quatro melhores que a igreja tinha. Então eu trouxe, foram restauradas, a essa altura ela teve... eles tinham o gabinete do laboratório do Edson Motta tinha uma estagiária, restauradora, uma catarinense que estava, inclusive, querendo se mudar, voltar para o sul. Aí ela vem para o Paraná e trabalha nos altares. Então os altares foi a Beatriz 'Benizete' [?] que fez... os altares foi o Edson Motta e a Beatriz restaurou os altares. Então essa igreja foi muito bom para mim, eu até depois ganhei... eu tenho ela como... recebi um prêmio pelo IAB, tenho ela no prêmio daquele ano, não sei, enfim... de qualquer maneira foi muito bom porque foi uma restauração que eu tive acompanhamento do Rio, trocava ideias... A inauguração, eu tenho até uma foto da inauguração.... tá o Rodrigo, ele foi ao Paraná... Renato Soeiro foi ao Paraná também... ao Paranaguá, para a inauguração da igreja. Então o SPHAN, na superintendência, naquela época no SPHAN era entendido com quatro... hoje o que era superintendência se chamava distrito. Então você tinha quatro distritos. O Rio não era o distrito que era o [inaudível]. Você tinha o primeiro distrito que pegava o Norte e o Nordeste, que era em Pernambuco. Depois tinha o segundo distrito que eu acho que era Salvador, pegava uma parte do Nordeste. O terceiro distrito era Belo Horizonte, que pegava Minas, não sei se Espírito Santo, goiás, Mato Grosso, eram umas coisas imensas.... E o quarto distrito no centro de São Paulo, abrangia São Paulo e os três estados do Sul. Então, o Superintendente.... superintendente não, o diretor do quarto distrito, o arquiteto Luiz Saia, me chamou a São Paulo e disse "Cyro, eu estou querendo fazer obras no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul... e eu estou fazendo o seguinte esquema: eu tenho aqui dois arquitetos em São Paulo, cada um deles vai montar uma firma porque a maior parte das obras é aqui em São Paulo." Natural, porque o município era lá então tinha muita obra... "Mas eu preciso fazer obras no Sul também... Você não quer montar uma firma? Aí a gente contrata por administração. Você tem 10%, do que você gastar, você ganha 10% de remuneração." Eu não queria fazer a firma, não tinha interesse nisso, até chamei... primeiro propus que fosse uma firma já existente de um conhecido meu lá do Paraná. Comecei fazendo com ele, mas ele depois... eu vi que ele estava me enganando, aí eu falei: "Vou fazer minha firma..." Aí eu fiz minha firma que chamava-se 'Aresta'. Aresta Arquitetura e Restauo. Então eu comecei a fazer trabalhos para o quarto distrito, São Paulo... Era uma igreja no interior do Paraná, esqueci o nome dela... Depois, logo em 1969, ele disse: "Olha, você vai começar a fazer obras em Florianópolis." Então eu fui com ele a Florianópolis e comecei a fazer a obra de Restauração do Forte de Santa, que eu acho que eu fiz em 1969... Nessa altura, o Luiz Saia ia comigo, antes da obra... Ele foi comigo à Florianópolis, vimos o forte, que estava semi-arruinado... Você já foi à Florianópolis?

C: Fui só a uma outra cidade perto, passei por Florianópolis...

Então, na cabeceira da ponte, da ponte antiga, a ponte velha... porque agora tem três pontes... a ponte mais velha, de ferro, a ponte metálica... Na cabeceira dela, do lado da ilha, quase embaixo tem um Forte... é o Forte de Santa Catarina. Ele estava ocupado por invasões... 10 casébres no meio... enfim... Então nós tínhamos, a primeira coisa, tínhamos que esvaziar.... Então, a essa altura, eu conheci uma pessoa do Estado, Armando Gonzaga, que se entusiasmou com o negócio da restauração do Forte, conseguiu que o Departamento Social fosse tirando e realocando as famílias, liberou o forte e eu fiz a obra que levou mais ou menos um ano. As vezes... olha, se o Luiz Saia foi duas vezes lá foi muito... Eu é que ia a São Paulo "olha, tem um problema assim e assim...." ... "Espera eu ir lá..." Então eu ia resolvendo... foi uma experiência muito boa. E nessa ida, eu tenho a impressão de que a ida a Florianópolis, depois teve mais... eu to exagerando... O Saia foi também uma outra vez que ele me disse assim: Cyro, nós vamos restaurar o outro Forte, maior, a Fortaleza de Santa Cruz em Anhatomirim. E o Armando então, que passou a ser um grande colaborador nosso, tinha uma lancha. Ele era um ex-oficial de Marinha e tinha uma lancha e nos levou em Anhatomirim, que é uma ilha, e, então, nós... deixa eu pegar uma coisa que to falando... [...] Nos levou a essa ilha aqui, esta ilha... toma, fica para você...

C: Que legal, muito obrigada...

Então, esse forte, essa fortaleza, fica na entrada da barra da baía Norte. Então o Armando... estava coberta de mato. Aliás, se você quiser eu mando para você... por coincidência há dois dias atrás eu recebi por whatsapp uma palestra que eu fiz há três semanas atrás, que eu fui à Santa Catarina e participei de uma visita à Fortaleza que me disseram assim: "Fala para o grupo um pouco da sua experiência..." Aí eu falo.... conto um pouco dessa obra". Eu passo para você... Aí, enfim, o Armando conseguiu que uma equipe de presidiários fosse fazer o desmatamento e eu levei meus alunos lá do Paraná para fazer o levantamento.

C: Então você continuou dando aula todo esse período?

Sim, eu ia e voltava. Florianópolis fica a 300km, naquela época ou eu ia de carro ou de ônibus. Então eu levei meus alunos, focamos uma semana lá, levei 20 alunos... Vou pegar uma outra coisa aqui... [...] eram 22... Isso é um álbum que um dos alunos fez na época...

C: Ah, que legal... da viagem né? Muito legal...

Ele é um camarada... ele é até professor, se aposentou, professor no Paraná... Ele foi meu monitor lá e virou professor no Paraná. Hoje já se aposentou.

C: Que legal! Nossa, deve ter sido muito legal isso, né? Isso aqui é onde os alunos ficaram acampados?

Isso! Ele aparece aqui, não sei onde... ele é nissei...

C: Não é esse aqui?

Não, esse sou eu! [risos]

C: É você? Nossa! Bem diferente! [risos]

Acho que ele é esse aqui...

C: Ah sim... aqui também né?

Isso...

C: Legal... e arquiteto tem mania de fazer isso né? [risos] Charge, Cartum...

Sim! E aí esse trabalho foi muito importante para mim pelo seguinte: depois que eu fiz o levantamento a Aresta então foi contratada para fazer os outros trabalhos. Você sabe que eu trabalhei lá quase 10 anos?

C: É mesmo?

Sim. Porque a cada ano... Porque são várias edificações, todas aglomeradas... Comecei pela casa do comandante, depois casa da pólvora, depois quartel... então você trabalhava numa coisa... e eu mantinha uma equipe lá, eu tinha uma Baleeira, sabe o que é uma baleeira? Uma embarcação... Porque tinha o seguinte, sendo uma ilha... como você ia chegar nessa ilha? Então nós tínhamos uma embarcação que não ficava em Florianópolis, ficava em uma praia mais próxima da Fortaleza...

C: É essa aqui?

Não.. essa é uma outra. Nessa época ainda não tinha a baleeira. Hoje essa minha baleeira é uma peça do Museu Nacional do Mar.

C: Ah é? Que legal.

Esse museu fica em São Francisco do Sul. Se você for um dia a São Francisco do Sul você vai ver uma baleeira chamada Brigadeira. Brigadeira porque tem que ser feminino o nome. Em homenagem ao Brigadeiro José da Silva Paes que fez a fortaleza.

C: Legal!

Bom, então... durante este período o Saia pediu outros trabalhos. Eu restaurei a casa de Victor Meirelles, em Florianópolis. Restaurei um trecho da outra fortaleza, de São José da Ponta Grossa e restaurei uma parte... aí são intervenções pequenas... na casa do... lá no interior do Rio Grande do Sul... Casa não sei quem... e mais uma outra em Porto Alegre. No Paraná, nesse período, portanto eu estou nos anos 70, o Luiz Saia também me pediu, no Paraná, que eu também restaurasse na Lapa, Lapa é uma cidade que fica a 50km de Curitiba. A gente chegou lá... conversando com o prefeito... o prefeito era uma figura notável... ele falou "Eu queria realmente o apoio do Iphan! Eu quero restaurar o teatro...". Aí eu passei a fazer vários trabalhos lá... eu restaurei o teatro, restaurei uma parte da Igreja, restaurei a Casa Lacerda, restaurei a Casa de Câmara, que virou museu... e também... esse prefeito foi prefeito por três gestões... naquela época não podia se reeleger, mas depois... passada a gestão seguinte ele era novamente candidato e ganhava... e ele era um homem entusiasmado com Patrimônio. Sérgio Leoni! E o Sérgio Leoni me disse "Olha, Cyro. Eu queria também fazer o plano da cidade... O Plano Diretor." E ele também muito hábil politicamente e conseguiu recursos, e eu coordenei o Plano Diretor da cidade. Eu já tinha trabalhado em um plano diretor de preservação, o Plano Diretor de Paranaguá, que preserva o centro histórico de Paranaguá, que ainda é a legislação. Foi um trabalho que eu tinha feito em 1970, por aí... Depois eu fiz esse da Lapa... Bem... e em Curitiba eu restaurei também... A Aresta... A Aresta restaurou em Curitiba também... Ah sim, claro... Porque aí você tem a gestão do Jaime Lerner... e o Jaime Lerner, logo no início, ele queria preservar o centro histórico... não... foi antes... em 68, 67, por aí, ele tinha contratado um Plano Diretor, com o arquiteto Jorge Wilhelm, de São Paulo. O Jorge "Viliem", ele chama "Jorge "Viliem"... O Jorge Wilhelm, com "W", era um cara de grande prestígio

em São Paulo. Grande arquiteto urbanista, já faleceu também... E ele fez o seguinte... Estava desenvolvendo o Plano Diretor de Curitiba e montou um grupo de acompanhamento. Convidou arquitetos, outras pessoas, convocava o grupo assim, geralmente no final da tarde ou à noite, e expunha as ideias... E eu fazia parte desse grupo de acompanhamento. Bem, então dentro da proposta do plano diretor dele, que foi aprovado, estava a criação de um instituto de planejamento. Logo que terminou o plano foi criado este Instituto, que é o IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano em Curitiba, que é o órgão que passou a trabalhar no planejamento da cidade. No desenvolvimento, em primeiro lugar, de tudo aquilo que o Plano Diretor propunha. Entre outras coisas, o plano propunha a criação de um Centro Histórico que deveria ter uma legislação própria. Então o IPPUC me contratou e eu fiz... encomendei o plano do Centro Histórico de Curitiba. Isso deve ter sido 1970. Bem, depois, se você quiser eu te dou o meu currículo para checar essas datas. Então, em Curitiba, eu fiz outras restaurações. Até porque, para o IPPUC, o próprio Plano Diretor [inaudível], para o Centro Histórico vingar há certas coisas que tem que ser... por exemplo, havia uma casa que a gente dizia assim "essa casa é a mais antiga da cidade..." era uma casa da Praça da Ordem, que tem a Igreja da Ordem, que está dentro do centro Histórico da cidade, e era uma casa ainda com feições do período colonial. A única, praticamente, do centro histórico da cidade que ainda tinha feições da arquitetura luso-brasileira. Embora, já com platibanda, com duas janelas transformadas em portas... Mas havia documentação antiga... aí a prefeitura me pediu e eu orientei e restaurei essa casa, que virou um pequeno centro cultural, uma casa de memória, não sei como ela se chama hoje.. ela tinha o nome de seu antigo proprietário, Casa Romário Martins. Era, quando nós inauguramos, um local para exposições. Porque é pequena a casa.... Bem, e depois dessa casa, mais adiante, na outra esquina, um historiador local... não era historiador como profissão, na verdade era um advogado, muito rico... da família Carneiro, de origem no mate né... o mate foi um ciclo importante na história do Paraná... e o Newton escrevia, escreveu, vários trabalhos da história, principalmente, dos artistas da cidade... iconografias... enquanto o irmão dele, Davi, era mais a história política. Todos os dois eram muito ligados à questão da história. E o Newton, eu o conheci porque era tio do Fernando, para o qual eu dei aula. O Newton me disse: "Cyro, tem aquele sobrado naquela esquina e eu quero colaborar com esse Centro Histórico, então eu vou fazer o seguinte, eu vou comprar esse sobrado..." Então ele comprou o sobrado e disse o seguinte: "Eu queria que você restaurasse, eu já conversei com o Instituto Goethe, o Instituto Goethe vai se instalar lá..." Aí eu restaurei, orientei a restauração para o Newton Carneiro. A minha firma não era uma firma só de projeto, eu executava, tinha operários... Executamos essa obra e logo depois a prefeitura me chamou e disse: "Olha, em frente à casa do Instituto Goethe, nós vamos adquirir esse sobrado e vamos fazer ali a Fundação Cultural de Curitiba." Aí me contrataram, aí eu não executei, mas fiz o Projeto de Restauração e eu acho que a prefeitura entrou com os operários. Aí eu restaurei também a sede para a Fundação Cultural. Em Curitiba eu fiz essas... acho que essas... Ah, e a Igreja da Ordem também, mas foi coisa pequena... Não... é, eu restaurei a parte interna da igreja, a parte externa não tinha praticamente nada que modificar, só internamente que eu recompus alguns espaços. A catedral também eu trabalhei na restauração parcial. Enfim, estou citando os trabalhos principais no Sul...

C: Bastante coisa...

Depois o interessante é que eu voltei, porque em 2000... é... Ah sim, tem uma mais importante! Uma obra mais importante, porque, acho que em 1972... depois eu vejo direitinho se é a data certa... o Estado me convidou para dirigir o órgão estadual.

C: Lá do Paraná né?

Do Paraná. Aí eu tive que pegar a firma e passar para o Key... Esse que já era arquiteto a essa altura, esse que fez este álbum...

C: O seu aluno né...

O Key assumiu a firma porque eu não podia ter a firma e ser diretor do Patrimônio Estadual. E fiquei diretor dois anos. Nestes dois anos o que eu fiz de importante foi a restauração do antigo Paço Municipal. A prefeitura fez uma nova sede para a prefeitura e pegou o Paço Municipal, que é uma construção com muitos detalhes Art Nouveau, muito bonita, na praça central da cidade. E Museu Paranaense estava mal instalado. Então eles me pediram orientação e eu disse o seguinte: "Olha, vamos fazer o seguinte, vamos instalá-lo lá, o Museu Paranaense. Eu vou orientar a restauração e vamos fazer uma equipe." A equipe era eu como arquiteto coordenador, tinha um arquiteto chamado Abrão Assad que fazia os projetos das inserções, das partes novas, tinha uma... a restauração de toda a parte de museologia, uma museóloga do SPHAN que está atualmente com, se não me falha a memória, posso me enganar, 101 ou 102 anos de idade! E ainda lúcida... que é a Lygia Martins Costa. Dona Lygia foi para o Paraná e orientou toda a parte de museologia, de adaptar o museu, o acervo do museu, naquela casa. E eu tinha uma restauradora do Paraná, que orientava a parte de restauração de pintura de tela... O Paço era muito bonito... o interessante é que isso foi em 72 ou 73... 30 anos depois eles me chamaram outra vez para uma nova obra lá, tanto que eu tive que pedir licença, a essa altura eu estava no Iphan, e não podia... porque aí já era tombado pelo Iphan. Aí eu pedi licença e fiquei de licença 03 anos.

C: Para poder fazer a obra?

Não, fiz várias coisas... mas a razão principal inicial foi essa obra. Aí eu voltei para fazer... não era mais Museu Paranaense, se transformou em um Centro Cultural... Mas enfim, então esse período, eu morei 20 anos no Paraná... Nestes 20 anos eu tive a Aresta, essa firma, fiz essa série de obras no Paraná, em Santa Catarina, e um pouquinho no Rio Grande do Sul, e depois, a Fundação Pró-memória foi criada e o Silva Teles me chamou, perguntou se eu queria trabalhar na Fundação Pró-memória. Bem, e eu estava casado com uma carioca, todas as férias vínhamos ao Rio, e é claro que os filhos gostavam do Rio de Janeiro, então a primeira perspectiva era ir morar em Brasília, e eu aceitei, mas nesse intervalo - isso deve ter sido em 81 - morreu o Aloísio Magalhães, que era quem, na direção da Fundação Pró-memória, estava com essa perspectiva de ampliar quadros, me chamando e tal... Aí, com a morte dele, o Silva Telles me disse assim: "Cyro, em vez de Brasília, eu preferia que você viesse para o Rio trabalhar comigo..." É claro que meus filhos acharam ótimo. Inclusive a mais velha, minha, já estava namorando, e casou-se com ele, o que foi diretor do Inepac, o Paulo Vidal... Já estava namorando o Paulo Vidal, então todo mundo achou ótimo... Em 1983, ou 82... aí eu tava trabalhando na Pró-memória. A firma eu passei para os arquitetos que trabalhavam comigo. O Key já não trabalhava mais comigo não. Ah sim, porque aqueles 02 anos que ele ficou foi só durante o tempo que eu estava no Estado, só que houve um problema político e eu me envolvi no problema, fiz críticas no jornal... Aliás, é um fato interessante: era uma casa que nós fizemos o tombamento. A casa estava vazia, bonita, muito interessante, interessantíssima a casa... e o proprietário queria demolir a casa, e nós fizemos o tombamento... Então ele deixou a casa invadida e de vez em quando tinha um foco de incêndio na casa. Quando, aí, a essa altura, o governador morre... o Parigot de Souza morreu. Assumi o vice. O vice, dois dias depois, retirou o tombamento da casa e aí no fim de semana a casa estava demolida. E eu aí dei declarações nos jornais... e é claro que aí minha cabeça... fui decapitado! E aí eu voltei para a Aresta. Eu fiquei, devo ter ficado dois anos fora e voltei para a Aresta e continuei a fazer as obras todas... E que mais?

C: E nesse meio tempo a sua especialização foi quando?

Ah sim, foi em 1976, eu acho... Apareceu essa oportunidade, eu acho que foi o Augusto Silva Telles: "Cyro, tem um curso no ICROMM, em Roma... Eu acho que você vai ser indicado." E me indicaram e eu consegui então uma vaga. E eu quase tive um problema porque eu quebrei o tornozelo a 10 dias da viagem, fui com a perna engessada e com muleta para o curso. Fiquei seis meses, três andando de muleta...

C: Poxa! Mas que bom que não te impediu de ir, né?

É, mas atrasei a chegada. Atrasei duas semanas. O curso foi interessante, me deu uma boa visão teórica e, é claro, a vivência também, porque você visita monumentos, fomos Pompéia, visitamos monumentos de Roma... A turma, inclusive, era uma turma internacional interessante, de vários países... E me deu uma boa base teórica, entendeu?

C: Sim... Na entrevista da Cristina Mello ela comentou que também fez uma especialização fora e que, naquela época, não tinha oferta de especialização em Patrimônio no Brasil e era incomum também essa possibilidade.

No Brasil, eu posso também... tem que ver isso..., mas a primeira especialização do Brasil foi promovida pelo Luiz Saia, em São Paulo, em um convênio entre o SPHAN, a Universidade de São Paulo, a USP, e a Unesco. O ano foi, eu acho que foi 76, 77... por aí. O segundo foi em Recife, deve ter sido em 78. O terceiro foi em Salvador. Não, minto... o terceiro foi em Belo Horizonte. Eu sei porque a partir do segundo eu comecei a dar aula. Eu não dei no primeiro, em São Paulo, mas no de Pernambuco eu dei, em Recife eu dei, e se não me falha a memória, em 1980, foi em Salvador.

C: O CECRE?

A partir daí, só ocorreu em Salvador porque em Salvador se consolidou. Você já tinha um corpo técnico que você não tinha em Belo Horizonte e Recife. Então foi em Salvador... A universidade assumiu mesmo, graças principalmente ao... é... um arquiteto lá que já tinha se formado no centro de pesquisa e estudos... já morreu... esqueci o nome dele... Não sei se isso te interessa. Essa história dos cursos... Interessa?

C: Sim, me interessa. Porque meu trabalho envolve a questão do ensino da preservação dentro das faculdades de arquitetura...

Ah, depois eu posso perguntar para você... Aí eu passei a dar aula em todos os cursos, só não tenho dado nos últimos, até porque eles não têm mais dinheiro aí eles limitam a vinda dos professores de fora por causa do curso. Se limitam a dois ou três professores de fora, então do Rio eles tem chamado a minha mulher, que é engenheira especializada em estrutura... mas a parte de projeto, eu dava projeto, eles tem os arquitetos lá... Que mais?

C: Agora mais em relação mesmo à sua atuação... essa especialização e toda a sua atuação profissional... como você acha que isso contribuiu para sua atuação como professor?

Ah, muito... porque... muito... vou lhe dizer! Inclusive porque eu tive, na ocasião [inaudível]. Há uma certa tendência dos professores nessa área do Restauro, quando eles não atuaram na prática, a fazer uma coisa muito teórica. E como eles fazem algo muito teórico eles sempre aderem à escola italiana... eu briguei... na Bahia, por

exemplo, quem dava Teoria da Restauração era uma arquiteta inteligente. Mas ela é totalmente aficcionada na escola italiana do Brandi... Brandi não era arquiteto. Brandi era historiador de arte! Brandi entendia de Restauração de obra de arte e estendeu isso à arquitetura... Só que, isso aí não é o Cyro que tá dizendo, isso já foi dito... tá inclusive na minha tese... você já conheceu?

C: Eu ainda não tive acesso a ela para ler com calma, só vi.

Eu vou te dar! Eu não tinha mais exemplares... Ela foi, ela se transformou em livro, o Iphan publicou há 03 anos atrás... eu transformei, revi, adaptei para livro... Então, nesse livro eu cito esse autor, que eu esqueci o nome dele, que é mexicano, que entende alguma coisa que o Brandi não fala: o entorno. Essa obra de arte aqui, eu posso: "Não, nessa parede não tá boa... eu vou deslocar ela para cá, para ficar aqui exposta..." A arquitetura... o entorno faz parte dela! O Brandi olha como se olha um quadro... e eu acrescento uma segunda coisa que a difere fundamentalmente, a arquitetura da obra de arte: o uso, a função. A minha tese é sobre isso. Todas as obras de arte, bens móveis, a função é você olhar. Então, se você entregar o quadro, a Monalisa, para os restauradores, todos eles ficarão preocupados de ficar igualzinha como o Leonardo fez... [inaudível] O teto da Capela Cistina, todo o esforço é para ficar como Michelangelo fez... [risos] Claro, ok... agora, e as igrejas? Aí você entrava, por exemplo, eu vou entrar na São Bento. É igual como era a São Bento no século XVI, XVII? A Myriam Ribeiro, por exemplo - a grande mestre, que foi minha orientadora, historiadora de arte - Myriam lembra um detalhe fundamental. As igrejas mais antigas do Brasil não tinham bancos... sentavam no chão! A escala é outra... Um espaço interno sem banco é uma coisa, um espaço interno com banco é outra. "Ah, não, eu quero uma igreja como era..." Muito bem, então, meu amigo... tira os bancos, tira a luz elétrica, entendeu? Então, não existe isso. A não ser que você diga assim: "Esse edifício vai ser mantido como peça museológica! Exatamente como era... Você visita e sai dele... Ninguém mora, ninguém usa ele, a não ser para olhar..." Aí tudo bem, se não, não. Então eu, embora tenha estudado na Itália, um lugar muito marcado pelo Cesare Brandi, como contraponto [inaudível] também não resolve os problemas porque é uma visão muito voltada para obras de arte [inaudível]. Então o fato de eu ter tido uma vivência muito grande, e eu continuo a trabalhar na área, não parei de trabalhar... eu atualmente estou trabalhando em uma equipe na... no caso minha participação é muito pequena, porque é mais estrutural, mas eu estou na equipe... estamos fazendo a restauração, o Projeto de Restauração, da casca do Museu Nacional, que pegou fogo... é claro que a minha participação entra porque - daqui a pouco, nós estamos ainda na parte das estruturas das paredes - depois nós vamos trabalhar a questão só das fachadas... nada dentro vai ser tratado agora... Bem... Então eu continuo trabalhando na área. E o fato de trabalhar na área é claro que dá uma segurança maior de você ensinar na área... óbvio... Quem não trabalhou vê de uma maneira muito distante. Uma coisa é você enfrentar o problema, a outra é você olhar o problema de fora... Que mais?

C: E em relação à sua atuação lá na UFF?

Na UFF eu trabalhei 10 anos. Porque quando eu recebi o convite da Pró-memória eu pedi transferência da Universidade Federal do Paraná para a Pró-memória. E depois, quando a Pró-memória começou a acertar a questão da fixação das pessoas eu consegui, então, que a transferência fosse para a UFF. Eu fiquei então como funcionário da Pró-memória e da UFF. Houve um período muito curto que eu não estive em nenhuma das duas, deve ter sido um mês... Depois eu passo para a UFF. Eu entro, eu acho... deve ter sido em 1983... Não tenho certeza... e fiquei 10 anos. E fiquei dando a disciplina, essa disciplina de Patrimônio.

C: Você se lembra quais foram as disciplinas?

Ah, não lembro o nome não... Eu antes disse "Vou pedir transferência para a UFRJ...", Mas aí eu conhecia o Carlos Nelson, e aí ele me disse: "Não, Cyro! Vem aqui para a UFF! Porque na UFF tem um pessoal mais jovem... estou eu, está o Vasconcellos..." Como que é... o...

C: Eduardo.

"Eduardo Vasconcellos! Nós somos um grupo jovem"... E a segunda razão era que minha mãe morava em Niterói. Eu morei muito tempo em Niterói. Aí eu pensei: "É, ele tem razão... E uma terceira razão: o Fundão é um fundão... Eu falo isso e de vez em quando falam: "ah, mas [inaudível]", mas eu comecei a faculdade na Praia Vermelha, pô! E terminei no fundão... O fundão continua distante e inóspito... Por isso que eu fui para a UFF. Fiz muita amizade com o Eduardo, acho que o Eduardo é um grande, grande, professor de lá...

C: É, eu cheguei a ter aula com ele...

O Carlos Nelson é outro excelente professor, já falecido...

C: Infelizmente o Eduardo faleceu também, no ano passado...

O Eduardo? Ah, não sabia!

C: Poxa, me desculpe trazer a notícia...

Ah, não sabia! Nunca mais eu o vi... de que?

C: Eu não sei, só soube que ele já estava bem doente...

Poxa... ele não se cuidava... era muito doído ele...

C: Poxa, me desculpe por trazer essa notícia triste...

Não... é assim mesmo... Mas então na UFF eu tive uma experiência, depois a Cristina deu aula comigo...

C: E essas disciplinas, você se lembra se eram obrigatórias ou optativas?

Não... não me lembro bem...

C: E você lembra como era a relação dos alunos com as disciplinas de patrimônio?

Eram interessados..., mas olha, sinceramente, eu não me lembro muito não... Eu estou com um problema de memória, sabe? Inclusive eu estou acabando de fazer uma série de exames que detectaram ferro baixíssimo, e também a vitamina B12 baixíssima, eu há duas semanas comecei um tratamento... e entre as consequências que isso traz... memória! É uma das principais consequências, então eu não sei te dizer muito bem...

C: Tudo bem, o que você se lembrar já é bom...

As disciplinas, como eram as aulas... não lembro...

C: E alguma coisa do envolvimento... porque na entrevista com a professora Cristina ela mencionou um pouco o envolvimento dos professores em uma briga para ter terem disciplinas obrigatórias de conservação no currículo...

É...

C: E em relação ao conjunto da Escola de Arquitetura, do início do processo de tombamento... esse movimento...

Eu não sei... eu fiz parte do Conselho de Patrimônio de Niterói, municipal, mas nessa época já estava, eu acho que, tombado, não?

C: Já tinha o tombamento provisório do Estado...

Não me lembro muito dessa questão do tombamento do conjunto...

C: E a questão da vivência acadêmica do conjunto, você tem alguma memória?

Eu tenho de que eu cheguei a dar aula em dois prédios, um prédio antigo e o da varanda... Os dois muito agradáveis... o que eu sinto como lembrança é que era uma vivência muito agradável e todos gostavam dali. Os alunos gostavam, os professores gostavam de estar ali... quer dizer, ninguém gostaria de sair dali e ir para o "Campus do prédio novo..." Essa bobagem que eu acreditei quando era estudante... Nós todos... "Vamos para o Campus universitário na Ilha do Governador... no Fundão... vai ser muito bom... Cada um vai ter seu armário... enfim..." no fim foi um negócio distante demais. Naquela época, era, inclusive, um deserto. só tinha aquele prédio. E ali não... Em Niterói você tinha aquelas árvores todas, o jardim... Era um local agradável... Era um ambiente agradável na época que eu dei aula... e a convivência com os colegas também era muito boa... Claro que havia sempre brigas... é natural... Havia disputas de poder, grupos...

C: Vou falar de algumas coisas que eu vi informações... se você se lembrar de algo e quiser falar...

Claro...

C: Você se lembra sobre uma intervenção que teve, por causa de uma atividade de greve em que fizeram um Projeto de Restauração, junto com os alunos, para o conjunto e depois foi executada...

Não lembro...

C: E uma questão para a conservação lá na Universidade, você teria alguma recomendação? Quais você acha que podem ser os maiores desafios para a Conservação? Se tiver algo, senão não tem problema...

Para a UFF? Daqueles prédios... Nós não sentíamos dificuldades em dar aula lá... eu dei aula nos dois prédios...

C: E você se lembra de alguma vez ter usado os prédios como objeto de estudo das disciplinas?

Não me lembro...

C: Então eu acho que é isso. Muito obrigada!

[Agradecimentos e despedida]

APÊNDICE 01c: TRANSCRIÇÃO BRUTA DE RELATO (ÁUDIO GRAVADO)

Jorge Crichyno Pinto

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde****Mestranda:** Camila Saturnino Braga Ennes**Depoimento n°:** 03**Data:** 05 de setembro de 2019**Relato de:** Jorge Crichyno Pinto**Cargo/Função que ocupa:** Professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF).**Perguntas:****C: Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Nome completo é Jorge Crichyno Pinto, nasci no Rio de Janeiro

C: Você pode contar um pouco como foi sua formação acadêmica?

Eu ingressei aqui na Escola de Arquitetura e Urbanismo em 1981. Aliás, em 1976, me desculpe. E me formei em 1981.

C: E teve alguma particularidade que influenciou seu interesse em arquitetura e urbanismo?

Não... o meu avô era arquiteto e eu buscava sempre desenhar muito e escolhi a minha profissão. Eu não esperava ser professor. Eu queria ser arquiteto urbanista e no meio do curso a área de paisagismo ainda não existia no currículo, então, em 1979, eu fui trabalhar como estagiário no escritório do Roberto Burle Marx e lá eu permaneci até a minha formatura. E continuei depois, como arquiteto já formado, de 81 a 1983. Depois eu fiz um concurso aqui para a universidade e passei a trabalhar no escritório técnico do Campus, a partir de 1983. Nesse mesmo ano eu comecei a trabalhar com o projeto do Campus da UFF, de paisagismo do Campus da UFF, dentro do acordo MEC BID. E trabalhei com a equipe de coordenação de projetos e aí foi realizando projetos. Em 1985 eu fiz um curso de planejamento ambiental no Instituto de Geociências. Tive como colega o professor Glauco, fizemos juntos, era uma turma muito boa. Era um curso de especialização. Depois continue a prestar consultoria ao escritório técnico do Campus e posteriormente escritório transformou em prefeitura do Campus da UFF. Em 1991 eu fiz um curso de metodologia no ensino superior na faculdade de educação tive como colegas a professora Laura Elza Gomes e o professor Ullysses Magoulas. Depois, meu mestrado, em 1996, foi o mestrado em Geociências. Eu já gostava muito dessa área de estudo, os bairros de São Domingos, Gragoatá e Boa Viagem, e fiz uma dissertação sobre Identidade Urbana Natural Cultural desses três bairros históricos. A dissertação está aqui na biblioteca. E continuei ministrando as disciplinas de Projeto de Paisagismo e de Teoria do Paisagismo e, depois, já faz 25 anos, a disciplina de Estudos Sociais e Ambientais, porque, a partir da Constituição de 1998, foi determinada a obrigatoriedade, em todos os níveis de ensino, a área de meio ambiente, desde o nível básico e fundamental até pós-graduação. Então essa área de Estudos Sociais e Ambientais é uma área que me interessa, minha formação é em meio ambiente... Trabalhei muito projetos de Meio Ambiente, em planejamento ambiental... mas antes eu trabalhei muito em projetos de arquitetura. Trabalhei em um escritório importante do arquiteto Toledo Piza, de arquitetura, então tive uma experiência no meio profissional iniciativa privada no escritório de arquitetura mesmo e também de paisagismo, no escritório do Burle Marx, antes de vir para a universidade. E mais recentemente, a partir de 2013 até 2017, eu concluí o curso de doutorado em Arquitetura e Urbanismo, aqui do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Eu estudei aqui 5 anos, e já estou há 37 como professor, e pretendo me aposentar no ano que vem... Já trabalhei bastante aqui e realizei muitas pesquisas na área de preservação de áreas de Proteção Ambiental, somente na área da Restinga de Maricá, trabalhei com o professor Werther Holzer, em parceria, e participando de vários eventos, congressos científicos... Sou vinculado ABAP (Associação Brasileira de arquitetos paisagistas), também vinculado à SBAU, Sociedade Brasileira de arborização Urbana, e tenho atuado em vários projetos de planejamento sócio-ambiental agora eu acho importante ter estas duas dimensões, e tenho ministrado ainda as disciplinas na área de paisagismo, estudos sociais e ambientais e orientação de trabalhos finais de graduação, e também trabalho em projetos de paisagismo, de autoria própria em outras iniciativas, e agora eu pretendo realizar um projeto de pesquisa sobre ensino, já publiquei vários trabalhos também como membro do ENEPEA, que é o Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo nas Escolas de Arquitetura..

C: Que legal, não sabia que existia...

Particpei desde o primeiro colóquio que houve em São Paulo, na FAU-USP em 1991 e venho frequentando os encontros que são a cada 2 anos.

C: Legal...

Tenho publicado bastante trabalhos na área de Paisagismo, de ensino, de projeto participei do Enanparq de 2014, tenho trabalhos publicados, vários trabalhos, somente porque a minha tese de doutorado é sobre fenomenologia, foi um projeto em parceria com professor Werther Holzer, que foi meu orientador, trabalhando no grupo de pesquisa da Geografia Humanista Cultural.

C: O Ronaldo também participa, né?

O Ronaldo também, vários colegas. A gente vem publicando alguns trabalhos na revista Geograficidade e também agora na área de psicologia pela Universidade Federal do Pará também publiquei alguns trabalhos. Como a minha tese de doutorado foi sobre fenomenologia do lugar no Parque do Flamengo, onde eu estudo a questão do imaginário arbóreo como definidor de lugar na paisagem, utilizando textos poéticos que estabeleceriam uma relação do lugar da árvore no imaginário.

C: E lá realmente é um lugar onde isso é muito forte, né...

E minha experiência no escritório Burle Marx foi muito boa porque na minha formação, como eu não tive na graduação, a minha escola de paisagismo acabou sendo lá. Então eu trabalhei 10 anos lá, depois também participei no sítio Burle Marx, no Conselho Consultivo. Ele ainda era vivo, depois faleceu em 94 e a gente continuou. Hoje o sítio é um dos museus do Iphan e eu tenho trabalhado nessa área.

C: Então eu vou aproveitar e vou pular para uma outra pergunta que é relacionada a algumas coisas que você já mencionou. Como foi para você a experiência de retornar a UFF como professor? Já que você mencionou que você não teve essas disciplinas de paisagismo e você teve a oportunidade de voltar para ministrá-las.

É, eu tive essa oportunidade de lecionar no campo do paisagismo, em termos de teoria e projeto, a convite da então primeira diretora da escola de arquitetura, a Professora Maria Elisa Meira. Ela tinha sido coordenadora do curso antes de ser diretora e houve uma reformulação curricular. A ideia dela era que algumas áreas que eram inexistentes no currículo passassem a existir. Eram quatro áreas: paisagismo, informática, conforto ambiental e expressão gráfica. Então eu trabalhava no escritório técnico do Campus, já tinha realizado o projeto, e como tinha havido uma mudança na direção do escritório, a professora Marisa Elisa estendeu seu convite, se eu não gostaria de plantar a área de paisagismo aqui. E aí eu vim trabalhar aqui, mas com um desafio que era ser professor. Como a nossa formação em arquitetura e urbanismo, e também na engenharia, os profissionais não são preparados, sendo arquitetos urbanistas, também para lecionar. São duas coisas muito diferentes. Então quando esse convite veio, veio como um desafio, então fui procurar me instrumentalizar através do curso de metodologia do ensino superior que eu já havia feito, e me inspirei também na experiência didática de ensino de países na faculdade de arquitetura da FAU-USP. Lá conheci o professor Sílvio Soares Macedo que esteve aqui, a convite da Diretora Maria Elisa, junto com outros professores das áreas que aqui estavam ainda sendo implantadas. Com isso, a gente pôde ter uma participação para formatar o ensino que, ainda na época não se chamava Projeto de Paisagismo, nem teoria, chamava-se Projeto VI, tinha 10 horas de carga horária semanal, dividindo parte teórica e prática. Então foi um período de transição, depois com a reformulação do currículo, em 1992 também houve a possibilidade então de aparecer definitivamente as disciplinas com os nomes Teoria do Paisagismo e Projeto de Paisagismo. Então essa área foi implantada por mim, mas depois outros colegas vieram... O professor Jorge Baptista, hoje também a professora Flávia Braga e alguns colegas que participaram colaborando, então foi um desafio, mas eu tive que me instrumentalizar, porque não bastava, em meu entendimento, ter uma prática profissional em paisagismo para converter isso em uma atividade de ensino. Era preciso desenvolver metodologia capaz pensar os espaços livres na paisagem e a proposta dos projetos de paisagismo dentro de uma perspectiva da formação do aluno.

C: Você, nas disciplinas que você me ministrou até hoje, alguma vez chegou a usar o conjunto daqui da UFF como objeto de estudo? Pode contar um pouco sobre estas experiências?

Sempre! A gente aqui tem um laboratório... Então os primeiros projetos sempre foram ligados ao nosso entorno. Então, o entorno imediato, ligado às adjacências do espaço da escola, mas extensivo também aos espaços públicos do entorno, das praças... Trabalhamos a revitalização das praças daqui de vários bairros de Niterói, principalmente aqui em São Domingos, Boa Viagem, Gragoatá, e também Ingá e Icaraí... esses bairros... Porque os espaços livres destes bairros têm uma ambiência muito singular em termos de espaços arquitetônicos, a própria escala das ruas... ainda que esses bairros tenham sofrido muita degradação física e social. Mas eles guardam uma ambiência que é motivação. E aqui na biblioteca da escola tem assim, um universo de pranchas de trabalho de alunos voltados para este entorno.

C: Estão na biblioteca então?

Sim, estão na biblioteca. Eu fiz uma doação recente.

C: Legal! No período em que você foi estudante aqui na escola, tinham disciplinas relacionadas ao campo do patrimônio?

Tinha a disciplina chamada Estruturas Históricas, do professor Rui Velloso. Mas ela não tinha o caráter de projeto, era uma disciplina mais teórica sobre estruturas históricas, envolvendo a questão, claro, da arquitetura, do urbanismo e do patrimônio, legislação, mas não havia, eu não tive essa formação em projeto de preservação como já existe hoje no currículo da escola. Não tinha esse caráter projetual. Existiam disciplinas optativas de preservação histórica. Eu me lembro que a professora Dora Alcântara tinha sido convidada, junto com o Pedro Alcântara, eles ministraram uma disciplina durante 2 anos e foi muito bom, foi uma experiência muito boa esse convívio, ela era arquiteta do Iphan e teve um período que ela colaborou conosco, com o Pedro. Então a formação, embora eu apreciasse muito, não era tão consolidada como vem sendo há algum tempo aqui e a professora Cristina Mello tinha sido minha professora de Teoria 2, mas com outro objetivo temático, então a questão da Preservação histórica do ambiente construído na arquitetura e urbanismo não constituiu na época uma disciplina.

C: E aí eu vou aproveitar também que você mencionou a participação da Maria Elisa e tudo.. na entrevista com a Cristina Melo, ela mencionou muito que a Maria Elisa foi uma batalhadora pela reforma do currículo, e, neste contexto, ela comentou que a UFF foi a primeira escola a colocar obrigatoriamente matérias relacionadas a patrimônio no currículo.

Isso, isso mesmo.

C: Você se lembra mais ou menos desse processo?

É, a discussão... eu fui chefe de departamento, do antigo departamento de arquitetura e urbanismo, era o TAU. Todos os professores estavam só nesse único departamento que, desde que ele existiu junto engenharia antes da gente ter a nossa autonomia acadêmica administrativa enquanto unidade na universidade... acho que a Maria Elisa foi a primeira diretora eleita né... desde a época anterior, vinculada à engenharia, ao curso de engenharia, o departamento de arquitetura e urbanismo já existia.. Então eu fui chefe departamento de 1989 a 92 e a gente acompanhou a discussão então, fizemos várias reuniões de colegiado de curso, de departamento, e resultou na reforma de currículo antigo, que na época, em 92, foi aprovada. Já tivemos uma outra reformulação posterior a essa, mais recentemente em 2013, outra reforma curricular. Então a luta foi grande da professora Maria Elisa porque antes de ela ter sido diretora, ela foi coordenadora do curso. Então ela gestou todo esse processo em que a área de patrimônio passou a ser contemplada.

C: E também a área de paisagismo, né?

É, exatamente. Patrimônio, Paisagismo, Conforto Ambiental e Informática.

C: E no período que você era aluno da escola, como que você percebia a relação dos alunos com os espaços físicos?

Nós éramos muito presentes. Lembrando no período de 76 a 81 a gente viveu um período de ditadura militar né... Então a nossa preocupação do diretório acadêmico na época de estudantes era de fortalecimento das condições de trabalho. Muitos colegas nossos desapareciam... nós tínhamos que buscar saber o paradeiro deles... então a nossa luta aqui era de consolidação e a presença era muito grande porque a gente no curso de 7 horas da manhã às 10 horas da noite, inclusive com aula aos sábados... então... O Casarão e o Chalé não eram todos... não estavam todos a nossa disposição... as dependências... só algumas partes. Aqui, por exemplo, no corredor, metade do corredor era da arquitetura, uma sala...

C: Ah, não era tudo ainda do curso de arquitetura?

Não, era da pós-graduação da engenharia. No chalé, todas as áreas, a exceção do Salão Grande, que era uma sala de projeto de Urbanismo, do professor Ferdinando Moura Rodrigues né... e algumas salas... essa daqui, a sala 11 né, que tinha aulas com o Professor Carlos Nelson dos Santos.. aqui ele ministrou muitas aulas aqui... Então Muitas vezes os espaços do casarão e do chalé eram disponíveis... a nossa biblioteca aqui ficava no pátio do estacionamento...

C: Ah é?

É, em uma estrutura metálica muito provisória. Um dia houve um desabamento por ação da chuva e todo o acervo veio para o saguão do casarão, ficou aqui por um tempo. Então, eram muito precárias as condições... de desenho, de prancheta, o estado do Casarão e do Chalé era muito precário. Mas a nossa presença era muito intensa. E no pátio, que compõe todo o espaço externo em volta do Casarão e do Chalé, as árvores já existiam, não havia canteiros, os carros dos alunos e professores invadiam quase que a frente do Casarão do Chalé, então não tinha pavimento, o solo estava exposto, as raízes das Árvores, não tinha iluminação, era um espaço assim completamente abandonado e nós não tínhamos, assim, conforto nenhum. Mas a nossa presença era tão forte e constante, e fortalecida pela participação dos professores, embora fosse uma carga horária, enfim, era muito bom estar aqui...

C: E continuou sendo, né?

E continuou sendo... porque nós, aqui, diferentemente dos tempos atuais, em que as pessoas não querem conviver, preferem se relacionar pelo Twitter, pelo celular... Então a 'copresença' hoje, ela não é a mesma como foi em tempos mais difíceis, e é uma pena porque hoje a gente... de lá para cá a gente conquistou tantas coisas... e perdemos outras, como essa, do convívio e da participação dos professores e alunos.

C: Você tem alguma recordação do processo de tombamento do conjunto da escola?

Não me lembro muito deste aspecto... Porque, além da professora Cristina Mello, que trabalhava já com esta área, era professora da área de Teoria né... do departamento, a gente tinha no departamento setores de discussão... o setor de Teoria, o setor de Projeto, setor de Urbano... Mas nós tivemos aqui a presença do Professor Cyro Illídio, que foi coordenador junto com o professor Sérgio Leusin, se não me engano de 89 a 91. E o professor Cyro Illídio ele começou a desenvolver mais a disciplina de Estruturas Históricas, além do professor Rui Velloso, e como ele já era da área do Patrimônio, então ele e a professora Cristina Mello trabalharam com a questão de um procedimento para o tombamento, que inicialmente me parece que não chegou até o Iphan, mas foi aprovado pelo Inepac, órgão estadual do patrimônio. O professor Rui Velloso eu acho que era um participante do Inepac, arquiteto do Inepac, e contribuiu também para isso, mas eu não tenho estes detalhes, de período e de época quando se deu isso... Certamente tem documentos que possam ser consultados, no Inepac né...

Sim! No próprio processo de tombamento..

E na prefeitura de Niterói também tem uma área na Secretaria de Cultura dada à preservação de bens históricos da cidade que eu acho que reconheceu aqui a ambiência

C: Sim, o DePAC

E aqui próximo a nós nós temos o Solar do Jambeiro que era tombado pelo patrimônio histórico, também pelo Inepac... mas aqui o Casarão e o Chalé necessitavam também de um processo né... de abertura de tombamento que eu acho que se deu posteriormente né...

C: É! Eu acho que tombamento provisório foi mais naquela época, se não me engano, 89... e o definitivo foi mais recente, agora há pouco tempo.

Sim, foi mais recente, bem mais recente...

C: Mas o provisório já serve como o definitivo. Na verdade, para efeito...

Sim, com certeza, para efeito de tombamento...

C: Não faz diferença... E eu tinha colocado a seguinte pergunta sobre o projeto de paisagismo da UFF, porque eu queria confirmar com você a sua participação, sua autoria... você comentou um pouco antes, mas se puder repetir para a gente...

É, na verdade eu quando fui trabalhar no escritório técnico do campus, para desenvolver o Projeto de Paisagismo com a arquiteta Cláudia Bellas, a gente elaborou o conjunto para todo o Campus da UFF. Campus do Gragoatá, da Praia Vermelha, aqui, e do Valonguinho. E aqui, especialmente, como já existiam construções, porque o resto do Campus da UFF previa, no acordo MEC BID, a construção de prédios, salas de aula, laboratórios... E a arquitetura foi consultada à época e preferiu ter aqui a destinação de uso e funcionamento no Casarão e no Chalé.

C: Foi neste período que passou a ser tudo da Arquitetura? O Casarão e o Chalé?

Isso, exatamente. E aí uma parte do Bloco D, depois que foi construído, o quinto andar, também seria da Escola de Arquitetura. Então nós buscamos, nesse projeto, preservar todo o patrimônio e a preservação paisagística das arquiteturas do Casarão e do Chalé e como a gente sabia que antes os carros ingressavam e paravam praticamente na soleira dos prédios, a gente procurou criar jardins e um pátio com mosaico de paralelepípedos formando desenhos, círculos concêntricos, que envolviam as palmeiras, suas árvores estavam isoladas, e outras foram agrupadas em canteiros-bancos, propondo iluminação à noite, e privilegiando o pedestre, os usuários, o estudante, a comunidade Universitária, passando por aqui e utilizando o pátio que sempre foi local, de muito tempo, de encontro, de festas, de circulação, de trotes, formaturas já tiveram aqui... e tudo mais.. Então o projeto do Campus, na área da arquitetura né, nós procuramos criar uma ambiência agradável de modo que, no sombreamento das árvores, as pessoas pudessem ali... privilegiar as pessoas, o fluxo... e os veículos então, nas vias de circulação e estacionamento, de modo a evitar o que antes havia que era o ingresso.... se isso não tivesse sido feito, as pessoas estariam até hoje passando com o carro, estacionando...

C: No processo de tombamento, a ambiência é super destacada...

Sim, está relacionado...

C: O primeiro parecer do Iphan é feito pela Dora Alcântara...

Exatamente

C: E ela fala que pelo o Iphan não seria passível de tombamento no período por conta de que o valor arquitetônico dos prédios não era...

É, e o estado deles também né... Então, como o Chalé é de 1888, e o Casarão é de 1925... Por que... é que neles, nesses prédios, funcionava a sede de uma empresa inglesa, Western Telegraph, que foi responsável final do século 19 e também nas primeiras décadas do século XX pela implantação de infraestrutura urbana em Niterói... dos cabos submarinos... então aqui, o Casarão, era o alojamento dos engenheiros e técnicos e o Chalé era parte administrativa.. Então a ideia da composição do paisagismo era reconhecer essa ambiência e o arvoredo, a importância das árvores seculares tem até hoje e que precisam ser preservadas.

C: Com certeza.. e é muito legal no parecer dela que ela fala que a maior motivação para o tombamento na verdade não poderia ser só os prédios, masque tinha que ser todo o conjunto.

Inclusive na descrição, parece, eu tive acesso uma vez, que o raio de ambiência pegava desde a cumeeira do casarão e se estendia por um perímetro, um raio que envolve justamente este conjunto...

C: Muito legal esta motivação da ambiência né..

É! E que bom que até hoje nós conseguimos preservar isso... Não só para a cidade de Niterói, mas dentro da Universidade... São poucos os lugares, mesmo no Campus novo, que tem essa ambiência sabe, que é um Patrimônio da Universidade que temos o privilégio de usufruir.

C: E se formos falar em valores, quais valores você reconhece principalmente neste espaço?

O primeiro valor é o valor socioambiental né... o significado que essa área tem para nós, para a comunidade universitária da Escola de Arquitetura e Urbanismo, e sendo um lugar de encontro, sendo um lugar de ensino, de atividades de ensino, onde o aluno pode ter uma compreensão dos espaços arquitetônicos e espaços livres de modo a pensar de uma forma algo que se consolidou com o tempo e que são valores que são transmitidos por essa memória do tempo, da história da cidade, da história da arquitetura e também a cultura neste lugar se estabelece porque as relações são muito fortes aqui né.. e é um pátio que promove... nós já tivemos eventos de música, já tivemos festas, formaturas, e trote que aqui existe... acho que são valores socioculturais e ambientais que perpassam a cidadania.

C: Essas perguntas aqui você já respondeu, que eram sobre as plantas do projeto, onde poderiam estar disponíveis...

É, as plantas estão... as plantas técnicas, estão todas na SAEN. Não sei se lá em parte do arquivo ou em arquivo morto.. E aqui na escola, na biblioteca, a gente tem uma mapoteca que tem alguns originais de levantamentos arquitetônicos... fachadas, cortes e detalhes e tem alguma coisa de paisagismo também, o desenho do piso que foi todo trabalhado e pensado de uma forma que esses espaços fossem utilizados de uma forma bastante intensa...

C: Por conta desta convivência né...

É, exatamente... Promovendo o encontro das pessoas não só daqui da escola, mas o pátio é uma porta de entrada... e por ele...

C: Aquele portão ali, naquela época era previsto que ele ficasse sempre aberto, né?

A única coisa que eu particularmente tenho algumas restrições foram os portões desenhados... Porque eles podiam ter sido revitalizados, não na parte do estacionamento, mas os que já existiam eles foram fechados, os portões originais né...

C: Esse daqui da frente do Casarão, da entrada, ele era a princípio para ser aberto?

Nós entrávamos pela porta de lá, né..., mas aqui também tinha. Depois, no projeto do Campus, foram abertos dois portões novos. Um aqui de pedestres, que está fechado há um tempo, e o de veículos, do estacionamento. Acho que a gente poderia ter um pouco mais de cuidado, a universidade, de ter preservado né... É interessante que uma vez eu, conversando com um antigo da engenharia, muito antigo, que trabalhou muitos anos, e ele tinha guardado uma peça de um par de dois vasos de ferro que ficavam na entrada do Chalé e a gente conseguiu, na restauração de 92, que ele devolvesse a peça..

C: Olha, que legal...

E ela ficou lá... ela tá lá... A outra parte já tinha sido perdida, porque aqui houve muito vandalismo né... isso até pela própria Engenharia né... O Chalé é um exemplo disso... ele foi... ele foi...

C: Mutilado...

Mutilado né... toda a sua extensão, a gente tem fotos mostrando... era um prédio do século XIX que tinha uma profundidade, umas varandas... enfim, o que restou dele... porque a Engenharia construiu o Bloco E e acabou com o prédio. Então esta mutilação foi lamentável, porque formaria um conjunto bem mais expressivo...

C: Com certeza, é uma pena né... E quais você considera que são os maiores desafios para a Conservação do conjunto da Escola?

Eu acho que o maior desafio está até hoje para ser superado, que é a Universidade Federal Fluminense, a Reitoria, destinar uma atenção especial e uma responsabilidade maior, destinando recursos para a preservação do Patrimônio que é da própria Universidade. Porque a Escola de Arquitetura e Urbanismo faz a gerência, tem autonomia, mas os recursos que a Escola de Arquitetura tem, diante de outros orçamentos de outras unidades, é insuficiente para manter. Então o desafio é a Universidade Federal Fluminense entender, através de seus dirigentes, na Reitoria, que esse patrimônio tem que ser cuidado. Tem que ser dada a devida atenção, investindo recursos, modernizando o que for necessário e preservando esse Patrimônio, porque outros patrimônios de épocas anteriores do próprio conjunto da universidade, como a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Economia, esses prédios foram mutilados e destruídos, e esse aqui [Casarão] ele guarda características de tempos históricos, então é um lugar importante... E que a universidade tem que começar a se responsabilizar por ele.

C: Se responsabilizar né...

Cuidando e investindo.

C: De uma maneira diferenciada né..

Muito diferenciada, porque...

C: Precisa de uma manutenção específica né...

E que requer do grupo da SAEN uma atenção especial, na formação dos profissionais, porque existem muitas necessidades aqui para serem resolvidas...

C: E tem alguma recomendação ou mensagem que você deixaria para a comunidade acadêmica em relação a isso?

Eu acho assim que... lembrando Leonardo Boff, quem ama cuida! A gente sabe que, no Brasil da atualidade, estão faltando muitos recursos... recursos financeiros recursos de materiais... mas não nos faltam recursos humanos! Nós temos capacitações cada vez maiores na área de Patrimônio, de Paisagismo, em Arquitetura e Urbanismo... Então eu acho que o momento é oportuno para a gente valorizar a universidade como uma instituição importante para a sociedade. Que ela possa ser a mais possível democrática, capaz de contribuir para a superação das dificuldades e desafios que a sociedade brasileira tem. E a UFF tem um papel importante na cidade de Niterói, o campus universitário está inserido nesse contexto urbano, e a faculdade de Arquitetura tem sido muito protagonista de uma participação efetiva na comunidade, com a prefeitura, com a cidade... Então eu acho que o desafio é esse. Quem ama cuida, então é bom que a gente cuide da nossa universidade. Ela merece, né?

C: Com certeza. E há algum outro aspecto que você gostaria de destacar que a gente não tenha comentado?

Não, acho que todos os aspectos que nós falamos são importantes. E ressaltar que o conhecimento, a ciência, a pesquisa formam cidadãos melhores e fortalecem a sociedade cada vez mais e a universidade é um lugar único, privilegiado, um lócus privilegiado em que se pensa questões da atualidade, da cultura, e a formação dos nossos alunos, da pesquisa, dos Professores precisa ser, nesse momento, reconhecida e valorizada, para que outras gerações venham e encontrem uma espécie de um acervo de conhecimento, que cada geração vem transmitindo, umas as outras... Então acho que esse é um problema brasileiro, que a gente tem que buscar entender, que é cultura, o conhecimento, a ciência são importantes para o desenvolvimento da sociedade.

C: Com certeza! Muito obrigada.

Espero ter contribuído...

C: Com certeza! Contribuiu muito. Esse é seu... Muito obrigada mesmo, eu darei retorno a respeito do desenvolvimento da pesquisa. Qualquer coisa eu entro em contato e vou deixar meu contato aqui também para o que precisar.

Obrigado.

APÊNDICE 01d: TRANSCRIÇÃO BRUTA DE RELATO (ÁUDIO GRAVADO)

Júlio Rogério Ferreira da Silva.

**Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do
Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde**

Mestranda: Camila Saturnino Braga Ennes

Depoimento n°: 04

Data: 16 de setembro de 2019

Relato de: Júlio Rogério Ferreira da Silva.

Cargo/Função que ocupa: Coordenador de Manutenção na Superintendência de Operações e Manutenção da Universidade Federal Fluminense (SOMA – UFF).

Perguntas:

C: Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é Júlio Rogério Ferreira da Silva. Nasci no Rio de Janeiro, cidade do Rio de Janeiro, em, não espalha não, 17 de maio de 1949. Minha formação, sou engenheiro civil e trabalho na UFF há 09 anos. Comecei trabalhando no Antônio Pedro e, além da minha formação também fiz uma especialização em Gestão Pública. Eu fiquei no Antônio Pedro 08 anos e estou aqui na SOMA há mais ou menos 3 meses, 90 dias. Mais ou menos desde a época de formação da SOMA.

A SOMA basicamente é uma Superintendência encarregada de cuidar das operações e das manutenções prediais. Então as operações são todas, de um modo geral, inclusive transporte, deslocamento de algumas cargas, retirada de alguns entulhos, e a manutenção predial se distribui em manutenção de bens imóveis e de bens móveis. Os bens imóveis são os prédios né, as estações, e os bens móveis são tudo o que sai do lugar... ar condicionado, infraestrutura de incêndio, elevador, que embora não saia do lugar, se move... são equipamentos.

C: Qual o seu cargo aqui na SOMA?

Coordenador de Manutenção. Eu coordeno a manutenção predial tanto na área de imóveis quanto móveis.

C: Então são esses dois departamentos, de bens móveis e imóveis?

Departamento de Manutenção de Bens Móveis, que é o DMBM, e o Departamento de Manutenção de Bens Imóveis, que é o DMBI, dentro da coordenação de Manutenção. Eles são subordinados à coordenação de manutenção e eu sou subordinado ao superintendente. E tem uma outra área que é a de transportes, logística e segurança... se bem que no trabalho da gente, a gente faz muito da logística também.

Essas equipes são formadas como? Como é a composição mesmo da equipe?

Ela tem uma chefe de divisão e técnicos adjudicados ao setor. Esses técnicos podem ser Engenheiros Mecânicos, Engenheiros Eletrônicos, Engenheiros de análise laboratorial, técnicos em refrigeração, e na parte de imóveis você tem Engenheiro Civil, técnico em edificações e agora inventaram uma carreira de Mestre de edificações. É até interessante porque, para se candidatar a mestre de edificações no concurso tem que ser Engenheiro Civil... é engraçado isso...

C: Mas tem alguma outra especificidade?

Nós temos três aqui...

C: Mas além de ser engenheiro civil eles precisam ter alguma outra atribuição?

Não... ser engenheiro civil e conhecer o trabalho né... Nós temos aqui 03 mestres em edificações e um técnico de segurança no trabalho, mais para cuidar da parte de segurança das operações que a gente executa. Às vezes você tem um evento no campus, então a gente vai lá e acompanha o evento, não permite que sejam feitas determinadas atividades que possam produzir riscos para as pessoas que estiverem no campus.

C: Então são três mestres de edificações...

São dois mestres de edificações, hoje, nós temos um Engenheiro Eletricista, nós temos uma técnica de Segurança... isso na CMA. Os dois mestres de edificações estão no DMBI, na parte de imóveis, que também é vinculado a CMA. Na parte de mobiliário, de bens móveis, aí nós temos um Engenheiro Mecânico, um técnico mecânico e um técnico de laboratório não sei o que, que na verdade é um Engenheiro eletrotécnico. E um outro Engenheiro Mecânico que fiscaliza. São quatro pessoas lá... além da chefia.

C: A chefia é você, no caso?

Não, eu sou chefe do chefe.

C: Ah tá, tem a chefia de cada um dos dois... Entendi. Essa é toda a equipe da parte de manutenção?

É, e tem a parte administrativa, que são duas pessoas aí. Ah, e tem um técnico também de edificações, que ele tá cuidando, é um assistente de administração. Ele tá cuidando da parte de levantamento de Ordens de Serviço, todos os controles, o levantamento mensal... fez o primeiro levantamento mês passado.

C: Entendi, está há pouco tempo também, né? E da gestão anterior, vocês têm as estatísticas, as planilhas?

Algumas coisas. Mas a gente meio que deixou de lado, porque a gente quer saber até que ponto estava legal ou não. Não é que a gente queira criticar, mas a gente quer saber, fazer uma avaliação do que pode ser melhorado. Então a gente está fazendo hoje um levantamento com as próprias pernas para depois olhar o passado.

C: Entendi. E como funciona a estruturação da divisão de responsabilidades, em relação à manutenção, entre o que é atribuição da SOMA e o que é da administração das unidades, das direções. No caso, da Escola de Arquitetura, mas de todas as unidades.

Isso é um problema, porque, na verdade, a SOMA tem a obrigação e compromisso das operações de manutenção. Aí eu vou te falar uma coisa que eu penso, não quer dizer que todo mundo pense igual... eu penso e ajo de acordo com minha forma de pensar. Qual é a função principal? É evitar que o sonho seja perdido. Nós estamos fazendo isso, nada além disso. E, se fizermos nisso, está é bom demais. Porque? Porque alguém sonha, o arquiteto faz o projeto, a gente contrata a obra, faz um desenvolvimento na altura que aquele bem imobiliário e todos os seus equipamentos e etc etc... e a manutenção então se encarrega de evitar que aquilo seja perdido durante um tempo. Se você deixar, ele vai ser perdido, por mau uso, as vezes por uma falta de conhecimento de como está sendo manuseado... Além disso, vinculado a isso, então a gente garante a segurança e o conforto dos usuários, a gente garante a manutenção patrimonial, e por aí vai.. então a função da manutenção é essa, a estruturação é essa, essa é a nossa responsabilidade. Aos diretores de unidade cabe... Eles estão na direção, eles tem que olhar a unidade deles, se está se comportando, se está sendo atendida, se está sendo feita a manutenção adequadamente, se não estiver, eles tem que fazer contato com a gente, procurar acertar os ponteiros... E aí vem a história da verba... Quem paga o quê. Que está difícil... então a gente tinha algumas verbas que a gente podia usar, hoje a gente não tem quase nenhuma.

C: Essas que tinha, você se refere a que tipo de verba? Era algum dinheiro específico? Porque tem a questão do dinheiro que vem para custeio, para projeto... né?

É, geralmente a manutenção é custeio mesmo. Aí quando vem equipamento novo é dinheiro de investimento. Ou obra nova, ou equipamento novo... Então nosso negócio não é nem obra nova nem equipamento novo, então geralmente é custeio mesmo. Que ainda tem alguma coisa, mas muito, muito tímida. Então os diretores... a gente tem conversado com os diretores e eles tem utilizado a Livre Ordenação, que eles escolhem ordenar as despesas deles e bancar algumas despesas necessárias para as manutenções. Então, enquanto é alguma coisa que se refere à manutenção que nós temos condição de atender, a gente atende, quando nós não temos condição, avisamos: "Falta isso..." aí nem-se esforços.

C: Aí esses recursos são das unidades, né?

Quando precisa, sim... Às vezes a unidade vai lá na PROAD e pede à PROAD para liberar um dinheiro... A PROAD é a Pró-reitora de Administração.

C: E a prática da manutenção, a execução, é realizada por quem?

Aí nós temos duas linhas de trabalho hoje. Nós temos as empresas terceirizadas, tanto na área de bens móveis como bens imóveis. Só que em todas as duas áreas nós temos também algumas equipes de servidores da casa. Você tem os antigos... Contramestres de ofícios. Se você descobrir o que é isso me fala. Um é contramestre de ofícios mas é eletricitista, o outro é contramestre de ofícios mas é pedreiro... Então nós temos duas frentes de trabalho, a que é feita com o pessoal da casa, o que não deve durar muito tempo porque eles estão perdendo a função pela idade, aposentadoria... e o pessoal das companhias terceirizadas, que nós temos alguns problemas por uma falta de possibilidade de pagar.... Eles ficam com algumas verbas e medições que não são pagas e aí eles têm dificuldades com os operários deles também... Então na verdade nós temos duas linhas de trabalho... com as terceirizadas, tanto no imóvel quanto no móvel, e nós temos o pessoal da casa, tanto no imóvel quanto no móvel... Nós temos técnicos de refrigeração da casa...

C: E pessoal da casa está dividido como hoje? Por Campus?

Eles estavam divididos por Campus, meio espalhados. Nós temos feito um trabalho de concentrar o pessoal.

C: E aí eles agem sob demanda específica?

É... agem sob demanda porque, na verdade, a manutenção preventiva é muito complicada no nível em que nós estamos. Na verdade, acho que nós vamos ter que chegar a um nível um pouco superior para poder desenvolver uma atividade preventiva aí que seja eficiente. Por exemplo... Vou te fazer uma pergunta, você é arquiteta?

C: Sou.

Qual é a manutenção preventiva para concreto armado?

C: É... agora tem começado a se falar um pouco disso para o patrimônio moderno né...

Qual é a manutenção preventiva para concreto armado? Em alguns prédios, naqueles beirais ali, aquelas beiras caem... Aí alguém diz que vai matar um aluno... aí você já sabe da história né? Por que que aquilo cai?

C: Provavelmente a armação dentro está oxidando né...

E por que que ela está oxidando?

C: Porque a camada de cobertura é muito pequena...

Isso... O cobertura... Bingo, acertou...[risos] então, não existe uma manutenção preventiva que pressuponha que na fiscalização da obra a camada de cobertura não foi observada e cobrada pelo fiscal... Então não dá para adivinhar... Então você tem, na área de concreto armado, mais manutenção corretiva do que preventiva. Em imóvel, a manutenção preventiva se resume a você acompanhar o funcionamento das portas, ferragens de portas, pintura, esquadria de alumínio... isso você já faz uma manutenção preventiva... lubrifica, coloca vaselina líquida, vê se está funcionando ou se não está... Fora isso, você não tem muita manutenção preventiva... Agora, para o equipamento tem... o ar condicionado... o certo é você tirar todo mês fazer uma lavagem, verificar as [inaudível], verificar toda a parte de refrigeração propriamente dita né... Isso para o ar condicionado... No extintor de incêndio é só ver se está vencendo a carga para fazer a recarga... e na área elétrica você tem uma manutenção preventiva importante que não é feita há muitos anos aqui na UFF... Nós tivemos um trabalho agora no fim de semana e passamos por um aperto por falta de manutenção preventiva, porque foi um trabalho feito com média tensão, 13 kV, um acidente desses geralmente é fatal... pegou, morreu... então nós passamos um dobrado ali e estamos inclusive trabalhando para montar processos de manutenção de subestação, porque nossas subestações estão há 15, 16 anos sem manutenção... as nossas redes, por exemplo, nós trocamos alguns postes. Quando nós tiramos os postes, a cruzeta do poste quebrou... Quebrou na cara da gente... Quer dizer, quebrar uma cruzeta em uma linha de alta tensão é um negócio sério... Se tivesse quebrado com carga, tinha explodido uma porção de coisas aí... Então a gente tá muito preocupado com essa área elétrica e estamos implementando um trabalho de manutenção preventiva, pedindo para contratar algumas empresas que ofereçam este trabalho... Basicamente é isso..

Como é que funciona? Que você me perguntou... Tudo por Ordem de Serviço. A responsável pela unidade, qualquer uma das unidades, manda um e-mail para nós aqui pedindo uma Ordem de Serviço e a gente manda o técnico ir lá saber se aquilo é procedente ou não é para atender e, o que não pode ser atendido, aí nós temos um levantamento das OS's que são atendidas e as que não são atendidas. Dentro dessas que não são atendidas, a mim interessa o que? O porque que não foi atendida. Aí você tem vários motivos. Geralmente o não atendimento é por falta de material. Geralmente é isso... E se prende à uma alocação de verba. O funcionamento é esse.

C: Então, pelo que você está comentando, não são realizadas pela equipe da manutenção vistorias para a identificação de problemas. Isso seria uma atribuição da unidade que faz a solicitação?

A gente as vezes faz, mas não é muito comum. Geralmente é a unidade que diz: "Olha, estamos com um problema aqui em tal lugar, você pode mandar alguém para ver?" E aí a gente manda alguém para ver. Porque nós temos 88 prédios... e nós não temos 88 pessoas... Então se você quer vistoriar 88 prédios, todos os andares, todas as salas... Você pode esquecer...

C: Não tem gente o suficiente né...

E, na verdade, não é necessário. Pelo menos, hoje, não é necessário... Porque você vai fazer uma vistoria para quê? É mais na parte elétrica. Essa nós estamos correndo atrás, essa nós vamos fazer.

C: Voltando um pouco ao assunto das empresas terceirizadas. Hoje, qual é a empresa? Tem algum contrato ativo hoje?

Tem. Para a manutenção predial você tem uma empresa chamada Cetesa.

C: E a contratação dessa empresa conta com quais especialidades? De equipe mesmo...

São quase 80 pessoas. Você tem do servente ao engenheiro.

C: O servente que você diz é de manutenção mesmo né?

É, ajudante de manutenção.

C: Limpeza é outro setor né?

Exatamente. Servente é o cara que carrega...

C: E como é a distribuição. Por Campus? Você comentou que estava agrupando-os...

Essa distribuição, nós temos aqui, Niterói e interior. Em Niterói, nós temos uma distribuição por Campus. Tinha uma parte no Gragoatá, uma parte no Valonguinho, uma parte na Praia Vermelha que é pequena.... e o meu trabalho é de aglutinar esse pessoal. Eu estou tirando disso e colocando todo mundo junto porque eu descobri um desvio de hora operacional muito grande. Você tem que ficar tomando conta de um cara que tá longe. Quer dizer, o seu patrimônio está fora dos seus olhos e longe de você... então nós estamos trazendo, começamos a trazer esta semana.

C: Aqui para o Gragoatá?

Isso. A gente desce aqui, vai ali em um galpão e estão todos ali. A equipe está toda ali...

C: E aí, para o serviço em outros campi...

A gente pega o carro e vai fazer. Temos três carros disponíveis.

C: Mas são visitas programadas?

É programado. Quando tem uma emergência, vai na hora...

C: Também de acordo com demanda?

É... mas em emergência vai na hora. Agora, no interior, nós temos seis equipes alocadas em seis unidades. Vai permanecer deste jeito, mas nós estamos fazendo uma pequena redução no contingente em função da dificuldade de verba. Nós estamos diminuindo um ajudante em cada local. Em Volta Redonda nós temos uma equipe no aterrado, uma equipe na vila... nós estamos transformando em uma equipe só para atender aos dois. Aí é o caso de um dia atende uma e um dia atende outra. Aí os diretores se organizam lá, o pessoal fica sediado lá e a gente faz a supervisão periódica, faz o acompanhamento. Então, na semana que vem eu vou viajar. Eu vou à Volta Redonda e Angra. Porque eu estou treinando o pessoal novo que chegou...

C: Novo desta equipe de manutenção?

Nossos, aqui da Soma. Os concursados que chegaram...

C: As idas a outros campi então terão dias certos, para ir a cada Campus?

É, a gente programa dias certos porque existe uma lei de que para pedir a diária tem que pedir com 10 dias de antecedência. Se quiser dar uma incerta, você dá sem a diária. Existe um dispositivo legal que é você justificar pedir a diária com uma antecedência fora dos 10 dias. Mas a gente evita isso...

C: E qual que é a periodicidade mais ou menos?

Todo mês. Mês passado agora, 29 de agosto, nós fizemos uma viagem que em dois dias nós rodamos quase 800km. Quatro unidades.

C: E, no caso, aqui em Niterói mesmo.

Aqui é todo dia.

C: Todo dia faz essa rotina nos outros campi?

Aqui a gente perturba os caras todos os dias.

C: Então eles estão concentrados aqui, mas eles saem todos os dias para atender?

Saem na medida do possível, da programação, da demanda... muito em função da demanda. Tanto eles, quanto o pessoal da refrigeração... todos eles.

C: Outra coisa também é em relação aos jardins. Os jardins também tem uma empresa contratada?

Era para ter, mas foi cancelado por falta de verba...

C: E dentro da equipe dos técnicos da Soma. Tem alguém que tenha essa especialidade para o tratamento dos jardins?

Não. Aqui na CMA não... Nós temos a Janie, que é diretora / coordenadora do Horto Viveiro, que dá um atendimento super legal para a gente... Tem o pessoal aqui que a gente chama de "Swat", que foi admitido agora de novo e que tinha sido mandado embora e agora voltou. Esse pessoal da swat faz capina, corta grama, arranca...

C: Swat, como escreve?

É a swat americana mesmo.... [risos]

C: E isso é o quê? Uma empresa contratada?

Eles estão na empresa contratada, que foi assinado semana passada, que é a Rio-Minas. O contrato foi, se não me engano o 29. Posso te falar aqui, porque está no meu e-mail. Contrato 29/2019. Basicamente esse pessoal da Swat entra neste contrato como auxiliar... assistente... auxiliar de almoxarife. Na verdade eles carregam coisas... aí nos temos motoristas, um fica com o caminhão e outro fica com a van. E aí, a gente, pela van, e com o auxílio do pessoal da Swat, faz os deslocamentos... pega material inservível, leva e busca... já foi no interior buscar material de inservível que já foi objeto de processo de desfazimento... toda aquela teia de trabalhos que a gente já conhece...

C: Eles que você falou que fazem capina, manutenção do jardim...

Às vezes... eles fizeram mês retrasado, em julho... Mas foi uma demanda feita, uma autorização que eu não sei como que não passou por mim, mas foi um trabalho grande aí, diariamente, porque a empresa que estava programada para isso não quis assinar o contrato. Assinou o contrato mas não quis assinar a autorização porque só fazia se estivesse com o empenho total... mas com o empenho total ninguém consegue fazer mais nada! Era um contrato grande, igual a esse 29... É um contrato de 22 milhões por ano! Você não consegue fazer um empenho de 22 milhões, você vai fazendo por etapas... Aí eles não aceitaram... Aí pegou-se então, mas como último recurso, não é uma coisa habitual...

C: E poda de árvore, eles fazem também?

Muito pouca. Fizeram uma vez, mas muito pouca. Poda de árvore, teve um problema lá... na semana... na faculdade de vocês lá... que o Diretor pediu, a Janie foi lá... aí tem o problema da Janie também né... o cara pede para podar, a Janie vai e diz que não dá... aí vira uma confusão... Eu nem quero me meter nessa discussão! Pode podar? Pode... Não pode podar? Não pode. Eu não vou entrar no mérito de ser juiz disso...

C: Ela que faz esse critério?

Ela é a pessoa que faz...

C: A equipe deles não tem alguém né... biólogo... é só o pessoal que faz, né?

Não não... é só braçal...

C: E para a contratação dos serviços das empresas terceirizadas, os Termos de Referência contam com algum tipo de Plano de Manutenção?

Todos, sim.

C: E isso tem acesso público? Eu posso consultar?

Tem... o processo é público.

C: Como eu posso fazer para consultar?

Tem que pegar o... o da manutenção predial.... [...]

C: Eles são digitalizados?

São sim...

C: Esse, por exemplo, que você comentou. O Contrato 29/2019, também....

Ta aí nos documentos da UFF... nós pegamos pelo computador...

C: Busca através desse número ou do número de processo?

Acho que pode ser através desse número.

C: Qualquer coisa, se eu tiver dificuldades de encontrar, você pode me passar?

Te passo aqui, per aí... [...] Olha, esse 29/2019 você pode encontrar na PROAD. O Coordenador de contratos é o Sr. João Moraes.

C: Aí, no caso, todos os serviços de contratação ficam com ele? Inclusive as contratações que não são relacionadas à manutenção, como projetos, obras?

Sim, exatamente.

C: Entendi... Então a determinação dos serviços a serem executados parte da demanda das unidades, principalmente, e chega até vocês e...

As vezes tem coisa que a gente manda fazer... a gente percebe que precisa, aí a gente emite uma OS espontânea. Uma OS emitida por mim, pelo pessoal que trabalha aqui no Soma...

C: Entendi, mas tem a OS de qualquer forma né?

Tem que ter porque, antigamente, a gente fazia muita coisa na base do "vai lá, faz e executa..." Aí no final você descobria que você antendeu a 200 demandas e registrou 30. Aí você perde a capacidade de produção.

C: Entendi. E a SOMA tem alguma maneira diferenciada de proceder na manutenção dos bens tombados? No caso de edifícios históricos...

Não, a preocupação nossa só é, na hora de fazer, porque tem que ter contato com a direção e com a SAEP né? Aí é que tem as pessoas indicadas para isso. A gente não...

C: Neste tempo que você está no cargo, já teve alguma demanda na Escola de Arquitetura?

Teve um pedido, mas que não foi possível atender ainda.

C: Você se lembra o que era?

Ah, era uma porção de coisas que o Diretor pediu: rachadura nas paredes... uma porção de coisas... mas a gente não pôde atender ainda.... A Janie esteve lá com eles....

C: É... você comentou da árvore, quando passei por lá vi que tinha uma árvore caída..

Ela passou lá, conversou com eles... explicou...

C: E este levantamento das OS's? Uma coisa que seria importante para o meu trabalho era ver a quantidade de OS's que foram emitidas pela Escola de Arquitetura. Vocês teriam só do tempo que vocês entraram ou anteriores também?

Acho que não temos... Anterior nós não fizemos. Eles não faziam e nós não fizemos. Aí nós começamos a melhorar... Nós temos isso aqui, mas nos começamos a melhorar há pouco tempo. Na verdade, foi no mês passado. No mês de agosto...

É, tem muito pouco tempo né...

Aqui [mostrando arquivo com Relatório mensal de Manutenção] Tem que ver aqui... Niterói, aí campus do Gragoatá... aí tem que ver, se está na Praia Vermelha, vai aparecer algum levantamento lá. Eu vou mandar esse levantamento para você! Me passa seu e-mail...

C: Ah, legal, obrigada! E essa mais recente, que você comentou que eles mandaram, essa também é possível ter acesso?

Não foi muito recente não. Foi no começo da nossa atividade aqui. Deixa eu perguntar à Vanessa se ela tem, não sei se ela tem não....

C: Ótimo, obrigada.

C: E a pergunta seguinte é se vocês, aqui na manutenção, têm algum contato com os órgãos de tutela de patrimônio, ou seria a SAEP?

A SAEP cuida do Patrimônio...

C: Mas quando eu digo Patrimônio é me referindo ao Patrimônio Cultural...

Ah não... estou falando do Patrimônio físico...

C: Seria mais o caso do pessoal da SAEP também né....

Também não sei se eles têm... não tenho certeza...

C: E a destinação dos recursos para as ações de manutenção, seria de custeio mesmo, né? É uma verba fixa, mensal, entra no planejamento anual, como é?

O certo é entrar no planejamento anual né, mas existem cortes... Esse corte aí foi desastroso... Mas a gente não tem muita... Hoje a gente não tem um Norte... O que vem, a gente vai usando... Não se tem um planejamento financeiro e econômico... não tem como...

C: E a questão da manutenção preventiva nos bens tombados... Você mencionou o concreto, mas lá, por exemplo, é telha cerâmica, madeira... Tem alguma pretensão de se programar algum tipo de planejamento diferente para edifícios que tenham essas especificidades?

Olha, a pretensão a gente tem, mas...

[interrupção]

A gente estava falando dos recursos né... Porque você contrata um negócio de 20 milhões e não chega a 20 milhões... Não chega a 10, não chega a 5.... às vezes não chega a nem 2! Aí você vai fazer o que? Você que contratou fica com cara de bobo.

C: E eu tinha te perguntado em relação à Escola de Arquitetura e você estava comentando que pretensão até tem, mas...

Pretensão eu tenho até porque eu gosto muito disso. Eu comecei no serviço público na Fundação de Arte de Niterói. A gente cuidava ali do Museu do Niemeyer, do Jambeiro, do Teatro Municipal. Então eu até acho legal essa parte. No Teatro Municipal tinha coisas muito bonitas que a gente cuidava. E a gente fazia Manutenção Preventiva lá... Tinha coisa lá que era pintada a ouro. Você não tem ouro para pintar mas tem o dourado, né?

então nós fizemos muita coisa lá pela Fundação de Arte de Niterói...

C: Não sei se eu mencionei tudo... minhas perguntas neste sentido são porque meu Mestrado é um Mestrado Profissional. Dentro da dissertação a gente também tem a atribuição de fazer um produto de aplicação prática... E, para a Escola de Arquitetura, o que eu estou preparando como produto prático é um caderno, um conjunto de fichas para serem realizadas inspeções nos edifícios, com mapeamento de danos... E a ideia é que essas inspeções sejam realizadas junto com os alunos nas disciplinas de arquitetura.

É... a Fiocruz é o [inaudível] em fazer isso... o pessoal da Ficha de inspeção... Eu trabalhei com a Mônica lá no Antônio Pedro, ela era da Fiocruz. Mas não acredito muito só na ficha de inspeção não...

C: O que você acha que poderia fazer uma diferença realmente neste sentido?

Eu acho que o que poderia fazer uma diferença é você ter um levantamento verdadeiro das especificações originais.

C: Dos elementos arquitetônicos?

Tudo...

C: De todo o edifício né...

Porque você chegar lá e dizer que o revestimento... você fez a inspeção mensal do revestimento e ele está deteriorado, tá, isso quer dizer o que?

C: Você tem que saber qual que é a patologia daquele revestimento e como pode intervir né?

O que que eu vou consertar... porque aí eu pego um pedreiro e digo: "conserta aquele emboço ali..." Aí vem o arquiteto e se mata, e dá piti e se atira pela janela porque quebraram um negócio lá que foi feito por Dom João VI... Então você precisa... e isso eu trabalhei muito aqui na Fundação de Arte de Niterói...

C: De um conhecimento aprofundado do bem né?

Você saber o que que você se... O primeiro trabalho meu, eu ainda era estagiário, foi em uma igreja chamada Igreja da Nossa Senhora da Lapa dos mercadores, na Travessa do Ouvidor... Essa igreja tem uma santa de mármore de 1,60m de altura, de não sei quantas toneladas. E nós chegamos lá e eles estavam lavando a santa com Veja Multiuso... a arquiteta se matou... [risos] aí a gente começou a desenvolver... aí você tem que saber: de que é aquela imagem? Aquela estátua foi produzida com qual material? Esse material pode ser manuseado utilizando quais produtos? Outro foi o museu histórico, daquele da parte histórica, que foi do Iphan... porque eu fui empreiteiro antes de ser servidor público... então eu tinha uma firma, eu gostava muito de fazer esse tipo de trabalho... E nós fizemos lá no Palácio Capanema... Você tem o Hall do Palácio Capanema que é feito com um mármore que é chamado Mármore Amarelo Lisboa. É um mármore amarelo, não é granito, é mármore, e é muito bonito. Só que ele estava completamente sujo e precisava limpar. Aí vieram várias ideias.... passa Odd, passa cera não sei o que... nada disso! Aí veio a Johnson e apresentou um produto de limpeza que consistia em um produto para retirar a película que estava suja e reconstituir depois com outra película. Quase como se fosse um selador. Custou uma nota preta, foi feito pela Johnson e homologada pelo Iphan. E aí, só vendia uma quantidade que dava para polir 10 palácios Gustavo Capanema. E eu tive que comprar, mas depois saí usando em tudo quanto é piso, porque era meu... Então nós fizemos esse trabalho no Palácio Gustavo Capanema que foi muito bacana. Fiscalizado pelo Iphan na época.

C: Bom você mencionar a pedra porque é justamente um material que as pessoas acreditam ser super resistente, que se pode fazer qualquer coisa, mas não pode...

Mas não pode... Joga Coca Cola para você ver... Fizemos também a Casa de Benjamin Constant em Santa Tereza. Aí tinha uma árvore que estava caindo e jogando o muro no chão. O muro... era uma casa assim, do tempo do Dom João charuto... Então você tinha que manter aquela casa e também tinha que manter a árvore, não podia derrubar a árvore... Então foi feito um projeto estrutural em que a gente escavou a terra em volta da árvore e fez uma estrutura como se fosse uma sela de cavalo, com tração positiva, funcionando como tirante, e ancoramos lá atrás no talude, trabalhoso... Essa parte de Patrimônio Cultural, você tem muita coisa para fazer, mas depende de verba, depende de quem esteja na cabeça né... porque tem que ter um grupo que conheça o assunto né, que eu acho que aí tem que ser multidisciplinar, tem que ser arquitetos, engenheiros, químicos. E acho que tem que ser pé no chão. Não adianta delirar porque se não não vai chegar a lugar nenhum... Se você tiver esse trabalho prévio, você pode programar a manutenção prévia também... agora, a manutenção para... é só para lamentar né... "ah, que pena... acabou, quebrou, né? O IACS também... O IACS 1, conhece? Há 20, 19 anos atrás mais ou menos, eu ainda era empreiteiro também e fiz pela minha firma a restauração do Casarão. Eu fiz e gostei porque aquele casarão... eu morei naquela rua... Sabe aquela casa do Eduff, não, Aduff? Que tem um mangueirão enorme? Lara Vilela, n. 110... Eu fui criado nessa casa e a gente jogava bola no IACS, que era o colégio Bittencourt Silva. Esse casarão é onde era a sede do colégio e, no andar de cima, morava o dono, Sr. Bittencourt, o professor Bittencourt Silva com a mulher dele que era professora também, Dona Regina. Aí tinha o IACS, que era uma quadra né, o colégio, e do lado tinham duas casas em que moravam os dois filhos dele. O que morava embaixo era o Gugu, esse que foi da praia, que fez o projeto Gugu não sei o que... Que morreu no ano passado, famosíssimo em Niterói... Ele foi o primeiro ortopedista de Niterói que operou o menisco do Gerson, jogador de futebol... e quando o Gerson ia para lá, agradecido, ele ensinava a gente a bater falta... Então eu falei: "Ah, essa obra eu vou pegar!" E nós fizemos um trabalho lá... descascamos a casa toda... disseram que ia cair, aí a obra estava [inaudível], eu levantei 14cm com o macaco hidráulico. Foi um trabalho bem interessante... Mas depois disso não se fez mais nada! As esquadrias apodrecem, manda trocar um... E o que a gente faz hoje é um paleativo, está caindo a janela a gente vai lá e bora uma dobradiça, se não der, trava a janela... Mas isso não é manutenção.

C: Entendi... Não sei se você chegou a ficar sabendo, porque você está há pouco tempo, mas em 2017 teve um projeto em parceria com a Fiocruz na Escola de Arquitetura. Foram feitas intervenções em alguns elementos de madeira e, daí, continuou tendo uma matéria optativa dentro da Escola de Arquitetura em que, semestralmente, os alunos fazem manutenção de esquadrias: lixamento, pintura...

Não sabia não...

C: Seria interessante que tivesse uma parceria...

Mas se esse trabalho, se essas unidades passarem essas informações, na verdade isso é o resultado né... é como se fosse pesquisa farmacêutica... Você pesquisa e diz: "agora você pode fazer. Isso aqui é um remédio..." Aí o cara faz um remédio e salva a vida de uma porção de gente... Então se pudermos mandar isso para a gente, para o nosso pessoal da manutenção, para a gente saber o que fazer, aí ficaria mais fácil né... Hoje a gente não tem este canal... Porque a pessoa que faz esse projeto entende de projeto, que é diferente de programa... projeto tem início, meio e fim. Terminou, terminou. Programa não tem fim. Então se o projeto fizer nascer um programa, você passa a ter uma manutenção para preservar aquele bem. Isso que é o que as pessoas não percebem...

C: No patrimônio é o que chamam de Conservação programada... Lá na Fiocruz...

Mas na Fiocruz você tem um setor para isso... a coisa do relógio, da Casa de Oswaldo Cruz... Eu também já fiz um trabalho naquele relógio... fiz a oficina daquele setor de Patrimônio Histórico... A oficina quem construiu fui eu... Quem me fiscalizou na época, que estava começando lá, você deve conhecer... foi a Cristiane Cabrera.

C: Acho que não conheço não...

Ela fez inclusive doutorado lá, em bens históricos... Ela foi trabalhar com a gente no Antônio Pedro, é muito minha amiga...

C: Mas ela ainda tá lá?

Não, agora está no Antônio Pedro...

C: Ah sim, então deve ser por isso que eu não conheço...

Então ali na Fiocruz você tinha um departamento específico que a administração olhava para ele...

C: É, eu acho que é uma das poucas instituições que conseguem realizar a Conservação, muito por isso...

Aqui não... aqui o cara quer fazer o projeto, ele tem que fazer o projeto mas ele tem que se afirmar como autor do projeto, tem que dispersar autoridade maior do que ele para dizer: "Isso é uma coisa importante, vamos tocar para

a frente..." Para ir lá no Reitor... Para o reitor falar com o Ministro... Aí no final você não chega em lugar nenhum... Aí você pega uma verba de uma Faperj dessas, faz o projeto e acabou... quem quiser que bote... Por exemplo, nós agora estamos desenvolvendo um programa aqui. Não é de bens tombados, mas é um negócio que eu acho importante e que é uma coisa barata. Estamos tentando grana aí para fazer um programa de, uma oficina para a recuperação de equipamentos, bens e utensílios... eletrodomésticos da universidade... Aí a gente batizou com o nome de "Oficina Garantia Estendida".

C: Legal... E isso seria algo em parceria com a...

Nós já temos o lugar, temos os técnicos, a lista do que a gente precisa e agora nós vamos pedir grana para isso... O vice-reitor está empolgado com isso...

C: Mas teria alguma relação com os cursos? Para os alunos participarem também?

Uma das coisas que vai ter é isso... Vamos colocar alguns alunos para aprenderem alguma coisa... Mas o negócio é para funcionar mesmo... Você tem um microondas do seu setor aqui, tombado, leva lá que a gente conserta... uma coisa para valer... Não adianta ficar só no delírio...

C: Entendi. As perguntas seguintes aqui eram sobre a sistematização das ações que foram realizadas... isso acho que seria mais da gestão anterior... o que você comentou que tem...

O mapeamento de processos... é... tem o mapeamento de processos deles, mas nós não fizemos o nosso...

C: E esse deles você comentou que não tem utilizado muito...

Não tem muita diferença, não tem porque... O que a gente está mudando agora, e até eu mesmo que estou preparando isso, mais na área de manutenção predial... eu estou preparando um Termo de Referência em que eu vou usar uma tese minha de 05 anos atrás, acho que em 2014... Eu estava no Antônio Pedro ainda e eu fiz um curso de gestão pública, em que o meu tema foi a manutenção predial do hospital Antônio Pedro. Um estudo de caso. E ali eu comecei a plantar uma semente, que já aconteceu lá e vai acontecer aqui, que é o seguinte: contratar a manutenção predial em que você tenha três itens básicos de contratação: um da manutenção permanente, isso é importante, uma equipe que você disponha permanentemente. Um item que vai ser o percentual do fornecimento de material, porque a gente tem muito esse tipo de problema... Você vai fazer a manutenção aí falta um sifão... aí você vai ver e acabaram os sifões... aí você tem que fazer uma pesquisa para se fazer licitação de pregão do sifão... Quando o sifão for pregoado, que for homologado, o repolho que caiu ali já acabou há muito tempo, entendeu? Então alguns materiais a empresa terceirizada vai fornecer. A gente vai estabelecer um percentual. Esse material, acho que é 8% do valor mensal da equipe permanente. Não pode passar disso, se não vira festa... E a outra alíquota é para a contratação de serviço não habitual. Por exemplo, você quer reformar essa sala aqui. Pintar, consertar os armários... uma lista de serviços. Então eu faço essa lista aqui, a pedido da unidade, que pede. A gente calcula o preço unitário pelo Sinap e faz um orçamento. Esse orçamento sendo autorizado pelo superintendente, a gente pega a própria terceirizada, ela executa e recebe aquele valor. Então seria um serviço sob demanda, um serviço não habitual... Aí se não me engano é 10% do valor da equipe permanente... E vou botar também um valor correspondente ao fornecimento de veículos... Isso, aqui... depende do lugar... aqui precisa, tem lugar que não precisa. Aqui nós somos cabeça, tronco e rodas. Nós temos que ter carro, se não a gente não atende... Agora, no Antônio Pedro não precisa ter carro, é tudo ali...

C: Ainda sobre a sistematização. Como eu poderia pesquisar no material antigo? Teria que ser com eles ou vocês tem aqui?

Você tem o contrato vigente que foi feito por eles, que dura 05 anos...

C: Eu digo assim, o levantamento de OS's anteriores na Escola de Arquitetura.

Aí tem que ser com eles...

C: E quais são as maiores demandas que você percebe até agora, nos edifícios, de uma maneira geral?

Parte elétrica... Porque você, com o progresso, cada dia fica mais elétrico. É aquela coisa: "não use sua energia, use a light..." Antigamente tinha uma propaganda dessas, antiga, que você não é desse tempo... incentivando as pessoas a usarem o elevador...

C: Hoje é o contrário né...

É o contrário... Hoje em dia você... é fácil... as pessoas tem que fazer um regime se não elas engordam pela própria indolência delas... Isso aqui, por exemplo [celular] é impressionante... aqui você tem um processador 10 vezes mais poderoso do que os mainframes da época em que se foi à lua... Sabia disso?

C: Não sabia não...

Então fica sabendo... E tá saindo mais... Vai chegar uma hora em que... as armas da terceira guerra eu não sei quais são, né? Mas as da quarta vão ser o tacape e o machado... porque vai envolver...

C: E tem algum outro aspecto, nesse contexto todo, que você gostaria de mencionar, que a gente não conversou?

Eu acho que o que você pode realmente ressaltar, pode frisar bem no trabalho que você está desenvolvendo, é aquilo que eu falei... Não adianta você ter o projeto, tem que ter o projeto vinculado ao programa. E constante... é importante você municiar quem vai botar a mão na massa... mas qual massa ele vai botar a mão? O que ele vai fazer? O que é preciso ele saber para fazer o trabalho dele direito? Eu tiro como um dos exemplos o IACS velho... As janelas tinham sete demãos de pintura... nós descarregamos... Provavelmente seis caras fizeram manutenção lá e ninguém falou para eles: "meu filho, descarrega a pintura..." Isso serviu para a gente saber a cor original. Lá na casa de Benjamin Constant, a diretora descobriu a cor original pelas descargas que nós fomos fazendo. Então acho que você poderia mencionar... minha sugestão é essa...

C: E a questão de você conhecer bem o que você vai intervir né... fisicamente também...

Conhecer bem, o material, orientar, levar, instruir, ensaiar, bater mesmo... exaustivamente nessa tecla...

C: Porque hoje, com as condições de equipe mesmo, não se tem condição de fazer isso...

Hoje um esperneia de um lado, outro reclama do outro e o outro se defende... Não existe um trabalho integrado de equipe. Quer dizer, seria, na verdade, integrar as equipes...

C: Muito obrigada!!

De nada... espero que eu tenha ajudado em alguma coisa...

[Agradecimento e despedidas].

APÊNDICE 01e: RELATO REDIGIDO (ENCAMINHADO POR ESCRITO)

Jorge Baptista de Azevedo

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde

Mestranda: Camila Saturnino Braga Ennes

Depoimento n°: 05

Data: 18 de setembro de 2019.

Entrevistado(a): Jorge Baptista de Azevedo

Cargo/Função que ocupa: Professor Associado IV na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF).

Perguntas:

C: Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Jorge Baptista de Azevedo, nascido no Rio de Janeiro em 4/11/1959.

C: Você poderia contar um pouco de como foi sua formação acadêmica? (incluir datas)

Comecei fazendo Engenharia Mecânica em 1979, pois gostava de desenhar carros, lanchas, porém, quando vi que não tinha nada disso no curso, fui para a Engenharia Civil, ambas iniciadas na UFF. Nesta etapa eu tive uma disciplina de Desenho de Arquitetura, onde me senti muito realizado. Comecei a procurar conhecer o curso de Arquitetura e Urbanismo, frequentando muito o Casarão e gostando cada vez mais de suas pessoas e ambientes descontraídos (na época, os projetos desenhados à mão eram expostos nas paredes do Casarão). Sendo assim, em 1981 me transferei definitivamente para a graduação de Arquitetura e Urbanismo, concluída em 1986. Como já tinha realizado todas as disciplinas de Cálculos Estruturais e semelhantes, o curso fluiu muito bem. Meu Trabalho final de Graduação me rendeu o prêmio Arquiteto do Amanhã na Categoria Urbanismo, promovido pelo IAB.

C: Você se recorda como era a oferta de disciplinas relacionadas ao campo do patrimônio durante sua graduação?

Tivemos, como ainda hoje, uma disciplina teórica introdutória dos conceitos e princípios da preservação do patrimônio construído e outra para uma abordagem projetual. Fui aluno da Profª Cristina Mello e fizemos trabalhos em contatos diretos como as Fazendas Colubandê e a Fazenda de Pinheiral da UFF. Adorei essa disciplina de Projeto e a supracitada docente, somos amigos até hoje.

C: E neste período de sua graduação, como você percebia a relação dos alunos com os espaços físicos da EAU?

Éramos muito apegados e apinhados nos prédios ainda hoje reconhecidos como Casarão e Chalet. Mas possuíamos aula nas antigas instalações do IACS (que eu e meu grupo adorávamos frequentar, por sua diversidade de atividades culturais e pessoas interessantes), além de espaços como a Física, a Matemática e a Engenharia (essa, especialmente em seu antigo prédio era muito mal vista pelos estudantes, provavelmente pelo terror das disciplinas).

C: Encontramos arquivos de trabalhos realizados na disciplina da professora Maria Cristina Mello que utilizavam os espaços da escola como objeto de estudo. Em um dos trabalhos, foi realizada uma visita por parte de um ex-funcionário da Western Telegraph, com uma foto de sua participação. Você se recorda desta experiência? Pode contar um pouco a respeito?

Sim, eu tinha sido aprovado no Concurso para professor permanente da UFF, porém, por conta de problemas da Era do Governo Collor as posses de cargos se atrasaram muito. Nesse ínterim, em 1990 fui trabalhar no NEPHU e, em uma tarde solitária de verão, em pleno período de férias observei um casal de idosos caminhando pelos jardins da EAU UFF, eram o inglês Mister Cocks e uma amiga brasileira, já viúva de seu antigo companheiro de trabalho e grande amigo pessoal. Foi eu quem os recebi, ele tinha trabalhado aqui na Western Telegraph e, agora, na alta idade resolvera passear pelos lugares mais felizes de sua vida. Falou das antigas instalações, das pescas e banhos de mar encantados em uma baía completamente limpa e cheia de vida marinha, bem como ainda dos bailes que os jovens ingleses davam no Casarão; de onde saíram diversos casamentos com moças brasileiras. Aliás, os rapazes ingleses eram disputadíssimos, pois trabalhavam com a tecnologia de ponta da época e tinham excelentes salários. Ele me falou das instalações e que daqui saíam dois cabos submarinos que cruzavam o Atlântico em direção à África e Europa. Foi muito comovente esse encontro inesquecível, ele ficou muito feliz de saber que aquele local de tantas lembranças felizes tinha se transformado em uma Escola de Arquitetura e Urbanismo. Logo depois, ele nos enviou um material riquíssimo de fotos e textos sobre sua passagem na Western, demonstrando seu carinho e seriedade com a memória. Esse material, com acréscimos das etapas mais recentes na época, sob

coordenação da prof^a Isabel Eiras, e com meu auxílio e da prof^a Cristina Mello virou um conjunto de painéis sobre toda essa História da nossa Escola e ficavam dispostos na parede próxima da sala da Direção. Infelizmente, tais painéis foram retirados, cheguei a ver um deles jogado no fundo de uma sala. Lamentavelmente, somos um país sem memória mesmo, aliás, muitas vezes o que mais se promove é o apagamento proposital da própria história.

C: Você tem alguma recordação do processo de tombamento do conjunto da Escola?

Sim, como algo muito comemorado e comentado pela prof^a Maria Elisa Meira, primeira diretora desta Unidade. Afinal, seria uma salvaguarda da preservação das nossas instalações queridas, fato que foi muito celebrado. A Escola tinha muito mais recursos, era realmente lindo ver esses prédios bem tratados, foi toda restaurada no final dos anos 80, depois não se fez mais nada.

C: O jardim e a ambiência da EAU, assim como o convívio universitário que o espaço permite, são muito enfatizados nos processos de tombamento. Quais os principais valores que você reconhece neste conjunto dos jardins e edifícios?

Infelizmente os jardins foram modernizados com muitos equívocos projetuais. Eu preferia os três platôs que eram originários da ocupação dos ingleses, ou talvez mesmo guardassem reminiscências da chácara periurbana anterior. Os maiores equívocos foram o desmonte do eixo principal, ortogonal ao Chalet e tangenciando o Casarão, deixando um portão histórico abandonado, como se nada fosse. O aterramento para nivelamento do terreno despeja carga lateral nos muros que, por sua vez, não foram projetados para tal função. Provavelmente teremos problemas mais sérios decorrentes em breve, tanto do peso da carga imprevista como do plantio de árvores, com espessamento de troncos colados ao mesmo. O piso de paralelepípedos prejudica a mobilidade e a acessibilidade de diversos tipos de pessoas, apesar do bom aspecto drenante. Os canteiros criados não possibilitam conversas com olhares diretos entre as pessoas, ao contrário, faz com que cada ocupante olhe para um ponto distinto ao redor. O canteiro frontal ao Casarão funciona como uma barreira para as pessoas, que não ocupam boa parte do jardim. Em frente ao Chalet, o espaço aberto propicia atividades dos alunos como festas, jogos, montagens de instalações etc. O mesmo pode se dizer da lateral do Chalet que serve para festas e na qual foi criado um forno de pizzas, propiciando encontros e celebrações. Para finalizar abriram um portão novo de desenho pesado, rasgando o muro histórico. Saudades ainda do antigo banco circular, feito ao melhor estilo romântico de concreto imitando madeira, em que sentávamos vendo os outros e estudávamos textos, até com a presença do professor. A seleção do repertório vegetal foi a parte mais feliz do projeto, acredito que se deva ao professor Jorge Crichyno, conjugando plantas tropicais com os remanescentes arbóreos das antigas instalações.

C: Pode contar um pouco sobre a sua experiência em retornar a UFF como docente?

É muito bom poder retornar à sua antiga Escola como professor, mas, também é uma grande responsabilidade. A sensação, compartilhada com outros docentes na mesma situação é semelhante: como ex-alunos temos uma responsabilidade crítica e de ação bem maiores com a qualidade do ensino praticado, afinal vivenciamos na pele os pontos fracos e podemos investir em inovações consideradas necessárias. Eu era muito jovem, tinha menos de trinta anos, por vezes era repreendido pelos funcionários ao pesquisar os livros na biblioteca (na época só os professores acessavam os livros nas estantes, os alunos solicitavam no balcão). Entrei como auxiliar, pensei que iria acompanhar algum docente, mas logo vi que teria de fazer de tudo: aulas, orientações e até cargos administrativos... Realizei muitas atividades lúdicas com os estudantes que foram bem-sucedidas e, para embasar minhas práticas didáticas, senti necessidade de estudar mais o processo de ensino e aprendizado e, por isso realizei meu mestrado na área de Educação, aqui mesmo na UFF, considerado de excelência na época. O conhecimento da pedagogia e da didática foram muito importantes para a continuidade de minha trajetória docente.

C: Nas disciplinas que você ministrou até hoje, já utilizou alguma vez os espaços da Escola como objeto de estudo e exercícios? Pode contar um pouco a respeito?

Sim, na disciplina de projeto de Paisagismo, trabalhamos os nossos espaços dos jardins e muitas propostas interessantes surgiram. Chegamos a fazer, também, estudos para as antigas instalações do IACS.

C: Você conhece algum levantamento paisagístico que já tenha sido realizado no jardim?

Conheço, pois eu mesmo já utilizei esse material.

C: Se sim, você possui plantas? Sabe onde elas podem estar disponíveis?

Eu não disponho comigo, mas sei que elas existem ainda, pois são parte do antigo acervo técnico do escritório do Campus universitário da UFF, quando da realização do projeto de renovação dos jardins.

C: Quais você considera que são os maiores desafios para a conservação do conjunto da Escola?

A total falta de manutenção dos jardins, especialmente de suas forrações e equipamentos como luminárias, placas de sinalização inexistentes, adaptações para a acessibilidade, etc. Recentemente perdemos muitos exemplares arbóreos de figueiras, provavelmente por causa da presença de cupins de solo. Um jardim bem tratado precisa de

investimentos, cheguei a realizar e algumas oficinas de jardinagem com estudantes, trazendo mudas, adubos e ferramentas e custeando as mesmas. Lembro que durante muito tempo cobri uma mangueira para irrigação manual que nunca veio... Houve um verão em que todas as forrações feneceram por falta de irrigação, coisa muito triste que ninguém pareceu ligar. O último foi mais chuvoso e não observei maiores estragos, felizmente.

C: O que você deixaria como mensagem ou recomendação, hoje, para a comunidade acadêmica da EAU-UFF?

É preciso preservar e cuidar desses jardins e valorizar a sua importância para além da universidade. A UFF deveria fazer dele um de seus cartões postais, oferecendo uma possibilidade de espaço de lazer para o bairro, além de compor o sistema de infraestrutura verde da cidade. Existe toda uma série de fauna e flora que se beneficiam de sua estruturação e existência, destacando-se a importância de elementos de vegetação clímax que se desenvolvem na copa de suas árvores, tais como orquídeas, cactáceas e bromeliáceas nativas.

C: Gostaria de destacar algum aspecto que não foi mencionado?

Sim, me lembro de uma vez em que encontrei o professor Crichyno desolado a chorar por conta de um jardineiro que cortou o tronco trançado de uma trepadeira, popularmente conhecida como viuvinha (*Petrea subserrata*), apenas para “testar” um motosserra. Esse espécime nativo daqui era muito antigo, talvez fosse até plantio dos ingleses, dava floradas em profusão e, assim, também chorei por sua perda. De outra feita, o jardineiro cortou um pau-brasil com cerca de dois metros de altura, que fora doação do arquiteto Cândido Chutorianski em homenagem ao Dia da Árvore. Felizmente, essa foi resiliente e renasceu e hoje está enorme. Eu não sei o que acontece que a sensibilidade das pessoas parece que está desaparecendo e, que a vida, inclusive a humana, e que dirá a animal e vegetal, está sendo banalizada e reduzida por conta de qualquer dinheiro ou prazer do instante. Será que as pessoas não percebem o que está acontecendo? Contemplar a natureza e seu trabalho milenar não vale mais nada? O que está se perdendo com as chamas na Amazônia?

Apêndice 02: Produto

2a Guia de atividade

Guia de atividade: inspeção de danos

Oficina de Conservação

Elaborado por Camila Saturnino Braga Ennes como parte da dissertação de Mestrado, intitulada:

CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO EDIFICADO: Ensino e prática na Escola de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.
Rio de Janeiro, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Inês El-Jaick Andrade
Coorientação: Prof. Dr. Ronaldo de Moraes Brilhante

Dissertação vinculada ao
Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da
Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz (COC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).



Casa de
Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

eau.
escola de
arquitetura
e urbanismo
universidade
federal fluminense

Você já ouviu falar em Conservação Preventiva de bens edificados?

Onde surgiu?

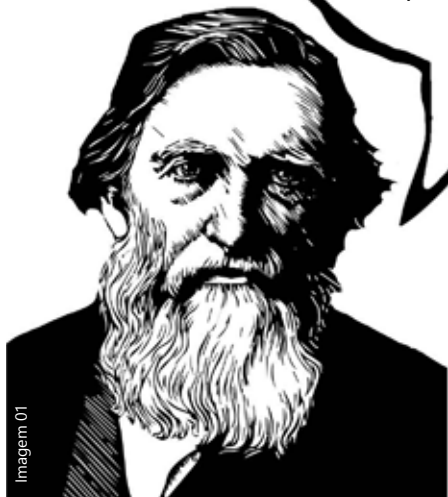
No campo do patrimônio cultural, a necessidade de um cuidado sistemático voltado para a conservação dos bens culturais edificados sempre foi identificada como a forma mais eficaz de se assegurar sua salvaguarda a longo prazo.

Desde meados do século XIX, nos debates da nascente disciplina de restauração arquitetônica, as reflexões sobre a urgência de uma abordagem preventiva já estavam presentes, compartilhadas por diferentes teóricos clássicos do campo da preservação, independentemente de suas visões sobre princípios e práticas de restauração, em alguns casos, até mesmo conflitantes. Esses teóricos tinham em comum o reconhecimento de que as atividades de manutenção eram fundamentais para evitar a necessidade de intervenções de restauração mais invasivas.

Ainda em 1877, destaca-se na Inglaterra a criação da *Society for the Protection of Ancient Buildings (SPAB)*, uma sociedade existente até os dias atuais que, desde sua criação, defendia a priorização de ações regulares de manutenção em detrimento de intervenções de restauração. Seu manifesto de criação foi escrito por William Morris, que aplicou de maneira prática as ideias desenvolvidas pelo teórico John Ruskin em 1849.

O princípio vigente hoje [...] consiste primeiro, em negligenciar os edifícios para depois proceder ao seu restauro. Tomai, atentamente cuidado, com os vossos monumentos, e não tereis nenhuma necessidade de restaurá-los. [...] Vigiai um velho edifício com atenção cuidadosa; protegei-o o melhor que poderdes, e a qualquer custo, de qualquer sinal de deterioração.

(Ruskin, 1996, p.27)



John Ruskin foi o principal teórico da preservação no século XIX na Inglaterra. Publicou *The lamp of memory* (A lâmpada da memória), como um capítulo da publicação *The seven lamps of Architecture* (As sete lâmpadas da arquitetura) em 1849.

O reconhecimento da importância da manutenção e de operações preventivas esteve presente também desde as recomendações internacionais das primeiras Cartas Patrimoniais voltadas para a preservação do patrimônio edificado:

**Carta de Atenas
(1931)**

Mencionava a tendência de substituir-se as reconstituições integrais, eliminado seus riscos, “pela adoção de uma **manutenção regular e permanente**, apropriada para assegurar a conservação dos edifícios” (IPHAN, Carta de Atenas, 1931, p.01)

**Carta de Veneza
(1964)**

O artigo 4º determinava que:
“A conservação dos monumentos exige, antes de tudo, a **manutenção permanente**.”
O artigo 9º: “A restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional”.
(IPHAN, Carta de Veneza, 1964, p.02-03)

Contribuições teóricas foram desenvolvidas na Itália com a introdução do conceito de “restauração preventiva” (*restauro preventivo*) por Cesare Brandi (1906-1988) nas décadas de 1950 e 1960, começando a enfatizar que as **condições ambientais em que o bem cultural se encontra interferem diretamente sobre sua matéria e, portanto, sobre sua conservação**. Posteriormente, Giovanni Urbani (1925 – 1994), expande o conceito, procurando desenvolver sua aplicação prática, introduzindo a chamada a chamada “conservação programada”. Voltada para os bens culturais edificados, esta enfatizava a necessidade de implementar ações programadas de prevenção e manutenção, que deveriam ser priorizadas sobre as intervenções excepcionais de restauração.

A utilização do termo “conservação preventiva” ganhou força nas últimas décadas do século XX, aplicado principalmente à conservação de acervos móveis e referindo-se às estratégias desenvolvidas para o controle ambiental, que contemplam medidas como o monitoramento e controle de umidade, temperatura, iluminação, dentre outros fatores, como a aplicação de protocolos e padrões de condicionamento, por exemplo, de modo a não agir diretamente sobre os bens. No desenvolvimento do campo da preservação arquitetônica, no entanto, o conceito tem se desenvolvido com algumas diferenças, visto que, geralmente, não há possibilidade de se realizar o controle das condições ambientais da mesma maneira que é realizado para as coleções móveis.

Uma comparação com a prática da medicina preventiva pode auxiliar no entendimento da Conservação Preventiva de monumentos e sítios históricos. Ela pode ser definida por três níveis de prevenção: 1) Prevenção primária: significa evitar as causas do efeito indesejado (dano); 2) Prevenção secundária: meios de monitoramento que permitem uma detecção precoce dos sintomas dos efeitos indesejados (danos); e 3) Prevenção terciária: meios que permitem evitar a disseminação adicional do efeito indesejado (dano) ou a geração de novos efeitos colaterais indesejados (danos). Esta concepção foi desenvolvida por Koenraad Van Balen (2015)

Prevenção primária	Prevenção secundária	Prevenção terciária
Evitar as causas dos danos	Detectar precocemente os sintomas dos danos através do monitoramento	Evitar a proliferação dos danos e o surgimento de danos colaterais

Tabela 01: Níveis de prevenção. Baseada nas informações de Van Balen (2015).

Desta forma a Conservação Preventiva no campo da arquitetura pode ser entendida como uma abordagem que busca atuar sobre as causas dos problemas que provocam perda de valor nos bens, podendo ser implementada através dos diferentes níveis de prevenção.

A **adoção de rotinas de inspeção** é um instrumento de prevenção secundária presente em todos os modelos de planejamento de conservação, que objetiva a detecção precoce de danos de maneira a possibilitar a adoção de medidas que evitem seu agravamento ou o aparecimento de novos danos.

Como o campo tem se desenvolvido no Brasil?

A prática do planejamento da conservação de bens edificados, com o estabelecimento de medidas preventivas, ainda é pouco difundida no Brasil. Espera-se que este contexto se modifique com a implementação da nova Política de Patrimônio Cultural Material do IPHAN, instituída pela Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018., que inclui Planos de Conservação entre os instrumentos de Conservação e Gestão do patrimônio cultural material.

Algumas iniciativas brasileiras, no entanto, já tem sido referência no desenvolvimento do campo, realizando práticas que abrangem os três níveis mencionados, como a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), o Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), o Centro Estudos em Conservação Integrada (CECI) e a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Em 2000, o IPHAN publicou o **“Manual de conservação preventiva para edificações”**, no âmbito do Programa Monumenta, organizado por Griselda Pinheiro Klüppel e Mariely Cabral de Santana, no qual são apresentadas orientações sobre: rotinas de inspeção, diagnóstico de problemas, sistemas construtivos, procedimentos de limpeza, pequenos reparos e onde pedir ajuda (IPHAN, 2000). Outras publicações, relacionadas à materiais e tipologias específicas, foram também desenvolvidas pelo IPHAN no contexto do program, como, por exemplo: Manual de Conservação de Telhados (1999); Manual de Conservação de Cantarias (2000); Manual de Intervenções em Jardins Históricos (1999), que contemplava a Conservação Preventiva e o Manual de Conservação da Arquitetura Nativitana (2008); além dos Cadernos técnicos: Madeira: uso e conservação (2006); Conservação e Intervenção em Argamassas e Revestimentos à Base de Cal (2008).



Para saber mais sobre o tema, confira as sugestões de leitura no final do guia!

Conhecendo nosso espaço

As metodologias de planejamento da Conservação pressupõem o conhecimento aprofundado dos bens, tanto em relação às suas características construtivas quanto às históricas e relacionadas aos seus valores culturais.

Parte-se do entendimento de que o Patrimônio Cultural é assim identificado devido aos valores que são atribuídos a ele pelos grupos que o vivenciam e que um dos objetivos da conservação deve ser salvaguardar estes valores.

Quais são os principais valores que você atribui ao nosso conjunto?
Você conhece o nosso processo de tombamento?

O conjunto da EAU-UFF possui tombamento estadual e municipal. O processo de tombamento estadual foi iniciado no Inepac em 1978, enquanto o municipal foi realizado em 1991. Em ambos os processos, são destacados valores relacionados à experiência e convívio da comunidade acadêmica com a ambiência e os edifícios. Não somente os edifícios são tombados, mas também o jardim do entorno, para o qual é dada grande importância nos pareceres dos órgãos.

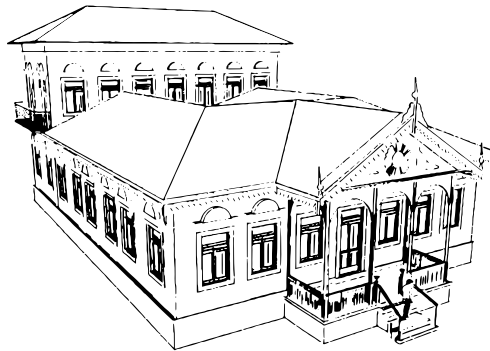
Nossa escola se destaca por ter sido um dos primeiros cursos de Arquitetura e Urbanismo a incluir disciplinas relacionadas à preservação em seu currículo básico. Desde a ocupação da Escola, o conjunto também tem sido utilizado em exercícios destas disciplinas. A última grande obra de Restauração do conjunto, realizada em 1991, inclusive, foi baseada em um projeto desenvolvido por alunos e professores da Escola. Uma pessoa que teve grande importância para isso foi a primeira diretora da Escola, a professora Maria Elisa Meira. Já reparou que nossa biblioteca leva o seu nome, em sua homenagem?



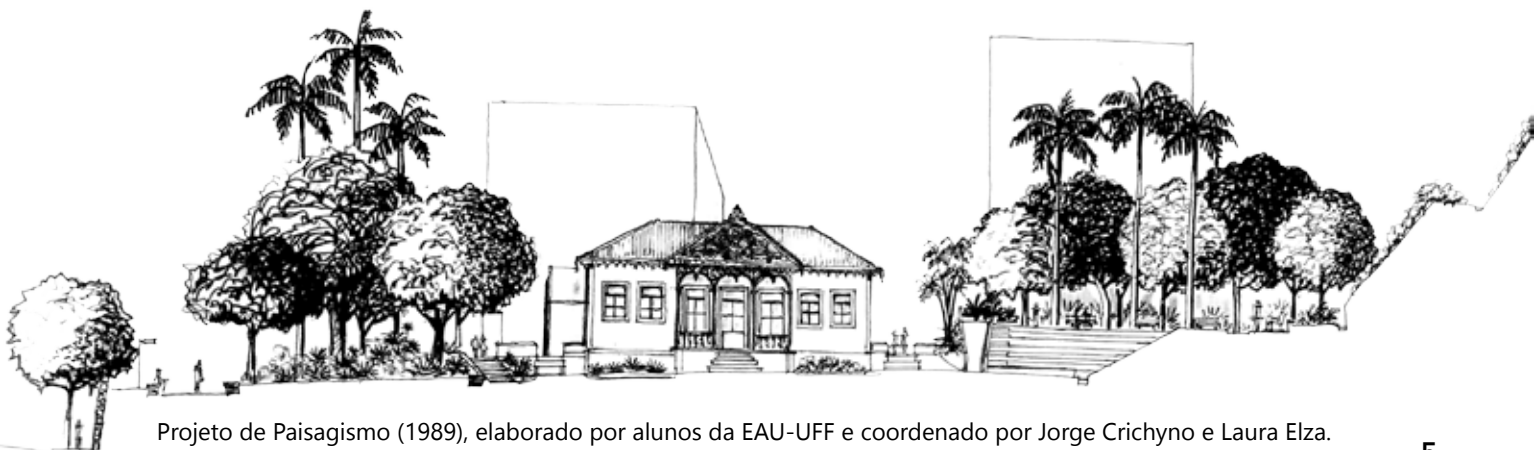
A história dos edifícios, no entanto, começa antes disso. O primeiro a ser construído foi Chalé. Apesar de, no seu frontão, constar a data de 1888, pesquisas realizadas para um TFG, pela ex-aluna Paula Donegá de Castro, e 2010, indicam a possibilidade de que, nesta data, tenha sido realizada uma intervenção em uma edificação pré-existente. O edifício fazia parte de uma chácara residencial e possuía, aos fundos, um segundo pavimento.

A construção do Casarão ocorreu após a ocupação da chácara pela companhia inglesa de telégrafos *Western Telegraph* no início do século XX, com a finalidade de alojar os engenheiros da companhia. Também foram construídos outros edifícios anexos ao Chalé, já demolidos, onde existiam os laboratórios da companhia. O conjunto passou por diferentes ocupações, intervenções e usos desde seu uso original até seu uso atual pela escola de Arquitetura e Urbanismo.

Uma das maiores intervenções ocorreu com a ocupação da universidade, que demoliu o edifício dos laboratórios e a parte do Chalé, que continha o segundo pavimento, para a construção do edifício identificado como Bloco E da Engenharia.



Castro (2010) também desenvolveu simulações de como poderia ser a volumetria do edifício antes das intervenções que o levaram à conformação atual. O desenho acima é uma delas!



Projeto de Paisagismo (1989), elaborado por alunos da EAU-UFF e coordenado por Jorge Crichyno e Laura Elza.

Colocando em prática

Na EAU-UFF, temos a oportunidade de cuidar do nosso espaço ao mesmo tempo em que aprendemos a colocar em prática medidas de conservação preventiva para o patrimônio edificado. As medidas de prevenção secundária são o foco desta atividade, através da realização de inspeções de danos nos espaços internos e externos. Propomos que, através do preenchimento de fichas de inspeção, possamos acompanhar o estado de conservação dos nossos edifícios, monitorando os danos e refletindo sobre a prática da conservação preventiva.

Mas o que seriam estes danos?

Consideramos o dano de acordo com a terminologia sugerida pela versão portuguesa do Glossário Ilustrado das Formas de Deterioração da Pedra (2008), publicada pelo ICOMOS, que pode ser aplicada a outros materiais.

A publicação considera a seguinte terminologia:

ALTERAÇÃO

Qualquer modificação do material. Não implica necessariamente um piorar das suas características do ponto de vista conservativo. Por exemplo, um revestimento reversível aplicado sobre uma pedra pode ser considerado uma alteração.

DANO

Percepção humana da perda de valor causada por deterioração.

DETERIORAÇÃO

Sofrer ou infligir uma redução da qualidade, valor, carácter, etc.; depreciação.

(ICOMOS, 2008, p.08)



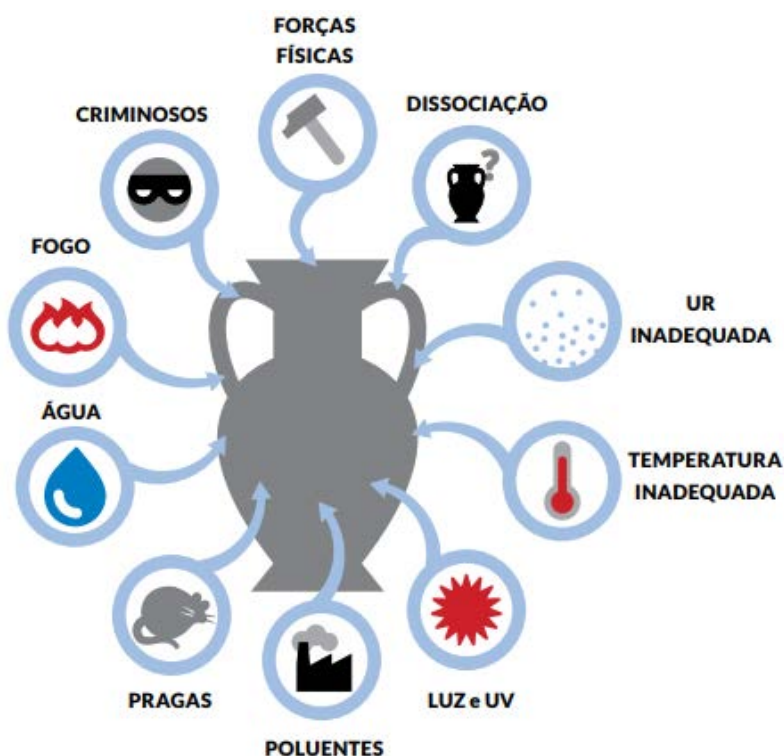
É comum também a utilização do termo “patologia”, que está relacionado ao processo de deterioração, enquanto o dano está relacionado ao sintoma perceptível. Para que, a partir do sintoma, se identifique a patologia, é necessário que se faça um diagnóstico, que requer um trabalho de análise e pesquisa a partir da identificação do dano.

PÁTINA

Marcas visíveis do envelhecimento natural dos materiais. Não é considerada como dano.

Para que o processo de deterioração ocorra, são necessárias duas coisas: a vulnerabilidade material do bem e a ação de um agente de deterioração. As metodologias de gestão de risco no patrimônio cultural reconhecem os 10 agentes que causam deterioração em bens culturais. São eles:

10 Agentes de deterioração. Imagem extraída de PEDERSOLI JR, ANTONMARCHI, e MICHALSKI, 2017, p.34.



Cabe destacar que os índices de Temperatura e Umidade são considerados agentes de deterioração apenas quando se encontram em taxas inadequadas / incorretas para os materiais / bens em questão.

Os danos contemplados nas fichas de inspeção podem ser decorrentes da ação de diferentes agentes de deterioração. A atividade de identificação dos danos é como uma primeira etapa que inicia o processo de diagnóstico, que levará à identificação das medidas necessárias para a interrupção dos processos e implementação de medidas preventivas para a não ocorrência de novos processos.

Muitas vezes, para a elaboração de diagnósticos completos e a proposição de tratamentos, é necessária a realização de testes laboratoriais e pesquisas aprofundadas no âmbito da Ciência da Conservação.

A identificação inicial dos danos, no entanto, permite que possamos iniciar a atividade reflexiva sobre as possíveis causas dos danos, observando os elementos do edifício não isoladamente, mas a partir de suas inter-relações, como parte de um sistema. Por isso, uma parte das fichas é dedicada a descrição qualitativa dos danos observados e, outra parte, a um relatório fotográfico da inspeção. Fique à vontade para fazer qualquer tipo de observação sobre o que observar, anotações são muito bem vindas!

A proposta se baseia na metodologia italiana de Conservação Programada, que propõe uma codificação para os elementos que compõem os sistemas construtivos do edifício. A ideia é que possamos compreendê-los não de maneira isolada, mas como um sistema no qual o comportamento de um elemento pode estar diretamente relacionado a ocorrência de um processo de deterioração no outro. Para isso, é importante que identifiquemos estes elementos e compreendamos seu funcionamento.

Os elementos foram classificados de acordo com os seguintes grupos, para os quais foram considerados como critérios: a função no sistema construtivo, a localização e a adequação à inspeção por ambientes:

- Fundações • Paredes • Pisos • Vãos • Frontão
- Estrutura • Cobertura • Tetos • Escadas • Pórticos

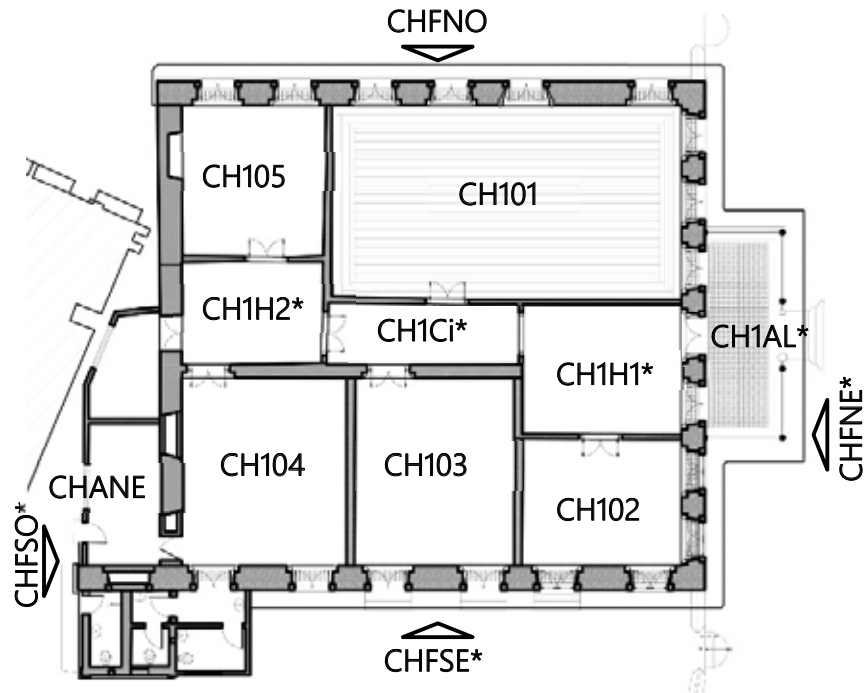
A codificação vai informar, em um único código, o grupo ao qual o elemento faz parte, o tipo do elemento e sua localização no edifício e sala. Os códigos são formados da seguinte maneira:

Edifício	Ambiente / ficha correspondente	Grupo	Elemento	Posição
<p>Ch105.Va.Jm1_01</p>				
CH	105	Va	Jm1	01
Chalé	Primeiro pavimento Sala 05	Vão	Janela de madeira, Tipo 1	Posição / elemento 01

Codificação - Chalé

A numeração dos ambientes internos do Chalé (Ch) ficou assim:

Como o edifício só tem um pavimento, a codificação dos ambientes internos começa com "1" e, logo após, vem o número da sala.



Os ambientes de Hall, Circulação e Alpendre funcionam um pouco diferente. Inicia-se pelo "1" e depois a sigla correspondente ao ambiente:

*CH1H1: Hall 1

*CH1H2: Hall 2

*CH1Ci: Circulação

*CH1AL:

E as Fachadas não possuem número de pavimento, apenas a sigla correspondente:

*CHFNE: Fachada Nordeste

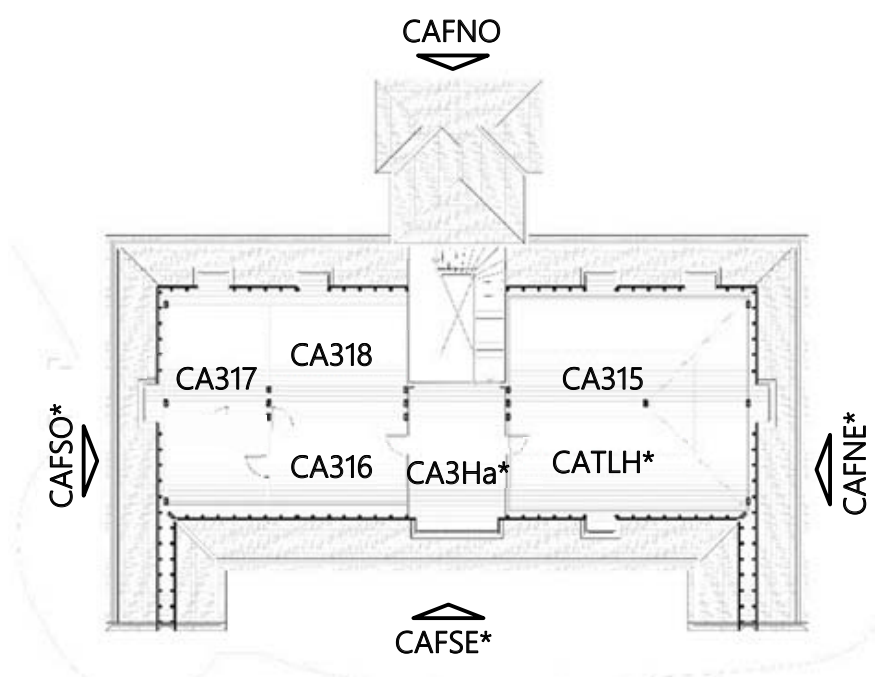
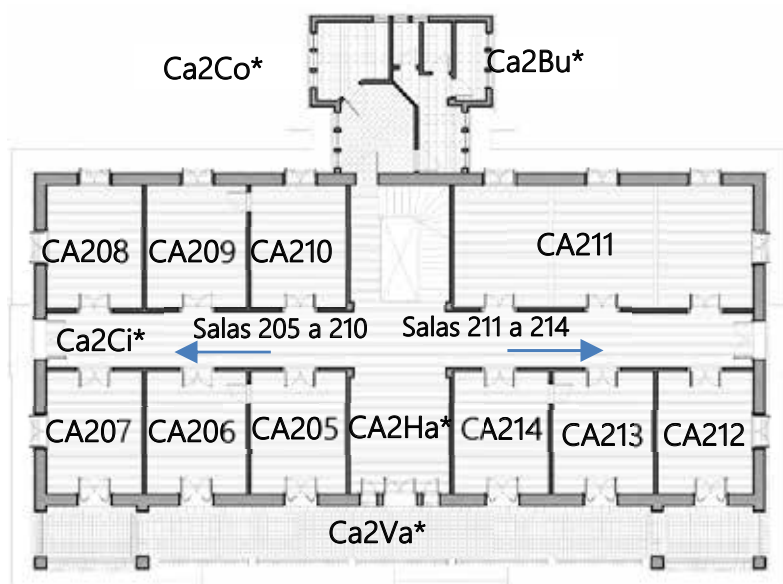
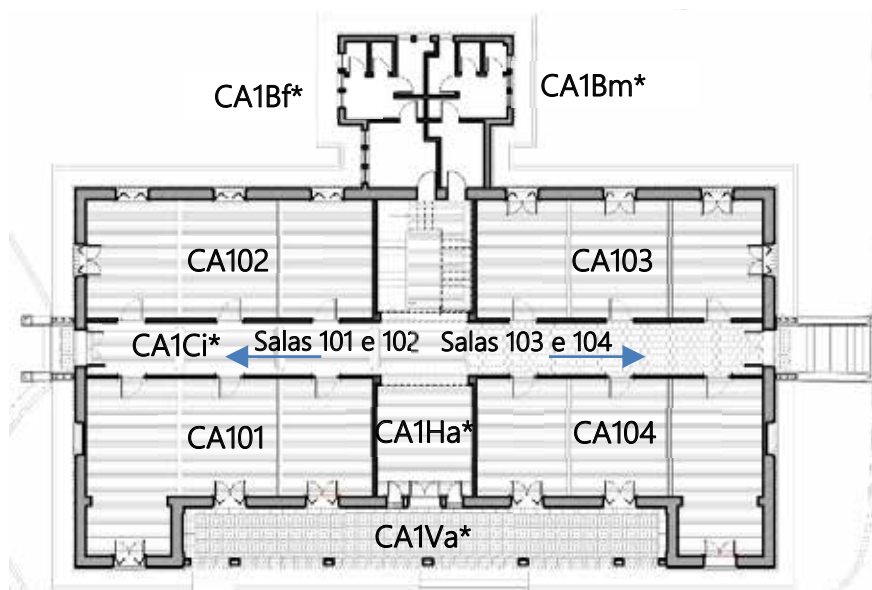
*CHFNO: Fachada Noroeste

*CHFSE: Fachada Sudeste

*CHFSO: Fachada Sudoste

O Casarão segue a mesma lógica. Repare que as salas, mesmo mudando de pavimento, seguem uma numeração contínua. Na página 12 há uma tabela com a explicação dos códigos de todos os elementos. Utilize ela caso tenha alguma dúvida na hora da inspeção!

Codificação - Casarão



- *CA1HA: Hall do 1º pavimento
- *CA1VA: Varanda do 1º pavimento
- *CA1CI: Circulação do 1º pavimento
- *CA1BF: Banheiro feminino do 1º pavimento
- *CA1BM: Banheiro masculino do 1º pavimento
- *CA2HA: Hall do 2º pavimento
- *CA2VA: Varanda do 2º pavimento
- *CA2CI: Circulação do 2º pavimento
- *CA2BF: Banheiro unissex do 2º pavimento
- *CA2BM: Copa do 2º pavimento
- *CAFNE: Fachada Nordeste
- *CAFNO: Fachada Noroeste
- *CAFSE: Fachada Sudeste
- *CAFSO: Fachada Sudoste

Codificação geral

Grupo	Elemento	
Fundações (Fu)	Baldrame (Bal)	
Estrutura (Es)	Pilar de tijolos maciços (Ptm) Pilar de ferro fundido (Pff) Pilar – não identificado (Pil) Arco de ferro fundido (Aff) Pilar de tijolo maciço (Ptm) Viga metálica (Vim) Viga (não identificado) (Vig) Laje de concreto (Laj) Barroteamento (Bar)	Tesouras (Tes) Quadro de Tesoura (Qts) Ripas (Rip) Terças (Ter) Caibros (Cai) Cumeeira (Cum) Espigão (Esp) Frechal (Fre)
Parede (Pa)	Alvenaria de tijolos maciços (Atm) Alvenaria de tijolos furados (Atf) Alvenaria de pedra (Ape) Superfície interna (Int) Superfície externa (Ext)	Rodapé de madeira (Rpm) Rodapé de argamassa (Rpa) Friso / Faixa de Tijolos (Ftj) Friso de argamassa (Fra) Cimalha (Cim)
Cobertura (Cb)	Águas (Agu) Clarabóia (Cla) Beiral (Bei) Calhas (Clh) Condutores verticais (Cov) Lambrequins (Lbq) Lanternim (Lnt)	
Frontão (Fr)	Tímpano de madeira entalhada (Tma) Tímpano de estuque (Tíe) Cornija (Cor) Acrotério (Acr) Lambrequins (Lbq)	
Pisos (Pi)	Assoalho (Aso) Cerâmico (Cer) Cimento queimado (Ciq) Ladrilho hidráulico (Lah) Tapete de Ladrilho hidráulico (Tlh)	
Teto e forros (Te)	Forro de madeira (Fom) Forro de gesso acartonado (Ges) Forro de PVC (Pvc) Lambri (sótão) (Lmb) Sanca de madeira (Sam) Sanca de argamassa (Sar) Laje (Laj)	
Vãos (Va)	Janela de madeira (Jm1, 2...) Porta de madeira (Pm1, 2...) Porta de madeira lisa (Pml) Porta de madeira simples (Pms) Janela de basculante (Jb1, 2...) Janela de tijolo de vidro (Jtv) Mansarda (Ms1, 2...) Grade de ventilação do porão (Gvp)	Guarda corpo de madeira (Gcm) Guarda corpo tubular (Gct) Guarda corpo de ferro fundido (Gff) Peitoril (Pei) Tímpano de estuque (Tíe) Arco de escarçã (Arc) Verga (Ver) Vão emparedado (Emp)
Pórticos (Po)	Cobertura de cobre (Cob) Forro de madeira (Fom) Colunas (Col) Base de alvenaria (Bsa) Base de madeira (Bsm) Imposta de madeira (Ima) Testeira em madeira pintada (Ttm) Guarda corpo de alvenaria (Gca)	
Circulação vertical (Cv)	Escada de pedra (Epe) Escada de madeira (Ema) Escada de concreto (Eco) Rampa de ... (Rpe, Rma, Rco...)	

Tabela 10: Codificação para edifícios EAU-UFF. Fonte: Camila Ennes, 2019.

Preenchendo as fichas

As fichas possuem três partes:

Parte 01

A primeira parte, que deve ser preenchida junto com a segunda, corresponde a uma enumeração de danos, de acordo com elemento e ambiente, com campos para a marcação dos danos em cada elemento identificado. As tabelas são divididas por grupo de elemento:

Paredes (Pa)												
Dano	Superfícies internas (Int)						Rodapés de madeira (Rpm)					
	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06
Alteração cromática												
Empolamento								3				
Desprendimento de material												
Fissura / Trinca / Rachadura												
Deslocamento / desalinhamento												
Deformação												
Mancha de umidade												
Outras manchas (descrever)												
Expansão volumétrica												
Elementos espúrios												
Substituição / Intervenção inadequada												
Sujidade												
Desgaste												
Lacuna												
Arranhão												
Presença de Vegetação												
Agentes biológicos (descrever)												
Fratura												

A primeira coluna deve ser preenchida com a **cor** ou código que será utilizada na ficha de mapeamento dos danos para cada um deles.

Observe que muitos danos se repetem nos diferentes grupos, então utilize a **mesma cor para os mesmos danos**, mesmo que se trate de materiais diferentes.

Os espaços disponíveis devem ser preenchidos de acordo com a intensidade do dano, através da numeração:

1 – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte

Ao mesmo tempo em que preenche a ficha, **fotografe**, para depois utilizar as fotografias em um Relatório Fotográfico.

Observe que há espaços em branco para você preencher, caso considere que há algum dano não listado no ambiente que está realizando a inspeção.

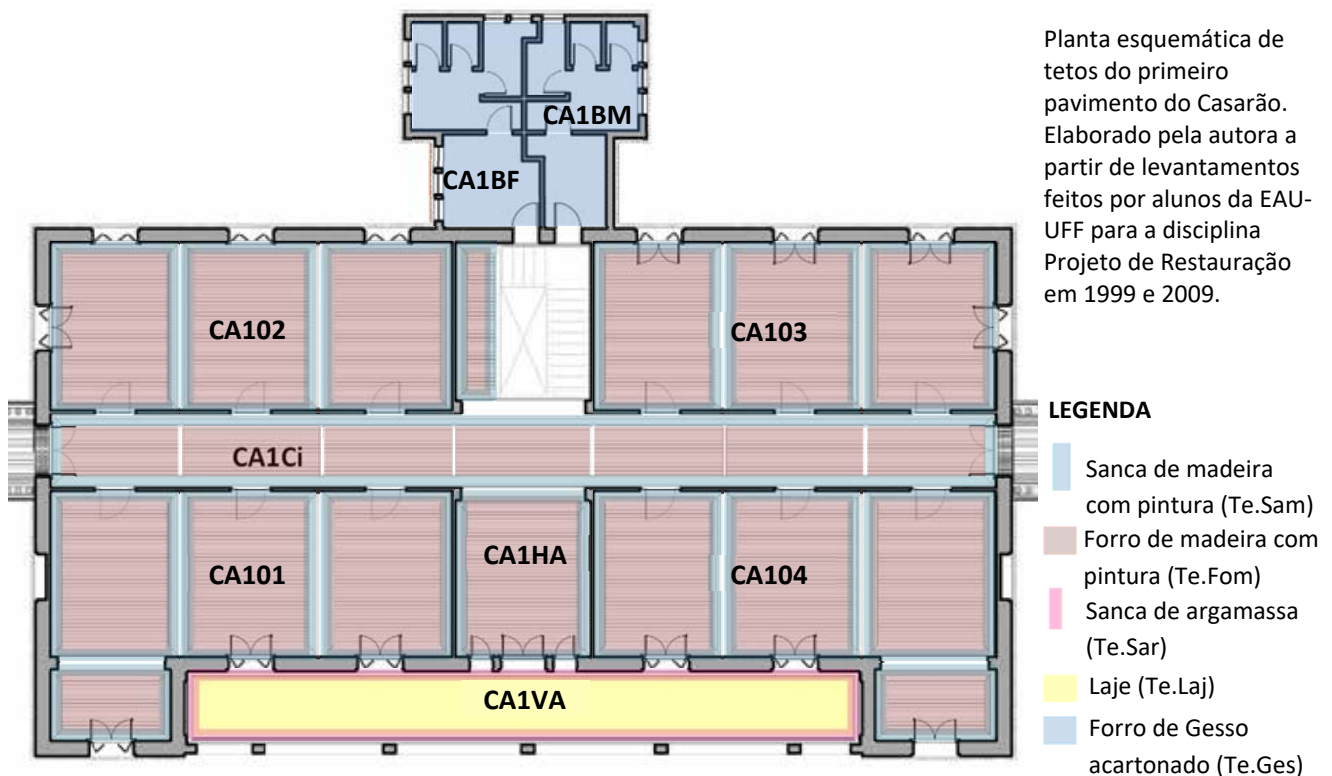
Todas as fichas de mapeamento de danos estão referenciadas com os códigos das tabelas.

Como mencionado, a codificação segue o sentido horário dentro dos ambientes internos, por onde as esquadrias são codificadas.

Nas circulações, *halls* e fachadas, no entanto, esta lógica não funciona da mesma forma, visto que os códigos das esquadrias corresponderão ao código de cada sala com a qual a circulação ou fachada está conectada, a não ser nas esquadrias que não fazem parte de outros ambientes internos.

Você vai reparar, por exemplo, que na maior parte dos ambientes, os rodapés seguem a mesma numeração das paredes, porque estão associados a suas superfícies. O mesmo ocorre entre as sancas e os forros. Cada elemento "Sanca" refere-se a **toda a moldura** do forro ao qual emoldura. Mas nem sempre isso funciona assim. Nas circulações, principalmente, a divisão de sancas e rodapés pode não corresponder à numeração dos forros e paredes.

Observe, por exemplo, o mapeamento dos tetos do primeiro pavimento do casarão, abaixo. Nas Circulação (CA1Ci), as sancas existem apenas na interseção do teto com as paredes, formando uma grande moldura, codificada como um único elemento, enquanto os forros são divididos por tabeiras. Já nas salas, a modulação das sancas fornece indícios do que poderia ser a modulação dos alojamentos originalmente, sugerindo a presença de antigas alvenarias dividindo os cômodos em três diferentes ambientes.



Alteração cromática

Caracteriza-se por uma alteração na cor do elemento, decorrente de reações e processos que provocam alguma alteração em sua matéria. Pode ser ocasionada pela ação da luz, da água, ou de agentes químicos utilizados em rotinas de limpeza, por exemplo. Diferencia-se das manchas, que costumam estar relacionada com a presença de outros componentes na superfície do elemento, podendo também, no entanto, causar alterações nesta superfície.



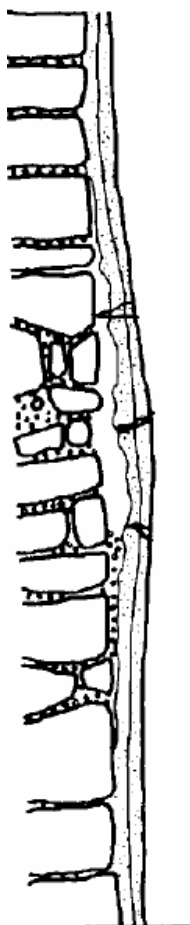
Fonte: Camila Ennes

Ao lado, observa-se um exemplo de alteração cromática no piso que coincide com a área de abertura da porta, indicando que pode ser provocada pela ação da luz do sol sobre a superfície da madeira.

Empolamento

Caracteriza-se pela formação de bolhas sobre superfícies, normalmente revestidas. Se percutida, a superfície produz som oco no local da bolha. Quando avançada, pode provocar o desprendimento do material.

Fonte: Manual de Conservação Preventiva para Edificações. IPHAN, 2000, p.116.



O Manual de Conservação Preventiva para Edificações do IPHAN (2000) identifica possíveis causas para o empolamento: Quando se trata do empolamento da pintura, pode ter como origem sua aplicação sobre uma superfície mal preparada ou oleosa, o excesso de umidade na parede ou no ambiente ou a aplicação de uma repintura sobre tinta de má qualidade (a tinta nova umedece a película antiga e provoca sua dilatação). Já quando o reboco apresenta o empolamento, entre as diversas possíveis causas, estão: a perda de adesão do reboco com a alvenaria, devido à penetração de água; a espessura excessiva das camadas de reboco e a aplicação de uma camada de acabamento forte aplicada sobre uma camada de argamassa de base mais fraca. Um exemplo deste caso é o empolamento de superfícies quando se aplica tintas acrílicas sobre alvenarias cuja argamassa é a base de cal.

Pode-se observar a formação de bolhas também sobre elementos de pedra, decorrentes da dilatação da camada superficial ou da ação de sais solúveis, por exemplo. (ICOMOS, 2008)

Observe se há outros indícios que possam direcionar o entendimento da causa deste dano, como a presença de umidade, e anote suas observações.

Desprendimento de material

Pode estar relacionado com o empolamento ou ter diversas outras origens. Caracteriza todo tipo de desagregação e desprendimento de material, referindo-se tanto ao desprendimento de pintura ou argamassa, quanto à desagregação de alvenarias ou desprendimento de peças do forro, por exemplo. Pode estar acompanhado de outras características, como a pulvurulência e presença de fissuras.



Fonte: Camila Ennes

Desta forma, é importante descrever, desenhar ou ilustrar fotograficamente o caso específico.

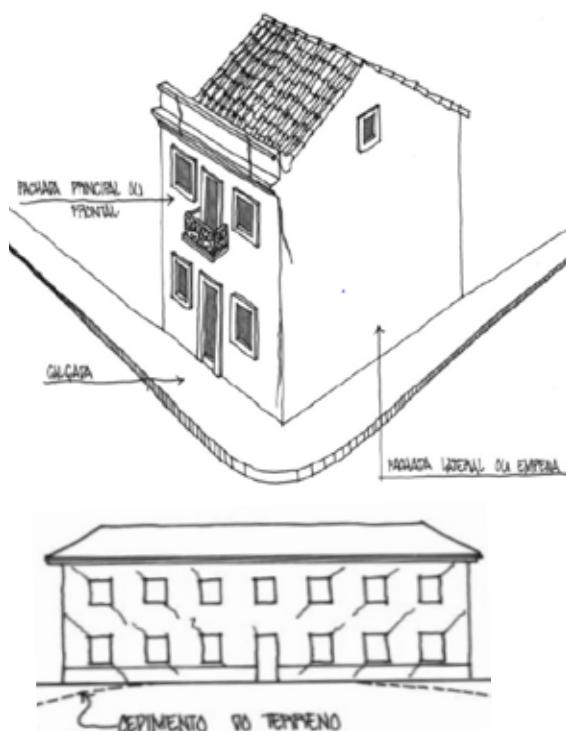
Ao lado, por exemplo, pode-se observar o desprendimento da pintura no forro de madeira.

Fissura / Trinca / Rachadura

Caracterizam-se como aberturas / separação de partes do material. Seguem, respectivamente, uma gradação, sendo a fissura caracterizada por uma abertura menor e a rachadura, como uma abertura mais expressiva.

Nas fichas, estão listadas conjuntamente, devendo ser sua intensidade indicada com o preenchimento da numeração correspondente (1 – Fraco, 2 – Moderado, 3 – Forte).

O Manual de Conservação Preventiva do IPHAN apresenta uma série de ilustrações que mostram aspectos de lesões destes tipos, indicando suas possíveis causas e indicações de tratamentos.



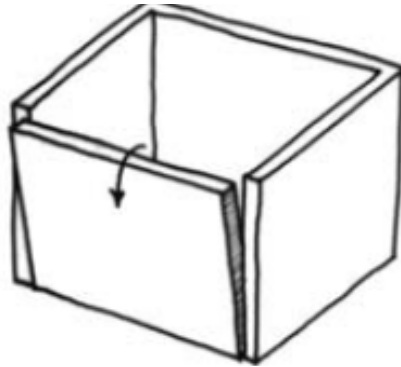
Ao lado, por exemplo, apresenta-se, na primeira imagem, o aspecto de trincas / rachaduras que podem estar relacionadas à: 1) Retração da argamassa devido à má execução, à grande espessura, ao traço mal dosado ou à má aderência entre a argamassa e a pedra ou tijolo. 2) Recalque das fundações decorrente de ligeira acomodação 3) Esmagamento do material devido ao excesso de carga.

Já abaixo, apresenta-se o aspecto de trincas / rachaduras típicas de "cedimento de terreno".

Fonte: Manual de Conservação Preventiva para Edificações. IPHAN, 2000, p. 70 e 73.

Deslocamento / desalinhamento

Referem-se a todo o deslocamento ou desalinhamento de elemento ou parte dele, indicando movimentação que pode estar ativa ou já ter cessado. Podendo ser decorrente da ação de forças físicas, principalmente, ou outros motivos, como o recalque de fundações, que estar relacionado à ação de agentes biológicos no terreno, por exemplo.



Fonte: Manual de Conservação Preventiva para Edificações. IPHAN, 2000, p.74.

Acima, esquema representativo de deslocamento / desaprimento de parede, que pode ser ocasionado pelo arruinamento dos frechais e ação das cargas do telhado, por exemplo.

Ao lado, deslocamento de peça de cantaria, indicativa de movimento devido à recalque da fundação.



Fonte: Mello (1999)



Fonte: Camila Ennes (2019)

A primeira fotografia foi tirada em 1999 e a segunda, em 2019. Pode-se observar, na segunda imagem, o surgimento, também, de uma fissura no embasamento de alvenaria, provavelmente decorrente do mesmo movimento que ocasionou deslocamento da cantaria.

As imagens ilustram a importância do monitoramento, através do qual pode-se investigar de maneira mais precisa a evolução dos danos, para o desenvolvimento de medidas efetivas de tratamento.

Se observar um dano como este, procure identificar o movimento que ocorre e a direção e sentido dos esforços que o provocam, para tentar identificar suas causas. Faça croquis e procure realizar um levantamento fotográfico que contemple a medição, além do registro gráfico e escrito.

Deformação

Pode ter diferentes origens, dentre elas, a deformação por ação de temperaturas inadequadas, o empenamento, que pode estar associado utilização de madeiras não totalmente secas em construções, o esmagamento decorrente de forças verticais, dentre outras muitas possibilidades. Costuma ser um dano de fácil identificação, também sendo relevante procurar desenvolver por escrito sua descrição e interpretação.



Fonte: Camila Ennes, 2018.

A fotografia ao lado demonstra a associação de diferentes danos, decorrente da mesma causa: a ação de forças físicas provenientes do aumento do nível do solo, realizado internamente ao muro, assim como das raízes da árvore próxima.

Observa-se: a deformação do gradil e da alvenaria, provocando, nesta, sua fratura. Também a fratura e deslocamento da peça de cantaria, aparentemente decorrente, a princípio, da fixação do gradil e acentuada pelas forças físicas atuantes internamente ao muro.

Mancha de umidade / Outras manchas

As manchas caracterizam-se por alterações na cor ou textura dos elementos devido à presença de outros componentes. Podem ser derivadas de tintas ou outras substâncias respingadas sobre a superfície, de sujidades, ou da presença de umidade excessiva, que é classificada separadamente na inspeção devido a suas particularidades e de, comumente, estar associado a presença de outros danos, como: a presença de vegetação; sinais da presença de ourtos agentes biológicos, como fungos; a expansão volumétrica; o empenamento, o desprendimento de material, e a presença de sais, dentre outros.

Ao lado, um exemplo de mancha de umidade associada ao empenamento na parede e na sanca. Em um caso como este, se houver possibilidade deve ser realizado o acesso ao nível superior e a inspeção pela parte externa da alvenaria, para verificação da possível causa da infiltração.

Manchas de umidade muitas vezes apresentam formas de escorrimento e do movimento da água.



Fonte: Camila Ennes, 2019.

As manchas de umidade possuem alguns padrões de fácil identificação: podem ser derivadas da ocorrência de **umidade ascentente**, quando ocorre “de baixo para cima”, a partir da infiltração de umidade do terreno nos elementos que compõem o edifício, ou de **umidade descentente**, quando ocorre “de cima para baixo”, como a fotografia anterior, a partir da infiltração de águas pluviais, decorrente, normalmente, da não estanqueidade da cobertura.



Fonte: Camila Ennes, 2019.

Na observação de outras manchas de umidade, deve ser analisada a origem da água, que é o principal agente de deterioração em questão, para que possa ser identificado o processo e seu possível tratamento.

Ao lado, por exemplo, pode ser observada mancha, decorrente de infiltração, que já apresenta sinais intensos da presença de outros agentes biológicos, inclusive, de vegetação.

O dano tem como causa a perda da tubulação do condutor vertical de águas pluviais, de maneira que a água proveniente da calha esta infiltrando diretamente na alvenaria.

Expansão volumétrica

A expansão volumétrica caracteriza-se como um tipo específico de deformação que consiste no “inchamento” do material, normalmente decorrente da absorção de umidade. Muito comum nas peças das extremidades inferiores de esquadrias, que podem receber o acúmulo de água.

Elementos espúrios

Refere-se a presença de elementos inadequados de diferentes tipos sobre os elementos que compõem o bem, descaracterizando-os, como: fitas adesivas coladas, instalações sem funcionamento / em desuso, restos de grades danificadas, lonas, etc. Não são consideradas instalações aparentes nem intervenções construtivas consideradas inadequadas, como a substituição de materiais, ainda que estes impliquem em perda de valor do bem. São considerados um dado distinto, descrito a seguir.

Substituições / Intervenções inadequadas

Mencionadas anteriormente, trata-se de intervenções conscientes, realizadas, por vezes, com a intenção de sanar danos existentes, porém inadequadas à atuação sobre bens patrimoniais. Ao lado, por exemplo, uma intervenção inadequada em piso, decorrente de obra nas instalações sanitárias.



Fonte: Camila Ennes, 2019.

Sujidades

O mesmo que "sujeira". Acúmulo de partículas de poeira, poluentes ou outras substâncias. Para sanar estes danos é necessário que as ações de limpeza sejam adequadas aos materiais.

Desgaste

Refere-se a danos na superfície ou à perda de seção / volumetria decorrente da abrasão ou atrito constante, principalmente. Pode ser facilmente observada em escadas, nos trechos onde geralmente se pisa com mais frequência, em partes de esquadrias mais manuseadas ou em paredes, em pontos onde costuma haver atrito com móveis ou esquadrias, por exemplo.



Fonte: Camila Ennes, 2019.

Lacuna

Caracteriza-se pela perda expressiva de parte dos elementos e seus componentes. Pode ser ocasionada por diversos fatores, entre eles, forças físicas e ações criminosas, como o roubo de elementos de valor comercial, por exemplo.



Ao lado, exemplo de lacuna em rodapé / alisar.

Fonte: Camila Avesani e Bianca Mota, 2018.

Arranhão

Desgaste superficial de pequena espessura resultante de atrito. Pode ser profundo ou superficial.

Presença de Vegetação / Sinais de outros agentes biológicos

A presença de vegetação e fungos é decorrente da umidade prolongada, podendo ser associada à falta de insolação e ventilação nas superfícies. (PINHEIRO et al., 2009). Se manifesta sob forma de manchas escuras ou esverdeadas.

A fotografia utilizada na representação do dano "Mancha de umidade" é um exemplo também deste tipo de dano. Localizada na Fachada Sudoeste, recebe pouca insolação ao longo do ano, já possui a presença expressiva de colonização biológica e vegetação.



Fonte: Camila Ennes, 2018.



Fonte: Camila Ennes, 2019

A presença da vegetação também pode se manifestar pelo enraizamento de espécies, que podem chegar a grande porte, nas alvenarias, alimentando-se de seu substrato. Ao lado, fotografia de espécie de Ficus enraizada na varanda do Casarão. A espécie já havia sido podada, porém continuou enraizada e rebrotou.

Este tipo de presença de vegetação pode ocasionar outros danos, como fissuras decorrentes da penetração das raízes, pelas quais a água pode percolar com mais facilidade, provocando, ainda, novos danos, como desagregação de alvenarias. No caso da fotografia, as raízes estavam provocando o desprendimento das lajotas que circundam a extremidade da varanda.

Em alguns casos, a retirada da vegetação enraizada deve ser precedida da aplicação de herbicida. Por vezes, inclusive, opta-se pela aplicação do produto sem que as raízes sejam retiradas depois, visto que, quando muito aderidas, a retirada das raízes pode provocar a total desintegração da parede (IPHAN, 2000).

Fratura

Podendo ser antecipada pela aparição de trincas, fissuras e rachaduras, ou ocasionadas pelo impacto pontual de forças físicas, as fraturas referem-se a existência de partes "quebradas" nos elementos. Quando esta parte sofre a perda de material, torna-se uma lacuna.

Indícios de térmitas

Pode ser observada a presença dos famosos cupins através da identificação de partes ocas nas madeiras, visualização de túneis formando caminhos sobre as superfícies e constatação do acúmulo de pó granulado, com a coloração próxima a da madeira, junto a elementos compostos por este material, por exemplo.



Fonte: OEM/Fiocruz, 2017.

Perfurações

Perfurações podem ser indícios da presença de insetos que se alimentam da madeira, mas podem também ter outras origens, como a colocação de pregos. A perfuração decorrente da existência de pregos e cravos antigos pode ser acompanhada de sinais de sua oxidação, que provoca o aumento da seção do furo. A existência deste dano colabora para a presença de insetos e infiltrações.

Retração



Fonte: Camila Ennes, 2019.

Trata-se de um dano relacionado à madeira. Consiste na observação do “fissuramento / trincamento” da madeira, acompanhando o sentido de suas fibras. É decorrente da atuação do intemperismo, que proporciona o inchamento da madeira quando umedecida e seu rápido secamento sob a ação do sol, provocando a retração do material e sua fragilidade. Normalmente é acompanhada da alteração cromática e perda de brilho da superfície. Ocorre com mais frequência em fachadas que recebem maior insolação e pode acelerar outros processos de deterioração, visto que, o fissuramento da superfície aumenta a superfície de contato para a infiltração da água, colaborando para a infestação biológica e o apodrecimento do material. Ao lado, exemplo de retração em pingadeira de janela.

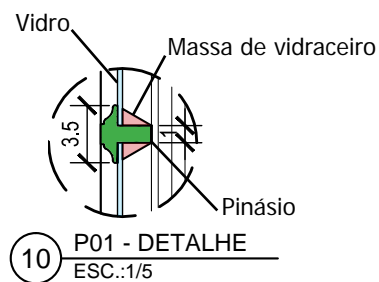
Danos mais recorrentes em esquadrias

Vidro quebrado / ausente

Em janelas e portas de madeira com bandeiras de vidro, é comum observar a ocorrência de vidros quebrados ou ausentes, decorrente, principalmente, da ação de forças físicas.

Perda de massa de vedação

A massa de vedação, também chamada de massa de vidraceiro, tem a finalidade de vedar e fixar o vidro em pinásios de madeira das esquadrias.



Fonte: Camila Ennes, 2019

As imagens acima mostram um detalhe de esquadria onde pode se verificar como a massa se insere, em relação ao pinásio e ao vidro, e um exemplar de esquadria que apresenta perda de parte da massa de vedação.

A massa de vedação danificada pode acarretar no deslocamento e quebra dos vidros, tornando o manuseio das esquadrias inseguro, além de facilitar a infiltração de água nas partes de madeira. Sua perda pode ser decorrente do ressecamento, principalmente em áreas de muita incidência solar.

Oxidação de peça metálica

Esquadrias que possuem elementos metálicos podem apresentar a oxidação destes. Pode ser identificada pela alteração de textura e presença de coloração avermelhada.



Fonte: Camila Ennes, 2018

Elementos faltantes em esquadrias

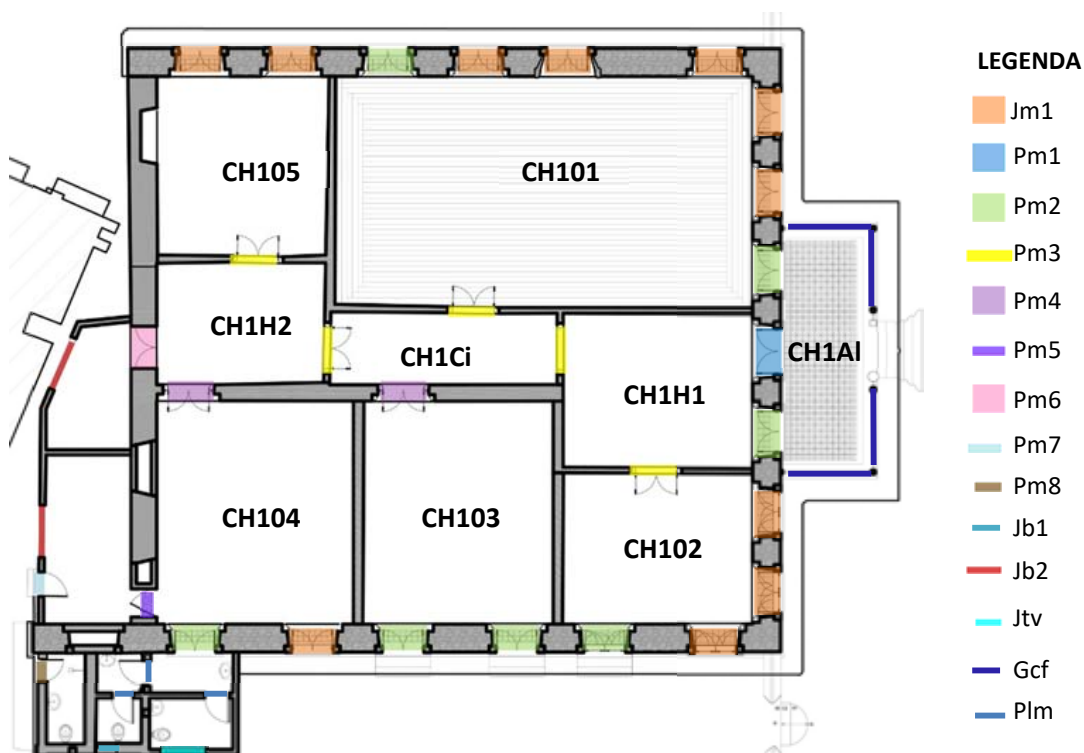
O Chalé e do Casarão apresentam algumas esquadrias "tipo", ou seja, modelos de esquadria padrão, que se repetem, com algumas variações.

As Fichas de inspeção de danos, no setor correspondente aos vãos, possuem espaços para que sejam assinalados os elementos faltantes nas esquadrias.

Dano	Janelas (Jm1)		Portas (Pm3) (Pm4)	
	01	01	01	01
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Folha de veneziana (b)		×		n/a
Cremona	a	×	×	×
Fecho	a	×	×	b

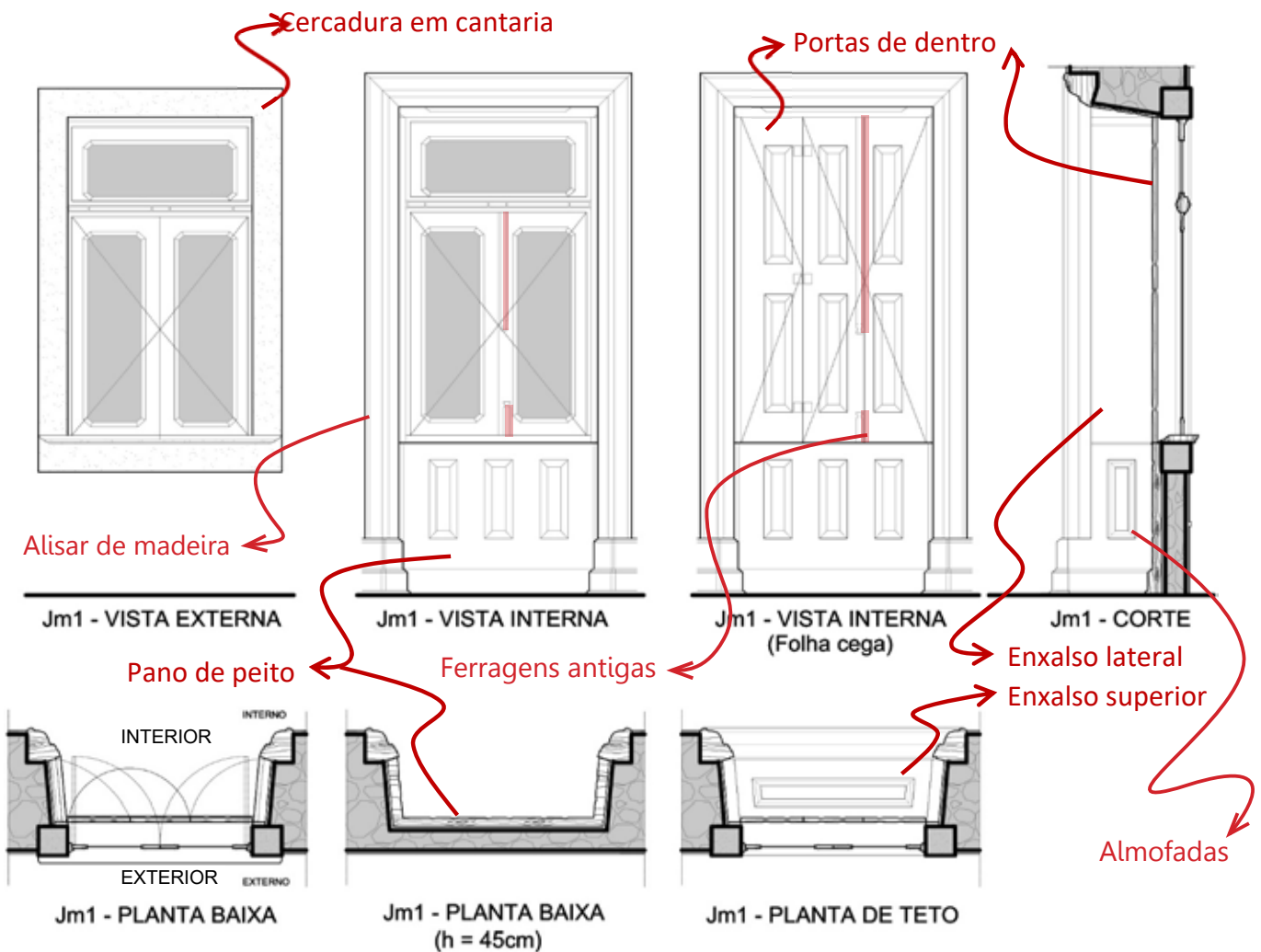
Vamos reconhecer, aqui, alguns destes elementos para podermos identificar suas lacunas.

Chalé - Esquadrias por tipo



Planta esquemática de identificação dos componentes dos vãos do Chalé, elaborada a partir de adaptação do material desenvolvido pela empresa Acrópole e por Castro (2010).

Algumas esquadrias do Chalé, como as Jm1, Pm1 e Pm2, principalmente, possuem componentes que se encontram faltantes em alguns exemplares. Os desenhos esquemáticos da Jm1, abaixo, identificam estes elementos:



Desenhos esquemáticos de Jm1. Elaborados pela autora a partir de adaptação do material desenvolvido pela empresa Acrópole no Projeto de Restauração do Chalé (2014). Sem escala.

As principais variações observadas nas janelas tipo Jm1 são: a presença de bandeira de venezianas em parte das folhas de abrir na sala Ch104 e o acréscimo de grade metálica em exemplares da sala Ch105.

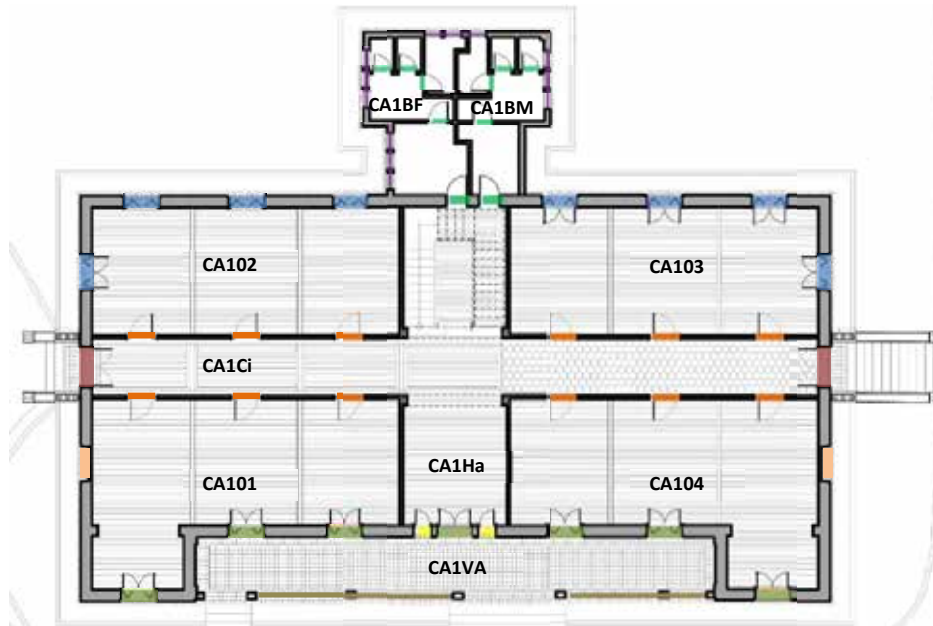
Nem todos os tipos de esquadrias do Chalé possuem portas de dentro e enxalsos. Nestes casos, nas fichas, os campos correspondentes estarão completos com n/a (não se aplica).

Quanto aos danos, observa-se que os elementos identificados acima encontram-se ausentes em alguns exemplares, assim como as ferragens antigas.

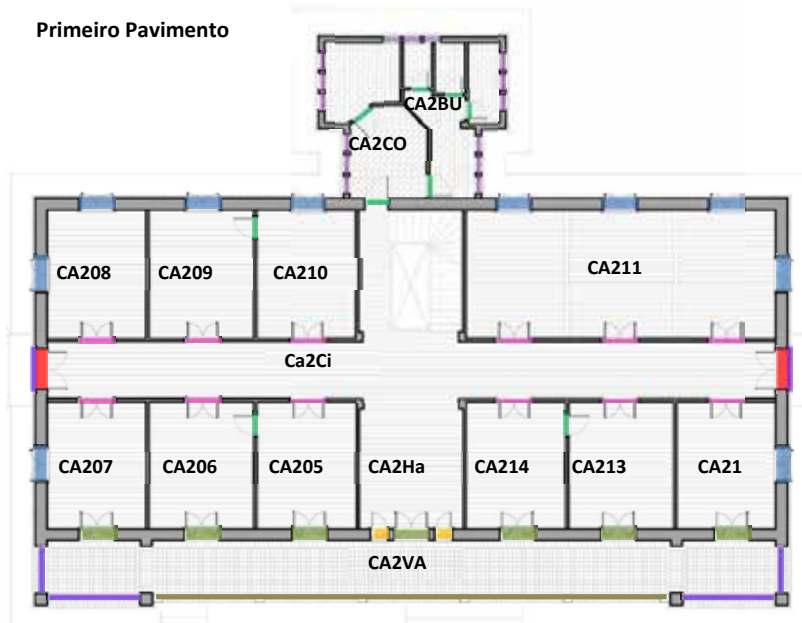


Fonte: Camila Ennes, 2018

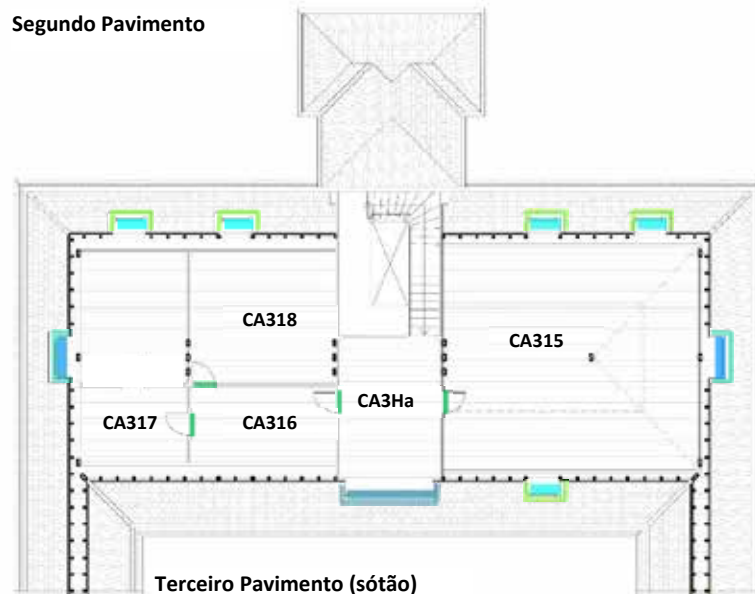
Casarão - Esquadrias por tipo



Primeiro Pavimento



Segundo Pavimento

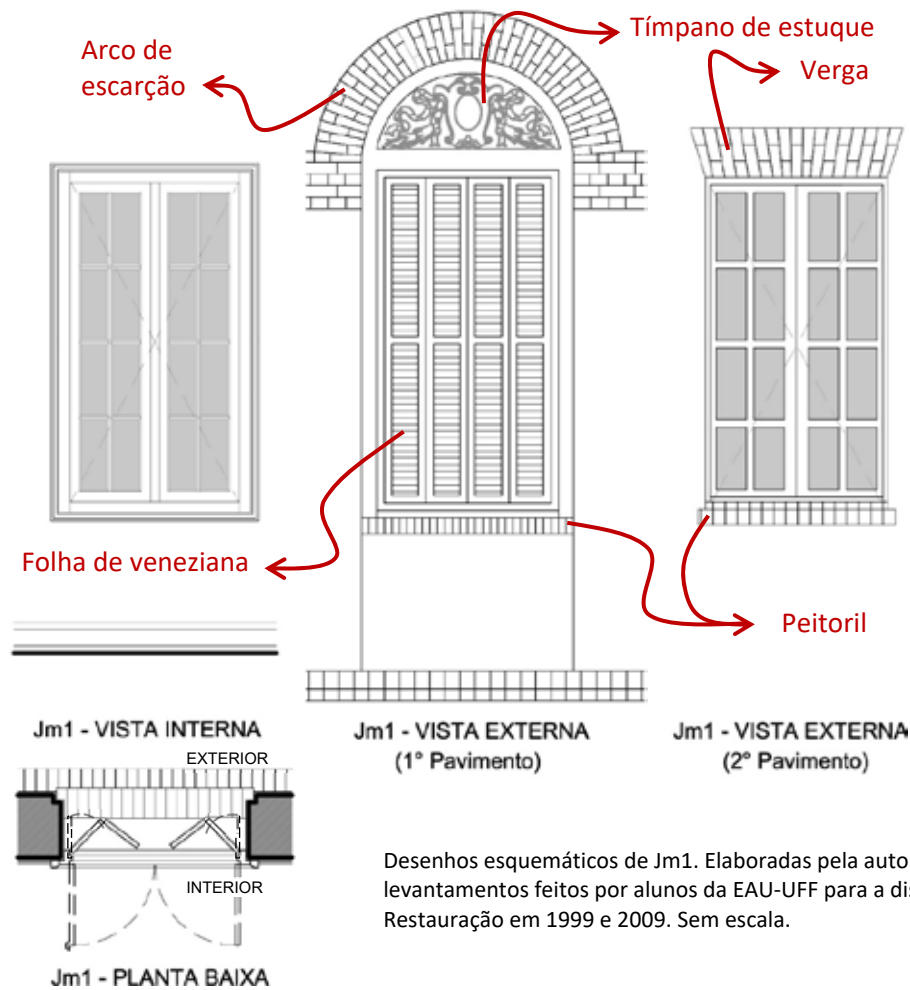


Terceiro Pavimento (sótão)

LEGENDA

- Jm1
- Jm2
- Jm3
- Jm4
- Jm5
- Jm6
- Jm7
- Pm1
- Pm2
- Pm3
- Pm4
- Pm5
- Pms
- Ms1
- Ms2
- Ms3
- Gcm
- Gct
- Vãos emparedados

Destacam-se os seguintes elementos nas esquadrias do casarão, identificados na esquadria tipo Jm1:



Desenhos esquemáticos de Jm1. Elaboradas pela autora a partir de levantamentos feitos por alunos da EAU-UFF para a disciplina Projeto de Restauração em 1999 e 2009. Sem escala.

A Jm1 e a Pm2 são esquadrias compostas por duas folhas de madeira e vidro que abrem para o interior e 4 folhas de veneziana que abrem para o exterior da edificação. A folha de madeira e vidro possui pingadeira na face exterior. Destaca-se o fato de que, nas fachadas do Casarão, são representados alguns elementos estruturais do vãos: as vergas e arcos de escarção. Estes elementos estão classificados separadamente, também incluídos no grupo Vãos.



Arco de escarção.

Fonte: Corona e Lemos, 2017, p.52.

Os arcos de escarção são definidos por Corona e Lemos como uma estrutura suplementar que serve para suportar cargas centradas sobre a envazadura, utilizada, por exemplo, quando se deseja uma verga de alvenaria muito abatida ou mesmo reta, que seria capaz de receber somente cargas pequenas. Este é o caso observado nos vãos do casarão., onde estes elementos são representados - ora a verga, ora o arco - na fachada.

As principais variações observadas nas janelas tipo Jm1 são:

- Apenas um exemplar, o elemento CA102.Va.Jm1_01, apresenta a composição completa, com as folhas de madeira e vidro e de veneziana.
- No segundo pavimento, todos os exemplares perderam suas folhas de veneziana. Observa-se que foi realizada uma inversão na abertura das folhas de madeira e vidro destes elementos, que passaram a abrir para o exterior, assim como o elemento CA103.Va.Jm1_01 no primeiro pavimento.
- Os exemplares CA208.Va.Jm1_01 e CA211.Va.Jm1_04 sofreram intervenções nas folhas de madeira e vidro para a instalação de aparelhos de ar-condicionado.
- Os demais exemplares do primeiro pavimento, a exceção do CA102.Va.Jm1_01 e do CA103.Va.Jm1_01, mencionados anteriormente, perderam suas folhas de vidro, mantidas as de veneziana com abertura para fora.
- Poucos exemplares ainda possuem os fechos e cremonas com características antigas, os quais considera-se que podem ser originais.



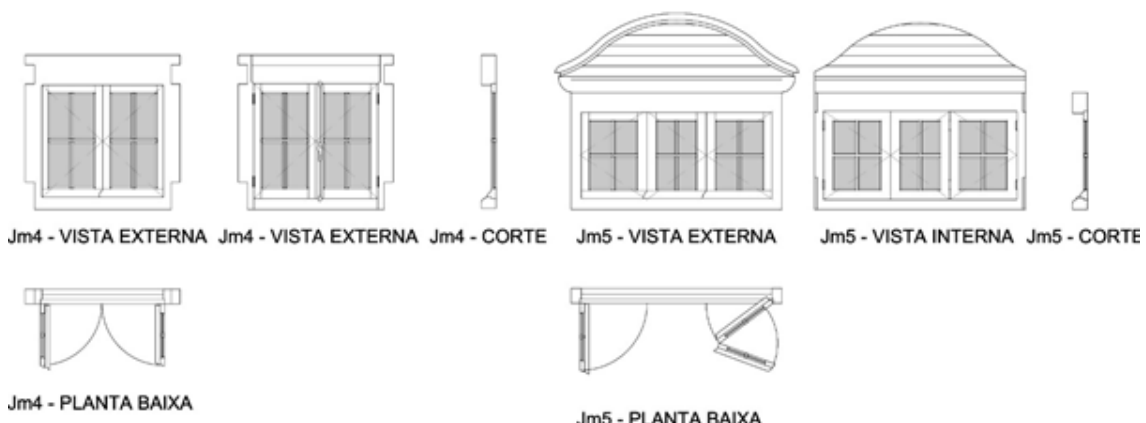
Ao lado, exemplo de modelo com fecho e cremona antigos ainda presente.

Fecho.

Cremona

Os fechos e cremonas antigos são identificados também em outras esquadrias do casarão.

Também se destacam, entre os vãos, as Mansardas (ou águas furtadas) que são vãos projetados na cobertura. Estes elementos são classificados independentemente no grupo Vãos, e abrigam as janelas Jm4, Jm5 e Jm6.



Preenchendo as fichas

Parte 02

A segunda parte deve ser preenchida junto com a primeira. É o registro gráfico da identificação dos danos listados na Parte 01. Aqui, faça antações, croquis e escreva também sobre suas impressões! Veja o exemplo de exercícios já realizados anteriormente. As fichas ainda eram um pouco diferentes das que estamos utilizando agora:



Ficha de inspeção de danos - Ambientes internos

IDENTIFICAÇÃO DO AMBIENTE

Nome ambiente: HALL 01 Localização: _____
 Levantamento: BIANCHOTA E CAMILA AVESANI
 Data: 29/11/2018
 Obs: CUIDEM BEM DO CHALÉ ♥



PISO
Material: CIMENTO QUEIMADO

Alteração cromática	1
Arranhão	
Desgaste	
Desprendimento de material	
Instalação aparente	
Mancha	
Reposição de peça	
Sujidade	
<u>LACUNA</u>	<u>3</u>
<u>SUBST. MAT. INADEQUADO</u>	<u>2</u>

Observações: NO MAPA DE DANOS

TETO
Material: FORRO DE MADEIRA

Alteração cromática	3
Arranhão	
Desgaste	
Desprendimento de material	3
Instalação aparente	
Mancha	
Reposição de peça	
Sujidade	
<u>LACUNA</u>	<u>3</u>

Observações: //

PAREDES: ChPa 1

Material: PINTURA

	H01-1	H01-2	H01-3	H01-4
ADICÇÃO DE MATERIAL	1		1	
Desgaste				1
Desprendimento material		2	2	
Infiltração				
Instalação aparente	2	1	1	1
Mancha		1		3
Substituição de peça	1			
Sujidade		2	3	2/3
Trinca / fissura				
<u>ELEMENTOS ESPURIOS</u>	1			
<u>SUBST. MAT. INADEQUADO</u>	1	1		
<u>LACUNA</u>	2	3		

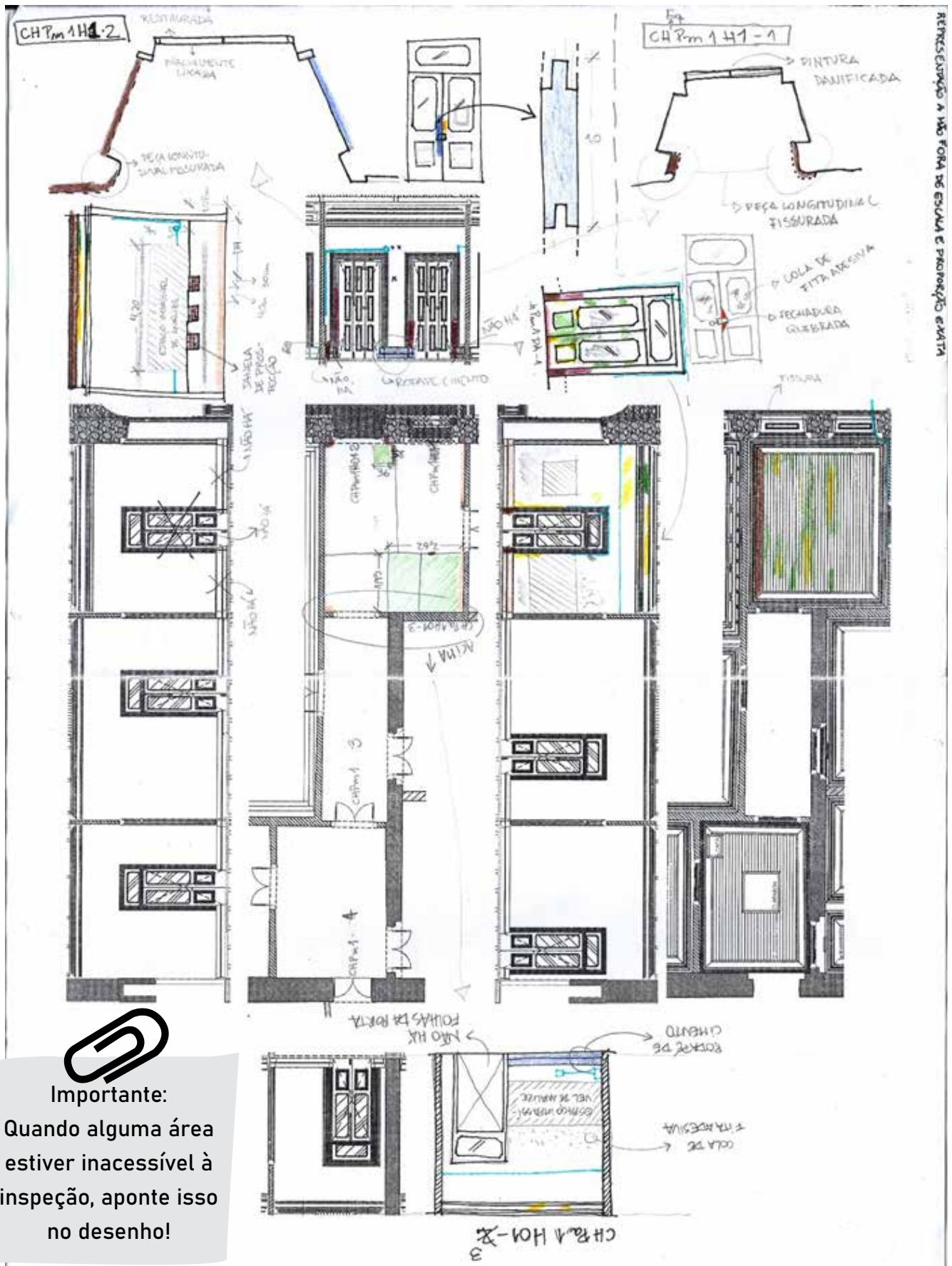
Observações: //

ESQUADRIAS ChPm 1

Material: MADEIRA E VIDRO Sistema: DE ABRIR

	H01-1	H01-2	ChPm 1
Desgaste madeira			1
Desprendimento pintura		3	3
Instalação aparente ()	2		
Instalação de tela para insetos			
Insulfim			
Mancha		3	
Mecanismo abertura danificado			
Perfuração			
Respingo de tinta			
Trecho quebrado	2		
Trinca / fissura	1	2	1
<u>SUJIDADE</u>	1		1
<u>LACUNA</u>	3	3	3
<u>ADICÇÃO DE MATERIAL</u>		1	

Observações: //



RETRACES EXEMPLO A NÃO SER USADO EM EXERCÍCIOS DE AVALIAÇÃO

Importante:
Quando alguma área estiver inacessível à inspeção, aponte isso no desenho!

Exemplo de mapeamento de danos realizado pelas alunas Bianca Mota e Camila Avesani no segundo semestre de 2018.

Fotografe o ambiente e produza um **relatório fotográfico** no qual possam ser visualizados os danos que você identificou.

Parte 03

A terceira parte é onde você deve sintetizar suas observações sobre os danos identificados. Descreva, para cada grupo de elementos, os seguintes aspectos:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Registro de intervenções

Por fim, para as intervenções práticas que forem realizadas nos elementos do conjunto, é importante que seja feito o registro, fotográfico e descritivo, destas intervenções. Siga as instruções conforme a publicação da FIOCRUZ: "Metodologia e tecnologia na área de manutenção e conservação de bens edificados" (2009) orienta:

O relatório fotográfico ilustra **todas as fases do processo de intervenção**, registrando como o material construtivo se encontra **antes, durante e depois**, além dos **materiais e procedimentos técnicos** adotados na intervenção. As fotos devem conter **datas, locação e descrição**, seja dos danos verificados seja dos procedimentos nela registrados. As fotos do aspecto anterior à intervenção deverão priorizar os detalhes construtivos e o estado de conservação. Estas deverão ter **referência da dimensão** do elemento arquitetônico em questão, utilizando-se qualquer elemento de medida (lápiz, régua, trena...), e possibilitar uma **leitura clara da deterioração verificada**. As fotos que compõem o processo de intervenção devem registrar todas as etapas e procedimentos adotados e **servirão para documentar as técnicas e os materiais aplicados**, devidamente relatados. Preferencialmente, estas fotos deverão ser enquadradas de perto, a fim de capturar uma imagem nítida da técnica e do produto utilizado. Ao final de todo o processo de conservação, novas fotos deverão ser tiradas ilustrando o resultado atingido. Ressalta-se que alguns materiais precisam ser retirados do local de origem para receber o tratamento adequado. Neste caso, as fotos relativas a esta etapa deverão ser do material tratado tanto fora do local de origem quanto após sua recolocação. (PINHEIRO et al., 2009, p.23).

Organize as fotografias na Ficha de registro de intervenções!

Quer saber mais sobre o assunto?

Referências Bibliográficas:

Sobre Planejamento da Conservação, Conservação Preventiva de bens edificados e Gestão de Riscos:

AGUIAR, Barbara Cortizo de; CARCERERI, Maria Luisa Gambôa (org.) Arquitetura moderna e sua preservação: estudos para o Plano de Conservação Preventiva do Pavilhão Arthur Neiva. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/20561>

CARVALHO, Claudia S. Rodrigues de. Conservação preventiva de edifícios e sítios históricos: pesquisa e prática. Revista CPC, São Paulo, n.18, dez. 2014/abril 2015, p. 141–153. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/88655>

COC/FIOCRUZ. Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2013.

_____. Programa de Conservação e Restauração de Acervos. Anexo 01: Política de Preservação e Gestão de Acervos Culturais das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2017. Disponíveis em: <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/patrimonio-cultural/politica-de-preservacao-e-gestao-de-acervos>

COELHO, C. M. T. . Gestão de riscos para sítios históricos: uma discussão sobre valor. (Tese de doutorado). Niterói: PPGAU-UFF, 2018.

DELLA TORRE, Stefano. La conservazione programmata del patrimonio storico-architettonico: linee guida per il piano di manutenzione e il consuntivo scientifico. Guerini, Milano, 2003.

IPHAN. KLÜPPEL, Griselda Pinheiro; SANTANA, Mariely Cabral de. (Coord). Manual de conservação preventiva para edificações. Brasília: Programa Monumenta, IPHAN, 2000. Disponível em: <https://www.lopesvaladares.com.br/documentos/manual-de-conserva%C3%A7%C3%A3o-preventiva-para-edifica%C3%A7%C3%B5es-iphan-monumenta/>

RUSKIN, John. A Lâmpada da memória. Salvador: Pretextos, 1996.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. “Planos de Conservação: do ensino à prática, da academia aos canteiros de obras”. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada/ CECI, 2013. <http://www.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/59-textos-para-discussao/635-plano-de-gestao-da-conservacao.html>

Sobre Sistemas Construtivos e nomenclatura de elementos arquitetônicos:

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. Dicionário ilustrado de arquitetura. Vol. 1 e II. São Paulo: ProEditores, 1998.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos A. C. Dicionário da Arquitetura Brasileira. 2 ed. São Paulo: Romano Guerra, 2017.

COSTA, F. Pereira da. Enciclopédia prática da construção civil, Volume 20. Edição do autor. Lisboa: Portugália editora, 1955.

REAL, Regina M. Dicionário de Belas-Artes. Termos técnicos e matérias afins. 2 volumes. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Arquitetura no Brasil - Sistemas construtivos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

Sobre o conjunto da EAU-UFF:

CASTRO, Paula Donegá de. Projeto de Restauração e Requalificação do Chalet da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Niterói, Trabalho final de graduação - UFF, 2010.

CORDEIRO, Aline Soares, Plano de Gestão e Uso para Edifícios Históricos: Um estudo de caso para a Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF. Niterói, Trabalho final de graduação - UFF, 2009.

MEIRA, Maria Elisa. A educação do arquiteto e urbanista: reflexões da professora Maria Elisa Meira. PINTO Valeska Peres; EIRAS Isabel Cristina (Org.). Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001. 160 p.

MELLO, Maria Cristina Fernandes de (Coord.). Projeto de Restauração dos prédios utilizados pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF – Casarão e Chalé. Trabalho para a Disciplina de Projeto de Restauração, Turma A1. Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1999.

MELLO, Maria Cristina Fernandes de, VASCONCELLOS, Lélia Mendes de (Coord). História da Universidade em suas edificações. 1985-1987. Pesquisa (Pós-graduação)-Departamento de Arquitetura, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1985.

Sites:

Conserva FAU:

<https://conservafau.wordpress.com/>

IPHAN:

<http://portal.iphan.gov.br/>

Plano de Conservação Preventiva do Museu Casa de Rui Barbosa:

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/conservacaopreventiva/>

Precom³os:

<https://set.kuleuven.be/rlicc/research/precomos>

2b Fichas de inspeção

Identificação do ambiente

Localização

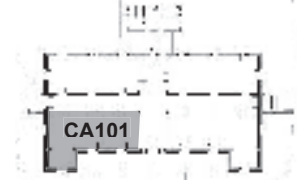
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)														
Dano	Superfícies internas (Int)						Rodapés de madeira (Rpm)							
	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06		
Alteração cromática														
Empolamento														
Desprendimento de material														
Fissura / Trinca / Rachadura														
Deslocamento / desalinhamento														
Deformação														
Mancha de umidade														
Outras manchas (descrever)														
Expansão volumétrica														
Elementos espúrios														
Substituição / Intervenção inadequada														
Sujidade														
Desgaste														
Lacuna														
Arranhão														
Presença de Vegetação														
gentes biológicos (descrever)														
Fratura														

Piso (Pi)			
Dano	Assoalho (Aso)		
	01	02	03
Alteração cromática			
Desprendimento de material			
Fissura / Trinca / Rachadura			
Deslocamento / desalinhamento			
Deformação			
Elementos espúrios			
Substituição / Intervenção inadequada			
Perfurações			
Sujidade			
Desgaste			
Lacuna			
Presença de Vegetação			
Sinais de agentes biológicos (descrever)			
Mancha de umidade			
Outras manchas (descrever)			
Retração			
Indícios de térmitas			

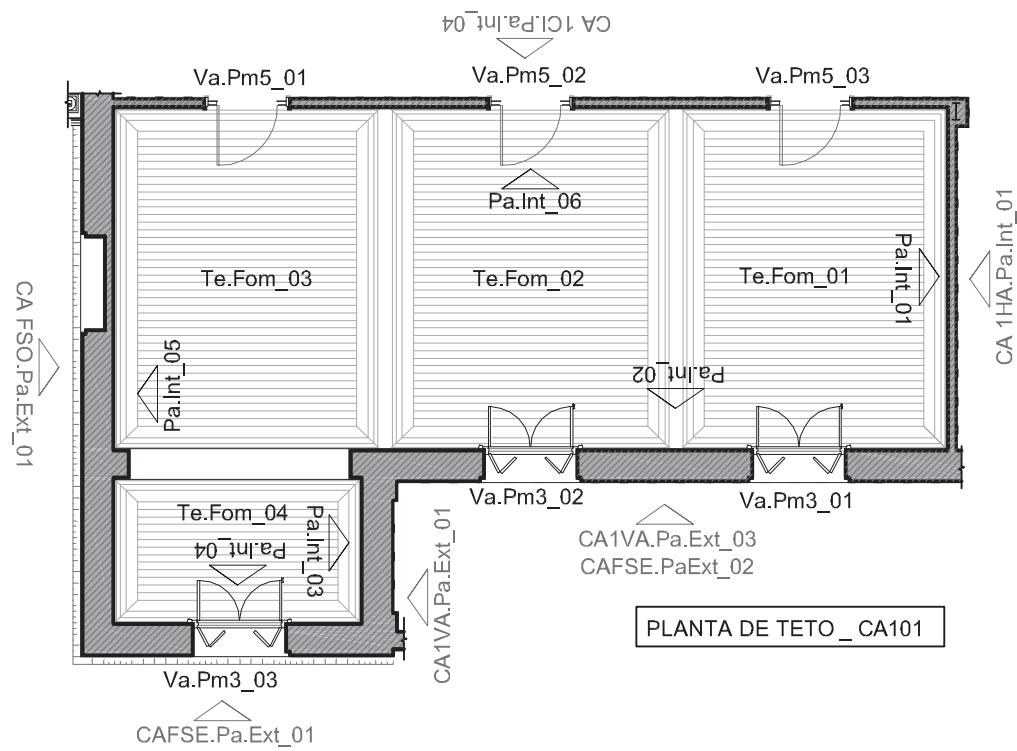
Teto (Te)									
Dano	Forro de madeira (Fom)				Sanca de madeira (Sam)				
	01	02	03	04	01	02	03	04	
Alteração cromática									
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Mancha de umidade									
Manchas (descrever)									
Deformação / desalinhamento									
Elementos espúrios									
Substituições / Intervenções inadequadas									
Sujidade									
Lacuna									
Perfuração									
Presença de Vegetação									
Sinais de agentes biológicos (descrever)									
Indícios de térmitas									

Vãos (Va)								
Dano	Portas						GC	
	(Pm3)			(Pm5)			Gcm	
	01	02	03	01	02	03	01	
Lacuna								
Fratura								
Retração								
Empolamento de pintura								
Desprendimento de material								
Alteração cromática								
Empeno / desalinhamento								
Expansão volumétrica								
Desgaste								
Mancha (descrever)								
Perfurações								
Elementos espúrios								
Vidro quebrado / ausente								
Perda de massa de vedação								
Oxidação de peça metálica								
Sujidade								
Sinais de agentes biológicos (descrever)								
Partes ocas (análise percussiva)								
Indícios de térmitas								
Elementos faltantes								
Folha de madeira e vidro (a)							n/a* n/a n/a n/a	
Folha de veneziana (b)							n/a n/a n/a n/a	
Cremona	a	b	a	b	a	b	n/a n/a n/a n/a	
Fecho	a	b	a	b	a	b	n/a n/a n/a n/a	

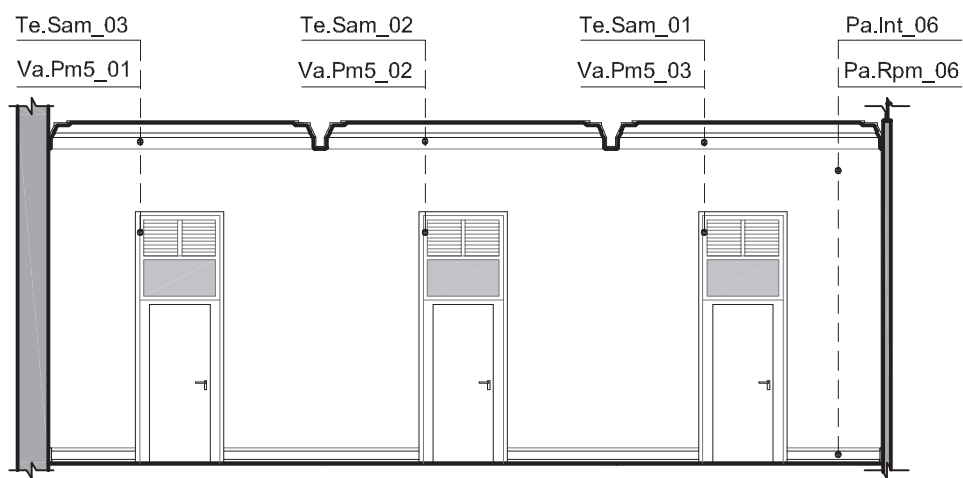
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 - 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente. No mapeamento e legenda de cores, usar a mesma cor correspondente ao dano “Lacuna”.

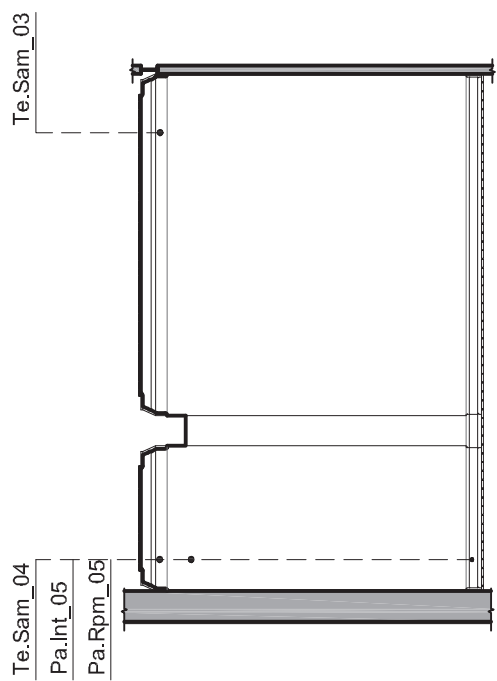
(Obs: n/a* = não se aplica)



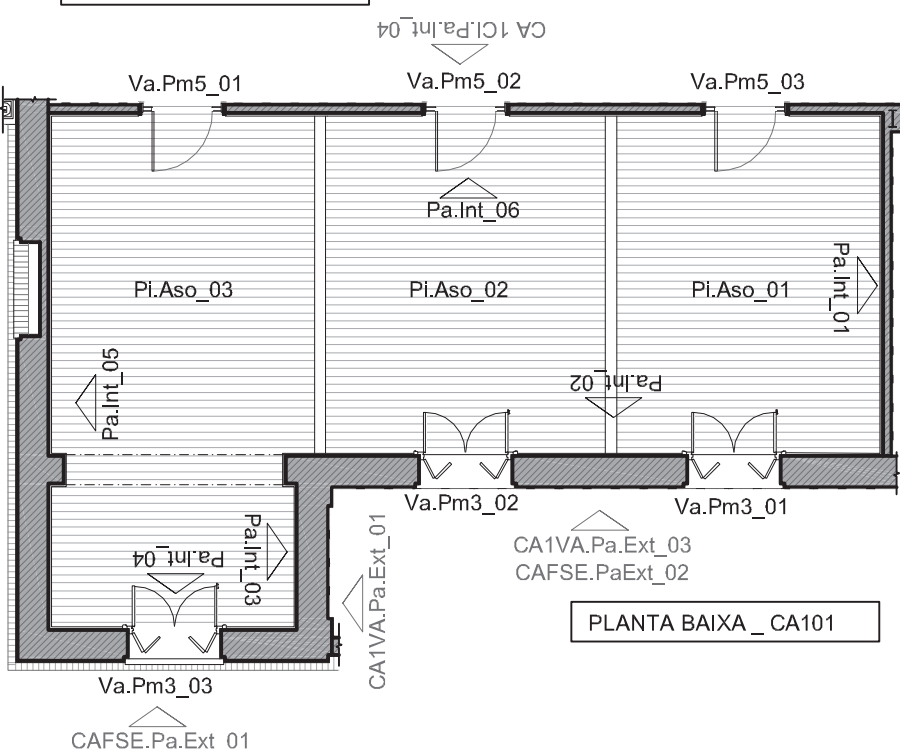
PLANTA DE TETO_CA101



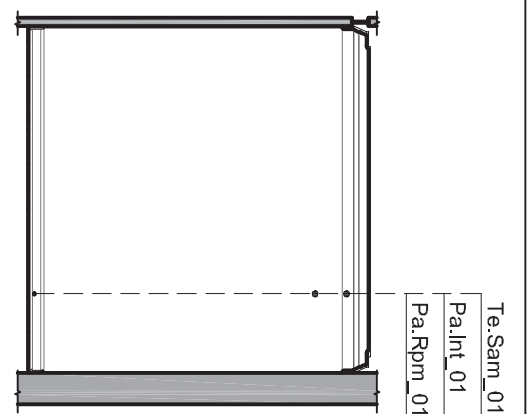
VISTA_CA101.Pa.Int_06



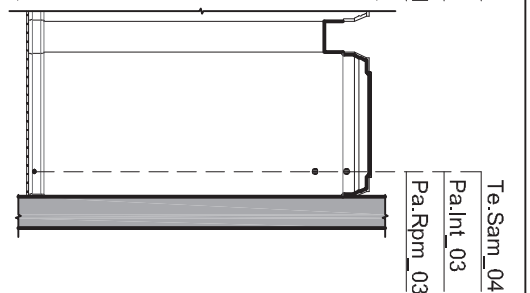
VISTA_CA101.Pa.Int_05



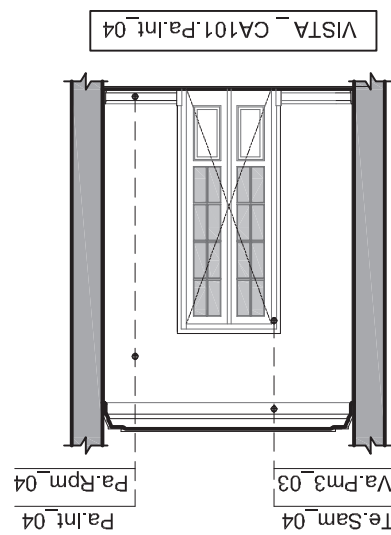
PLANTA BAIXA_CA101



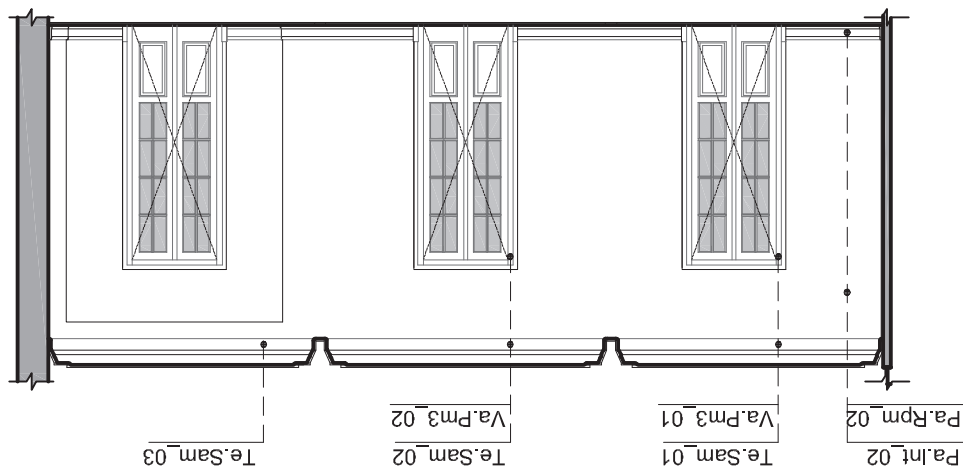
VISTA_CA101.Pa.Int_01



VISTA_CA101.Pa.Int_03



VISTA_CA101.Pa.Int_04



VISTA_CA101.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

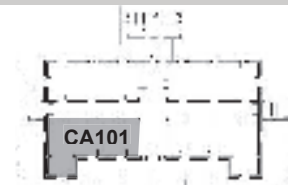
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente **Localização**

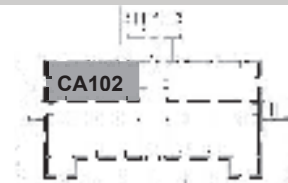
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)				
Dano	Assoalho (Aso)			
	01	02	03	
Alteração cromática				
Empolamento				
Desprendimento de material				
Fissura / Trinca / Rachadura				
Deslocamento / desalinhamento				
Deformação				
Mancha de umidade				
Outras manchas (descrever)				
Expansão volumétrica				
Elementos espúrios				
Substituição / Intervenção inadequada				
Sujidade				
Desgaste				
Lacuna				
Arranhão				
Presença de Vegetação				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Fratura				

Paredes (Pa)												
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)							
	01	02	03	04	01	02	03	04				
Alteração cromática												
Empolamento												
Desprendimento de material												
Fissura / Trinca / Rachadura												
Deslocamento / desalinhamento												
Deformação												
Mancha de umidade												
Outras manchas (descrever)												
Expansão volumétrica												
Elementos espúrios												
Substituição / Intervenção inadequada												
Sujidade												
Desgaste												
Lacuna												
Arranhão												
Presença de Vegetação												
Sinais de agentes biológicos (descrever)												
Fratura												

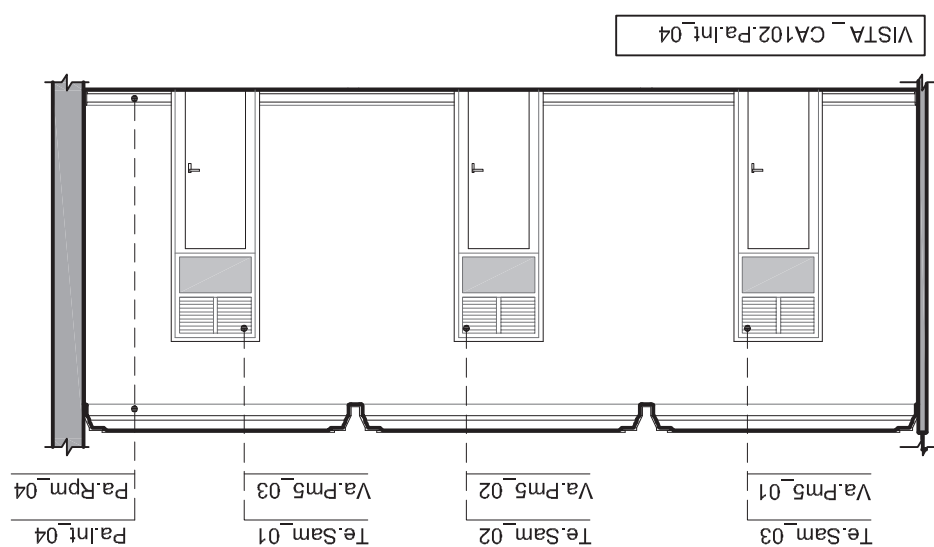
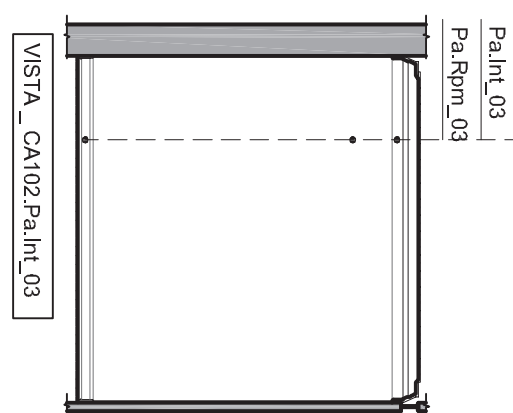
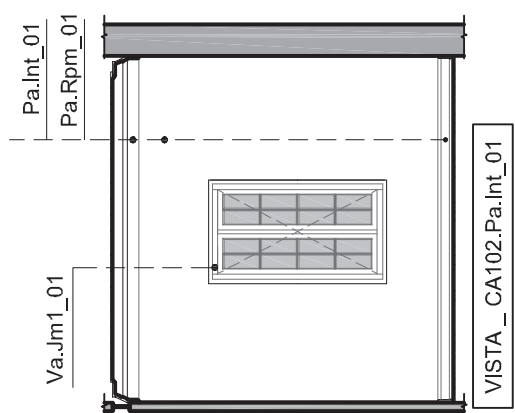
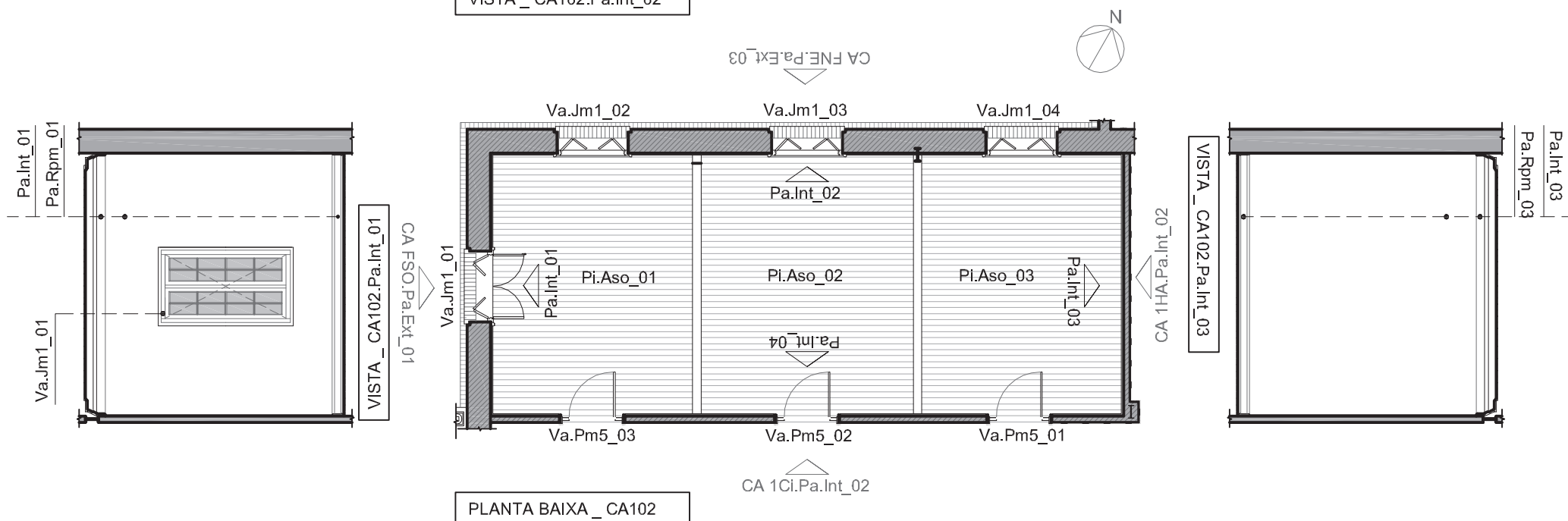
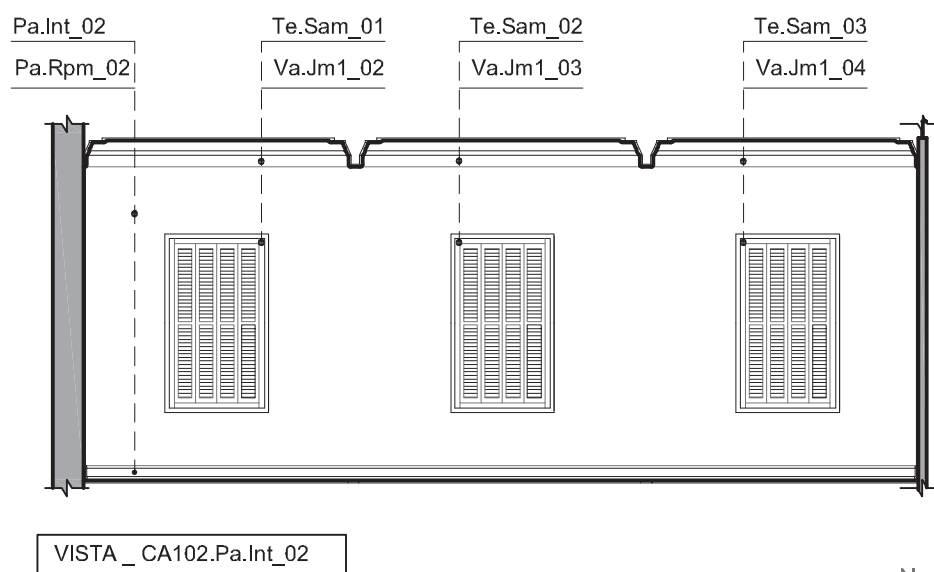
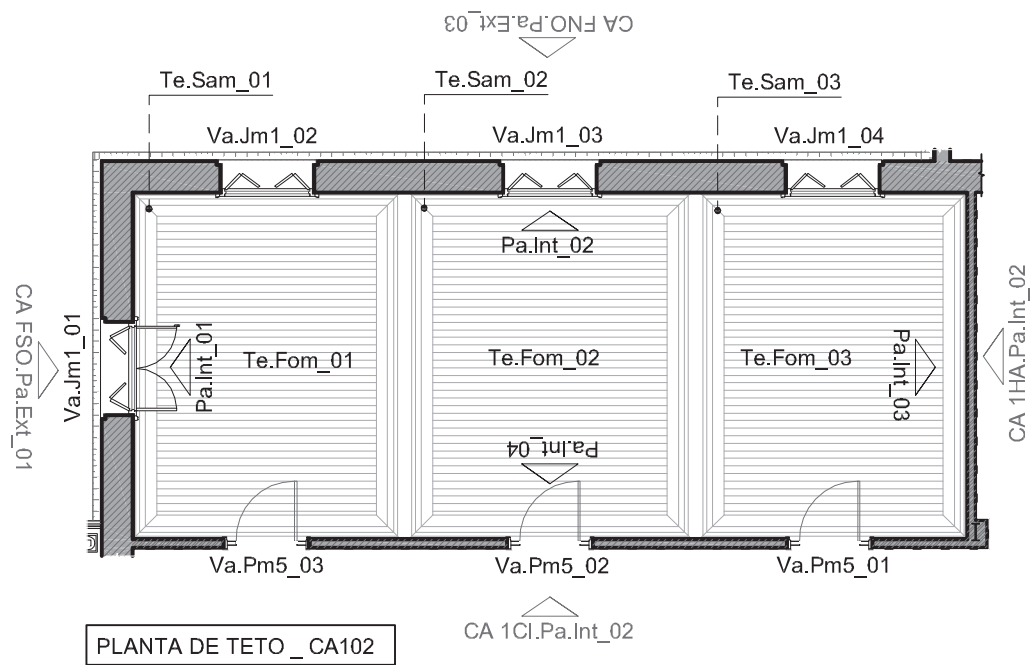
Teto (Te)							
Dano	Forro de madeira (Fom)			Sanca de Madeira (Sam)			
	01	02	03	01	02	03	
Alteração cromática							
Empolamento							
Desprendimento de material							
Fissura / Trinca / Rachadura							
Mancha de umidade							
Manchas (descrever)							
Deformação / desalinhamento							
Elementos espúrios							
Substituições / Intervenções inadequadas							
Sujidade							
Lacuna							
Perfuração							
Presença de Vegetação							
Sinais de agentes biológicos (descrever)							
Indícios de térmitas							

Vãos (Va)												
Dano	Janelas (Jm1)				Portas (Pm5)							
	01	02	03	04	01	02	03					
Lacuna												
Fratura												
Retração												
Empolamento de pintura												
Desprendimento de material												
Alteração cromática												
Empeno / desalinhamento												
Expansão volumétrica												
Desgaste												
Mancha (descrever)												
Perfurações												
Elementos espúrios												
Vidro quebrado / ausente												
Perda de massa de vedação												
Oxidação de peça metálica												
Sujidade												
Sinais de agentes biológicos (descrever)												
Partes ocas (análise percussiva)												
Indícios de térmitas												
Elementos faltantes												
Folha de madeira e vidro (a)										n/a*	n/a	n/a
Folha de veneziana (b)										n/a	n/a	n/a
Cremona	a	b	a	b	a	b	a	b	n/a	n/a	n/a	n/a
Fecho	a	b	a	b	a	b	a	b	n/a	n/a	n/a	n/a

(Obs: n/a* = não se aplica)

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

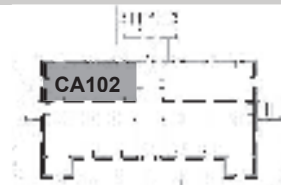
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Pisos (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente
Localização

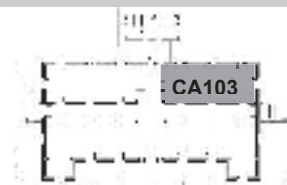
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 03

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)		Assoalho (Aso)		
Dano				
	01	02	03	
Alteração cromática				
Empolamento				
Desprendimento de material				
Fissura / Trinca / Rachadura				
Deslocamento / desalinhamento				
Deformação				
Mancha de umidade				
Outras manchas (descrever)				
Expansão volumétrica				
Elementos espúrios				
Substituição / Intervenção inadequada				
Sujidade				
Desgaste				
Lacuna				
Arranhão				
Presença de Vegetação				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Fratura				

Paredes (Pa)		Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
Dano									
	01	02	03	04	01	02	03	04	
Alteração cromática									
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Deslocamento / desalinhamento									
Deformação									
Mancha de umidade									
Outras manchas (descrever)									
Expansão volumétrica									
Elementos espúrios									
Substituição / Intervenção inadequada									
Sujidade									
Desgaste									
Lacuna									
Arranhão									
Presença de Vegetação									
Sinais de agentes biológicos (descrever)									
Fratura									

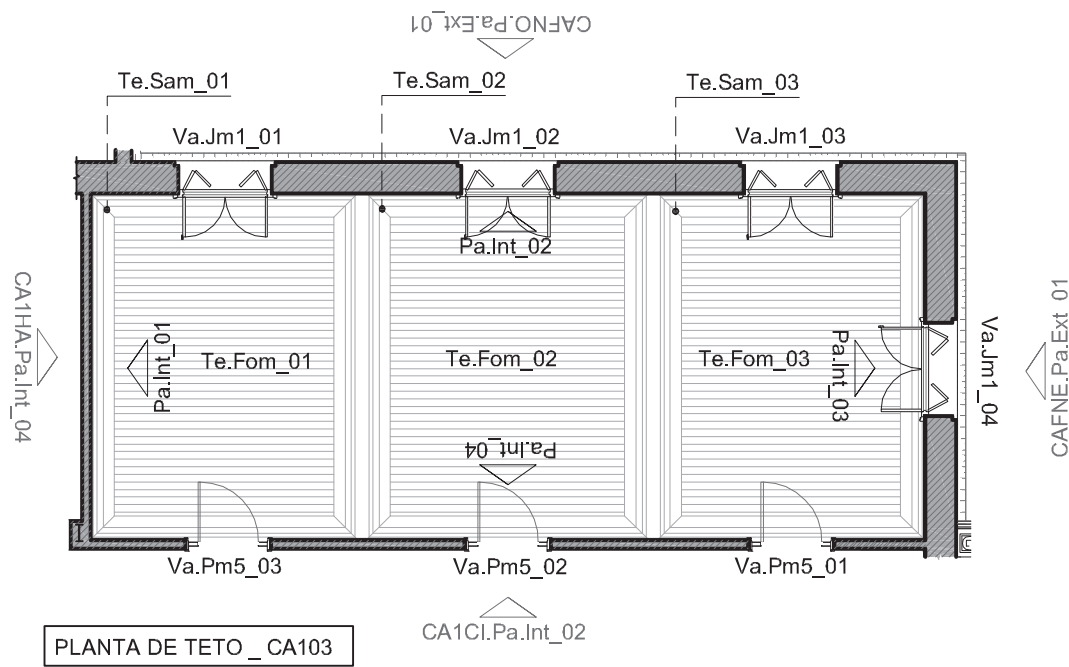
Teto (Te)		Forro de madeira (Fom)			Sanca de Madeira (Sam)		
Dano							
	01	02	03	01	02	03	
Alteração cromática							
Empolamento							
Desprendimento de material							
Fissura / Trinca / Rachadura							
Mancha de umidade							
Manchas (descrever)							
Deformação / desalinhamento							
Elementos espúrios							
Substituições / Intervenções inadequadas							
Sujidade							
Lacuna							
Perfuração							
Presença de Vegetação							
Sinais de agentes biológicos (descrever)							
Indícios de térmitas							

Vãos (Va)		Janelas (Jm1)				Portas (Pm5)		
Dano								
	01	02	03	04	01	02	03	
Lacuna								
Fratura								
Retração								
Empolamento de pintura								
Desprendimento de material								
Alteração cromática								
Empeno / desalinhamento								
Expansão volumétrica								
Desgaste								
Mancha (descrever)								
Perfurações								
Elementos espúrios								
Vidro quebrado / ausente								
Perda de massa de vedação								
Oxidação de peça metálica								
Sujidade								
Sinais de agentes biológicos (descrever)								
Partes ocas (análise percussiva)								
Indícios de térmitas								
Elementos faltantes								
Folha de madeira e vidro (a)								n/a* n/a n/a
Folha de veneziana (b)								n/a n/a n/a
Cremona		a	b	a	b	a	b	n/a n/a n/a
Fecho		a	b	a	b	a	b	n/a n/a n/a

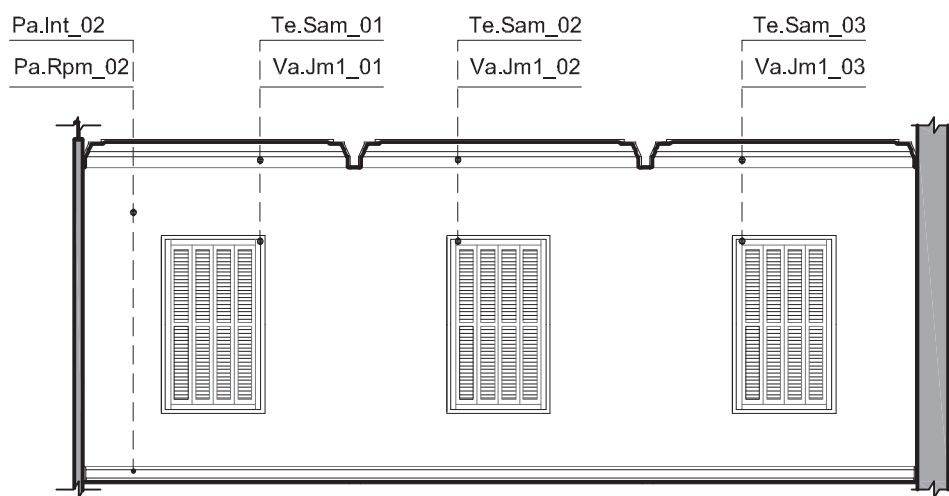
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

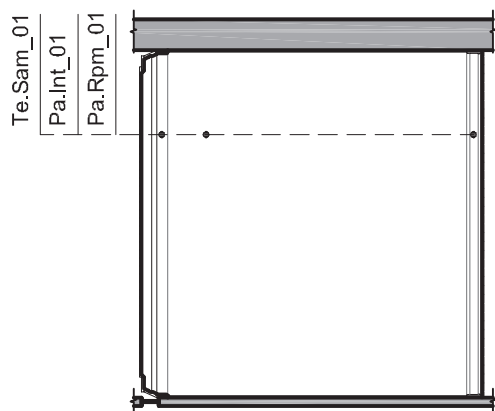
(Obs: n/a* = não se aplica)



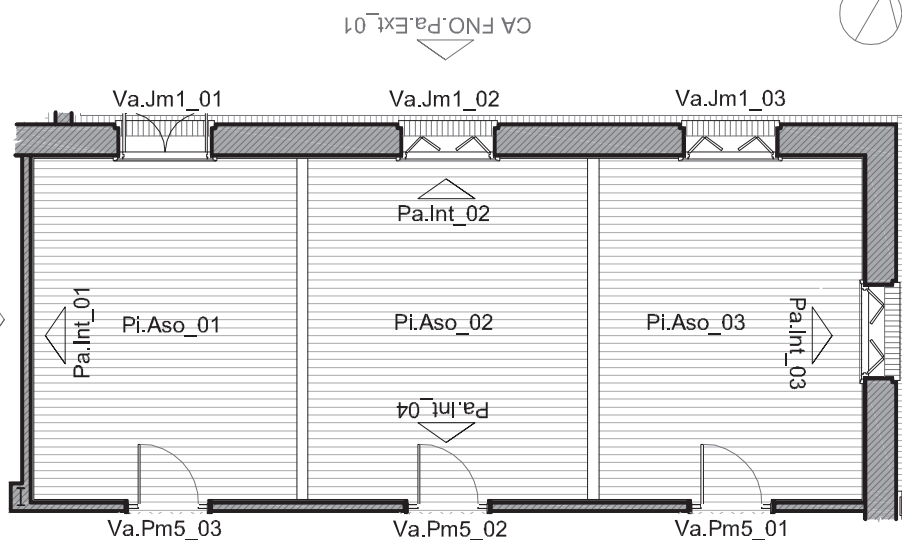
PLANTA DE TETO_CA103



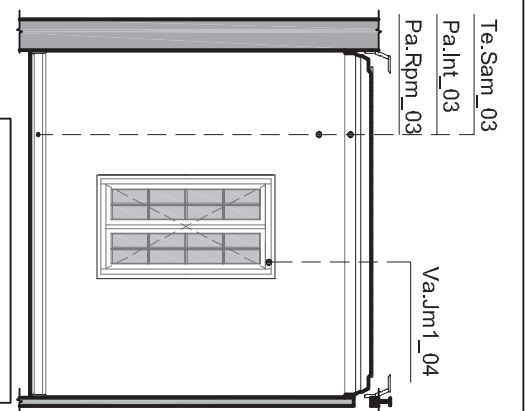
VISTA_CA103.Pa.Int_02



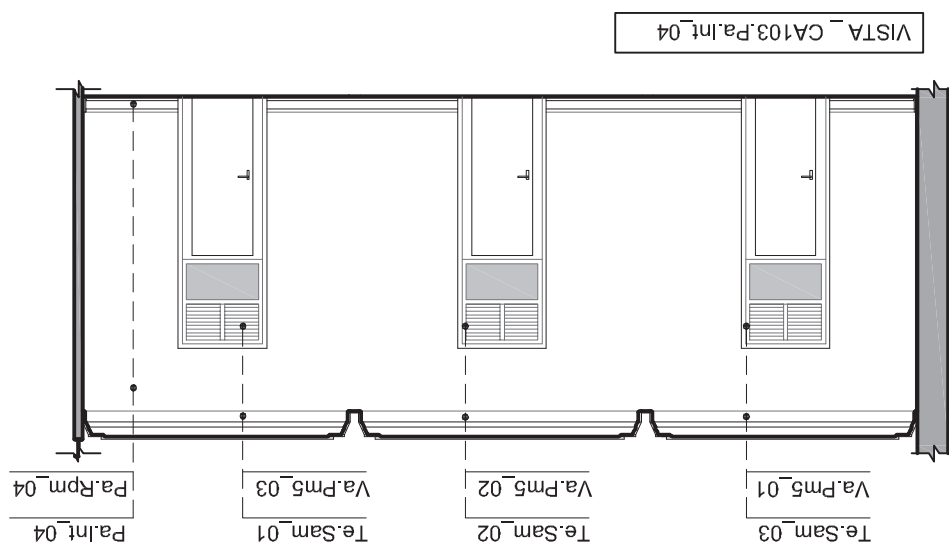
VISTA_CA103.Pa.Int_01



PLANTA BAIXA_CA103



VISTA_CA103.Pa.Int_03



VISTA_CA103.Pa.Int_04



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

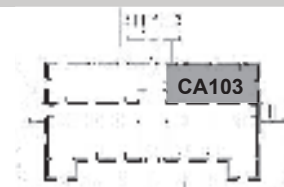
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 03

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



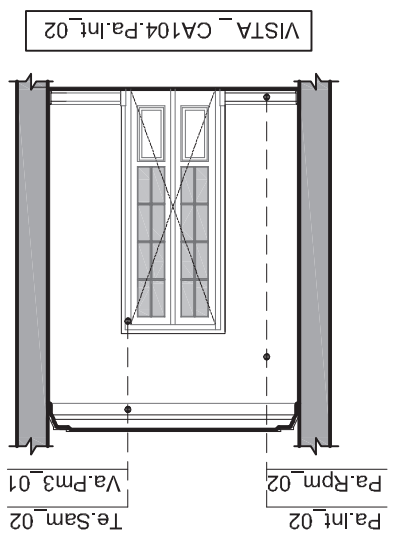
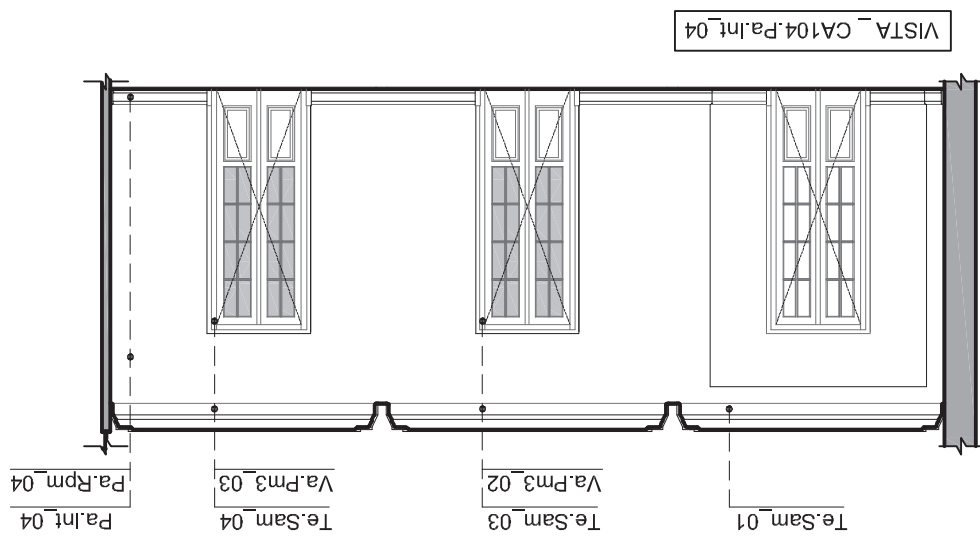
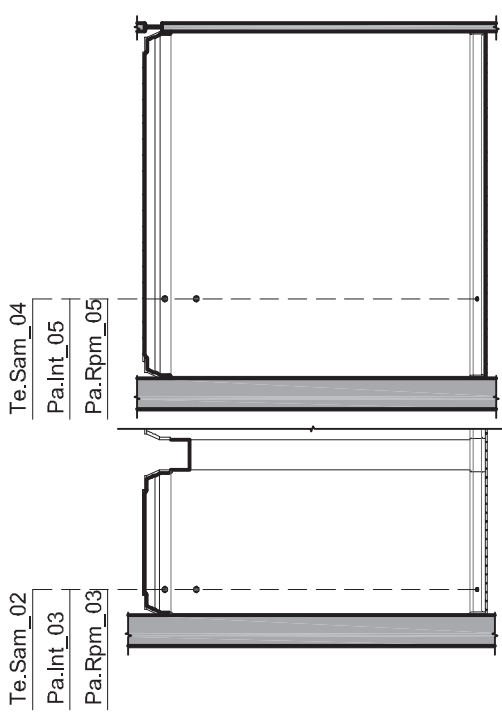
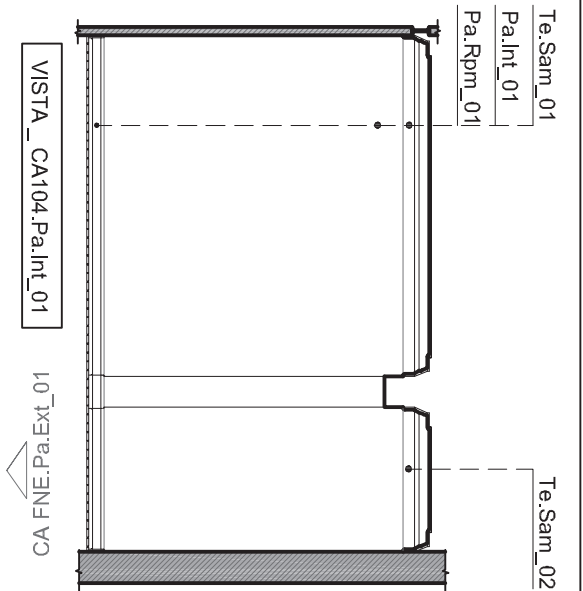
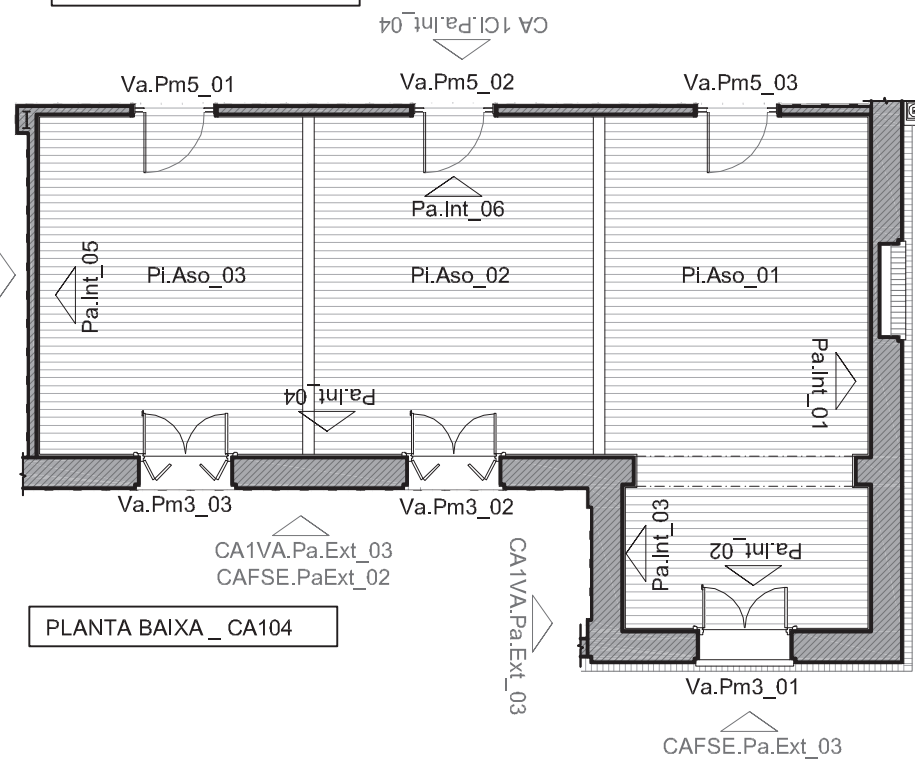
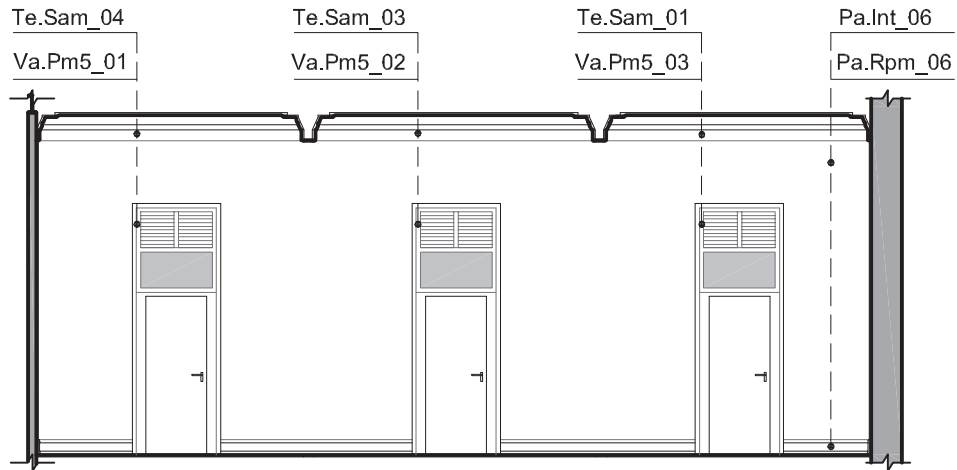
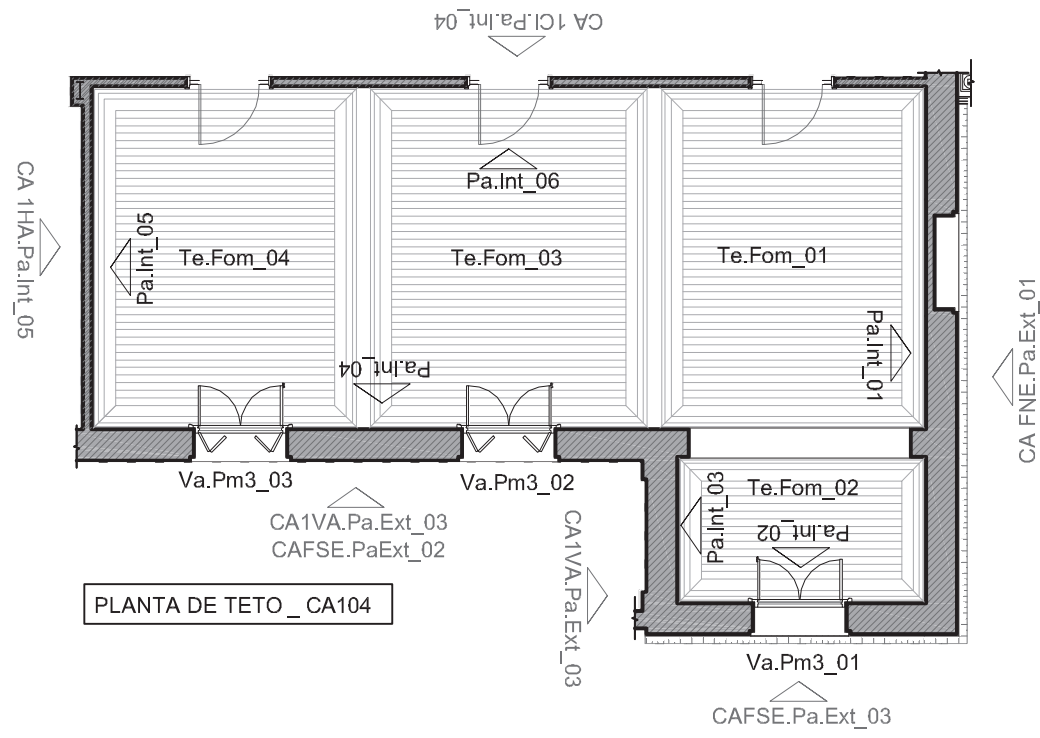
Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Pisos (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

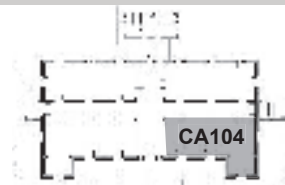
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Sala 04

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

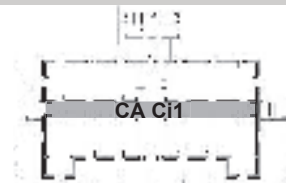
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Circulação

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)		Assoalho (Aso)				Cerâmico (Cer)	Ladr. Hidr (Lah)	
		01	02	03	04	01	01	02
	Alteração cromática							
	Empolamento							
	Desprendimento de material							
	Fissura / Trinca / Rachadura							
	Deslocamento / desalinhamento							
	Deformação							
	Mancha de umidade							
	Outras manchas (descrever)							
	Expansão volumétrica							
	Elementos espúrios							
	Substituição / Intervenção inadequada							
	Sujidade							
	Desgaste							
	Lacuna							
	Arranhão							
	Presença de Vegetação							
	Agentes biológicos (descrever)							
	Fratura							

Paredes (Pa)		Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)									
		01	02	03	04	01	02	03	04	05	06				
												Dano			
	Alteração cromática														
	Empolamento														
	Desprendimento de material														
	Fissura / Trinca / Rachadura														
	Deslocamento / desalinhamento														
	Deformação														
	Mancha de umidade														
	Outras manchas (descrever)														
	Expansão volumétrica														
	Elementos espúrios														
	Substituição / Intervenção inadequada														
	Sujidade														
	Desgaste														
	Lacuna														
	Arranhão														
	Presença de Vegetação														
	Agentes biológicos (descrever)														
	Fratura														

Teto (Te)		Forro de madeira (Fom)						Sanca de madeira (Sam)
		01	02	03	04	05	06	01
	Alteração cromática							
	Empolamento							
	Desprendimento de material							
	Fissura / Trinca / Rachadura							
	Mancha de umidade							
	Manchas (descrever)							
	Deformação / desalinhamento							
	Elementos espúrios							
	Substituições / Intervenções inadequadas							
	Sujidade							
	Lacuna							
	Perfuração							
	Presença de Vegetação							
	Agentes biológicos (descrever)							
	Indícios de térmitas							

Vãos (Va)		Portas												
		(Pm1)		CA101		CA102		CA103		CA104				
				Va Pm5	Va Pm5	Va Pm5	Va Pm5							
Dano	01	02	01	02	03	01	02	03	01	02	03	01	02	03
				Lacuna										
	Fratura													
	Retração													
	Empolamento de pintura													
	Desprendimento de material													
	Alteração cromática													
	Empeno / desalinhamento													
	Expansão volumétrica													
	Desgaste													
	Mancha (descrever)													
	Perfurações													
	Elementos espúrios													
	Vidro quebrado / ausente													
	Perda de massa de vedação													
	Oxidação de peça metálica													
	Sujidade													
	Sinais de agentes biológicos (descrever)													
	Partes ocas (análise percussiva)													
	Indícios de térmitas													
	Elementos faltantes													
	Folha de madeira e vidro (a)													
	Folha de veneziana (b)													
	Cremona	a	b	a	b									
	Fecho	a	b	a	b									
	Descrição do aspecto geral:													

Instruções:

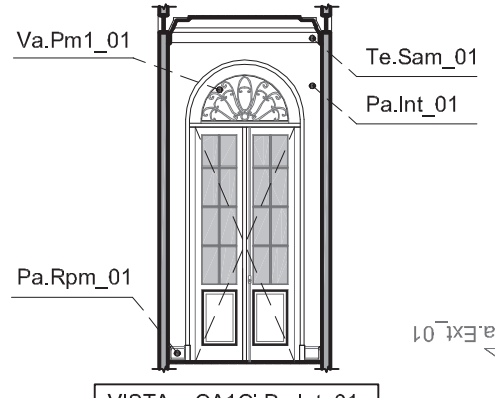
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.

- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:

1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte

- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

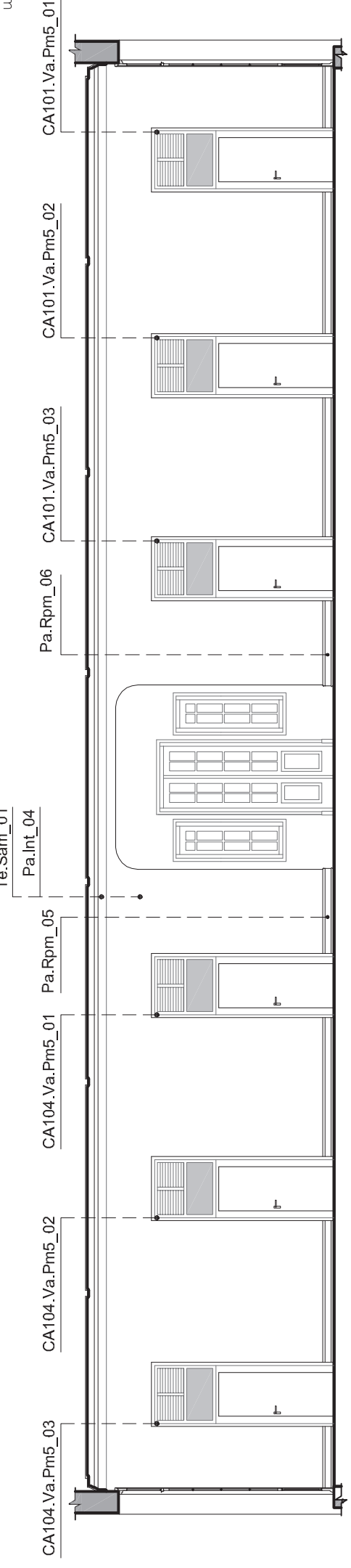
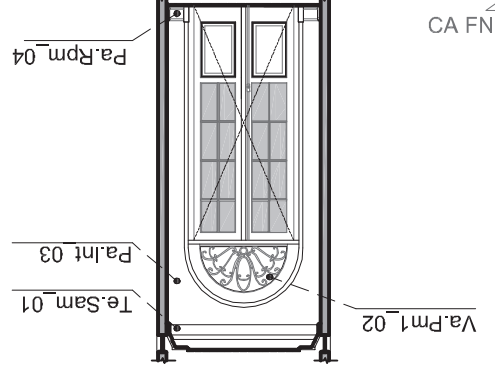
(Obs: n/a* = não se aplica)



VISTA_CA1Ci.Pa.Int_01

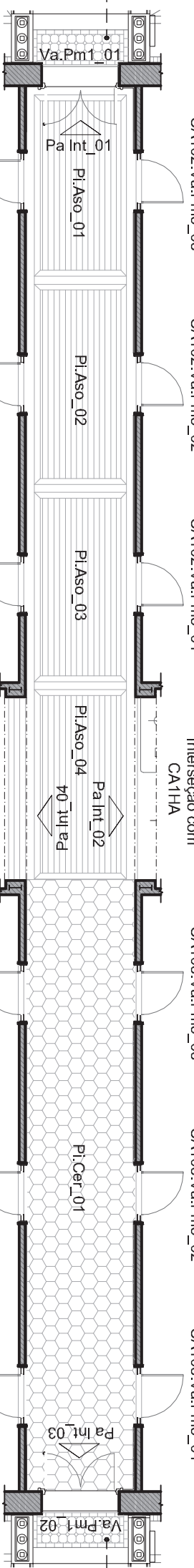


VISTA_CA1Ci.Pa.Int_03



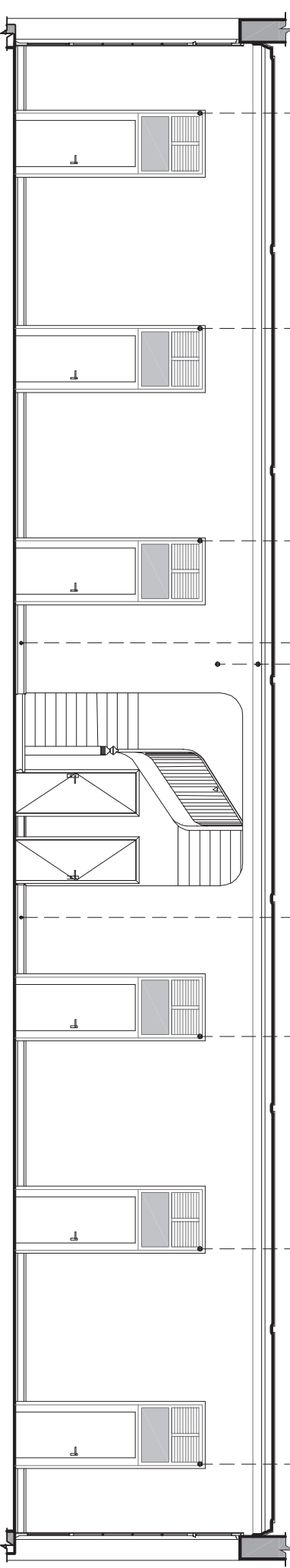
PLANTA BAIXA_CA1Ci

VISTA_CA1Ci.Pa.Int_04



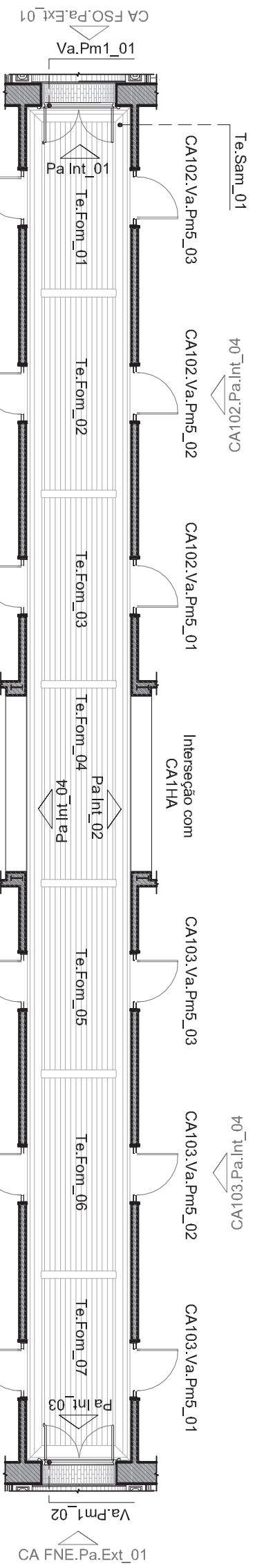
VISTA_CA1Ci.Pa.Int_02

VISTA_CA1Ci.Pa.Int_05



PLANTA DE TETO_CA1Ci

VISTA_CA1Ci.Pa.Int_06



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

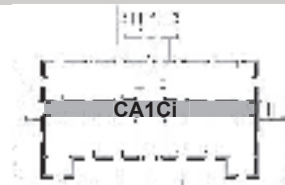
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Circulação

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

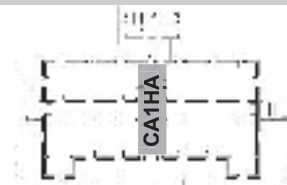
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



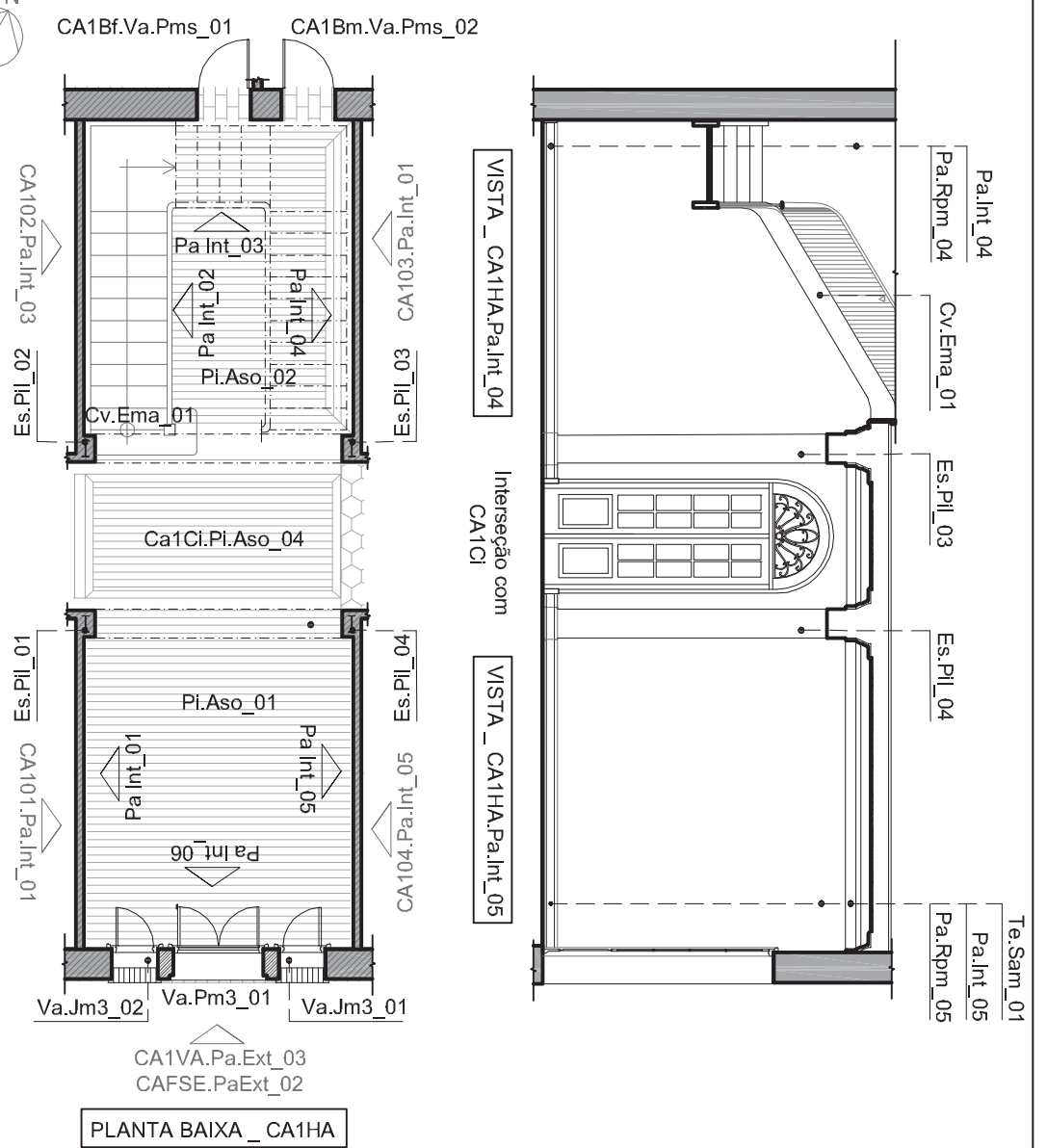
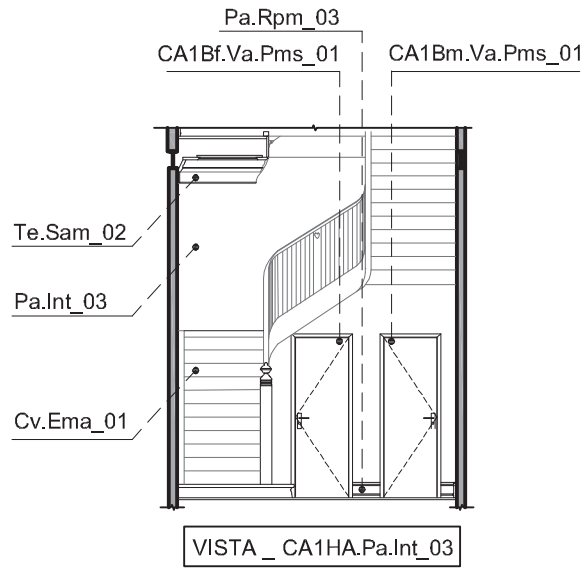
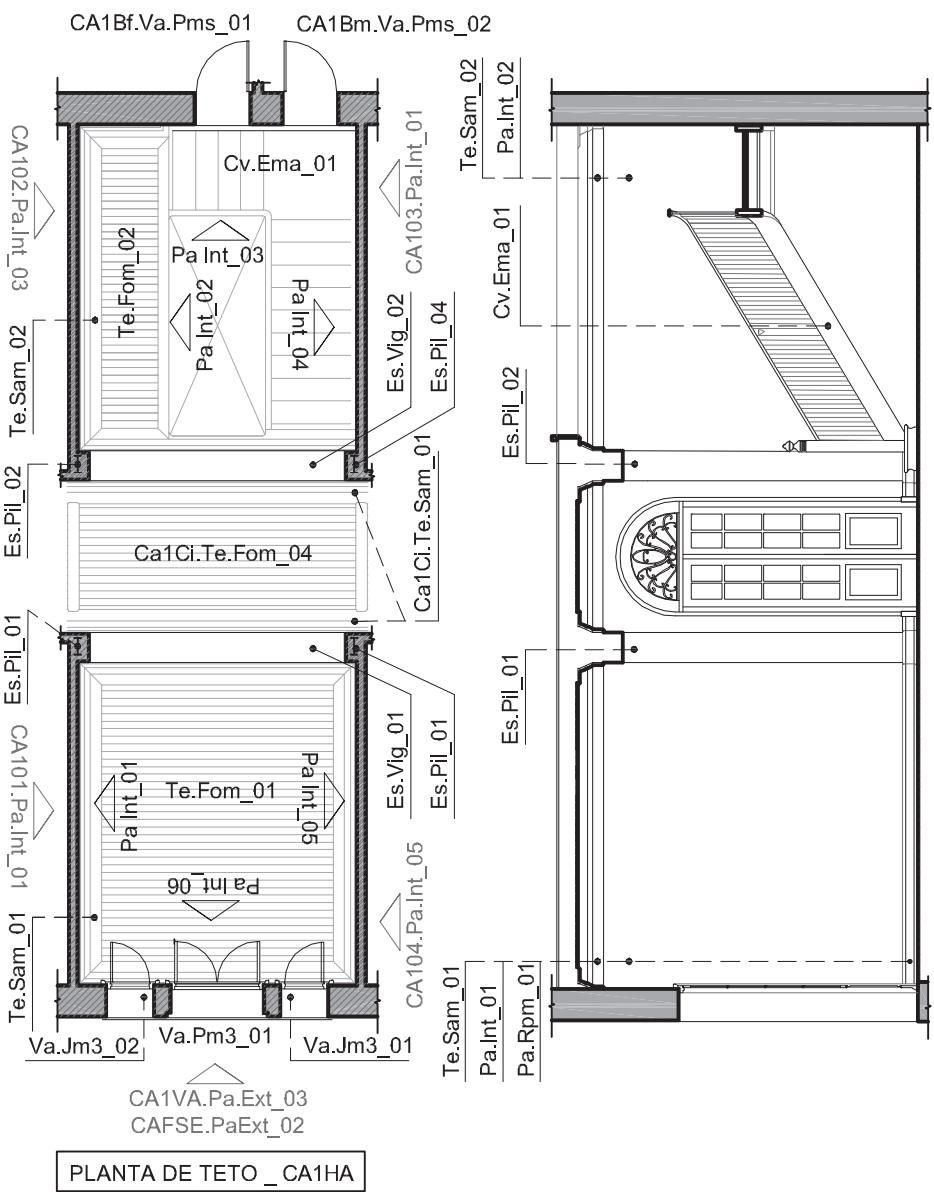
Paredes (Pa)													Teto (Te)						Piso (Pi)				
Dano	Superfícies Internas (Int)						Rodapés de madeira (Rpm)						Forro de madeira			Sanca de madeira			Assoalho				
													CA1Ci	Fom		CA1Ci	Sam		CA1Ci	Aso			
	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06	Te.Fom	01	02	Te.Sam	01	02	Pi.Aso	04	01	02	
Alteração cromática																							
Empolamento																							
Desprendimento de material																							
Fissura / Trinca / Rachadura																							
Deslocamento / desalinhamento																							
Deformação																							
Mancha de umidade																							
Outras manchas (descrever)																							
Expansão volumétrica																							
Elementos espúrios																							
Substituição / Interv. inadequada																							
Sujidade																							
Desgaste																							
Lacuna																							
Arranhão																							
Presença de Vegetação																							
Agentes biológicos (descrever)																							
Fratura																							

Vãos (Va)						Circ. vert. (Cv)			Estrutura (Es)				
Dano	Janelas		Portas		Escada de madeira			Viga		Pilar			
	Jm3		Pm3	CA1Bf	CA1Bm	Ema		Vig		Pil			
	01	02	01	Va.Pms	Va.Pms	01	02	01	02	01	02	03	04
Lacuna													
Fratura													
Retração													
Empolamento de pintura													
Desprendimento de material													
Alteração cromática													
Empeno / desalinhamento													
Expansão volumétrica													
Desgaste													
Mancha (descrever)													
Perfurações													
Elementos espúrios													
Vidro quebrado / ausente													
Perda de massa de vedação													
Oxidação de peça metálica													
Sujidade													
Sinais de agentes biológicos (descrever)													
Partes ocas (análise percussiva)													
Indícios de térmitas													
Elementos faltantes													
Cremona													
Fecho													

Instruções:

• A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte

• Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

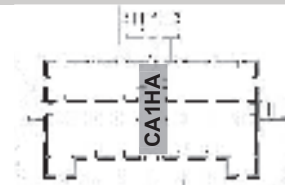
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Circulações verticais(Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Varanda

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



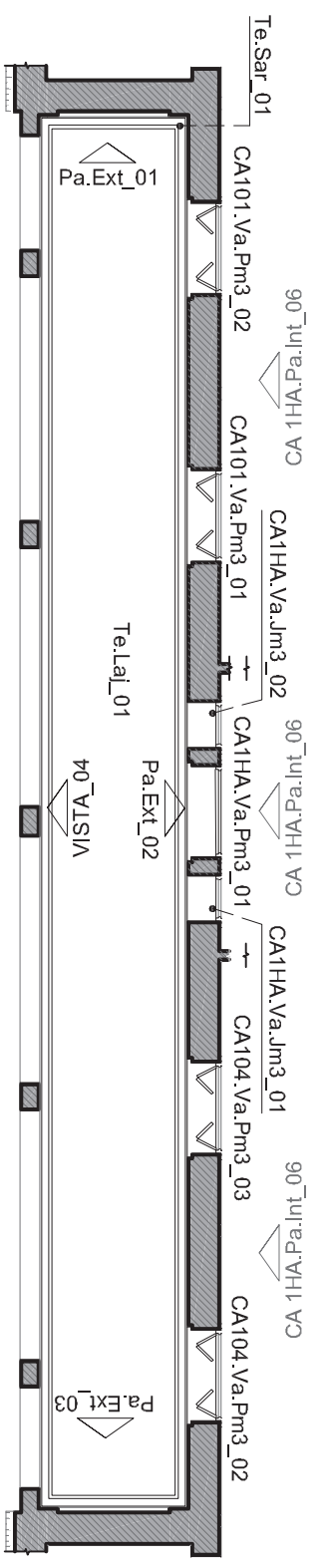
Paredes (Pa)	Teto (Te)		Circulação Vertical (Cv)		Piso (Pi)		Estrutura (Es)													
	Superf. Ext. (Ext)	Fisos de Tij. CAFSE Va.Ftj	Laje (Laj)	Sanca de arg. (Sar)	Escada de concr. (Eco)		Ladr. hidr. (Lah)	Viga (Vig)	Pilar de tijolo maciço (Ptm)											
					01	02			01	01	01	02	03	04	05	06	07			
Alteração cromática																				
Empolamento																				
Desprendimento de material																				
Fissura / Trinca / Rachadura																				
Deslocamento / desalinhamento																				
Deformação																				
Mancha de umidade																				
Outras manchas (descrever)																				
Expansão volumétrica																				
Elementos espúrios																				
Substituição / Interv. inadequada																				
Sujidade																				
Desgaste																				
Lacuna																				
Arranhão																				
Presença de Vegetação																				
Agentes biológicos (descrever)																				
Fratura																				

Dano	Vãos (Va)																				Emparedado (Emp)							
	Portas								Guarda corpo tubular (Gct)	Arcos de escação e Vergas						Típanos de estuque												
	CA1HA		CA101		CA104		CAFSE			Arc	CAFSE			Tie														
	Va.Pm3	Va.Jm3	Va.Pm3	Va.Pm3	Va.Arc	Va.Ver	Va.Tie	Tie																				
01	01	02	01	02	01	02	01	02	03	04	05	07	08	04	06	01	02	02	03	05	07	08	01	02	01	02		
Lacuna																												
Fratura																												
Retração																												
Empolamento de pintura																												
Desprendimento de material																												
Alteração cromática																												
Empeno / desalinhamento																												
Expansão volumétrica																												
Desgaste																												
Mancha (descrever)																												
Perfurações																												
Elementos espúrios																												
Vidro quebrado / ausente																												
Perda de massa de vedação																												
Oxidação de peça metálica																												
Sujidade																												
Sinais de agentes biológicos (descrever)																												
Partes ocas (teste percussivo)																												
Indícios de térmitas																												
Elementos faltantes																												
Folha de madeira e vidro (a)								-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Folha de veneziana (b)			n/a	n/a				-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cremona	a	b		a	b	a	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Fecho				a	b	a	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

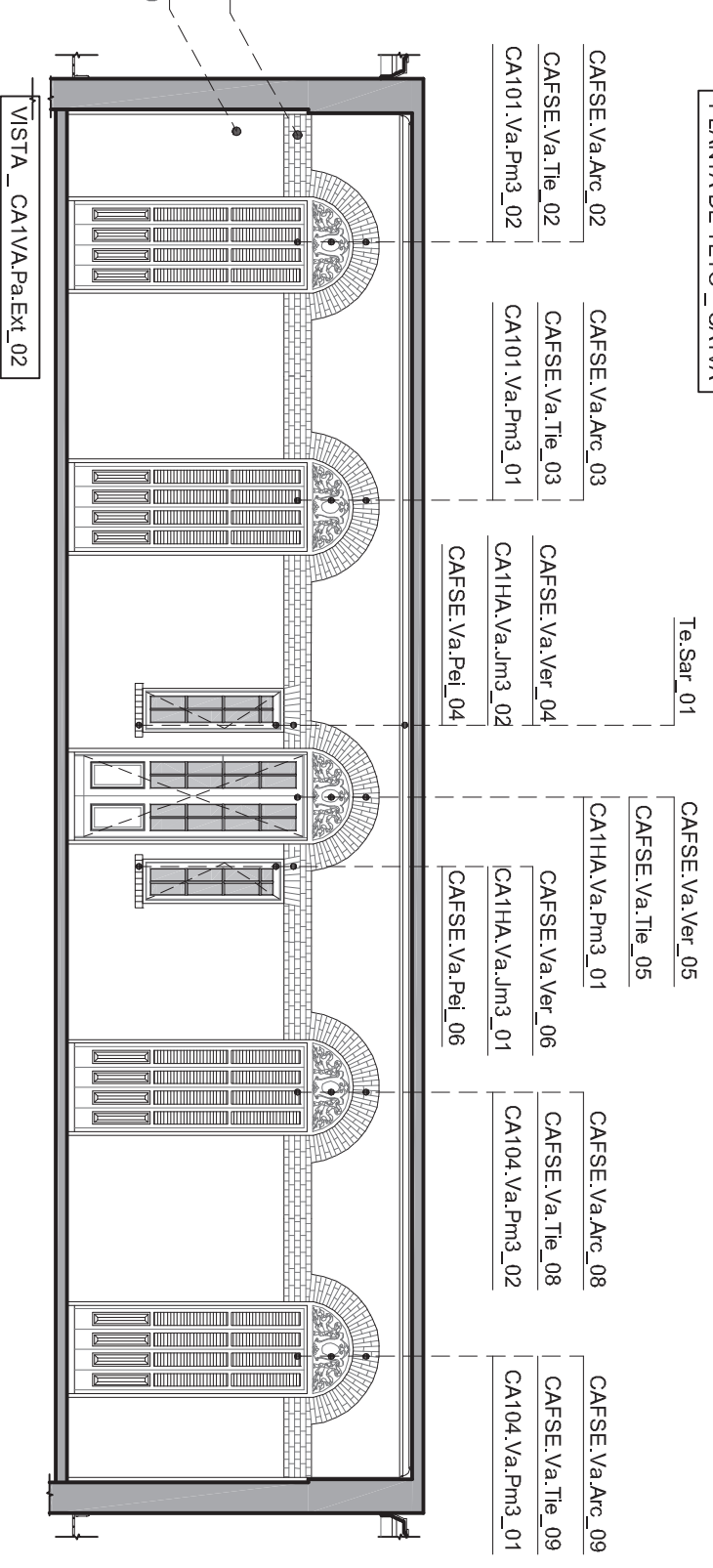
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte

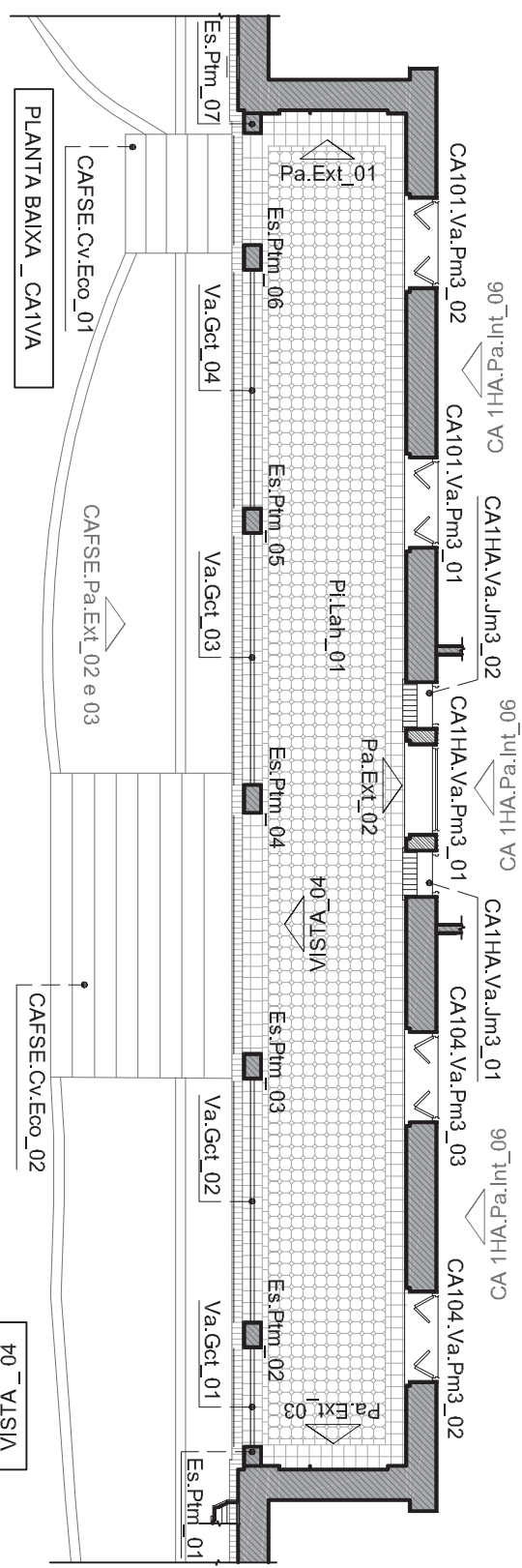
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



PLANTA DE TETO _CA1VA

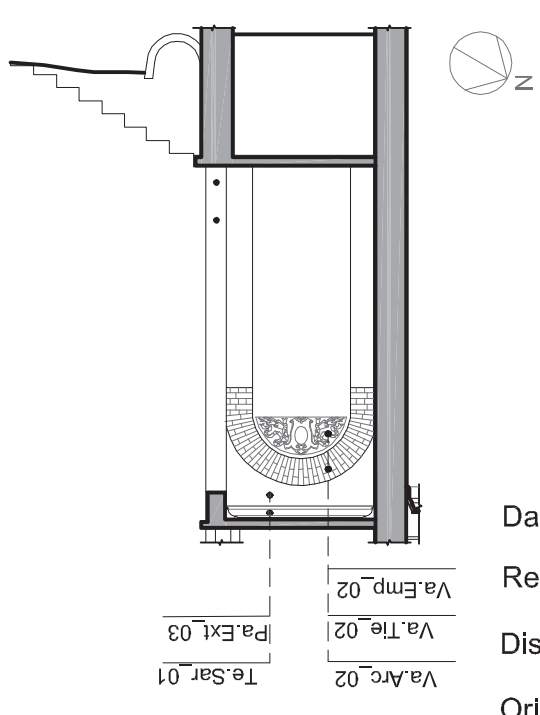


VISTA _CA1VA



PLANTA BAIXA _CA1VA

40_VLSIA



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

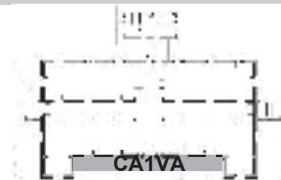
Ambiente interno: Casarão – 1º Pavimento, Varanda

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Circulações verticais(Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 05

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Assoalho (Aso)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
	Alteração cromática							
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Sinais de agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

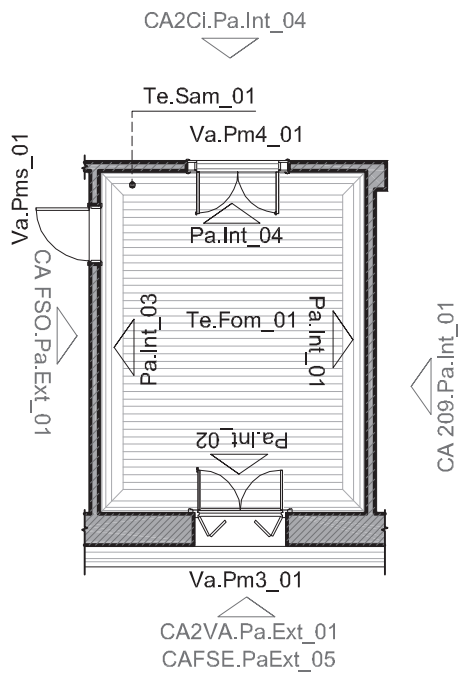
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Dano	Vãos (Va)		
	Portas		
	(Pm3)	(Pm4)	(Pms)
	01	01	01
Lacuna			
Fratura			
Retração			
Empolamento de pintura			
Desprendimento de material			
Alteração cromática			
Empeno / desalinhamento			
Expansão volumétrica			
Desgaste			
Mancha (descrever)			
Perfurações			
Elementos espúrios			
Vidro quebrado / ausente			
Perda de massa de vedação			
Oxidação de peça metálica			
Sujidade			
Sinais de agentes biológicos (descrever)			
Partes ocas (análise percussiva)			
Indícios de térmitas			
Elementos faltantes			
Folha de madeira e vidro (a)			n/a
Folha de veneziana (b)		n/a	n/a
Cremona	a	b	n/a
Fecho	a	b	n/a

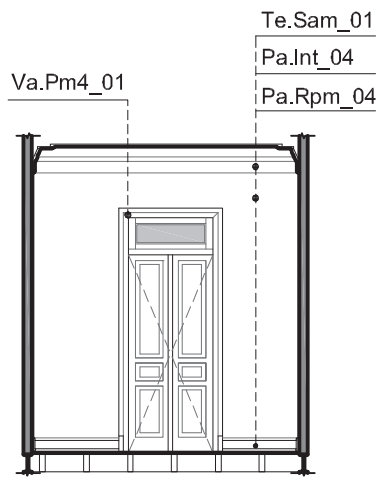
(Obs: n/a = não se aplica)

Instruções:

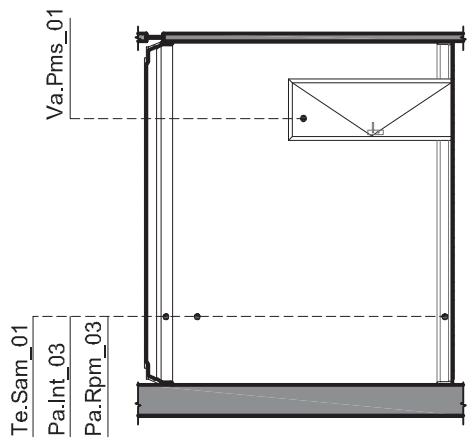
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde elemento correspondente for ausente.



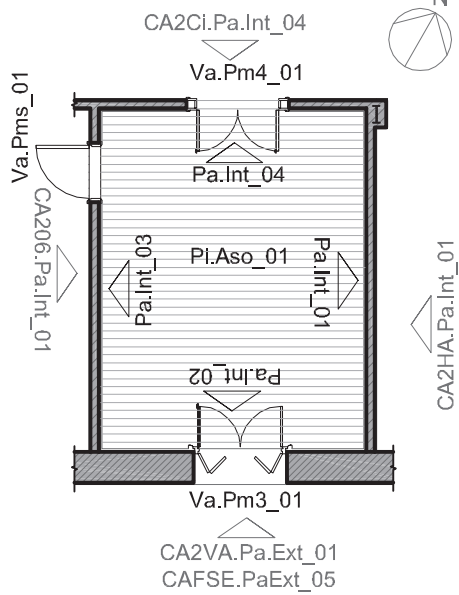
PLANTA DE TETO _ CA205



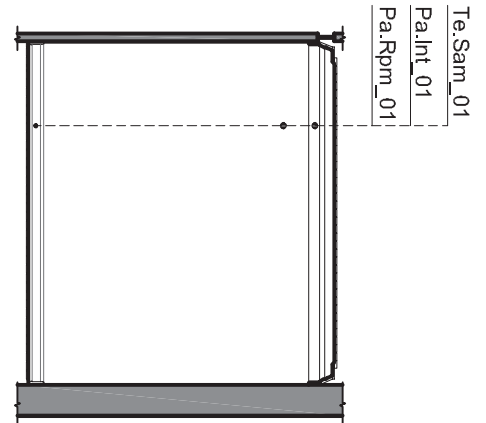
VISTA _ CA205.Pa.Int_04



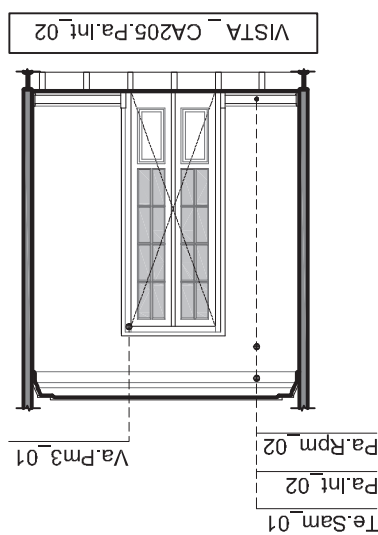
VISTA _ CA205.Pa.Int_03



PLANTA BAIXA _ CA205



VISTA _ CA205.Pa.Int_01



VISTA _ CA205.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 05

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



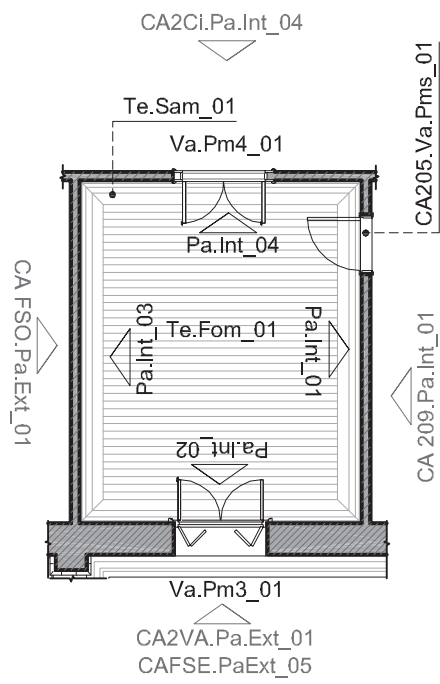
Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

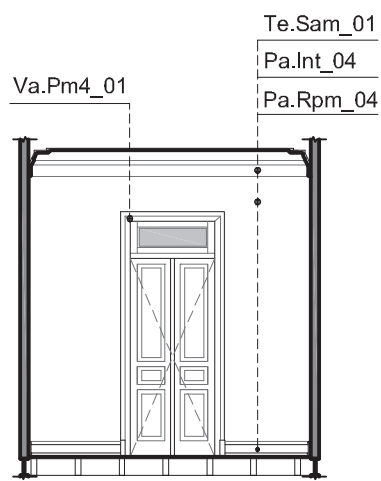
Teto (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

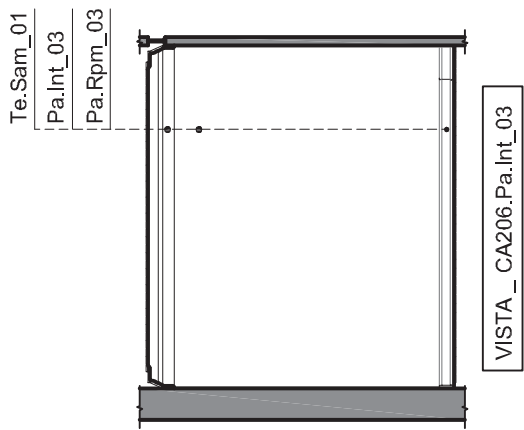
Observações e aspectos destacados:



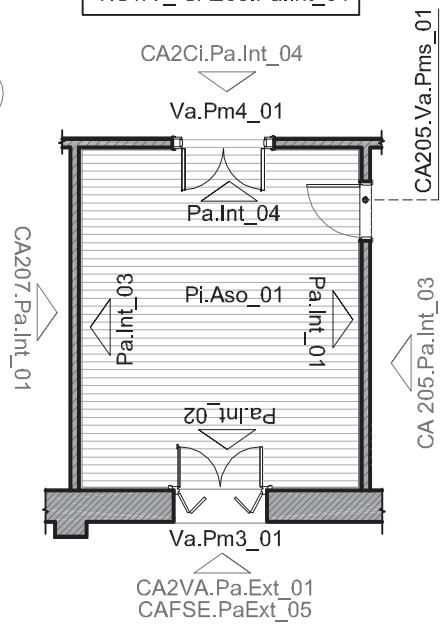
PLANTA DE TETO _ CA206



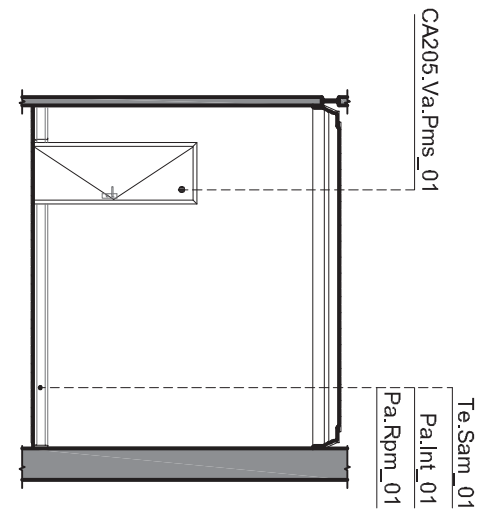
VISTA _ CA206.Pa.Int_04



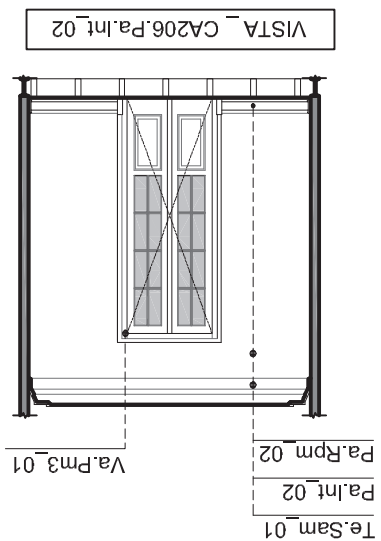
VISTA _ CA206.Pa.Int_03



PLANTA BAIXA _ CA206



VISTA _ CA206.Pa.Int_01



VISTA _ CA206.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 06

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

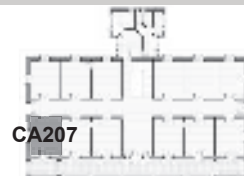
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 07

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Assoalho (Aso)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)		Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
Dano		01	02	03	04	01	02	03	04
		Alteração cromática							
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Deslocamento / desalinhamento									
Deformação									
Mancha de umidade									
Outras manchas (descrever)									
Expansão volumétrica									
Elementos espúrios									
Substituição / Intervenção inadequada									
Sujidade									
Desgaste									
Lacuna									
Arranhão									
Presença de Vegetação									
Sinais de agentes biológicos (descrever)									
Fraturo									

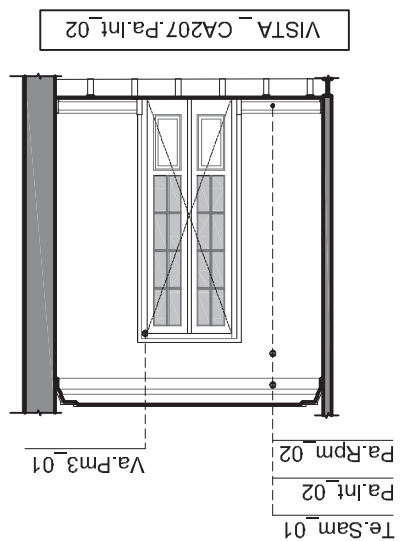
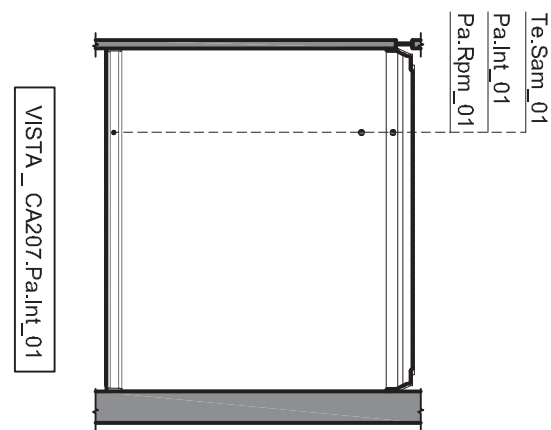
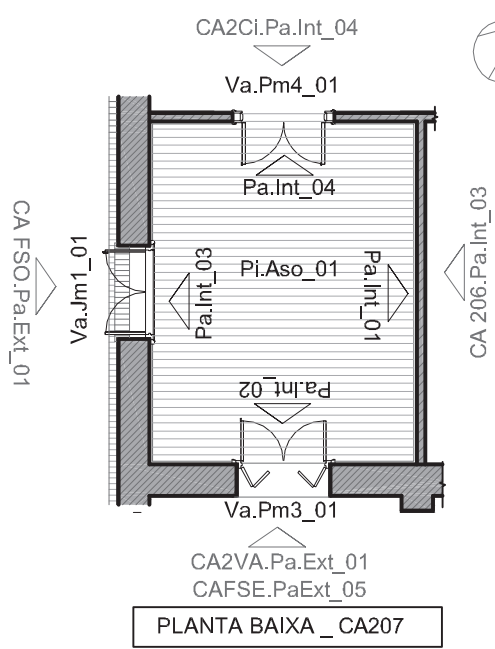
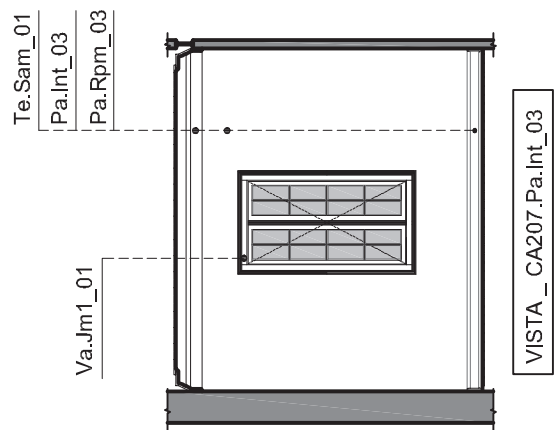
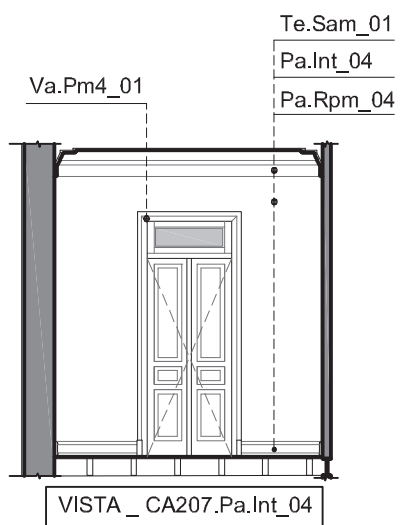
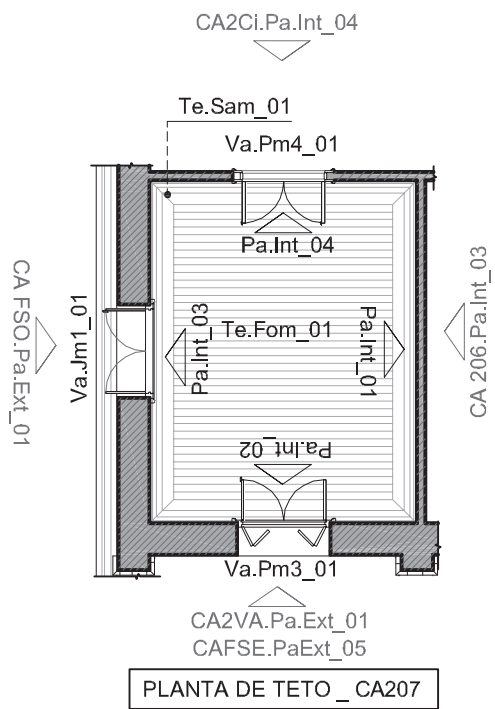
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)		Portas		Janelas
Dano		(Pm3)	(Pm4)	(Jm1)
		01	01	01
Lacuna				
Fraturo				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Folha de veneziana (b)			n/a	
Cremona		a	b	a b
Fecho		a	b	a b

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

(Obs: n/a = não se aplica)



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

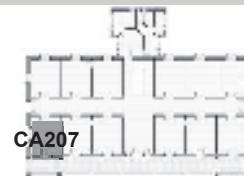
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 07

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



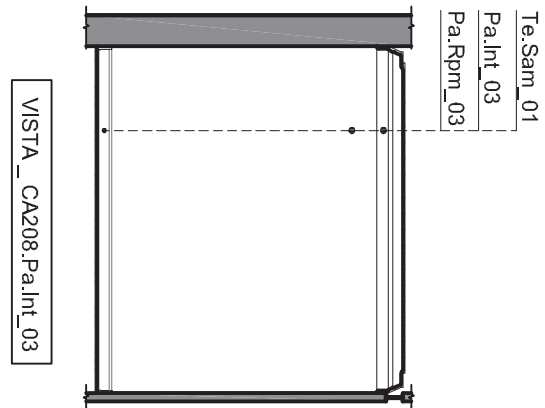
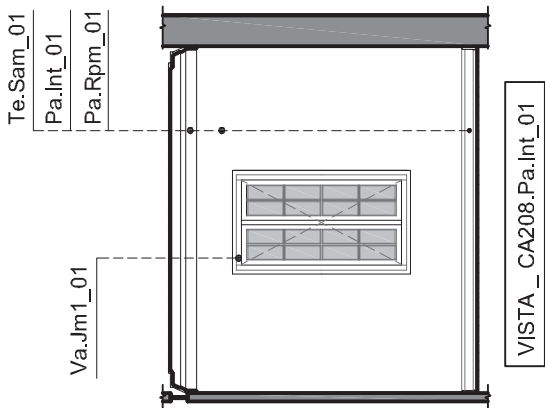
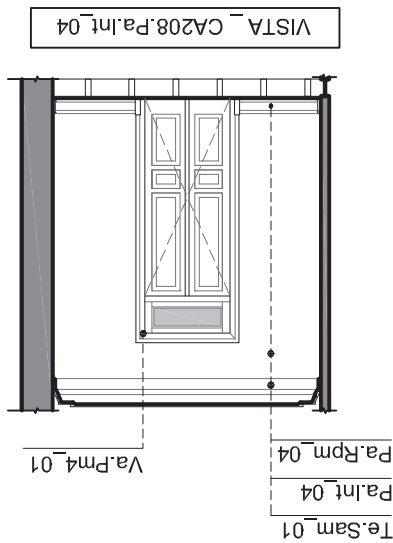
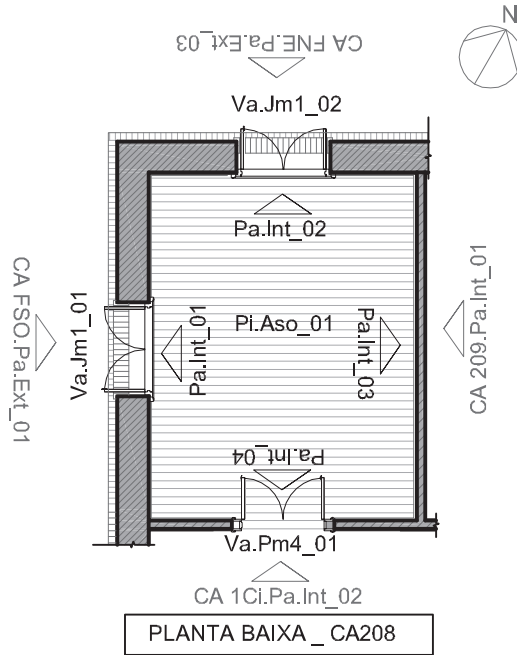
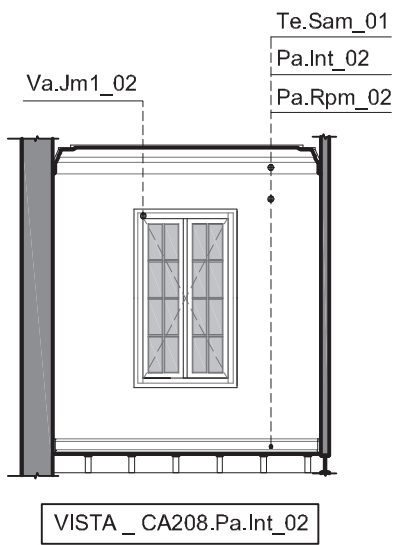
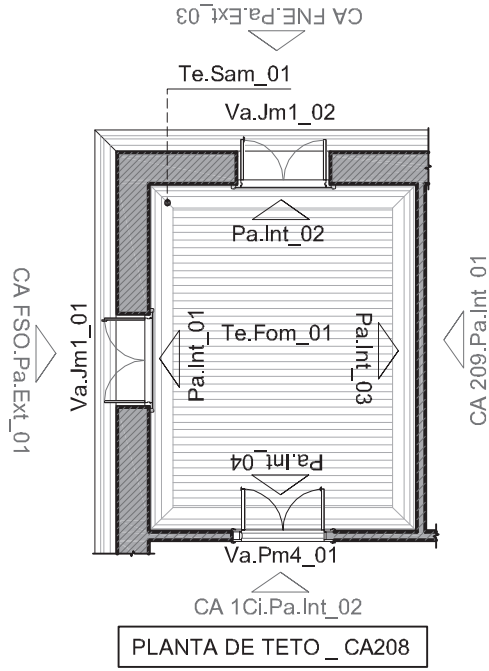
Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 08

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

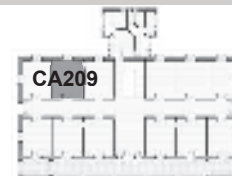
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 09

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)		
Dano	Assoalho (Aso)	
	01	
Alteração cromática		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Deslocamento / desalinhamento		
Deformação		
Elementos espúrios		
Substituição / Intervenção inadequada		
Perfurações		
Sujidade		
Desgaste		
Lacuna		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Mancha de umidade		
Outras manchas (descrever)		
Retração		
Indícios de térmitas		

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Sinais de agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

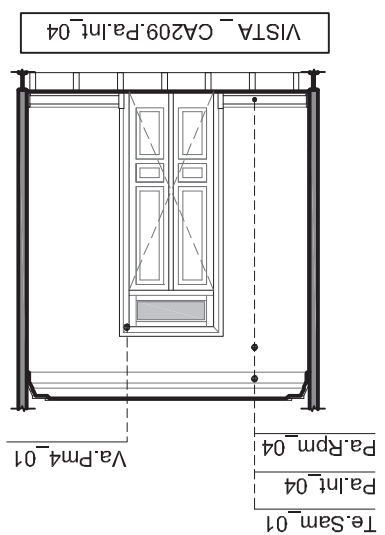
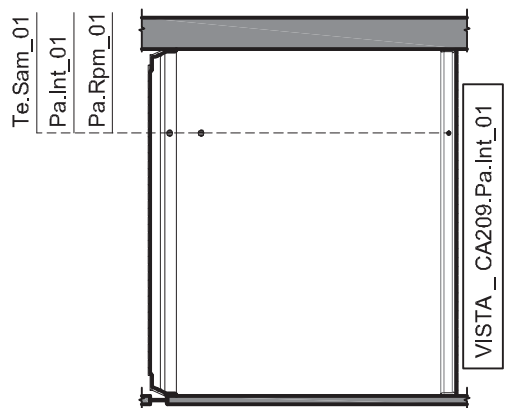
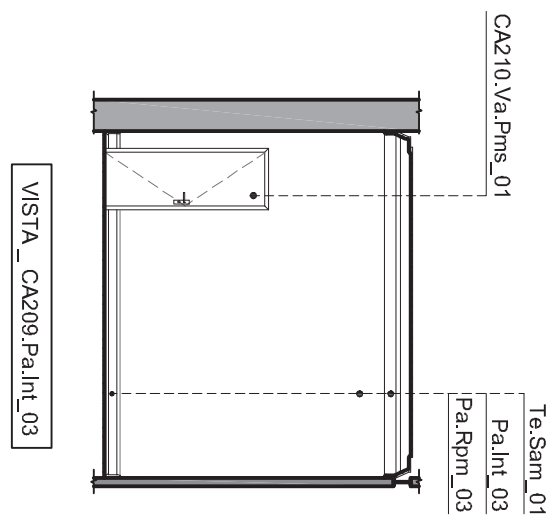
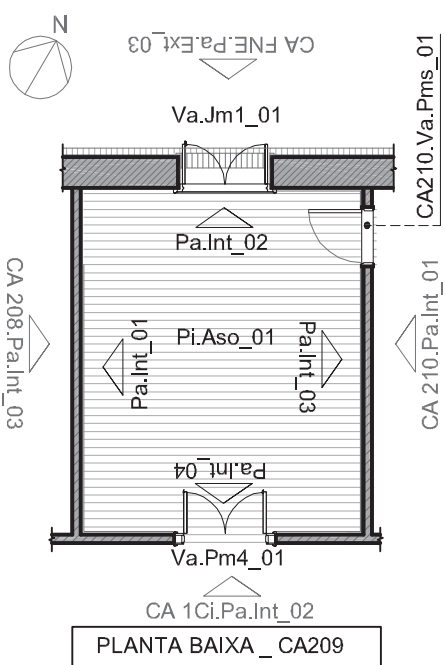
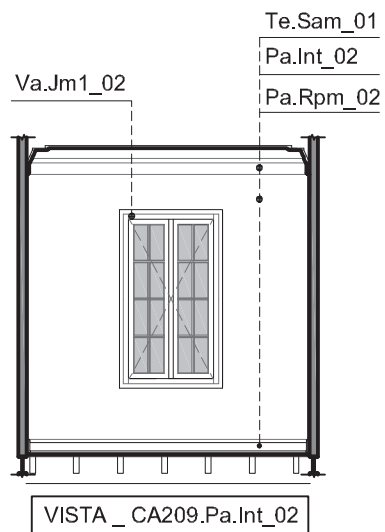
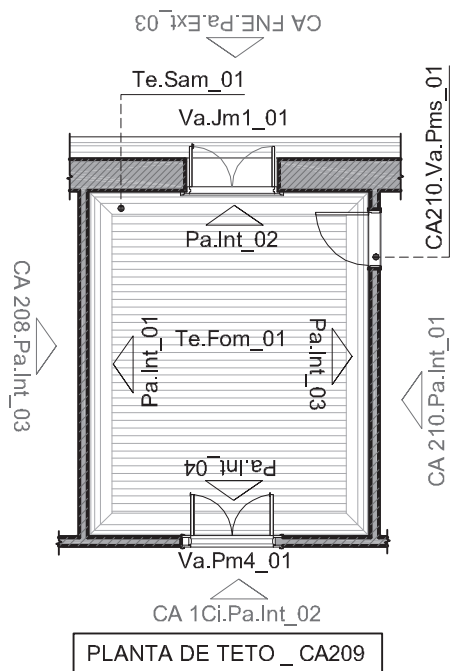
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		
Descrição do aspecto geral:		

Vãos (Va)				
Dano	Janelas		Portas	
	(Jm1)	(Pm4)	CA210	
	01	01	Va.Pms	
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)			n/a	
Folha de veneziana (b)			n/a	
Cremona	a	b	n/a	
Fecho	a	b	n/a	

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 - 1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

(Obs: n/a* = não se aplica)



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

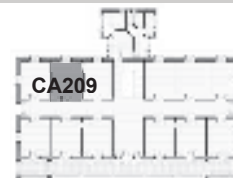
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 09

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



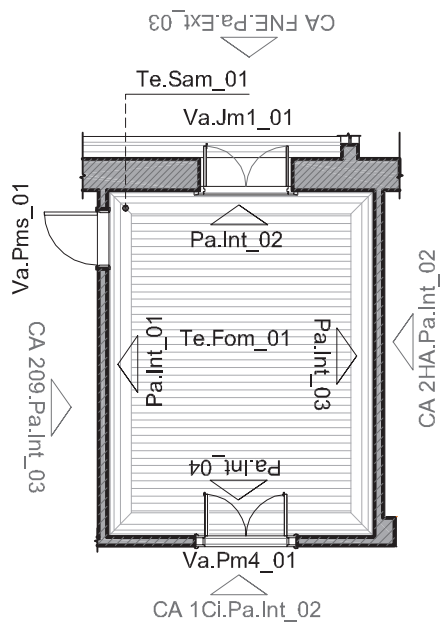
Pisos (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

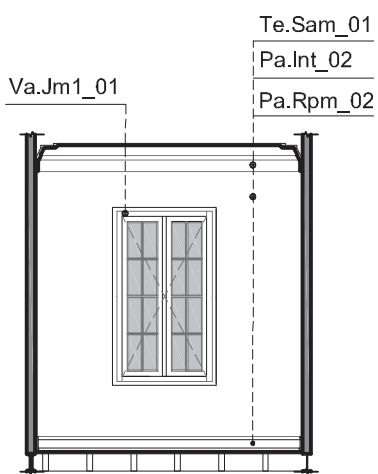
Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

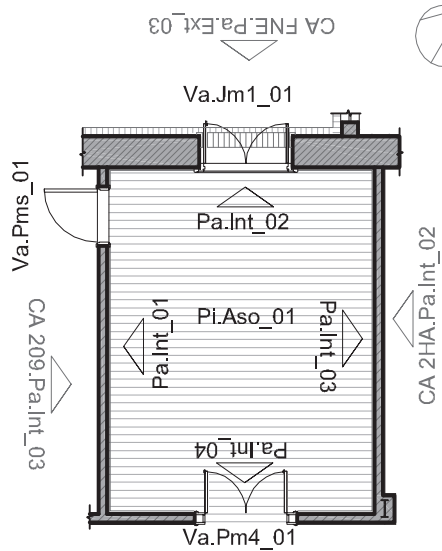
Observações e aspectos destacados:



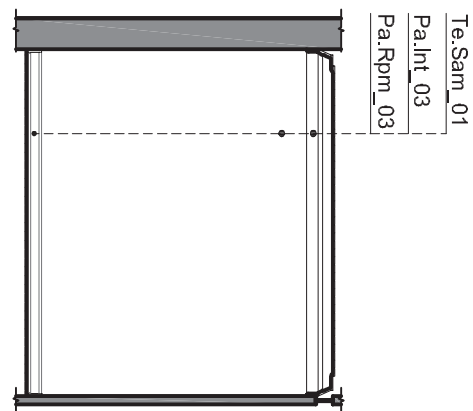
PLANTA DE TETO _CA210



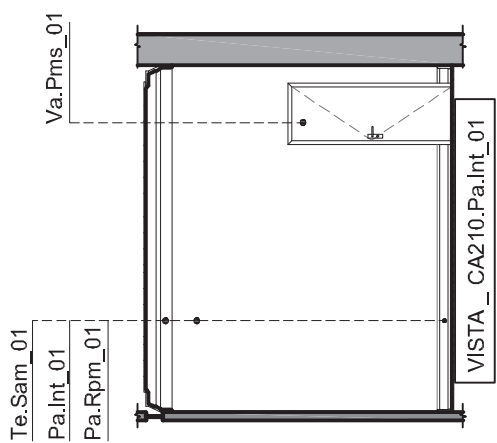
VISTA _CA210.Pa.Int_02



PLANTA BAIXA _CA210

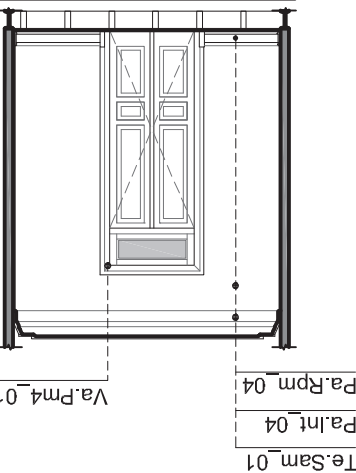


VISTA _CA210.Pa.Int_03



VISTA _CA210.Pa.Int_01

VISTA _CA210.Pa.Int_04



VISTA _CA210.Pa.Int_04



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

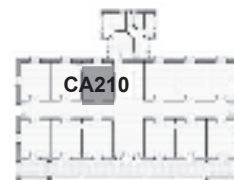
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 10

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



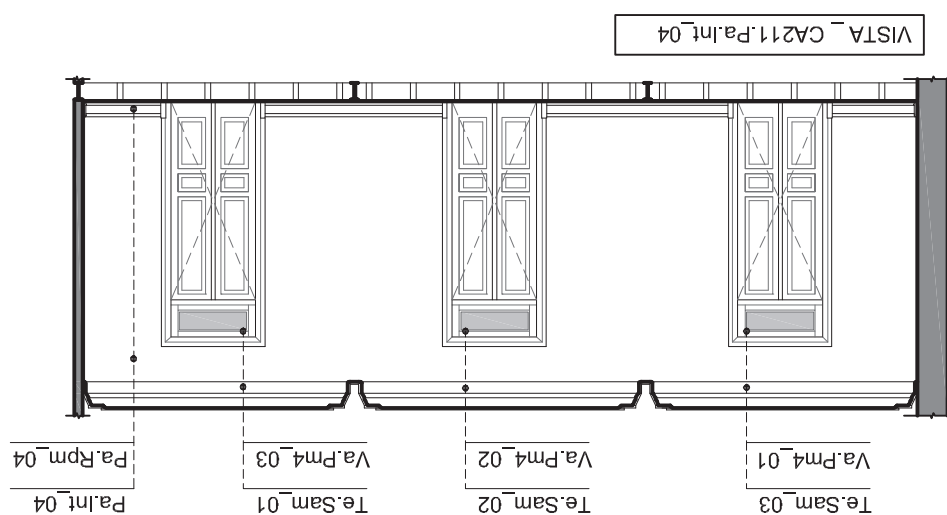
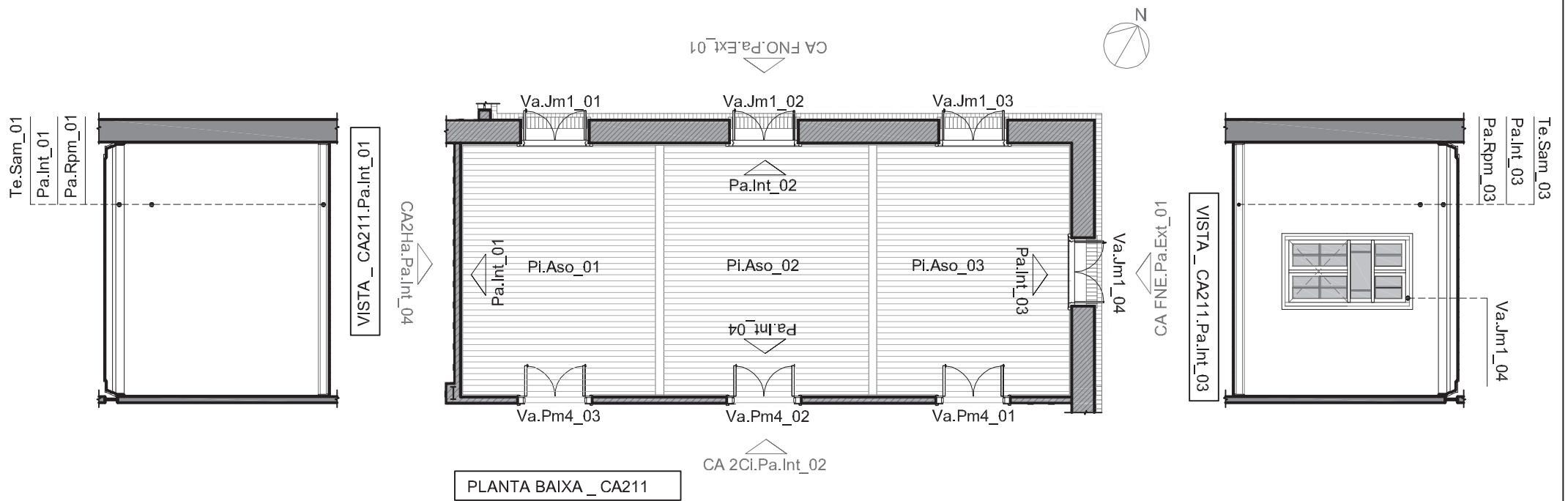
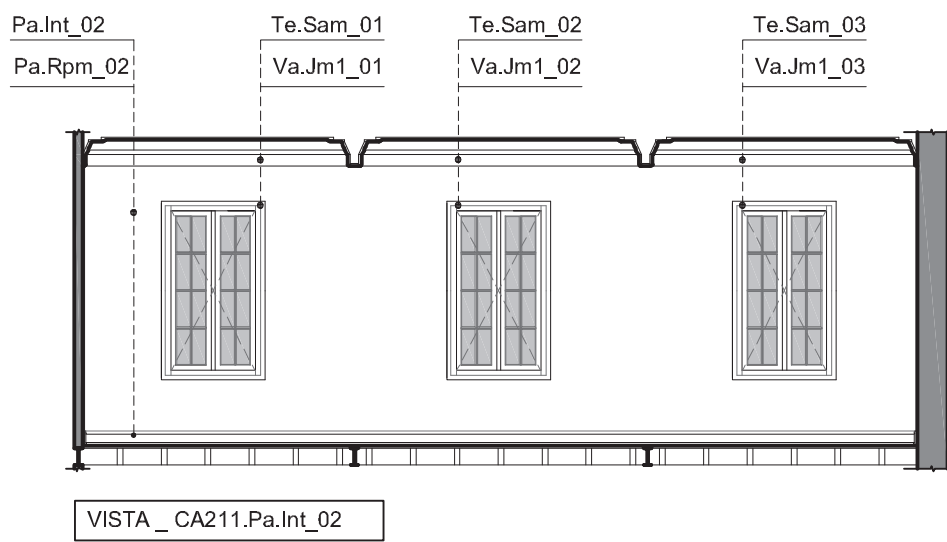
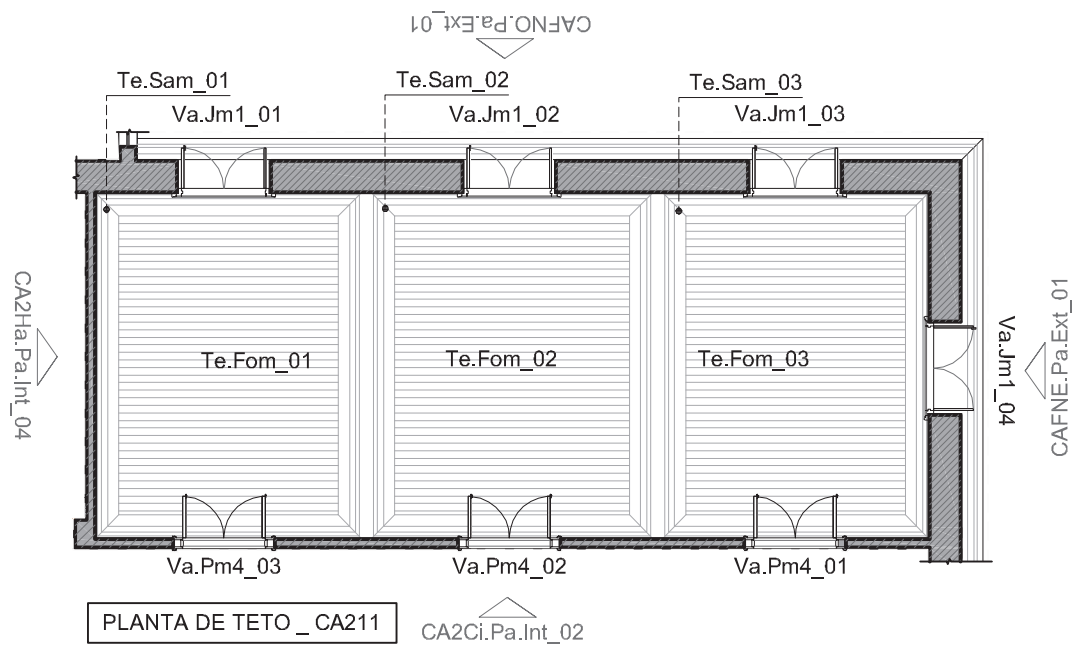
Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

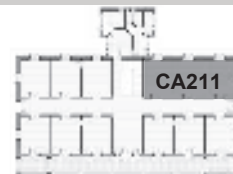
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 11

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 12

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)		
Dano	Assoalho (Aso)	
	01	
Alteração cromática		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Deslocamento / desalinhamento		
Deformação		
Elementos espúrios		
Substituição / Intervenção inadequada		
Perfurações		
Sujidade		
Desgaste		
Lacuna		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Mancha de umidade		
Outras manchas (descrever)		
Retração		
Indícios de térmitas		

Paredes (Pa)													
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)								
	01	02	03	04	01	02	03	04					
	Alteração cromática												
Empolamento													
Desprendimento de material													
Fissura / Trinca / Rachadura													
Deslocamento / desalinhamento													
Deformação													
Mancha de umidade													
Outras manchas (descrever)													
Expansão volumétrica													
Elementos espúrios													
Substituição / Intervenção inadequada													
Sujidade													
Desgaste													
Lacuna													
Arranhão													
Presença de Vegetação													
Sinais de agentes biológicos (descrever)													
Fratura													

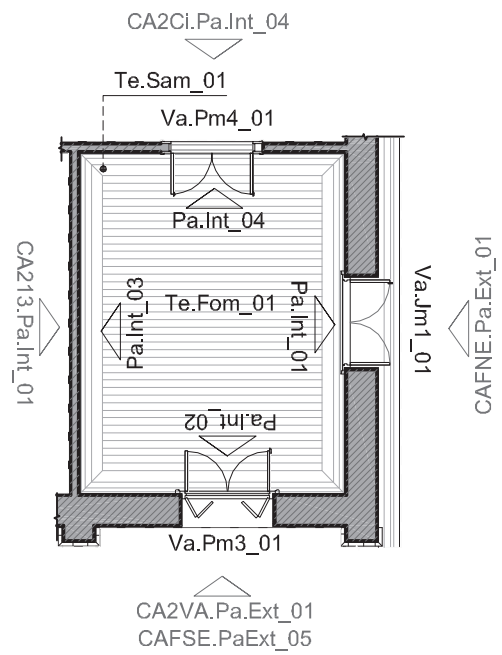
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)				
Dano	Janelas (Jm1)		Portas (Pm3) (Pm4)	
	01	01	01	01
	Lacuna			
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Folha de veneziana (b)				n/a
Cremona	a	b	a	b
Fecho	a	b	a	b

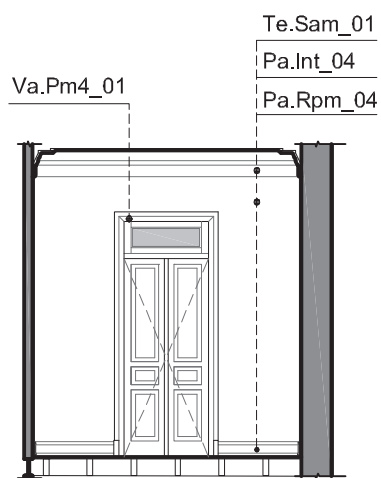
(Obs: n/a = não se aplica)

Instruções:

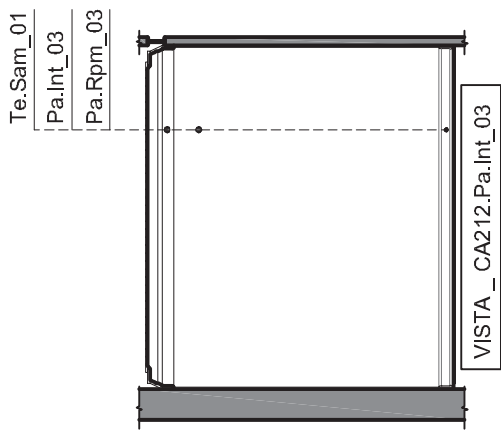
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde elemento correspondente for ausente.



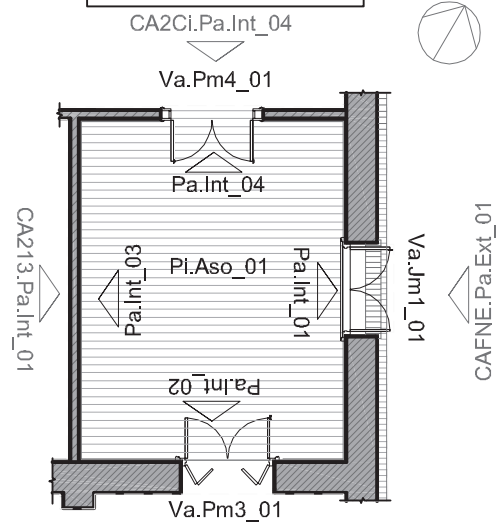
PLANTA DE TETO _ CA212



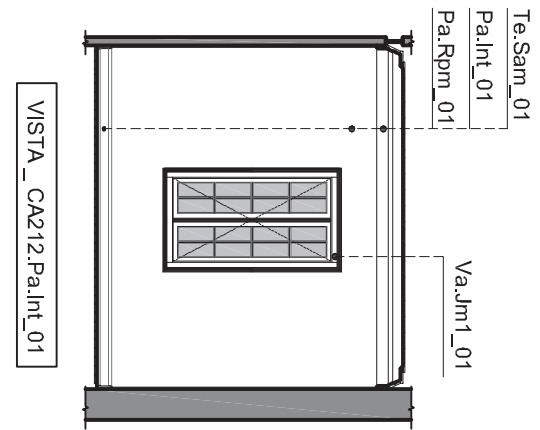
VISTA _ CA213.Pa.Int_04



VISTA _ CA212.Pa.Int_03

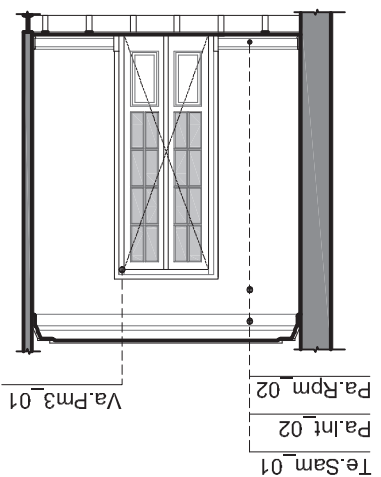


PLANTA BAIXA _ CA212



VISTA _ CA212.Pa.Int_01

VISTA _ CA212.Pa.Int_02



Te.Sam_01
Pa.Int_02
Pa.Rpm_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 12

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Pisos (Pi)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Paredes (Pa)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Tetos (Te)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Vãos (Va)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

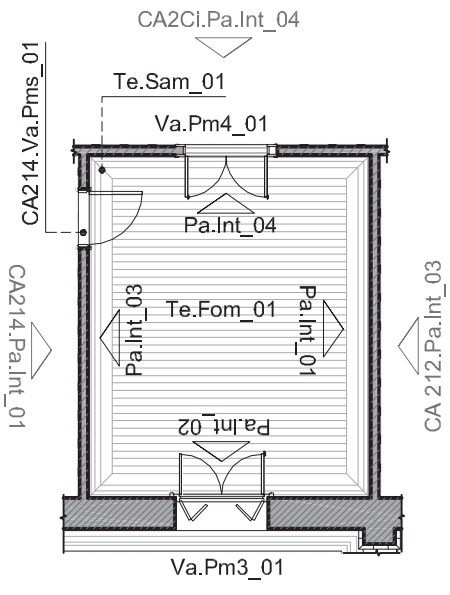
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

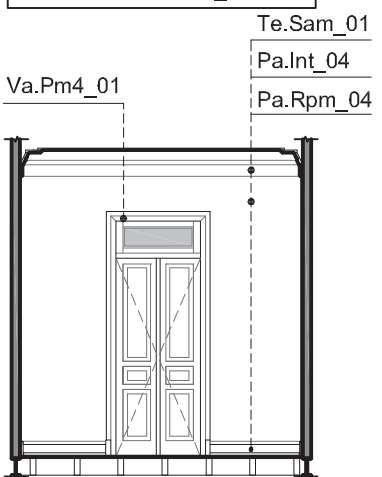
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

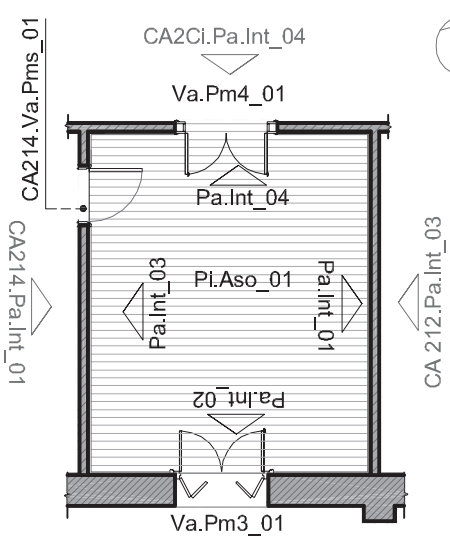
--



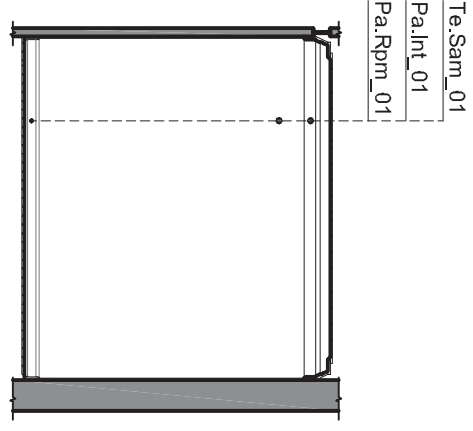
PLANTA DE TETO _ CA213



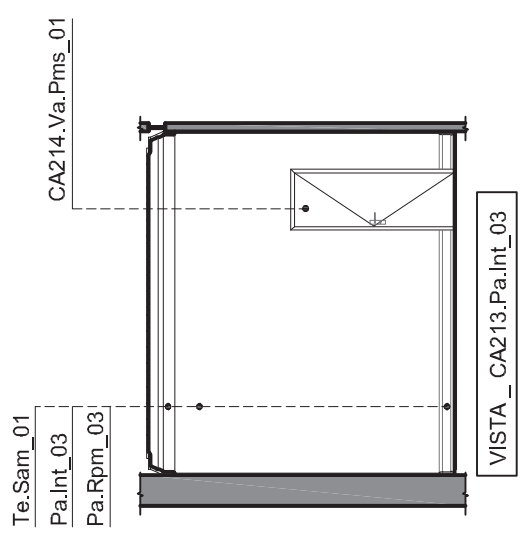
VISTA _ CA213.Pa.Int_04



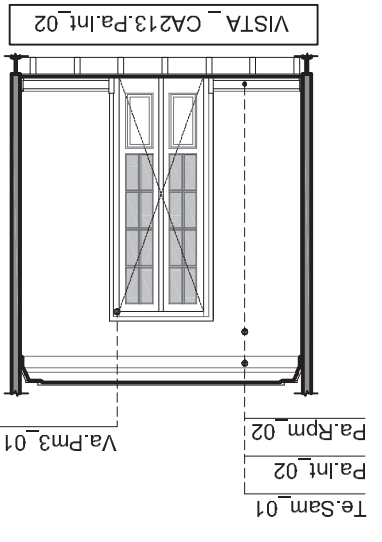
PLANTA BAIXA _ CA213



VISTA _ CA213.Pa.Int_01



VISTA _ CA213.Pa.Int_03



VISTA _ CA213.Pa.Int_02



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 13

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

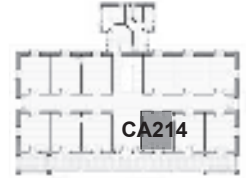
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 14

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)		Assoalho (Aso)
Dano		01
Alteração cromática		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Deslocamento / desalinhamento		
Deformação		
Elementos espúrios		
Substituição / Intervenção inadequada		
Perfurações		
Sujidade		
Desgaste		
Lacuna		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Mancha de umidade		
Outras manchas (descrever)		
Retração		
Indícios de térmitas		

Paredes (Pa)	Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
		01	02	03	04	01	02	03	04
		Alteração cromática							
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Deslocamento / desalinhamento									
Deformação									
Mancha de umidade									
Outras manchas (descrever)									
Expansão volumétrica									
Elementos espúrios									
Substituição / Intervenção inadequada									
Sujidade									
Desgaste									
Lacuna									
Arranhão									
Presença de Vegetação									
Sinais de agentes biológicos (descrever)									
Fratura									

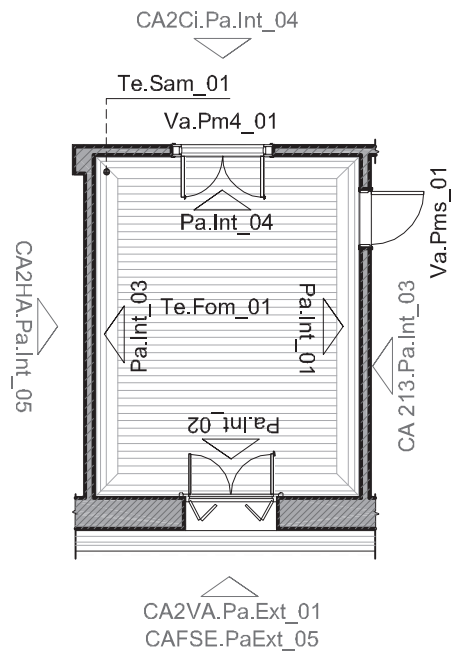
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Sinais de agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)	Dano	Portas		
		(Pm3.)	(Pm4)	(Pms)
		01	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				n/a
Folha de veneziana (b)			n/a	n/a
Cremona		a	b	n/a
Fecho		a	b	n/a

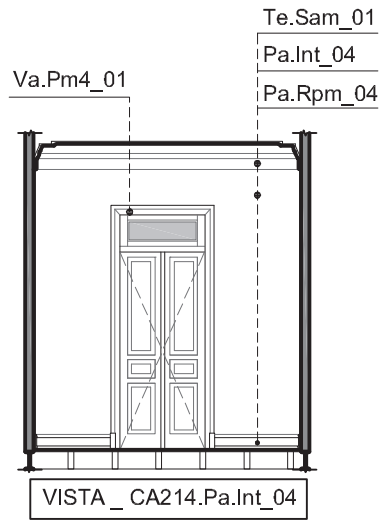
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

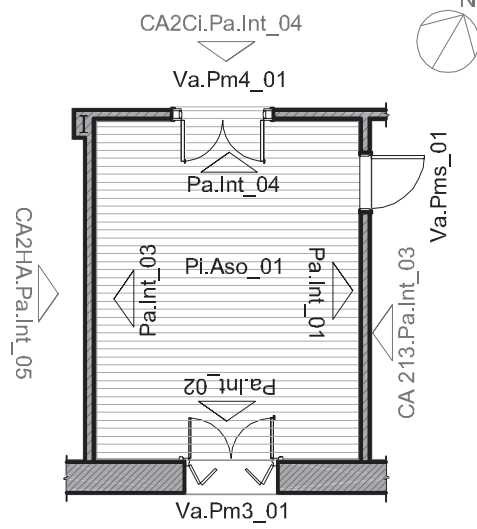
(Obs: n/a* = não se aplica)



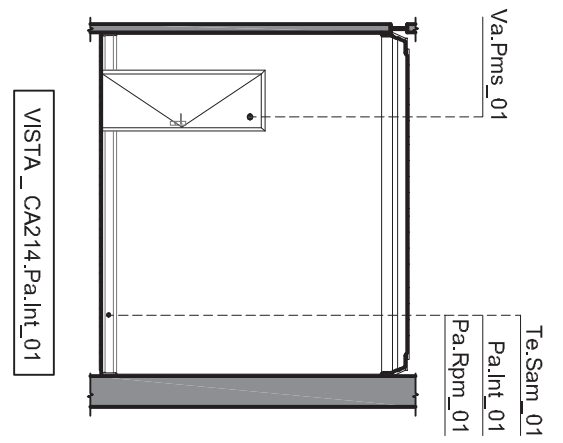
PLANTA DE TETO _ CA214



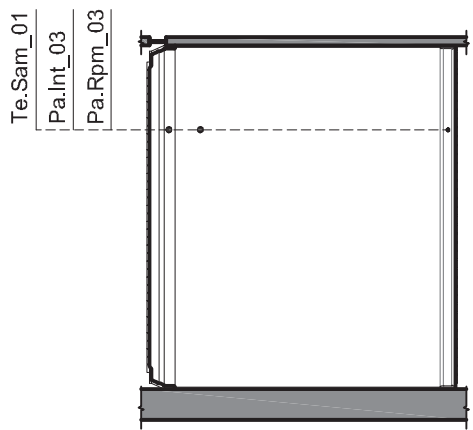
VISTA _ CA214.Pa.Int_04



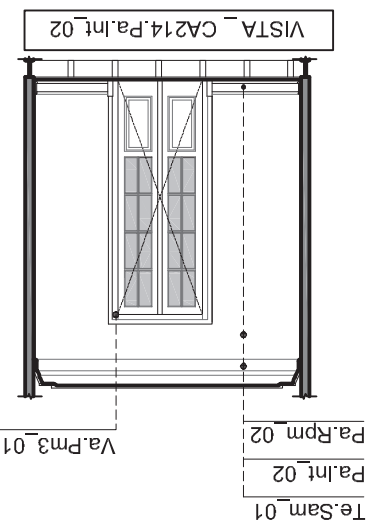
PLANTA BAIXA _ CA214



VISTA _ CA214.Pa.Int_01



VISTA _ CA214.Pa.Int_03



VISTA _ CA214.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

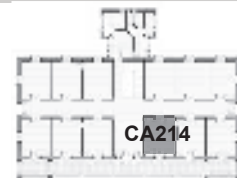
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Sala 14

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

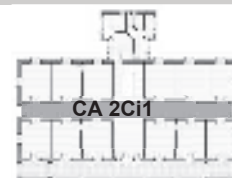
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Circulação

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Teto (Te)							Pisos (Pi)	
Dano	Forro de madeira (Fom)						Sanca de madeira (Sam)	Assoalho (Aso)
	01	02	03	04	05	06		
Alteração cromática							01	01
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinham.								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

Paredes (Pa)													
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)								
	01	02	03	04	01	02	03	04	05	06			
Alteração cromática													
Empolamento													
Desprendimento de material													
Fissura / Trinca / Rachadura													
Deslocamento / desalinham.													
Deformação													
Mancha de umidade													
Outras manchas (descrever)													
Expansão volumétrica													
Elementos espúrios													
Substituição / Intervenção inadequada													
Sujidade													
Desgaste													
Lacuna													
Arranhão													
Presença de Vegetação													
Agentes biológicos (descrever)													
Fratura													

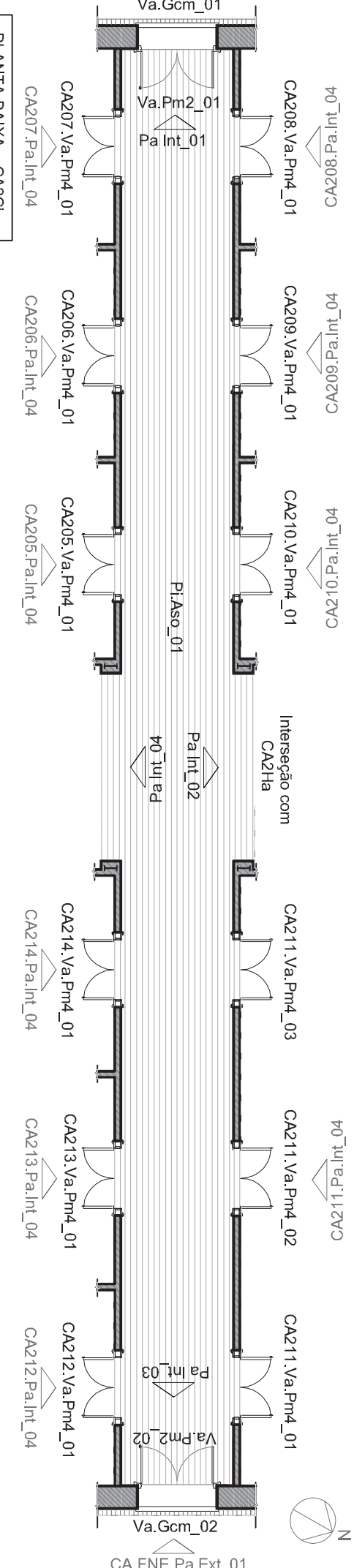
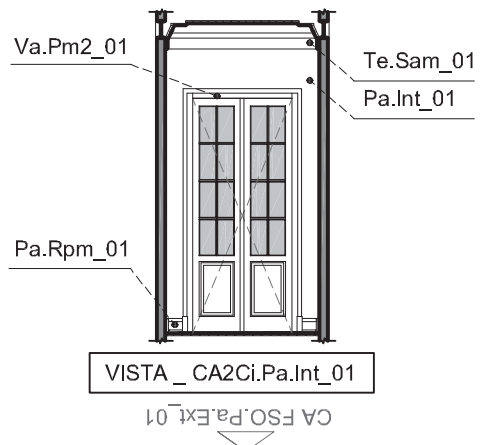
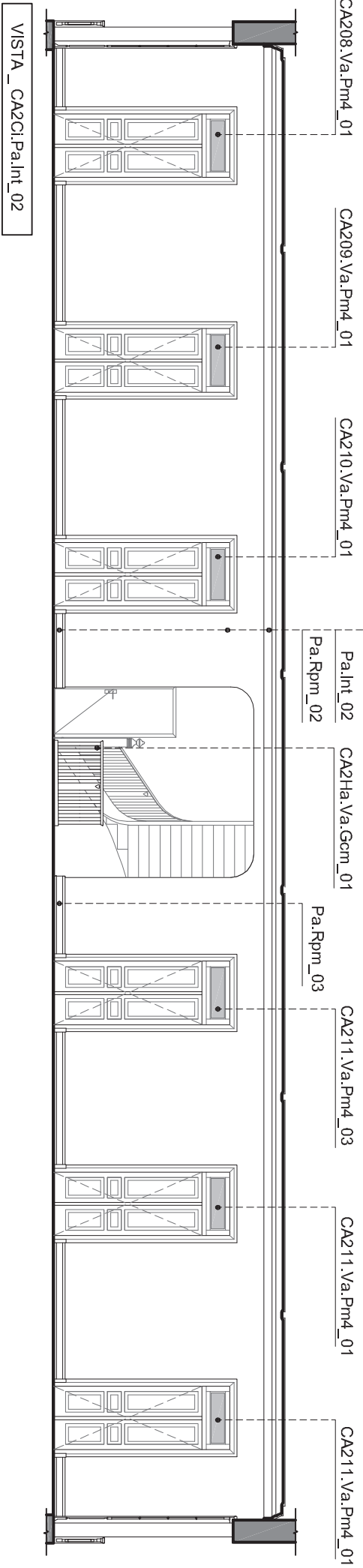
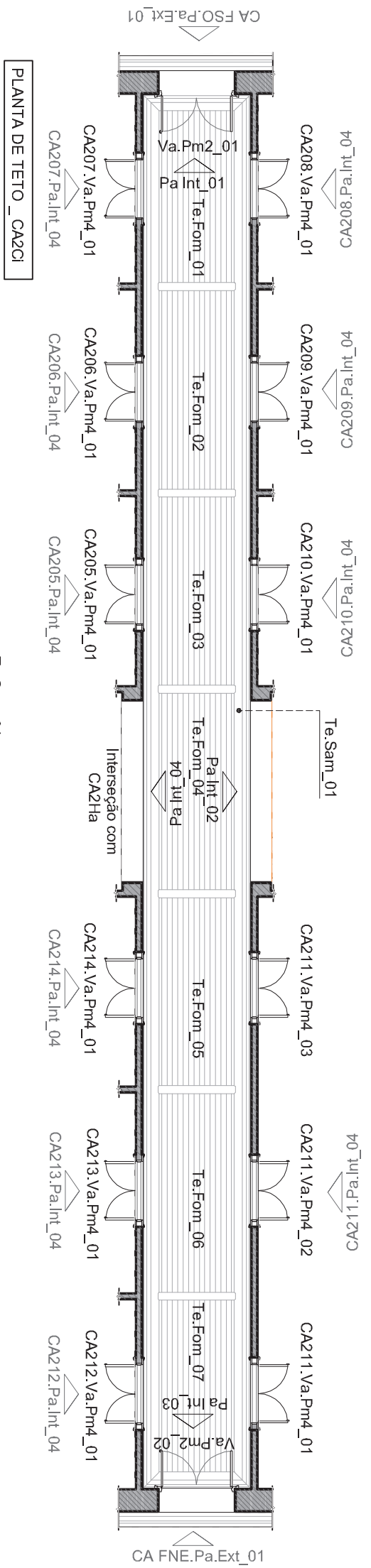
Vãos (Va)																
Dano	Guarda corpo de madeira				Portas											
	Gcm		CA2HA	Pm2	CA208	CA209	CA210	CA211			CA212	CA213	CA214	CA205	CA206	CA207
	Va.Gcm				Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4			Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4	Va.Pm4
	01	02	01	01	02	01	01	01	01	02	03	01	01	01	01	01
Lacuna																
Fratura																
Retração																
Empolamento de pintura																
Desprendimento de material																
Alteração cromática																
Empeno / desalinhamento																
Expansão volumétrica																
Desgaste																
Mancha (descrever)																
Perfurações																
Elementos espúrios																
Vidro quebrado / ausente																
Perda de massa de vedação																
Oxidação de peça metálica																
Sujidade																
Agentes biológicos (descrever)																
Partes ocas (percussão)																
Indícios de térmitas																
Elementos faltantes																
Cremona			n/a													
Fecho			n/a													

Instruções:

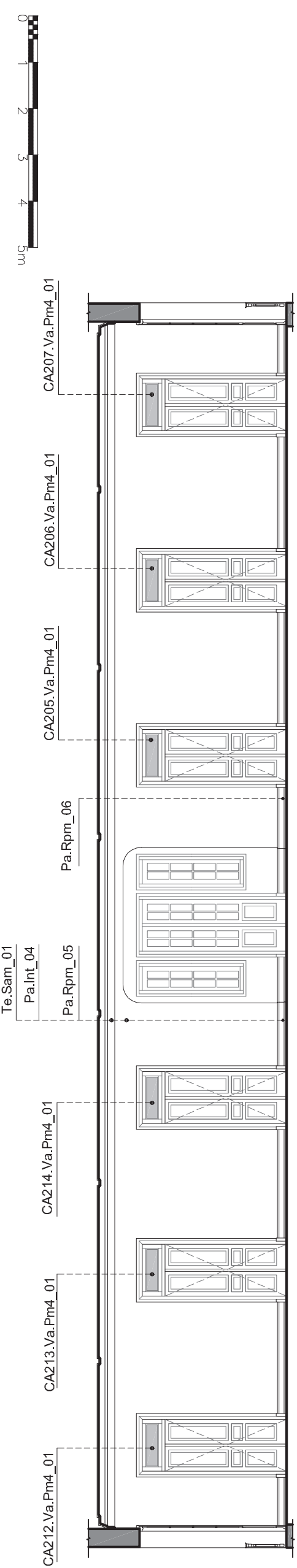
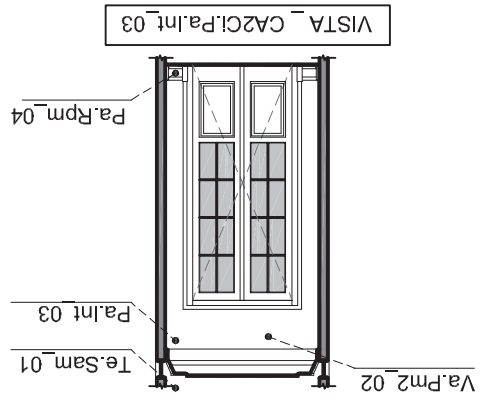
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte

- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.

Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



VISTA - CA2Ci:Pa.Int_03



Identificação do ambiente

Localização

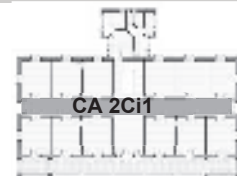
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Circulação

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Piso (Pi)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Tetos (Te)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Vãos (Va)

Principais danos observados:

Elementos mais afetados:

Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:

Agentes de deterioração identificados:

Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Área reservada para observações e aspectos destacados.

Identificação do ambiente

Localização

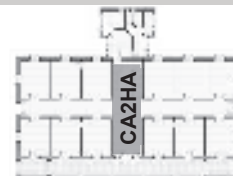
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



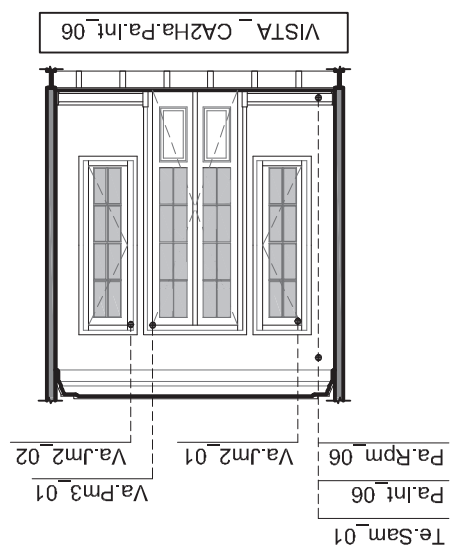
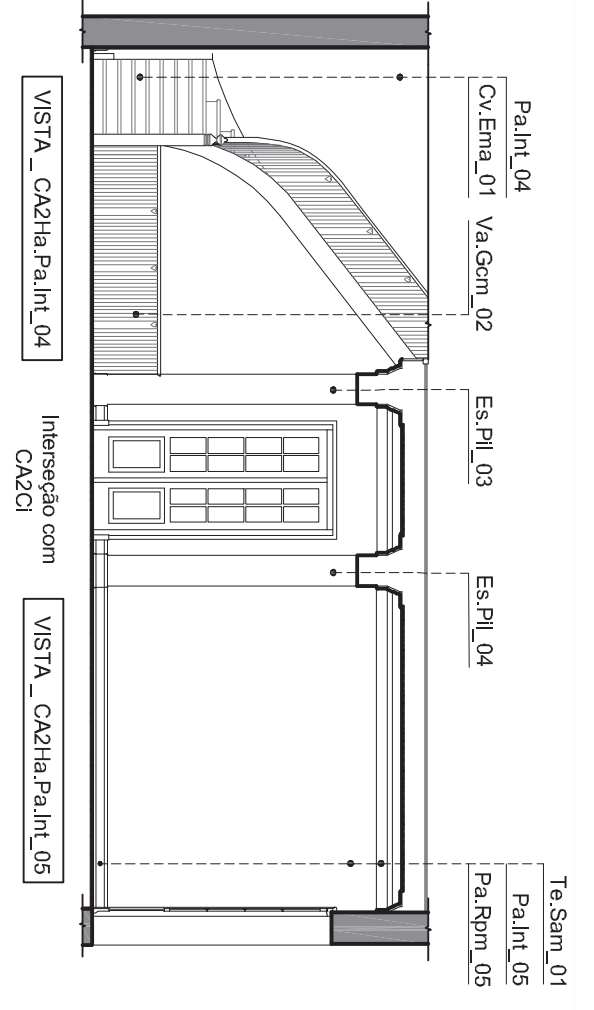
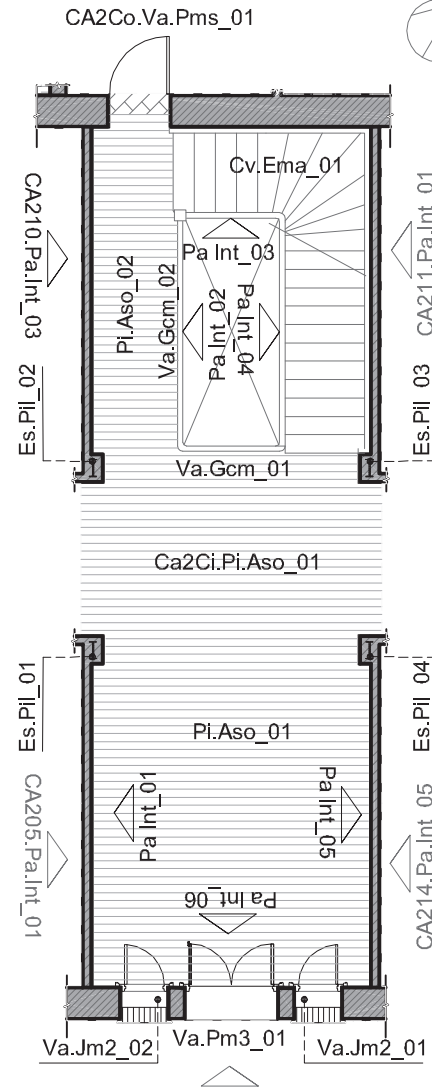
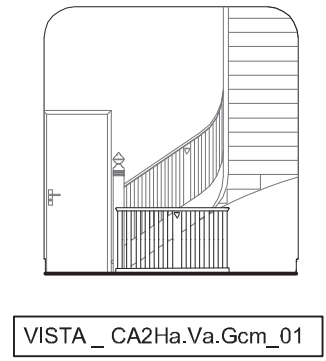
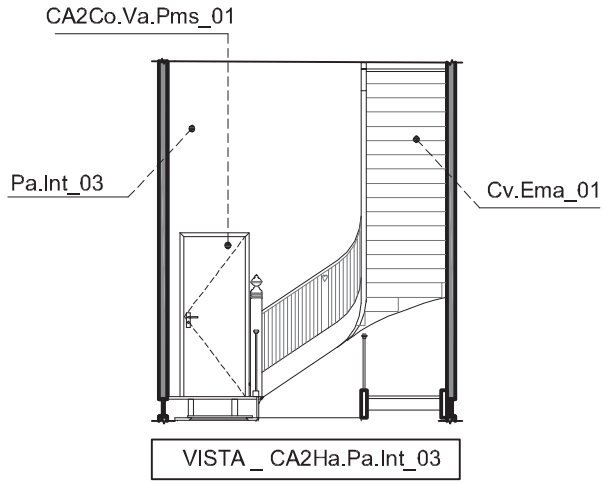
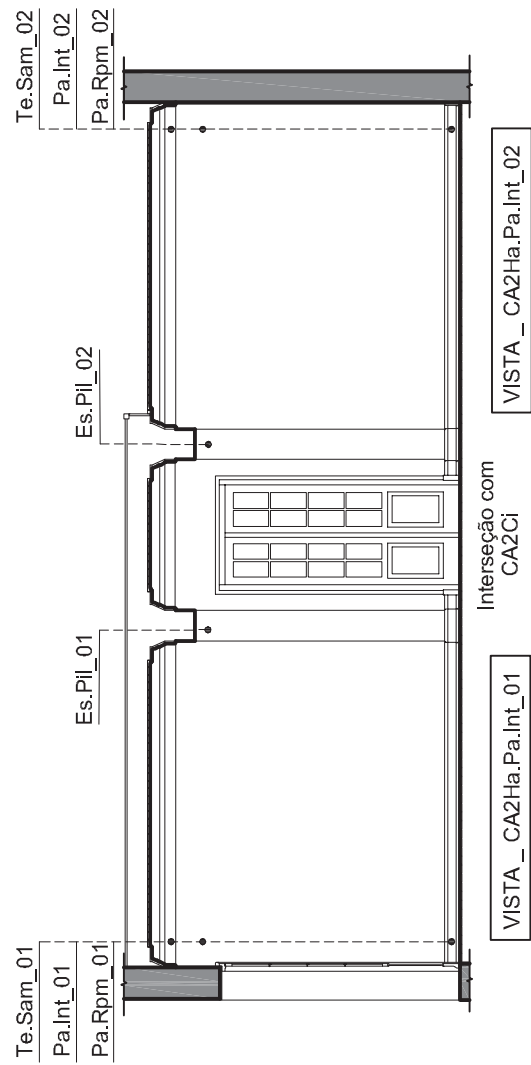
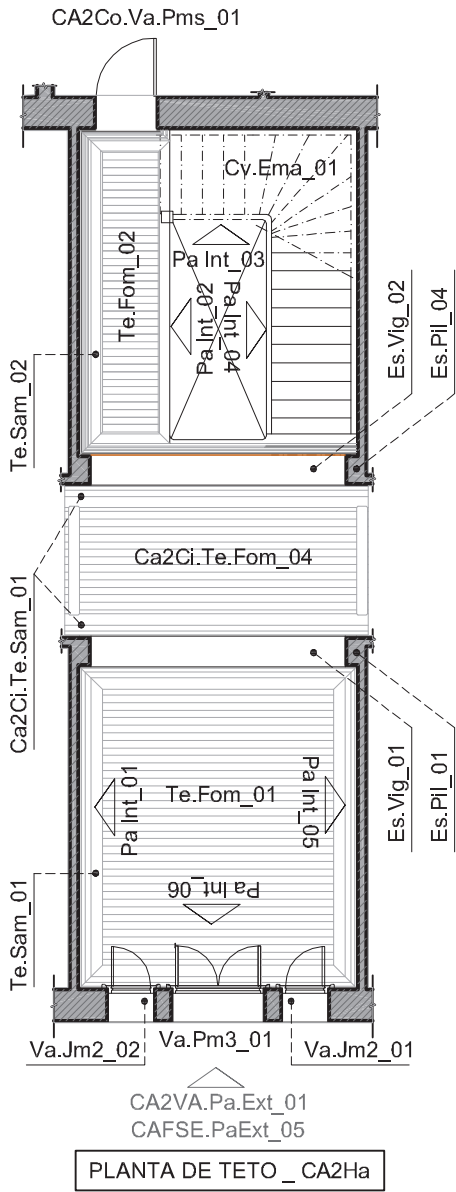
Dano	Paredes (Pa)												Teto (Te)						Piso (Pi)						
	Superfícies Internas (Int)						Rodapés de madeira (Rpm)						Forro de madeira			Sanca de madeira			Assoalho						
	CA2Ci		Fom		CA2Ci		Sam		CA2Ci		Aso		CA2Ci		Pi.Aso		Aso								
	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	06	Te.Fom	01	02	Te.Sam	01	02	01	02	01	02			
Alteração cromática																									
Empolamento																									
Desprendimento de material																									
Fissura / Trinca / Rachadura																									
Deslocamento / desalinhamento																									
Deformação																									
Mancha de umidade																									
Outras manchas (descrever)																									
Expansão volumétrica																									
Elementos espúrios																									
Substituição / Interv. inadequada																									
Sujidade																									
Desgaste																									
Lacuna																									
Arranhão																									
Presença de Vegetação																									
Agentes biológicos (descrever)																									
Fratura																									

Dano	Vãos (Va)										Circ. vert.(Cv)		Estrutura (Es)														
	Janelas (Jm2)		Portas (Pm3)			Guarda Corpo de madeira (Gcm)		Escada de madeira (Ema)		Viga (Vig)		Pilar (Pil)															
			CA1Bf	CA1Bm																							
	01	02	Va.Pms	Va.Pms	01	02	01	2	01	01	02	01	02	03	04												
Lacuna																											
Fratura																											
Retração																											
Empolamento de pintura																											
Desprendimento de material																											
Alteração cromática																											
Empeno / desalinhamento																											
Expansão volumétrica																											
Desgaste																											
Mancha (descrever)																											
Perfurações																											
Elementos espúrios																											
Vidro quebrado / ausente																											
Perda de massa de vedação																											
Oxidação de peça metálica																											
Sujidade																											
Agentes biológicos (descrever)																											
Partes ocas (percussão)																											
Indícios de térmitas																											
Elementos faltantes																											
Cremona																											
Fecho																											

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1 – Fraco** **2 – Moderado** **3 – Forte**

- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente
Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Circulações verticais(Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Varanda

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

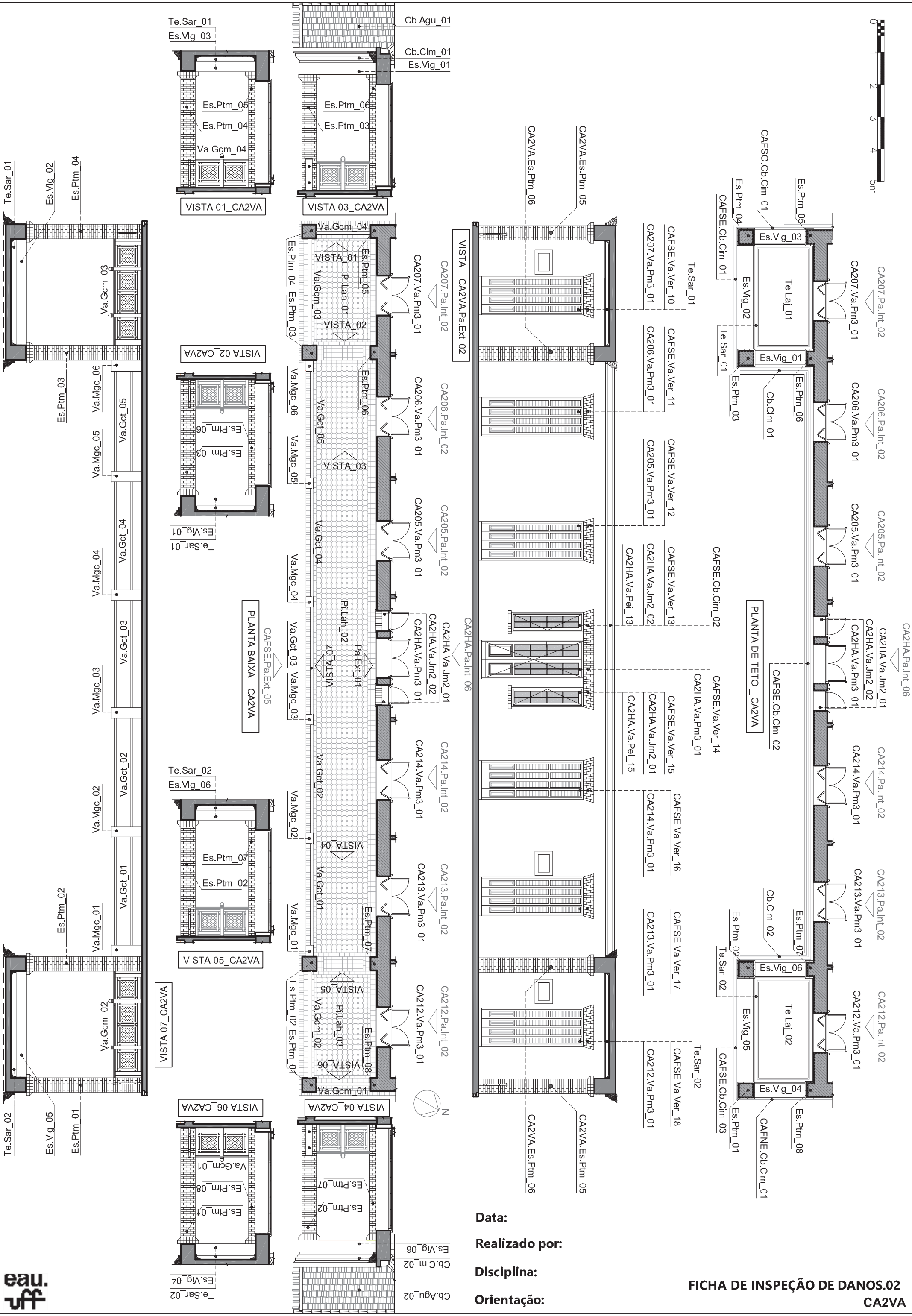


Paredes (Pa)	Dano	Superf. Ext. (Ext)	Teto (Te)				Piso (Pi)			Estrutura (Es)									
			Laje (Laj)		Sanca de arg. (Sam)		Ladr. hidr. (Lah)			Viga (Vig)		Pilar de tijolo maciço (Ptm)							
			01	01 02	01 02	01 02	01 02 03	01	02	03	01	02	03	04	05	06	07	08	
Alteração cromática																			
Empolamento																			
Desprendimento de material																			
Fissura / Trinca / Rachadura																			
Deslocamento / desalinhamento																			
Deformação																			
Mancha de umidade																			
Outras manchas (descrever)																			
Expansão volumétrica																			
Elementos espúrios																			
Substituição / Interv. inadequada																			
Sujidade																			
Desgaste																			
Lacuna																			
Arranhão																			
Presença de Vegetação																			
Agentes biológicos (descrever)																			
Fratura																			

Vãos (Va)	Dano	Portas									Guarda corpo					Vergas					Peitoril																		
		CA 207	CA 206	CA 205	CA 2HA		CA 214	CA 213	CA 212	Tubular (Gct)	Montante de GC. (Mgc)			Madeira (Gcm)		CA FSE					CA FSE																		
		Va Pm3	Va Pm3	Va Pm3	Va Pm3	Va Jm3	Va Pm3	Va Pm3	Va Pm3		01	02	03	04	05	01	02	03	04	10	11	12	13	14	15	16	17	18	13	15									
		01	01	01	01	01	02	01	01																						01	01	02	03	04	05	01	02	03
Lacuna																																							
Fratura																																							
Retração																																							
Empolamento de pintura																																							
Desprendimento de material																																							
Alteração cromática																																							
Empeno / desalinhamento																																							
Expansão volumétrica																																							
Desgaste																																							
Mancha (descrever)																																							
Perfurações																																							
Elementos espúrios																																							
Vidro quebrado / ausente																																							
Perda de massa de vedação																																							
Oxidação de peça metálica																																							
Sujidade																																							
Sinais de agentes biológicos (descrever)																																							
Partes ocas (análise percussiva)																																							
Indícios de térmitas																																							
Elementos faltantes																																							
Folha de madeira e vidro (a)																																							
Folha de veneziana (b)																																							
Cremona	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	
Fecho	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	a	b	

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte**
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

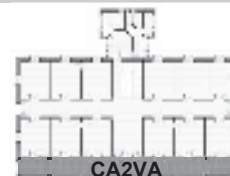
Ambiente interno: Casarão – 2º Pavimento, Varanda

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Circulações verticais (Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 15

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)			Estrutura (CATLH.Es)																
Dano	Superfícies internas (Int)		Dano	Tesouras (Tes)			Quadro de tes. (Qts)			Terças (Ter)				Frechais (Fre)			Espigões (Esp)		
	03	04		01	02	03	01	02	03	06	07	08	01	02	03	04	05	01	02
Alteração cromática			Alteração cromática																
Empolamento			Desprendimento de material																
Desprendimento de material			Fissura / Trinca / Rachadura																
Fissura / Trinca / Rachadura			Deformação / desalinhamento																
Deformação / desalinhamento			Deformação																
Deformação			Elementos espúrios																
Mancha de umidade			Substituição / Intervenção inadequada																
Outras manchas (descrever)			Perfurações																
Expansão volumétrica			Sujidade																
Elementos espúrios			Desgaste																
Substituição / Intervenção inadequada			Lacuna																
Sujidade			Presença de Vegetação																
Desgaste			Agentes biológicos (descrever)																
Lacuna			Mancha de umidade																
Arranhão			Outras manchas (descrever)																
Presença de Vegetação			Retração																
Agentes biológicos (descrever)			Indícios de térmitas																
Fratura																			

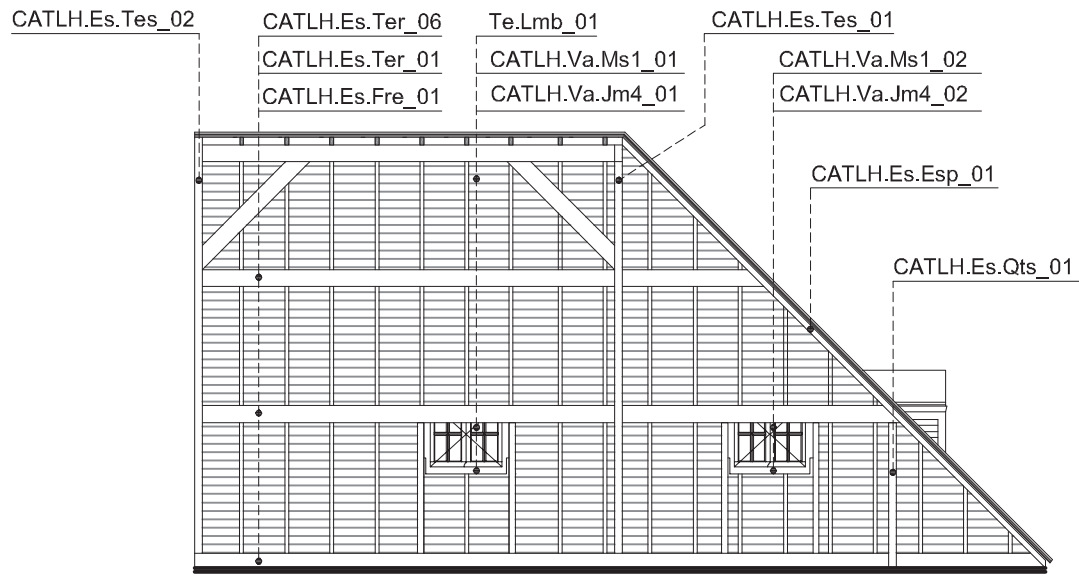
Dano	Teto (Te)					Piso (Pi)
	Lambri (Lbr)					Assoalho (Aso)
	01	02	03	04	05	01
Alteração cromática						
Empolamento						
Desprendimento de material						
Fissura / Trinca / Rachadura						
Mancha de umidade						
Manchas (descrever)						
Deformação / desalinhamento						
Elementos espúrios						
Substituições / Intervenções inadequadas						
Sujidade						
Lacuna						
Perfuração						
Presença de Vegetação						
Sinais de agentes biológicos (descrever)						
Indícios de térmitas						

Dano	Vãos (Va)									
	Portas (Pms)	Janelas				Mansardas				
		01	CATLH Va.Jm4		CATLH Va.Jm5	CATLH Va.Ms1		CATLH Va.Ms2		
Lacuna										
Fratura										
Retração										
Empolamento de pintura										
Desprendimento de material										
Alteração cromática										
Empeno / desalinhamento										
Expansão volumétrica										
Desgaste										
Mancha (descrever)										
Perfurações										
Elementos espúrios										
Vidro quebrado / ausente										
Perda de massa de vedação										
Oxidação de peça metálica										
Sujidade										
Agentes biológicos (descrever)										
Partes ocas (análise percussiva)										
Indícios de térmitas										
Elementos faltantes										
Cremona		n/a					n/a	n/a	n/a	n/a
Fecho							n/a	n/a	n/a	n/a

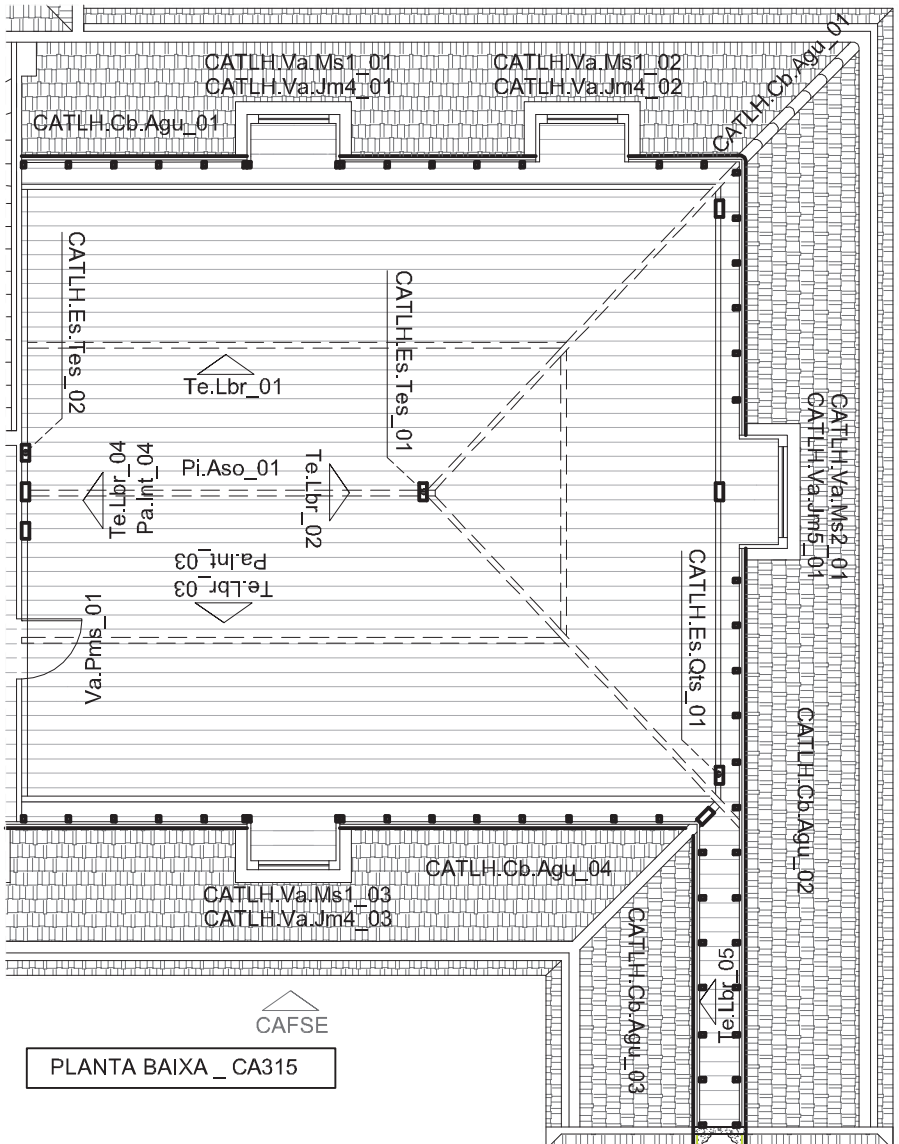
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher tabela de acordo com intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente. Usar cor correspondente ao dano “Lacuna”.
- Lambris e Caibros são numerados por conjunto correspondente ao plano que compõem.

(Obs: n/a* = não se aplica)

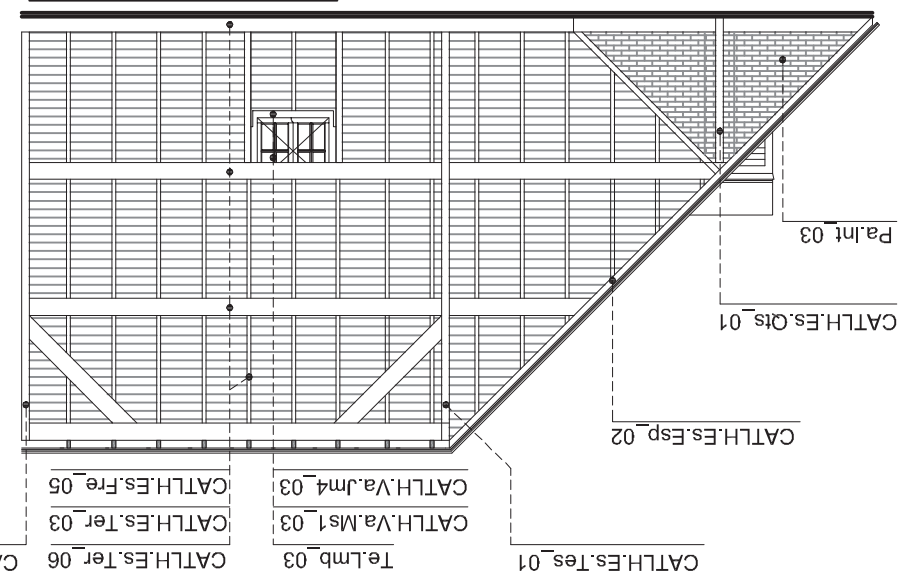


VISTA_CA315.Te.Lmb_01

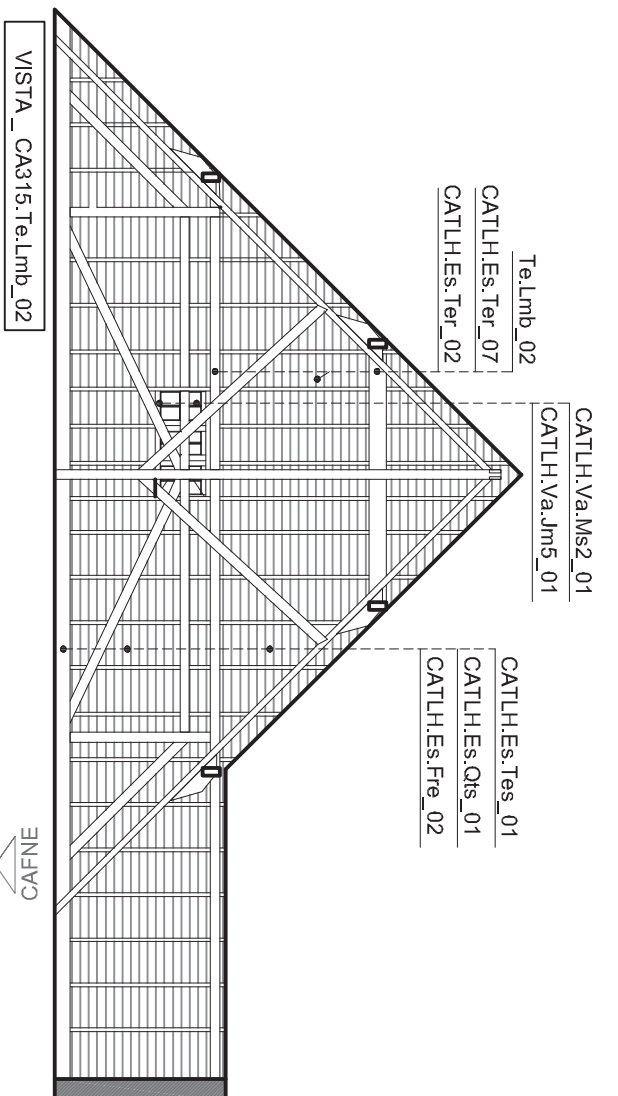


PLANTA BAIXA_CA315

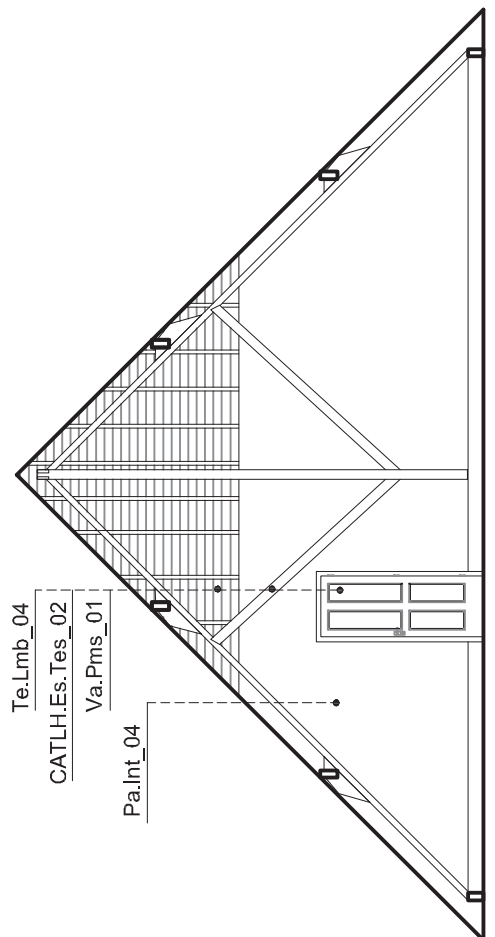
VISTA_CA315.Te.Lmb_03



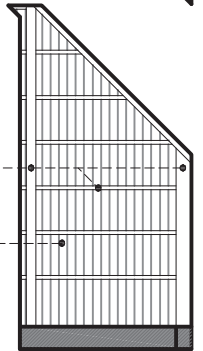
CATLH.Es.Tes_01, CATLH.Va.Ms1_03, Te.Lmb_03, CATLH.Va.Jm4_03, CATLH.Es.Fre_05, CATLH.Es.Ter_03, CATLH.Es.Ter_06, CATLH.Es.Tes_02



VISTA_CA315.Te.Lmb_02



VISTA_CA315.Te.Lmb_04



VISTA_CA315.Te.Lmb_05



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 15

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)			Estrutura (CATLH.Es)																
Dano	Superfícies internas (Int)		Dano	Tesouras (Tes)			Quadro de tes. (Qts)			Terças (Ter)				Frechais (Fre)			Espigões (Esp)		
	03	04		01	02	03	01	02	03	06	07	08	01	02	03	04	05	01	02
Alteração cromática			Alteração cromática																
Empolamento			Desprendimento de material																
Desprendimento de material			Fissura / Trinca / Rachadura																
Fissura / Trinca / Rachadura			Deformação / desalinhamento																
Deformação / desalinhamento			Deformação																
Deformação			Elementos espúrios																
Mancha de umidade			Substituição / Intervenção inadequada																
Outras manchas (descrever)			Perfurações																
Expansão volumétrica			Sujidade																
Elementos espúrios			Desgaste																
Substituição / Intervenção inadequada			Lacuna																
Sujidade			Presença de Vegetação																
Desgaste			Agentes biológicos (descrever)																
Lacuna			Mancha de umidade																
Arranhão			Outras manchas (descrever)																
Presença de Vegetação			Retração																
Agentes biológicos (descrever)			Indícios de térmitas																
Fratura																			

Dano	Teto (Te)					Piso (Pi)
	Lambri (Lbr)					Assoalho (Aso)
	01	02	03	04	05	01
Alteração cromática						
Empolamento						
Desprendimento de material						
Fissura / Trinca / Rachadura						
Mancha de umidade						
Manchas (descrever)						
Deformação / desalinhamento						
Elementos espúrios						
Substituições / Intervenções inadequadas						
Sujidade						
Lacuna						
Perfuração						
Presença de Vegetação						
Sinais de agentes biológicos (descrever)						
Indícios de térmitas						

Dano	Vãos (Va)									
	Portas (Pms)	Janelas				Mansardas				
		01	CATLH Va.Jm4		CATLH Va.Jm5	CATLH Va.Ms1		CATLH Va.Ms2		
Lacuna										
Fratura										
Retração										
Empolamento de pintura										
Desprendimento de material										
Alteração cromática										
Empeno / desalinhamento										
Expansão volumétrica										
Desgaste										
Mancha (descrever)										
Perfurações										
Elementos espúrios										
Vidro quebrado / ausente										
Perda de massa de vedação										
Oxidação de peça metálica										
Sujidade										
Agentes biológicos (descrever)										
Partes ocas (análise percussiva)										
Indícios de térmitas										
Elementos faltantes										
Cremona	n/a						n/a	n/a	n/a	n/a
Fecho							n/a	n/a	n/a	n/a

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher tabela de acordo com intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente. Usar cor correspondente ao dano “Lacuna”.
- Lambris e Caibros são numerados por conjunto correspondente ao plano que compõem.

(Obs: n/a* = não se aplica)

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



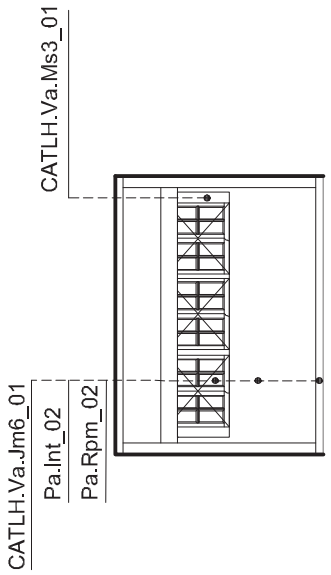
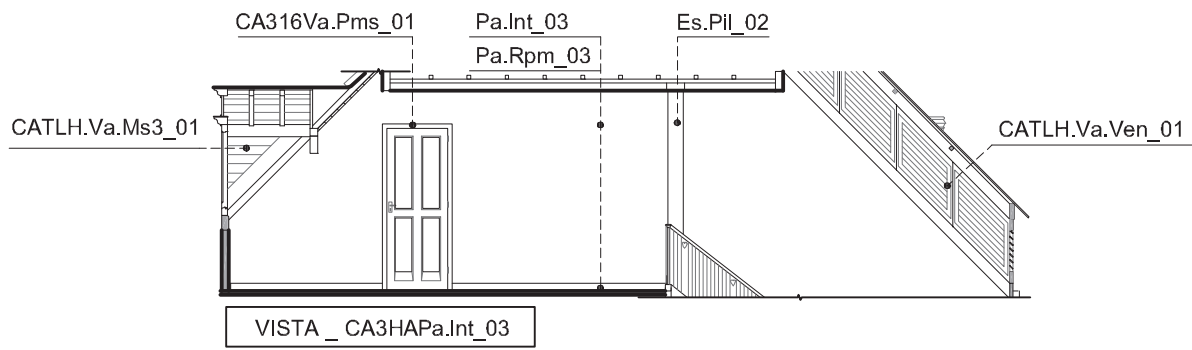
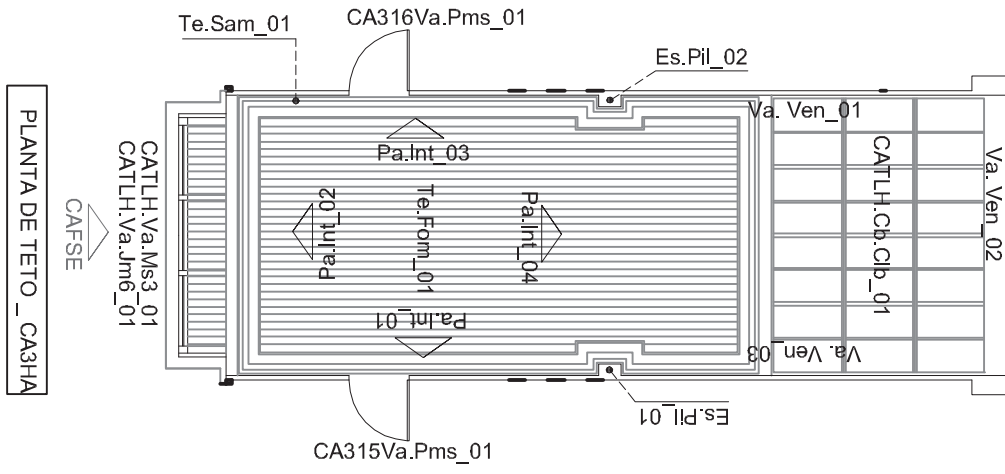
Paredes (Pa)					Teto (Te)				Piso (Pi)	Cobertura (Cb)		
Dano	Superfícies Internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			Forro de madeira (Fom)	Sanca de madeira (Sam)	Assoalho (Aso)	Clarabóia	
	01	02	03	04	01	02	03	01	01		01	CATLH
												Cb.CIb
Alteração cromática											01	
Empolamento												
Desprendimento de material												
Fissura / Trinca / Rachadura												
Deslocamento / desalinhamento												
Deformação												
Mancha de umidade												
Outras manchas (descrever)												
Expansão volumétrica												
Elementos espúrios												
Substituição / Interv. inadequada												
Sujidade												
Desgaste												
Lacuna												
Arranhão												
Presença de Vegetação												
Agentes biológicos (descrever)												
Fratura												

Vãos (Va)							Estrutura (Es)			
Dano	Guarda corpo de madeira (Gcm)		Mansarda	Janela	Veneziana	Portas		Pilar (Pil)		
			CATLH	CATLH	CATLH	CA315	CA316			
			Va.Ms3	Va.Jm6	Va.Ven	Va.Pms	Va.Pms			
	01	02	01	01	01	01	01	01	02	
Lacuna										
Fratura										
Retração										
Empolamento de pintura										
Desprendimento de material										
Alteração cromática										
Empeno / desalinhamento										
Expansão volumétrica										
Desgaste										
Mancha (descrever)										
Perfurações										
Elementos espúrios										
Vidro quebrado / ausente										
Perda de massa de vedação										
Oxidação de peça metálica										
Sujidade										
Agentes biológicos (descrever)										
Partes ocas (percussão)										
Indícios de térmitas										
Elementos faltantes										
Cremona	n/a	n/a	n/a		n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Fecho	n/a	n/a	n/a		n/a	n/a		n/a	n/a	n/a

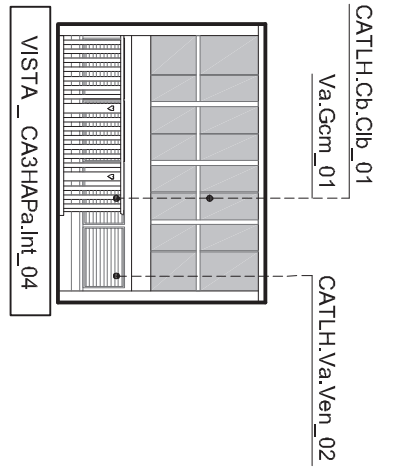
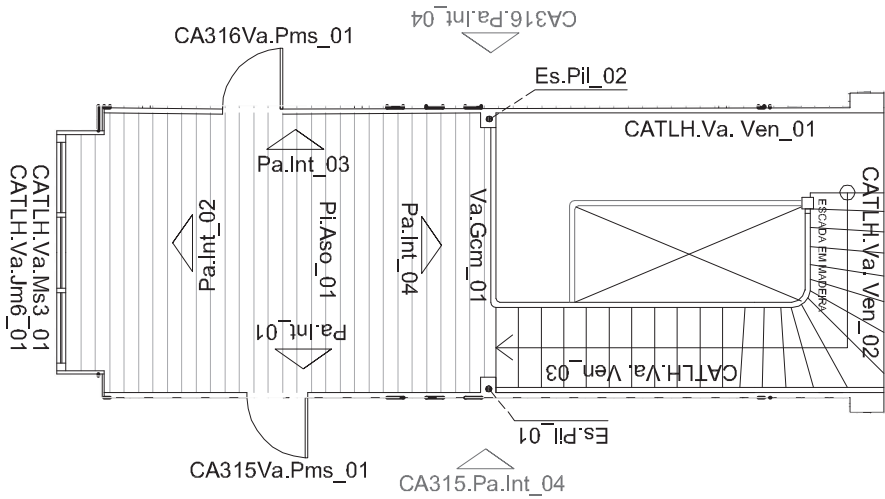
Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte

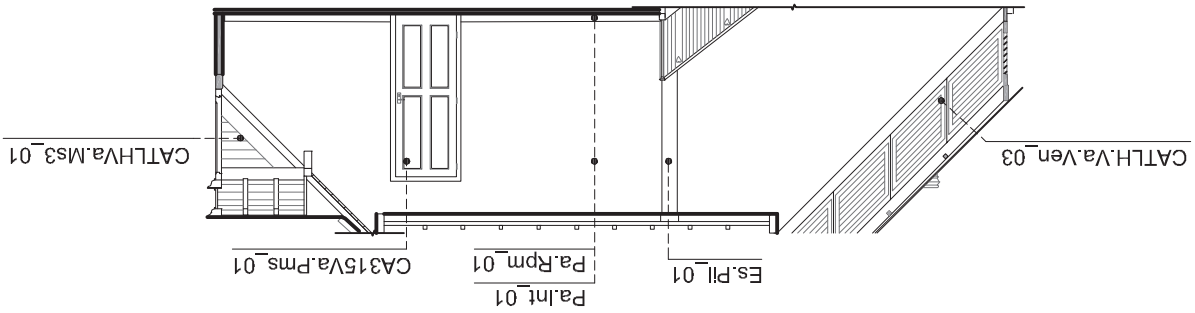
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



PLANTA BAIXA_CA3HA
CAFSE
VISTA_CA3HAPa.Int_02



VISTA_CA3HAPa.Int_01



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente
Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Hall

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Cobertura (Cb)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--

Identificação do ambiente
Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 16

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Assoalho (Aso)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)				
Dano	Superfícies internas (Int)			
	01	02	03	04
Alteração cromática				
Empolamento				
Desprendimento de material				
Fissura / Trinca / Rachadura				
Deslocamento / desalinhamento				
Deformação				
Mancha de umidade				
Outras manchas (descrever)				
Expansão volumétrica				
Elementos espúrios				
Substituição / Intervenção inadequada				
Sujidade				
Desgaste				
Lacuna				
Arranhão				
Sinais de agentes biológicos (descrever)				
Fratura				
Vidro quebrado / ausente				

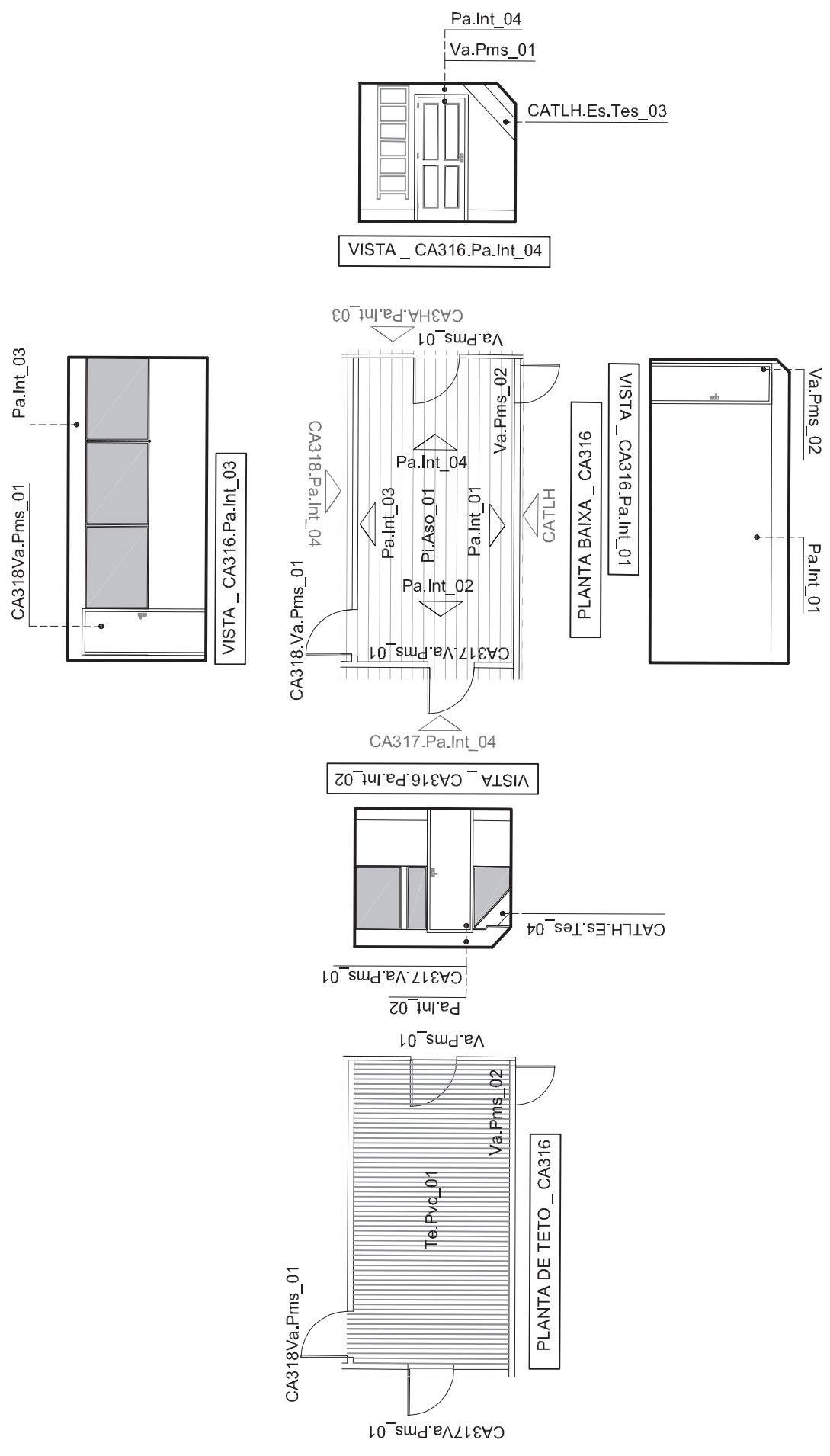
Teto (Te)	
Dano	Forro de Pvc (Pvc)
	01
Alteração cromática	
Empolamento	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Mancha de umidade	
Manchas (descrever)	
Deformação / desalinhamento	
Elementos espúrios	
Substituições / Intervenções inadequadas	
Sujidade	
Lacuna	
Perfuração	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Indícios de térmitas	

Vãos (Va)				Estrutura (Es)	
Dano	Portas			Tesouras	
	(Pms)		CA317	CA318	CATLH
	01	02	Va.Pms	Va.Pms	Es.Tes
Lacuna					
Fratura					
Retração					
Empolamento de pintura					
Desprendimento de material					
Alteração cromática					
Empeno / desalinhamento					
Expansão volumétrica					
Desgaste					
Mancha (descrever)					
Perfurações					
Elementos espúrios					
Vidro quebrado / ausente					
Perda de massa de vedação					
Oxidação de peça metálica					
Sujidade					
Sinais de agentes biológicos (descrever)					
Partes ocas (análise percussiva)					
Indícios de térmitas					
Elementos faltantes					
Fecho					

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:

1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar X onde o elemento for ausente.



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 16

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

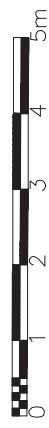
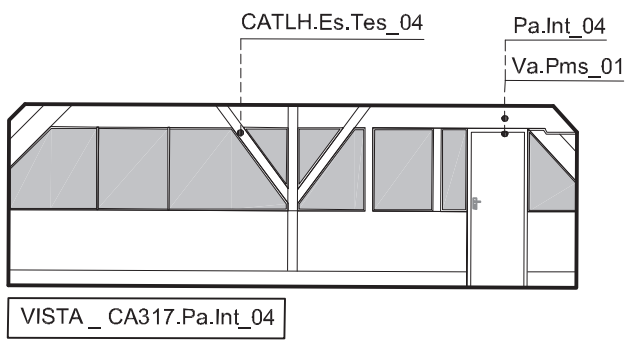
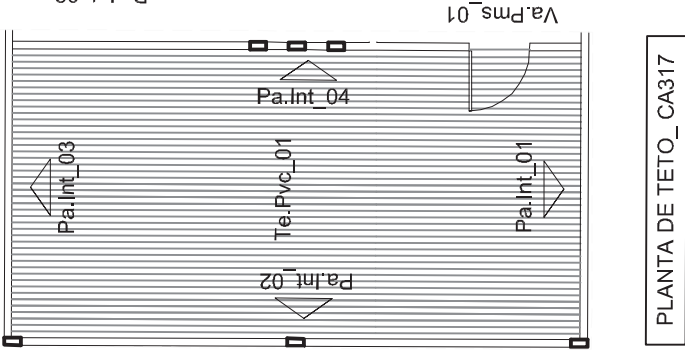
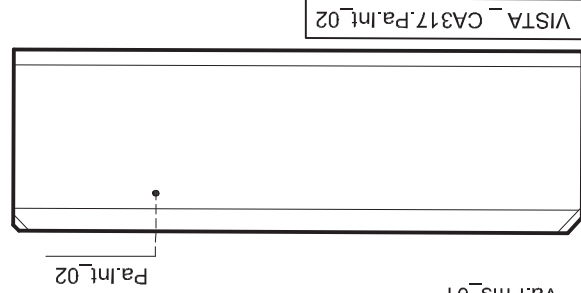
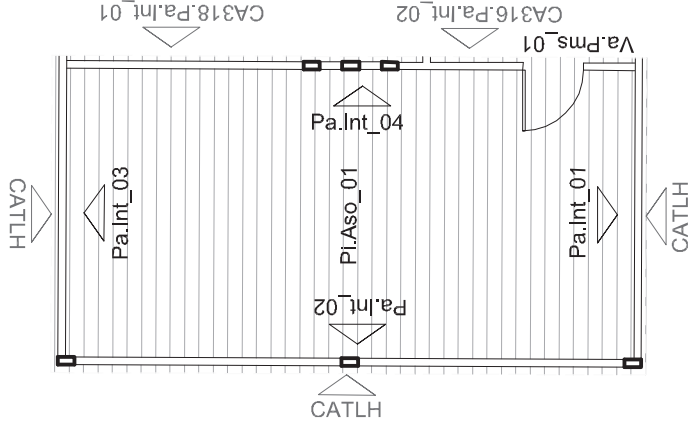
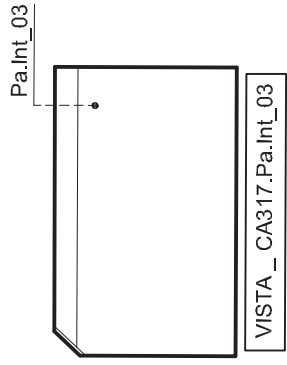


Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 17

Data:

Realizado por:

Disciplina:

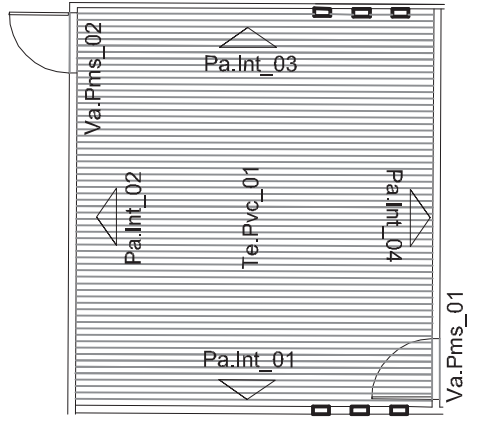
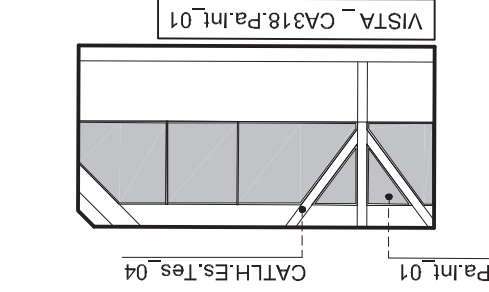
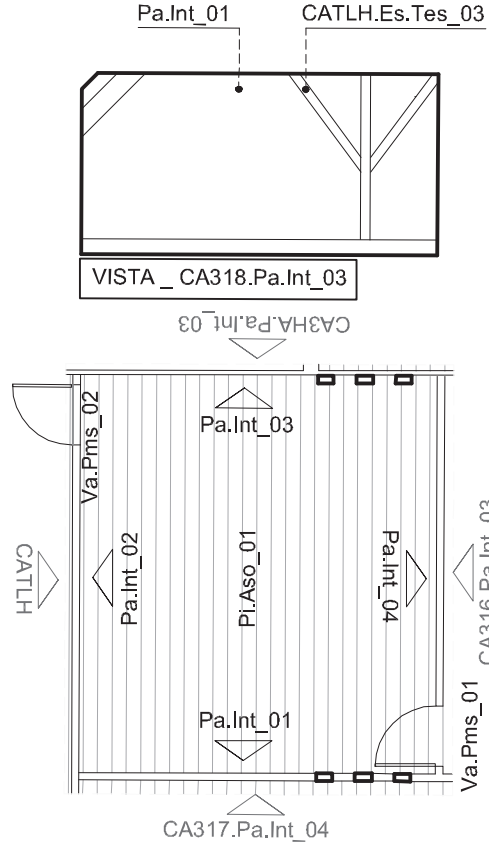
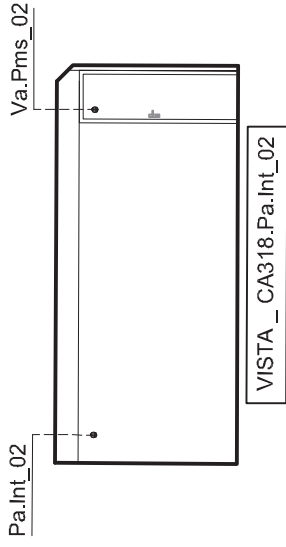
Orientação:



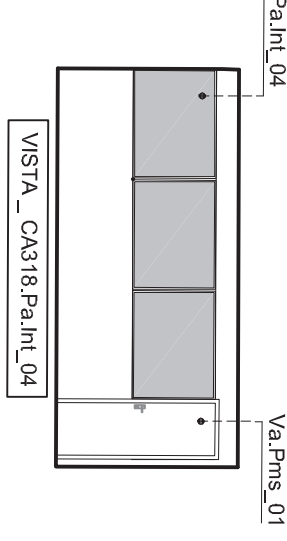
Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:



PLANTA BAIXA_CA318



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Casarão – 3º Pavimento, Sala 18

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

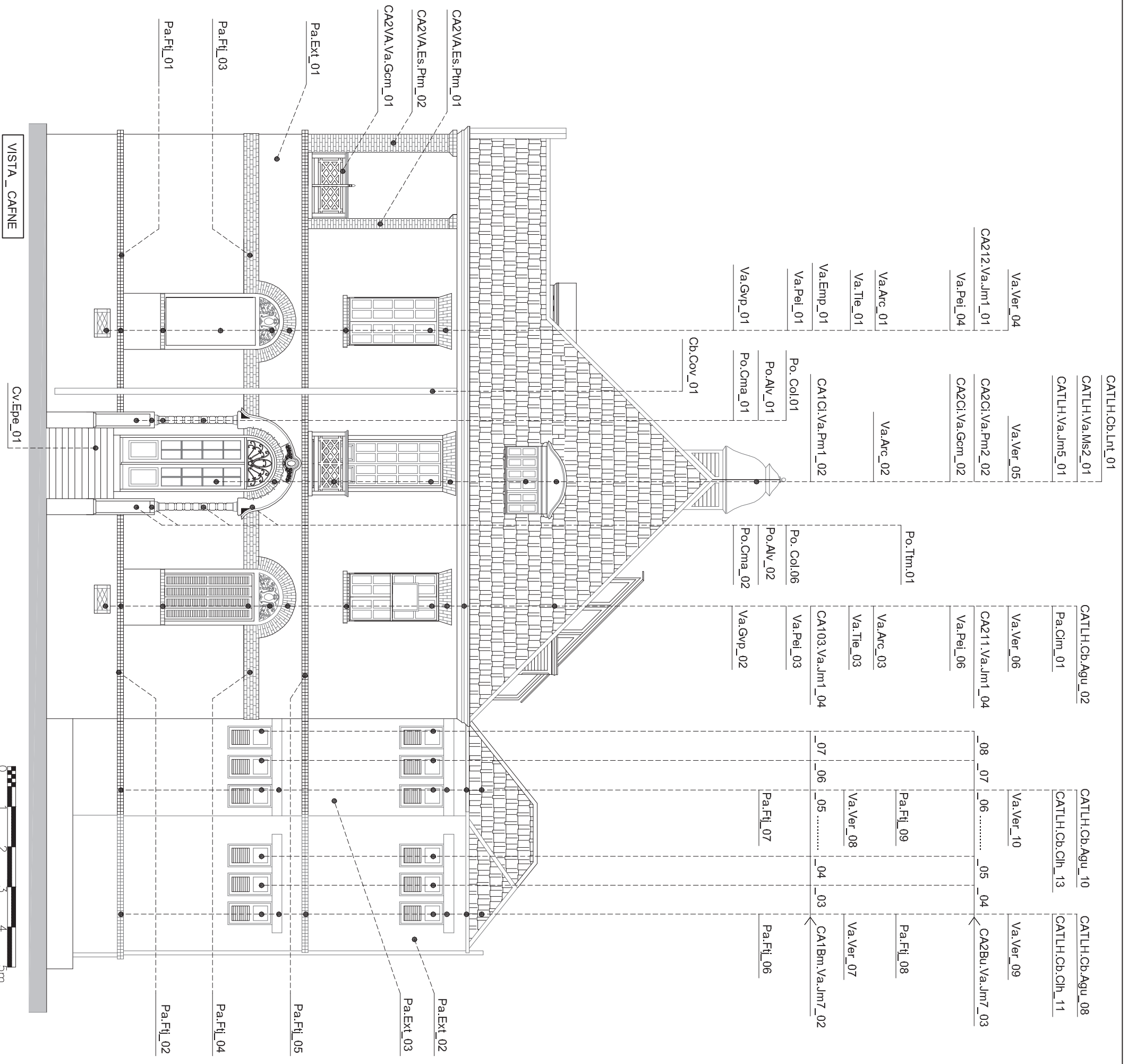


Paredes (Pa)	Pisos (Pi)	Tetos (Te)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:	Processos identificados:

Vãos (Va)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:	Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

--



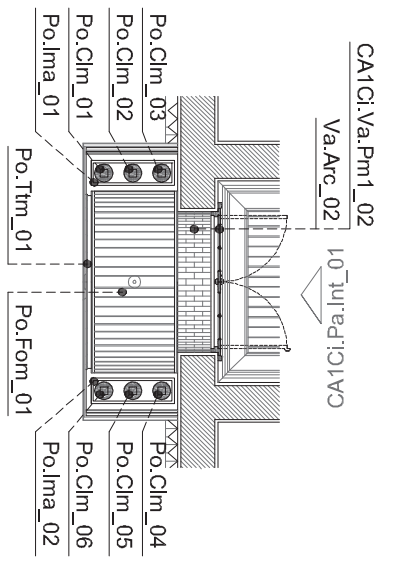
Data:

Realizado por:

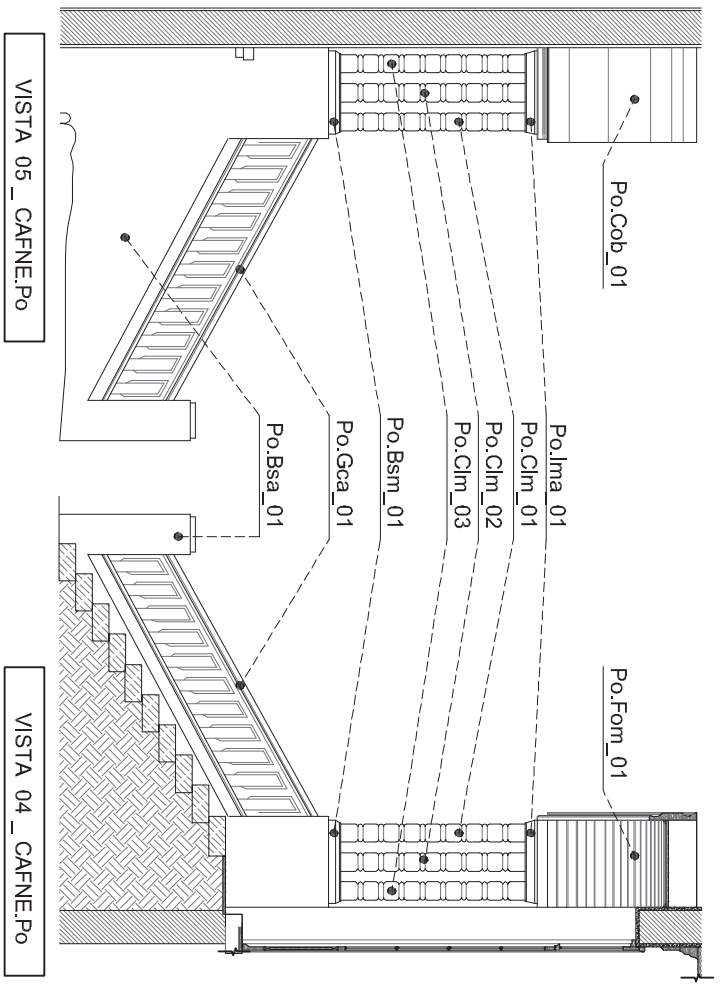
Disciplina:

Orientação:

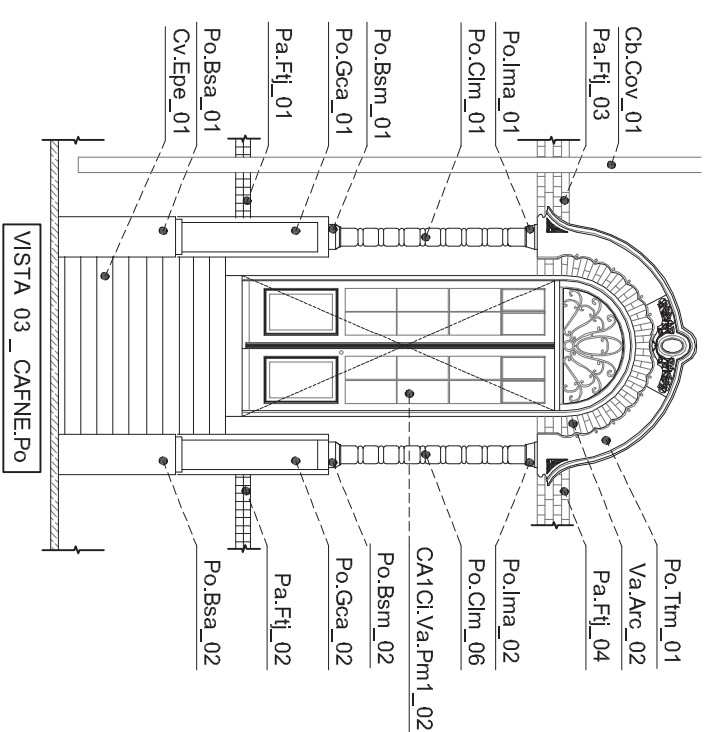




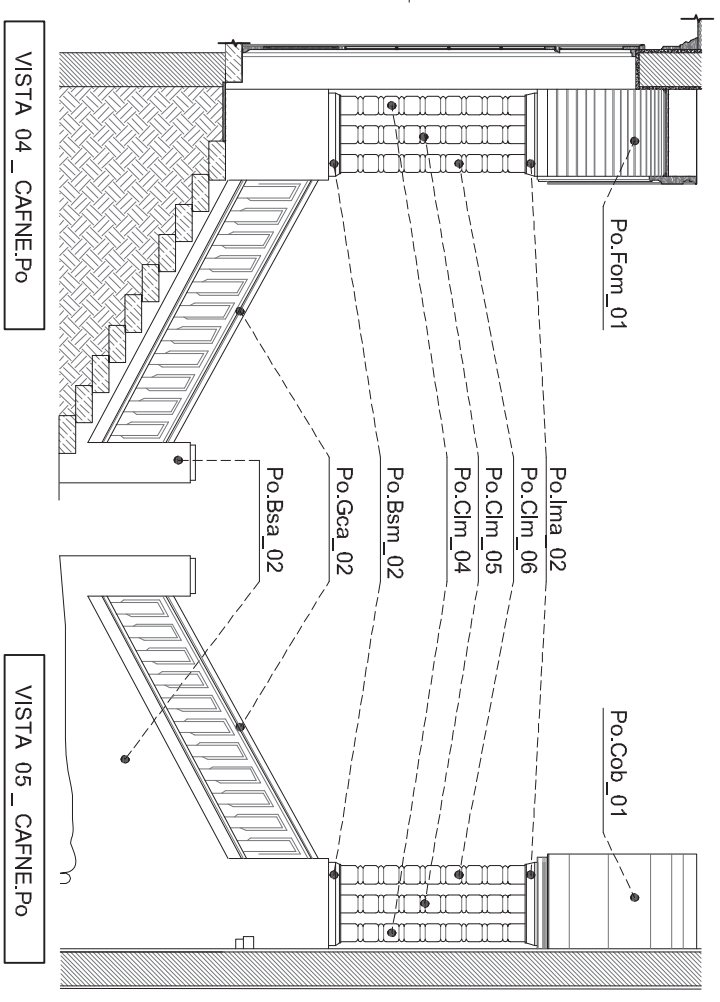
PLANTA DE TETO _CAFNE.Po



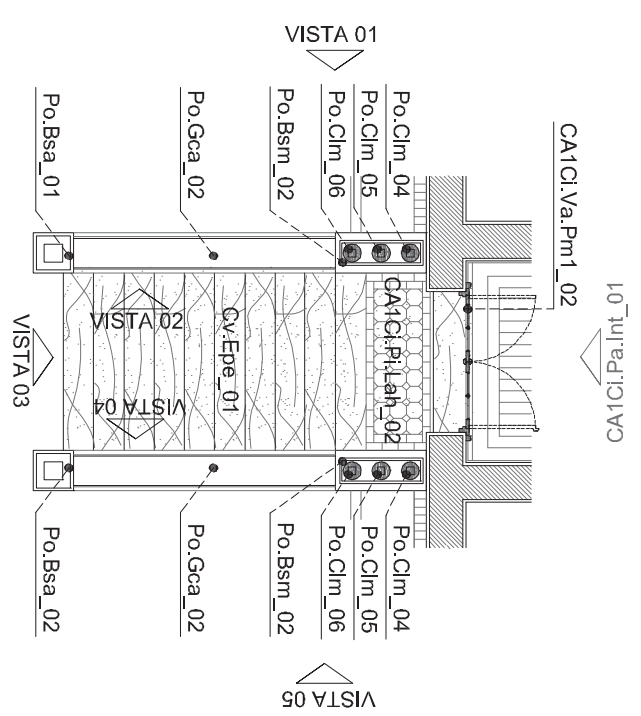
VISTA 04 _CAFNE.Po



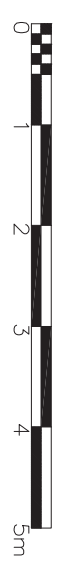
VISTA 03 _CAFNE.Po



VISTA 05 _CAFNE.Po



PLANTA BAIXA _CAFNE.Po



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Casarão – Fachada Nordeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

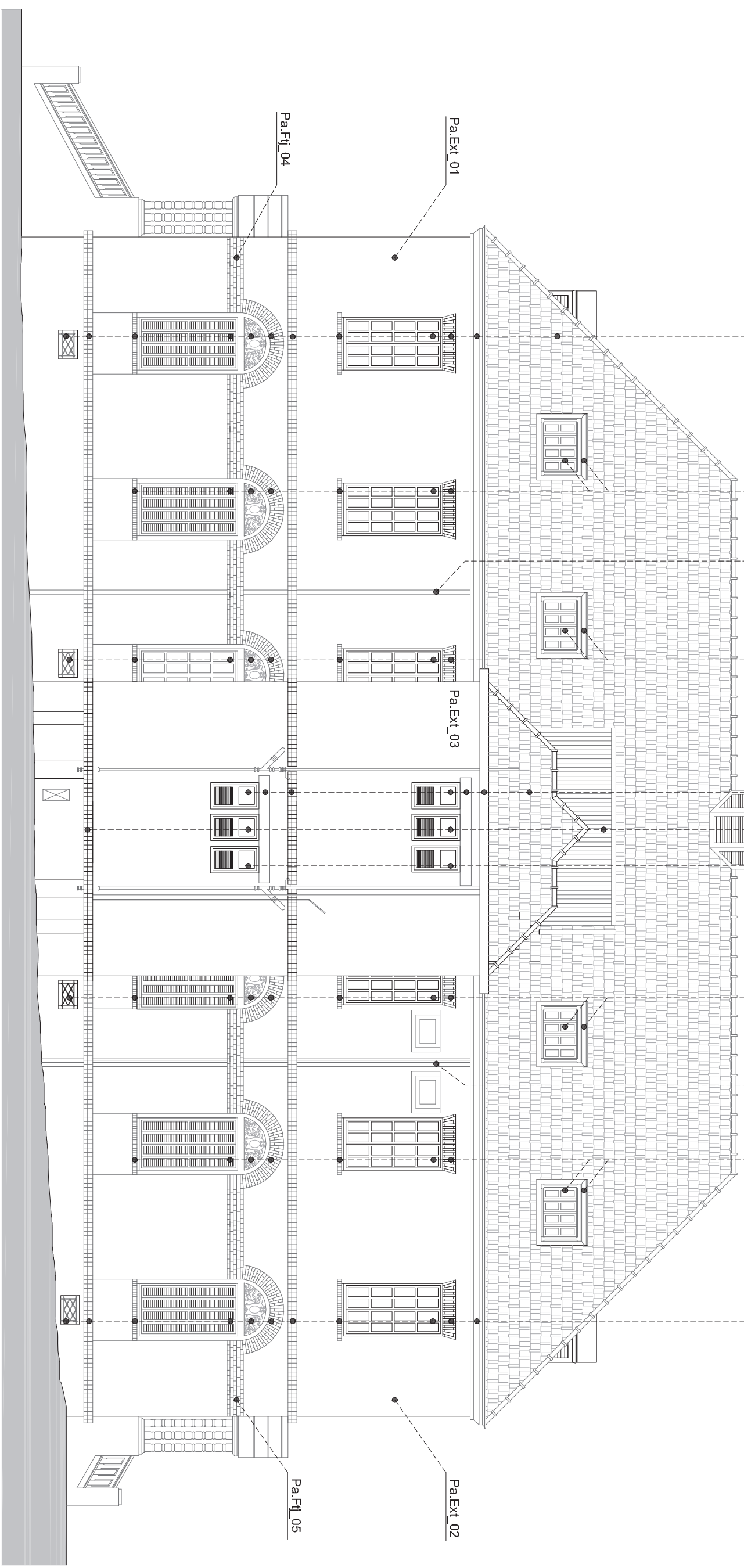
Orientação:



Paredes (Pa)	Pórtico (Po)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

CATLH.Cb.Agu_01	CATLH.Va.Ms1_02	CATLH.Cb.Agu_07	CATLH.Cb.Lnt_01	CATLH.Va.Ms1_05	CATLH.Va.Ms1_04
Pa.Clm_01	CATLH.Va.Jm4_02	CATLH.Va.Jm4_01	CATLH.Cb.Clb_01	CATLH.Va.Jm4_05	CATLH.Va.Jm4_04
Va.Ver_07	Va.Ver_08	Va.Ver_09	CA1Bf.Va.Jm7_08	Va.Ver_10	Va.Ver_11
CA211.Va.Jm1_03	CA211.Va.Jm1_02	CA211.Va.Jm1_01	CA2Co.Va.Jm7_07	CA210.Va.Jm1_01	CA209.Va.Jm1_01
Va.Pei_07	Va.Pei_08	Va.Pei_09		Va.Pei_10	Va.Pei_11
Pa.Fij_06	Pa.Fij_06	Pa.Fij_07			Va.Pei_12
Va.Arc_01	Va.Arc_02	Va.Arc_03		Va.Arc_04	Va.Arc_05
Va.Tie_01	Va.Tie_02	Va.Tie_03		Va.Tie_04	Va.Tie_05
CA103.Va.Jm1_03	CA103.Va.Jm1_02	CA103.Va.Jm1_01	Ca1Bf.Va.Jm7_07	CA102.Va.Jm1_04	CA102.Va.Jm1_03
Va.Pei_01	Va.Pei_02	Va.Pei_03		Va.Pei_04	Va.Pei_05
Pa.Fij_01	Pa.Fij_01	Pa.Fij_02			CA102.Va.Jm1_02
Va.Gvp_01		Va.Gvp_02		Va.Gvp_03	Va.Pei_06
					Pa.Fij_03
					Va.Gvp_04



VISTA _ CAFNO



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente	Observações:	Localização
----------------------------------	---------------------	--------------------

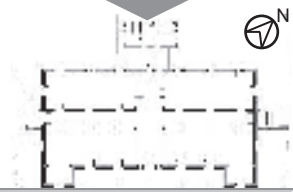
Ambiente externo: Casarão – Fachada Noroeste

Data:

Realizado por:

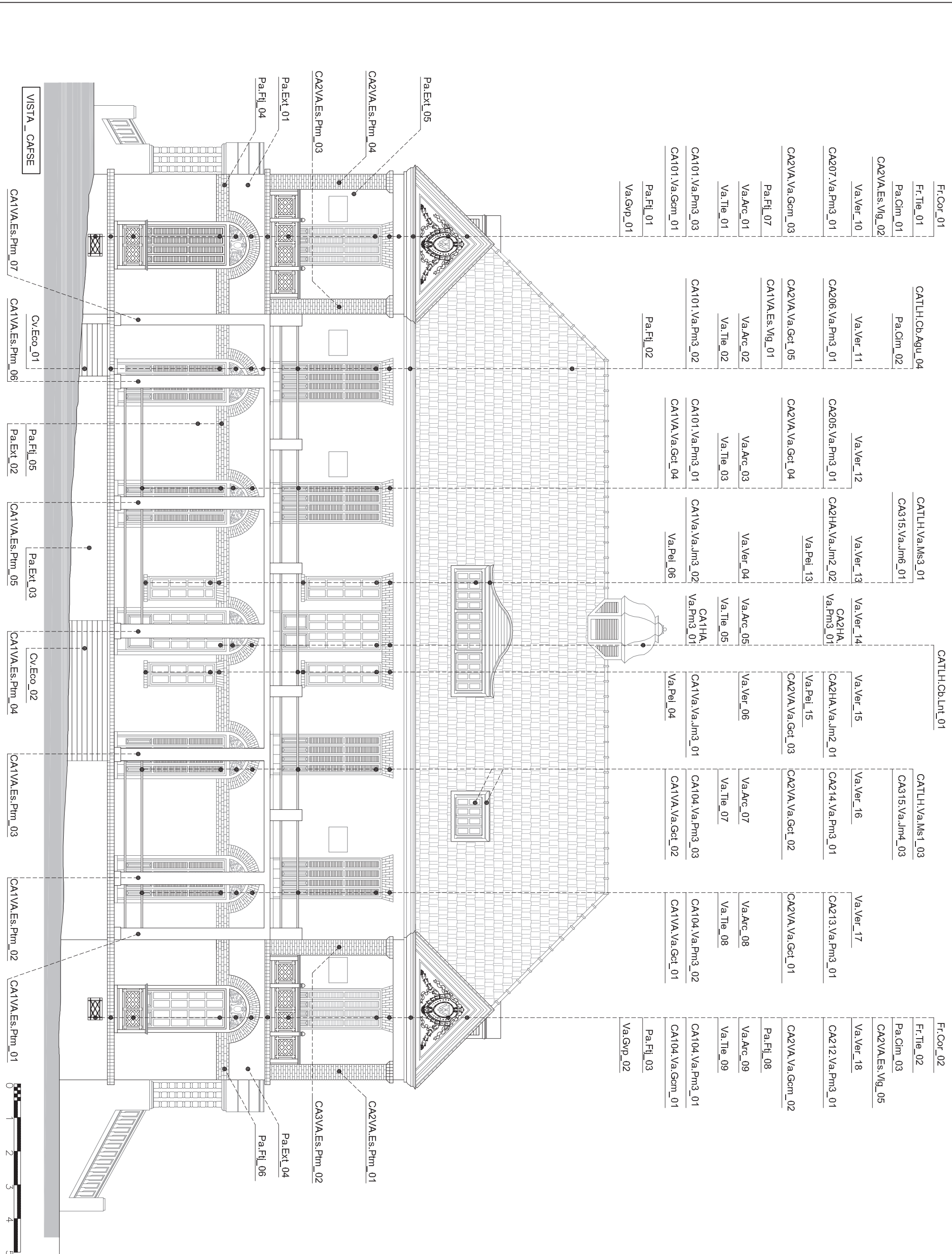
Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:



- Fr.Cor_01
- Fr.Tie_01
- Pa.Cim_01
- CA2VA.Es.Vig_02
- Va.Ver_10
- CA207.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gcm_03
- Pa.Fil_07
- Va.Arc_01
- Va.Tie_01
- CA101.Va.Pm3_03
- CA101.Va.Gcm_01
- Pa.Fil_01
- Va.Gvp_01
- CATLH.Cb.Agu_04
- Pa.Cim_02
- Va.Ver_11
- CA206.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gct_05
- CA1VA.Es.Vig_01
- Va.Arc_02
- Va.Tie_02
- CA101.Va.Pm3_02
- Pa.Fil_02
- CATLH.Va.Ms3_01
- CA315.Va.Jm6_01
- Va.Ver_12
- CA205.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gct_04
- Va.Arc_03
- Va.Tie_03
- CA101.Va.Pm3_01
- CA1VA.Va.Gct_04
- Va.Ver_13
- CA2HA.Va.Jm2_02
- Va.Pei_13
- CA1VA.Va.Jm3_02
- Va.Pei_06
- CATLH.Cb.Lnt_01
- Va.Ver_14
- CA2HA.Va.Pm3_01
- Va.Ver_15
- CA2HA.Va.Jm2_01
- Va.Pei_15
- CA2VA.Va.Gct_03
- Va.Ver_06
- Va.Arc_05
- Va.Tie_05
- CA1HA.Va.Pm3_01
- CA1VA.Va.Jm3_01
- Va.Pei_04
- CATLH.Va.Ms1_03
- CA315.Va.Jm4_03
- Va.Ver_16
- CA214.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gct_02
- Va.Ver_07
- Va.Arc_07
- Va.Tie_07
- CA104.Va.Pm3_03
- CA1VA.Va.Gct_02
- CATLH.Va.Ms1_03
- Va.Ver_17
- CA213.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gct_01
- Va.Arc_08
- Va.Tie_08
- CA104.Va.Pm3_02
- CA1VA.Va.Gct_01
- Fr.Cor_02
- Fr.Tie_02
- Pa.Cim_03
- CA2VA.Es.Vig_05
- Va.Ver_18
- CA212.Va.Pm3_01
- CA2VA.Va.Gcm_02
- Pa.Fil_08
- Va.Arc_09
- Va.Tie_09
- CA104.Va.Pm3_01
- CA104.Va.Gcm_01
- Pa.Fil_03
- Va.Gvp_02

VISTA_CAFSE

CA1VA.Es.Ptm_07

Cv.Eco_01

Pa.Fil_05

CA1VA.Es.Ptm_06

Pa.Ext_02

CA1VA.Es.Ptm_05

CA1VA.Es.Ptm_04

CA1VA.Es.Ptm_03

CA1VA.Es.Ptm_02

CA1VA.Es.Ptm_01

0 1 2 3 4 5m

Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Identificação do ambiente

Observações:

Localização

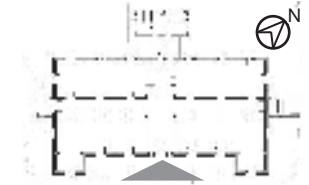
Ambiente externo: Casarão – Fachada Sudeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

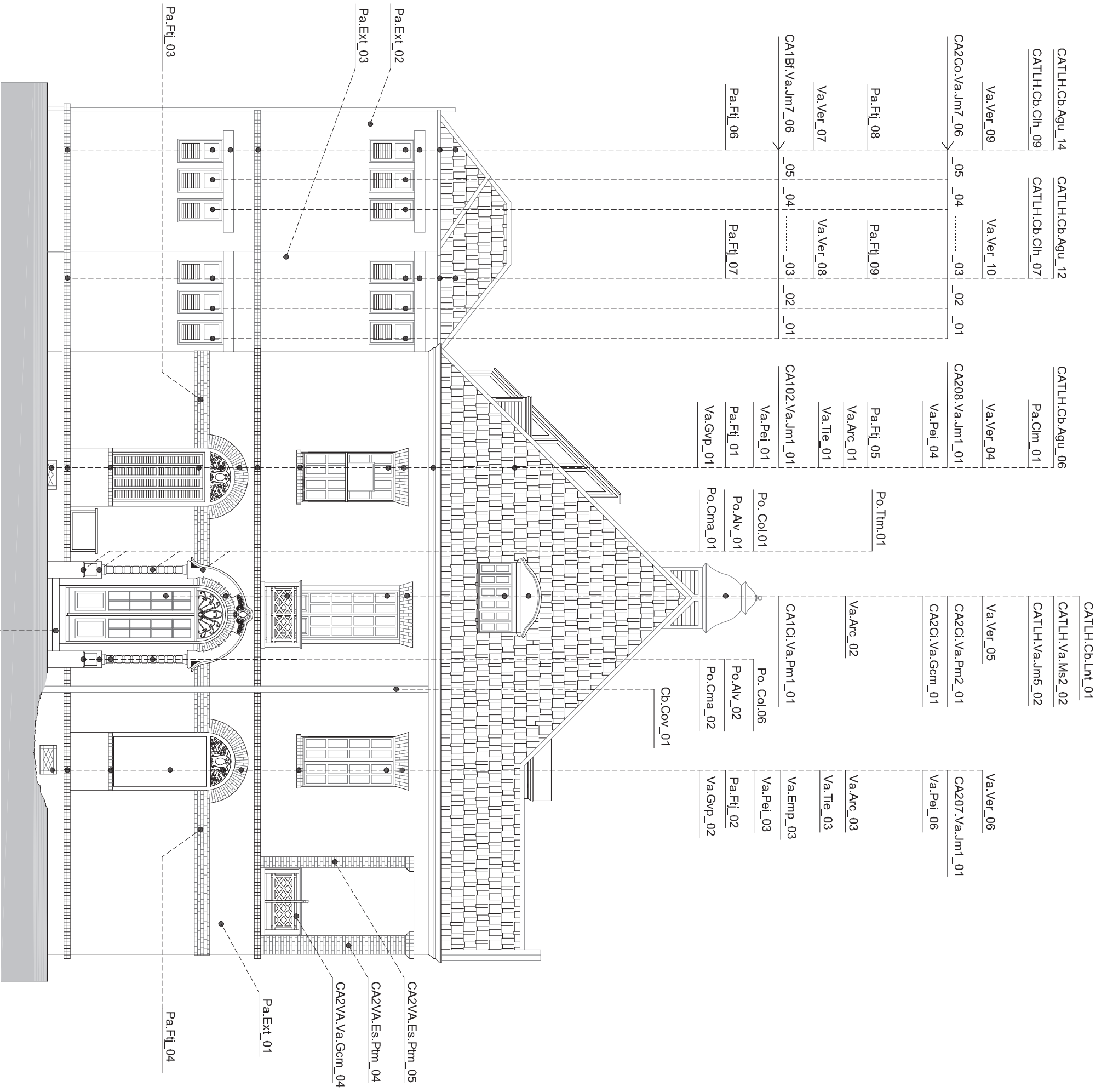
Orientação:



Paredes (Pa)	Frontão (Fr)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)
Principais danos observados:	
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

VISTA _ CAFSO



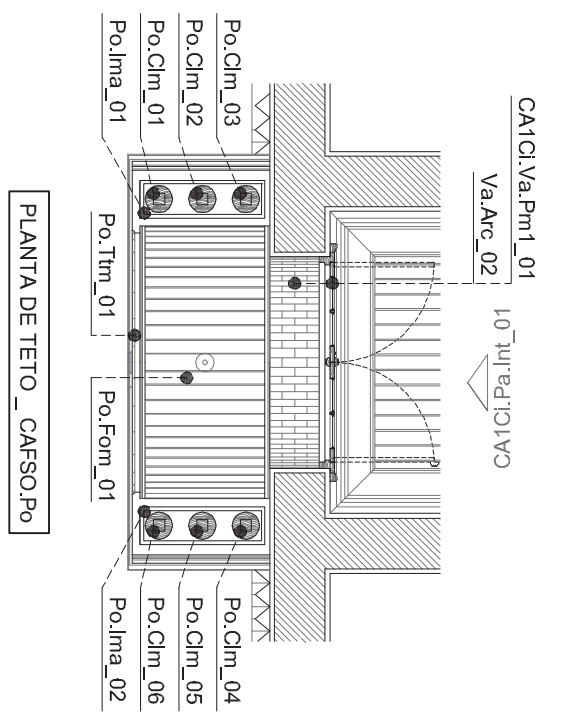
Data:

Realizado por:

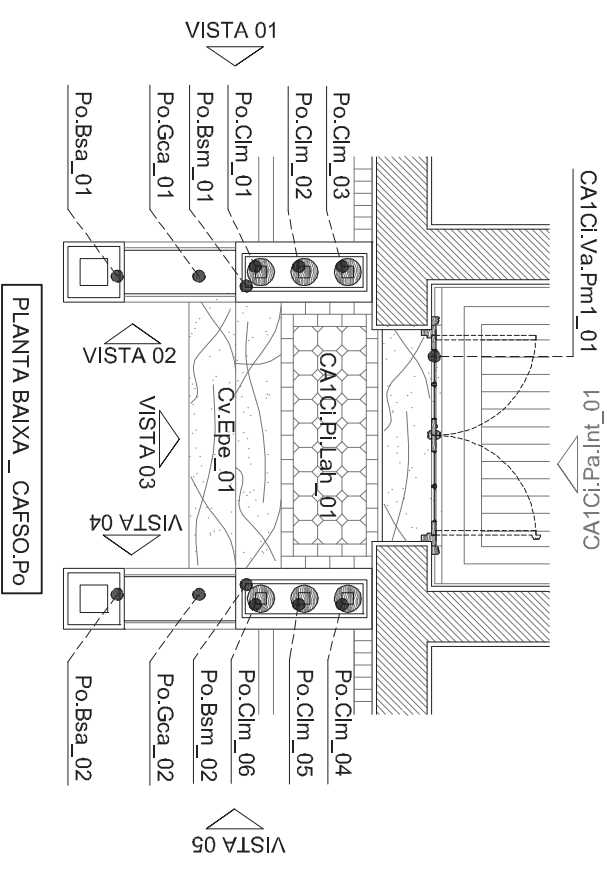
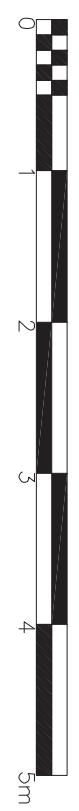
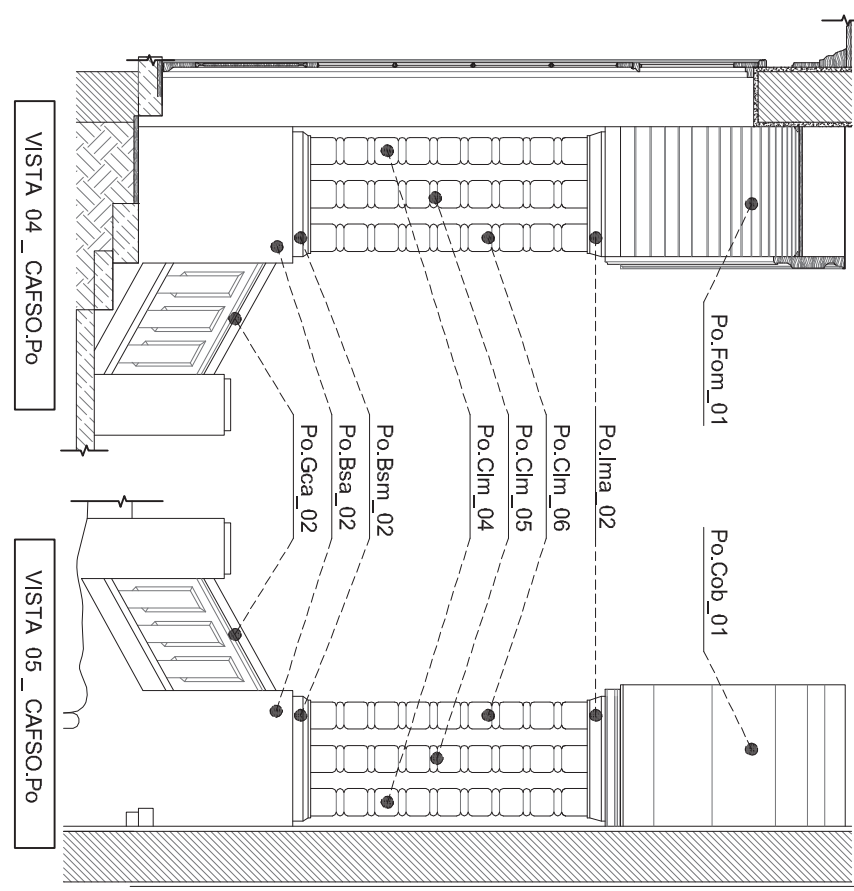
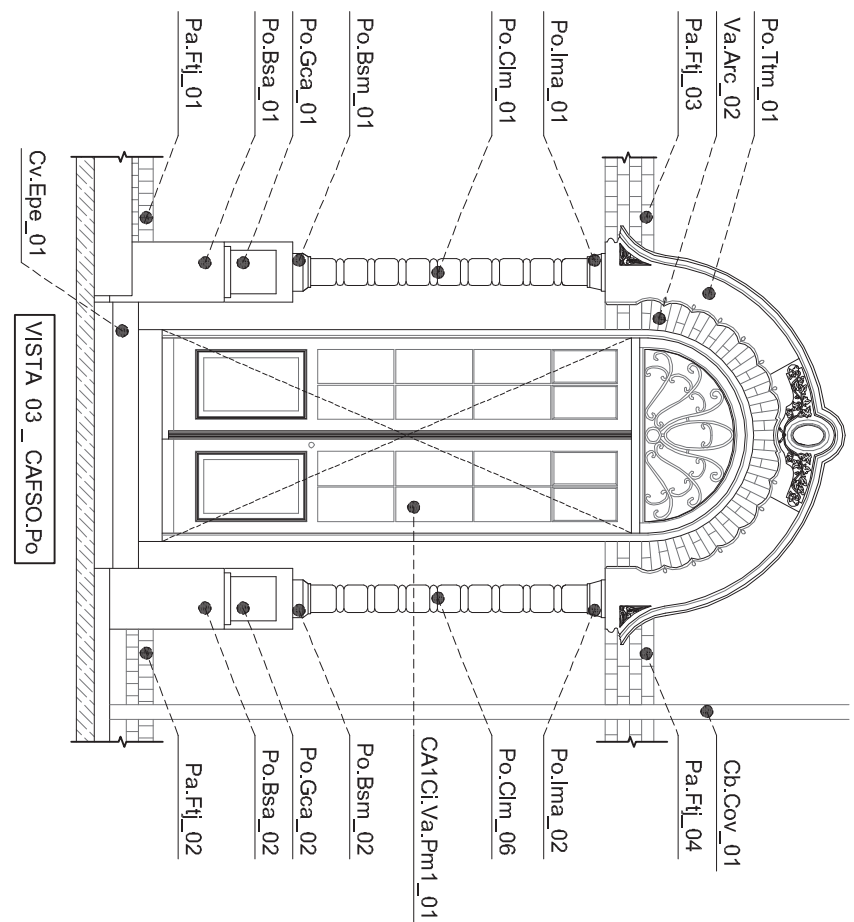
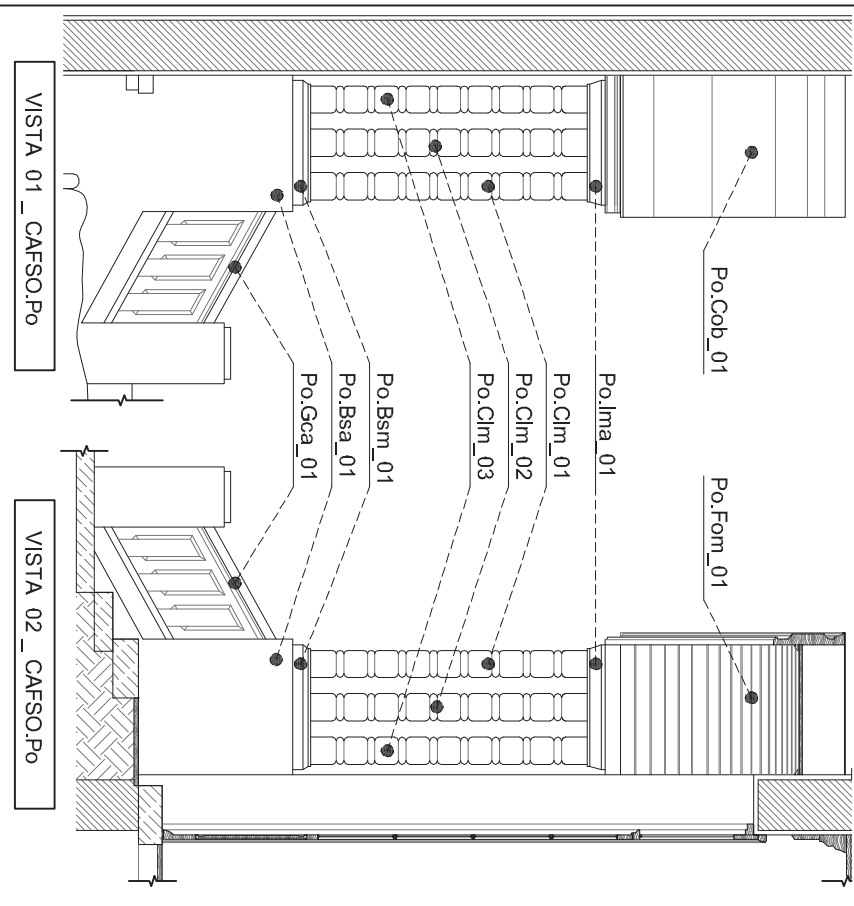
Disciplina:

Orientação:





PLANTA DE TETO_CAFSO.Po



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Casarão – Fachada Sudoeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Pórtico (Po)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Identificação do ambiente

Localização

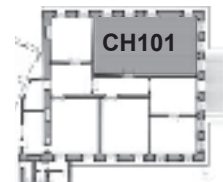
Ambiente interno: Chale – 1º Pavimento, Sala 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Assoalho (Aso)
	01
Alteração cromática	
Empolamento	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)		Rodapés de							
Dano	Superfícies internas (Int)	madeira (Rpm)				argamassa (Rpa)			
		01	02	03	04	01	02	03	04
		Alteração cromática							
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Deslocamento / desalinhamento									
Deformação									
Mancha de umidade									
Outras manchas (descrever)									
Expansão volumétrica									
Elementos espúrios									
Substituição / Intervenção inadequada									
Sujidade									
Desgaste									
Lacuna									
Arranhão									
Presença de Vegetação									
Agentes biológicos (descrever)									
Fratura									

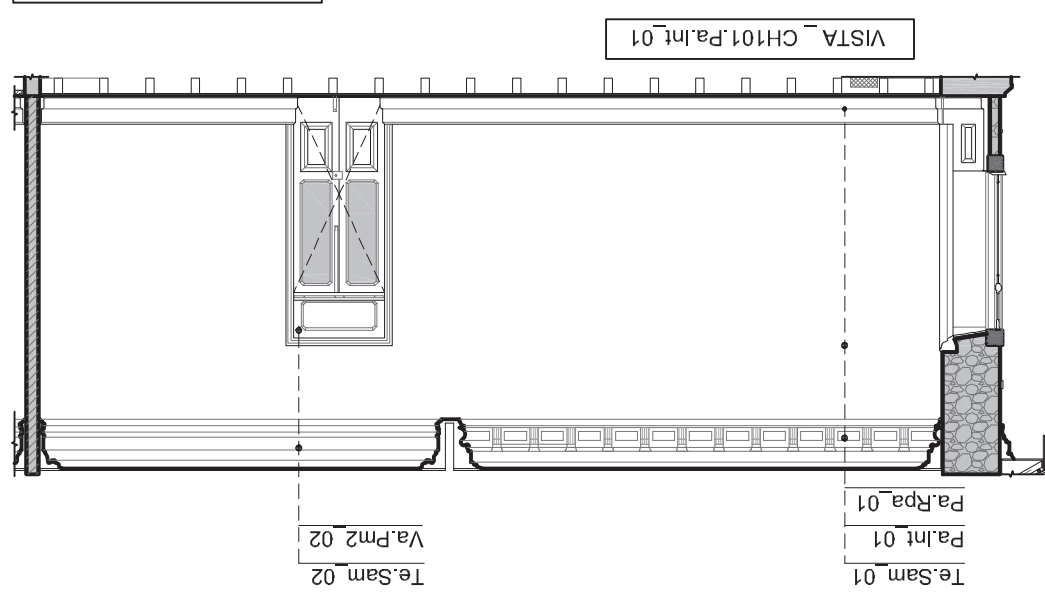
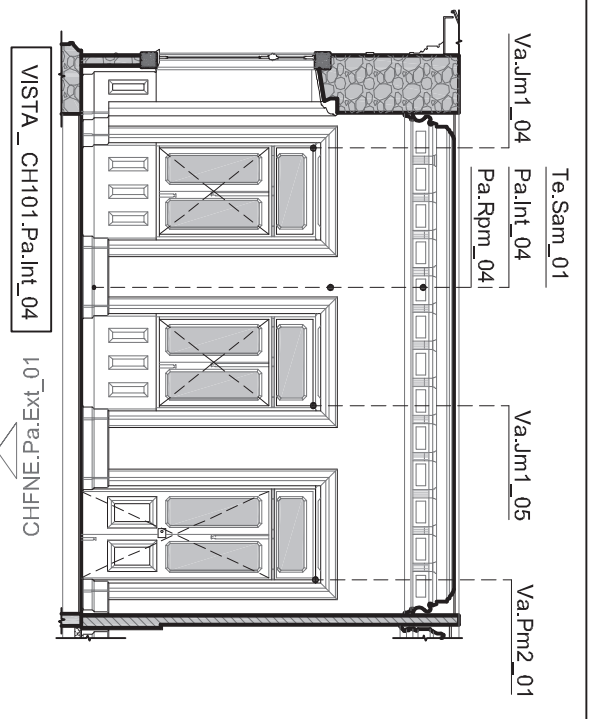
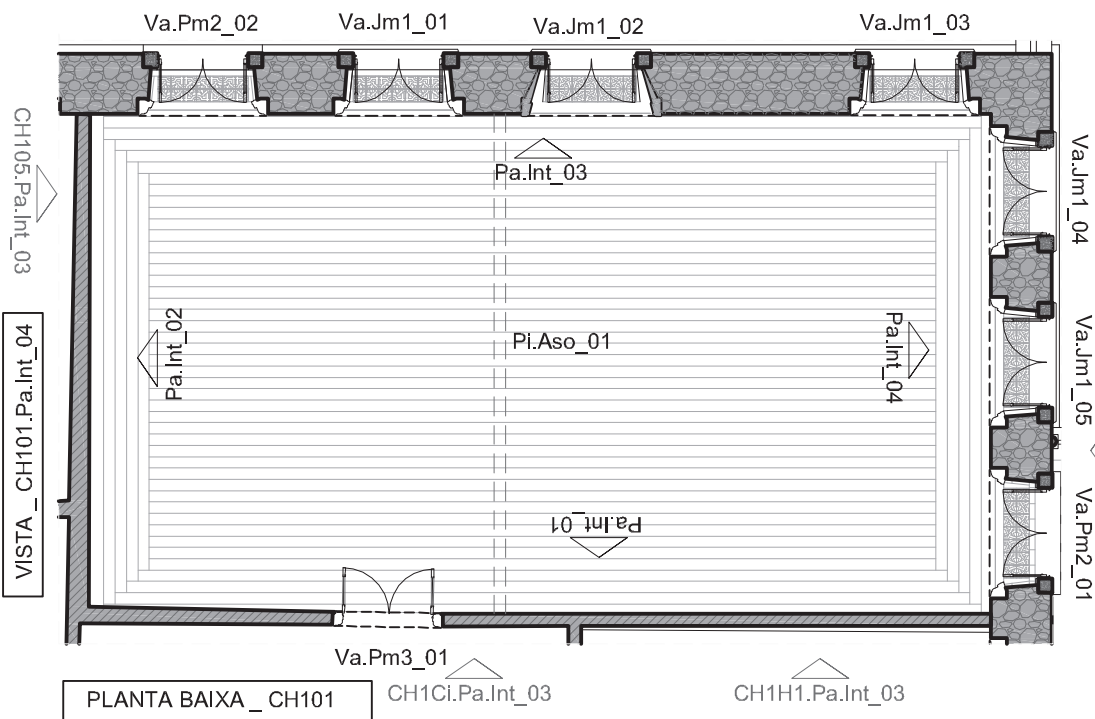
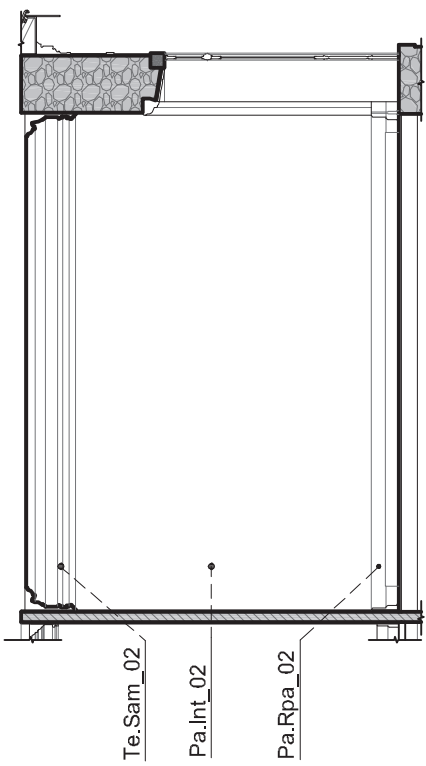
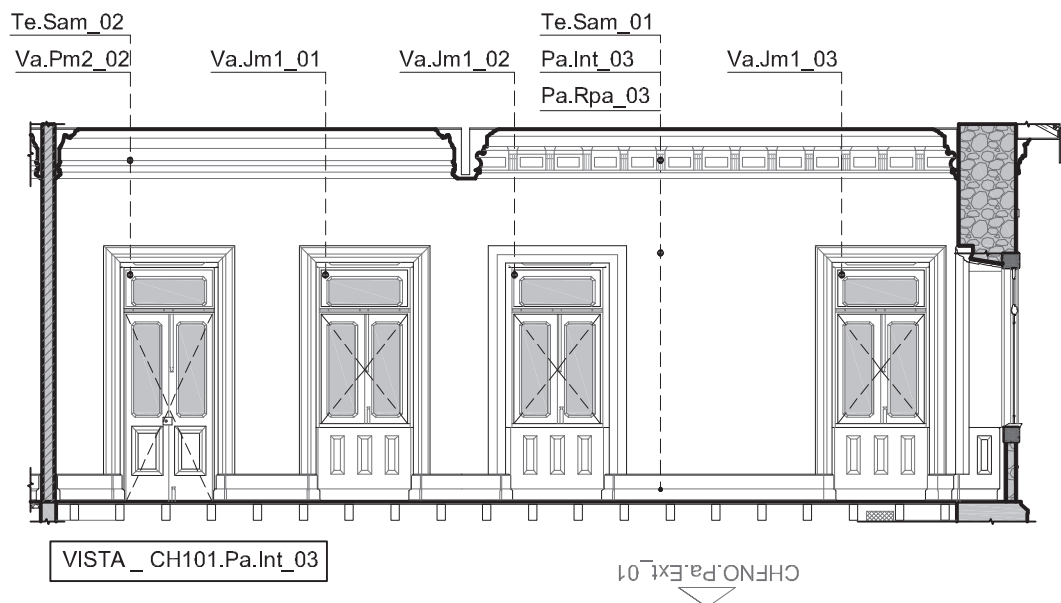
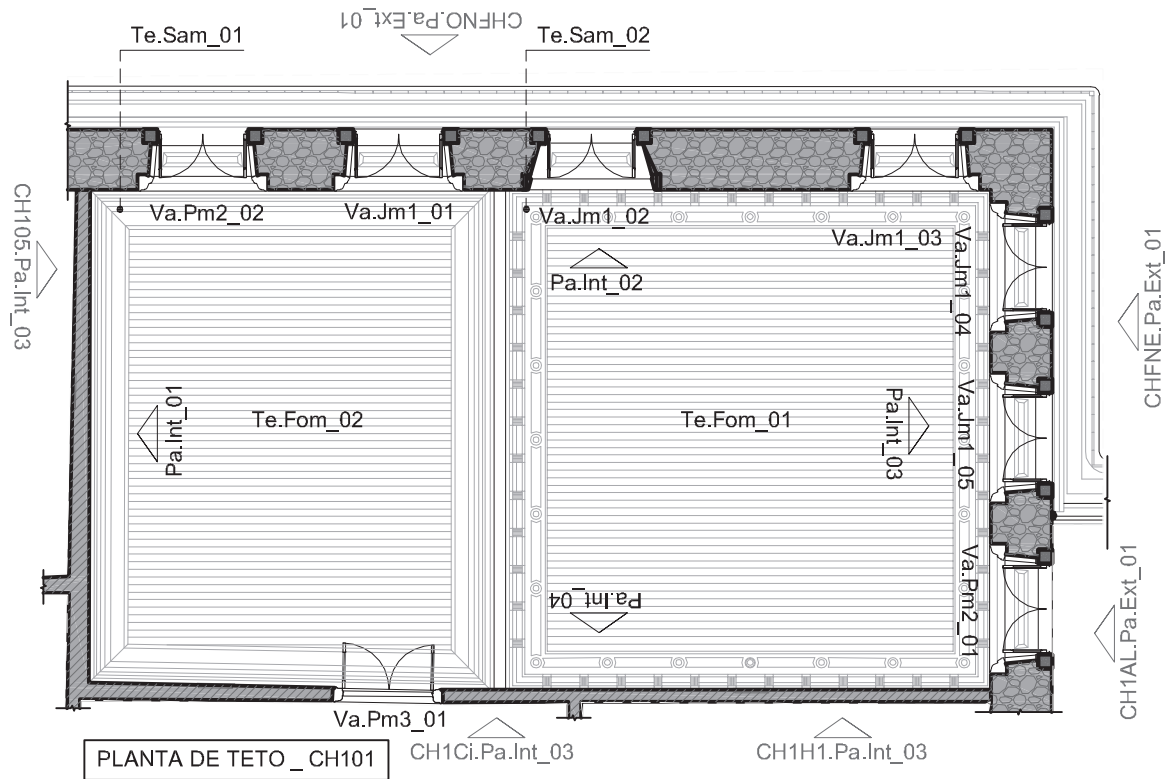
Teto (Te)				
Dano	Forro de madeira (Fom)		Sanca de Madeira (Sam)	
	01	02	01	02
	Alteração cromática			
Empolamento				
Desprendimento de material				
Fissura / Trinca / Rachadura				
Mancha de umidade				
Manchas (descrever)				
Deformação / desalinhamento				
Elementos espúrios				
Substituições / Intervenções inadequadas				
Sujidade				
Lacuna				
Perfuração				
Presença de Vegetação				
Agentes biológicos (descrever)				
Indícios de térmitas				

Vãos (Va)		Janelas (Jm1)					Portas (Pm2) (Pm3)			
Dano		01	02	03	04	05	01	02	01	
		Lacuna								
Fratura										
Retração										
Empolamento de pintura										
Desprendimento de material										
Alteração cromática										
Empeno / desalinhamento										
Expansão volumétrica										
Desgaste										
Mancha (descrever)										
Perfurações										
Elementos espúrios										
Vidro quebrado / ausente										
Perda de massa de vedação										
Oxidação de peça metálica										
Sujidade										
Agentes biológicos (descrever)										
Partes ocas (análise percussiva)										
Indícios de térmitas										
Elementos faltantes										
Folha de madeira e vidro (a)								n/a		
Porta de dentro (b)								n/a		
Ferragens antigas		a	b	a	b	a	b	a	b	
Enxalsos laterais em madeira		e	d	e	d	e	d	e	d	n/a
Enxalço superior em madeira										n/a
Pano de peito em madeira								n/a	n/a	n/a

(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalço lateral esquerdo, d= enxalço lateral direito).

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

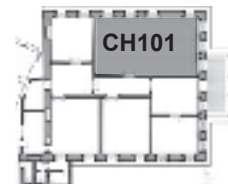
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Chalé – 1º Pavimento, Sala 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de madeira (Rpm)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

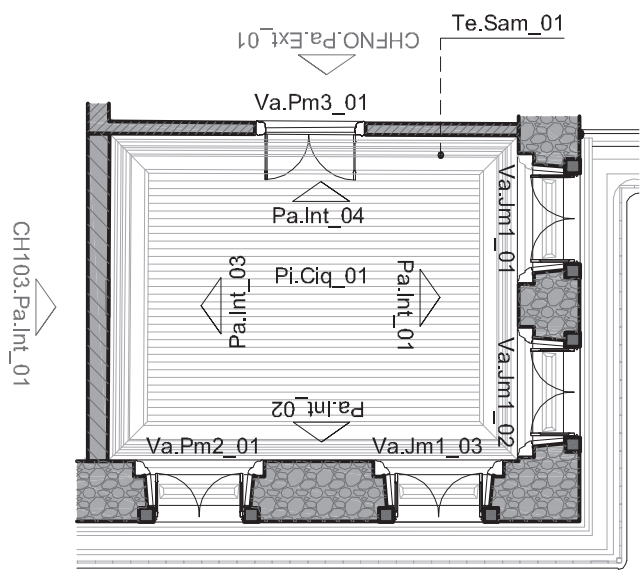
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)							
Dano	Janelas (Jm1)			Portas (Pm2) (Pm3)			
	01	02	03	01	01		
	Lacuna						
Fratura							
Retração							
Empolamento de pintura							
Desprendimento de material							
Alteração cromática							
Empeno / desalinhamento							
Expansão volumétrica							
Desgaste							
Mancha (descrever)							
Perfurações							
Elementos espúrios							
Vidro quebrado / ausente							
Perda de massa de vedação							
Oxidação de peça metálica							
Sujidade							
Agentes biológicos (descrever)							
Partes ocas (análise percussiva)							
Indícios de térmitas							
Elementos faltantes							
Folha de madeira e vidro (a)							
Porta de dentro (b)					n/a		
Ferragens antigas	a	b	a	b	a	b	
Enxaisos laterais em madeira	e	d	e	d	e	d	n/a
Enxalso superior em madeira							n/a
Pano de peito em madeira					n/a		n/a

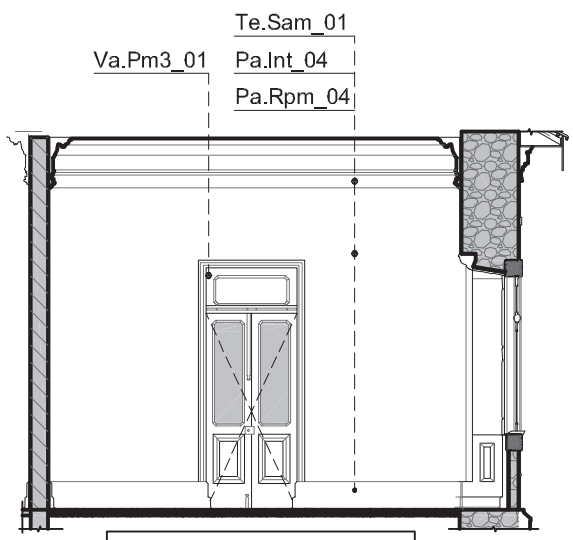
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalso lateral esquerdo, q= enxalso lateral direito).

Instruções:

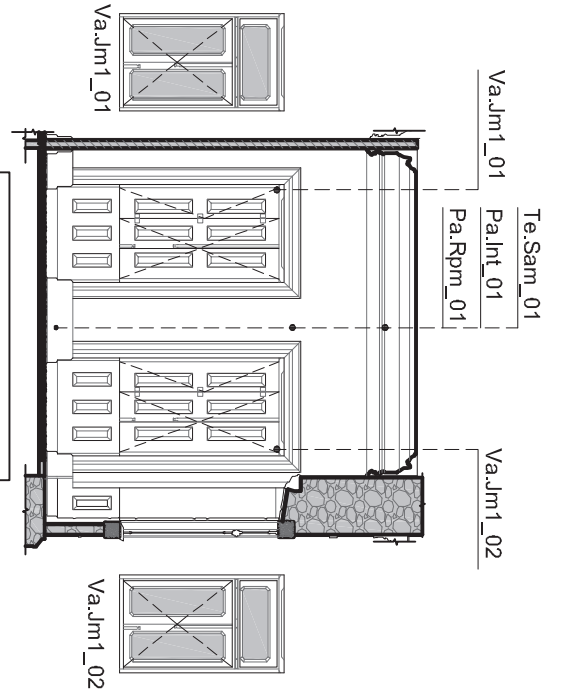
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



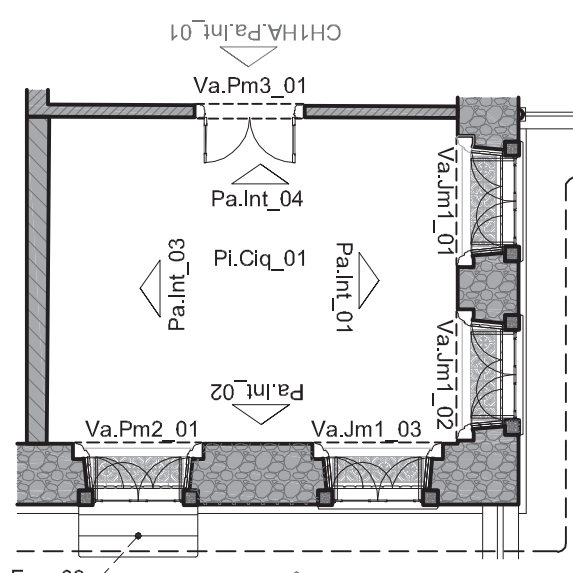
CHFSE.Pa.Ext_01
PLANTA DE TETO _CH102



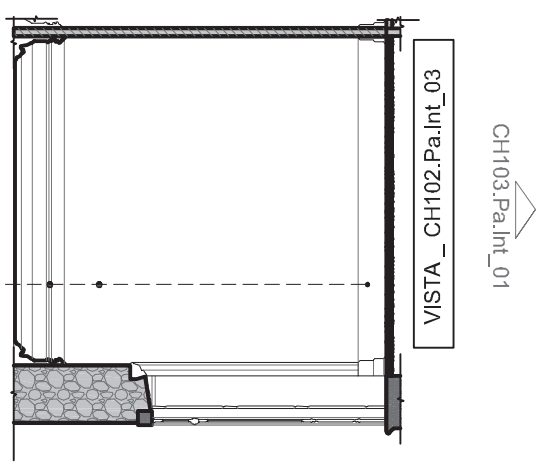
VISTA _CH102.Pa.Int_04



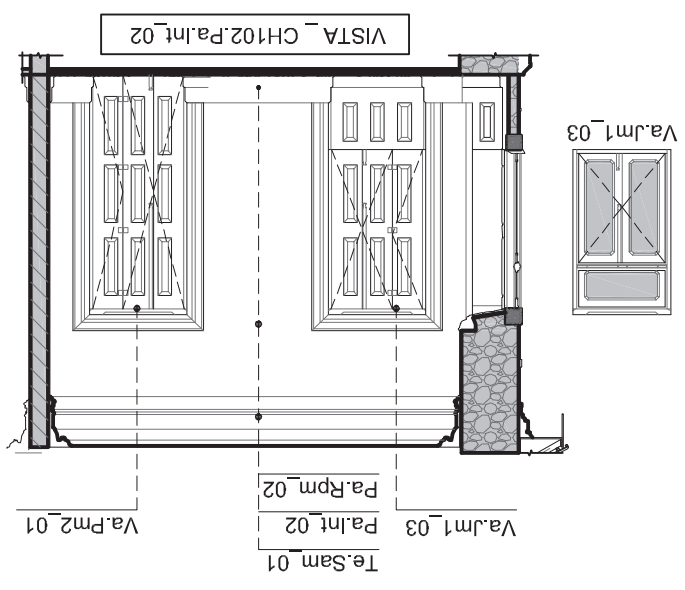
VISTA _CH102.Pa.Ext_01



CHFSE.Pa.Ext_01
PLANTA BAIXA _CH102



VISTA _CH102.Pa.Int_03



VISTA _CH102.Pa.Int_02



Data:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

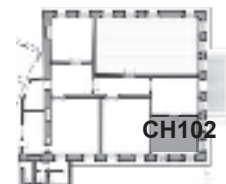
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

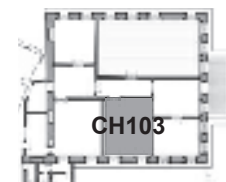
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 03

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de argamassa (Rpm)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

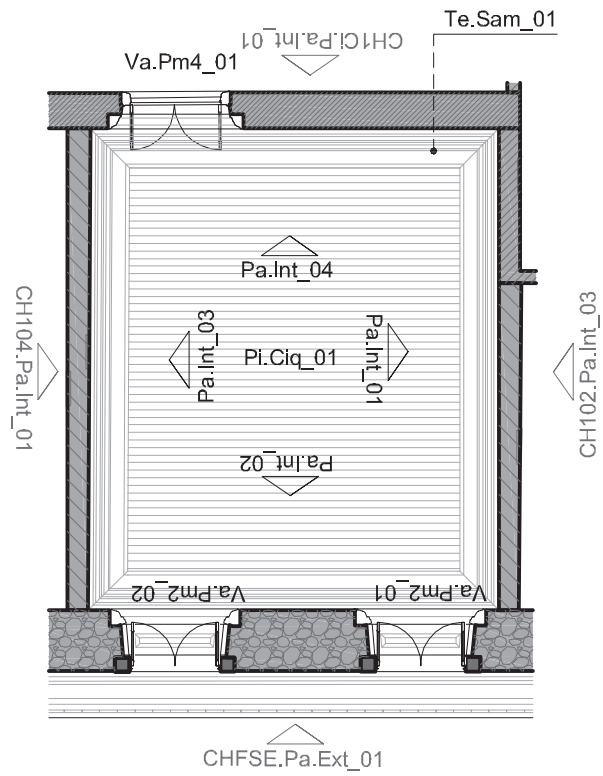
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)					
Dano	Portas				
	(Pm2)		(Pm3)		
	01	02	01		
Lacuna					
Fratura					
Retração					
Empolamento de pintura					
Desprendimento de material					
Alteração cromática					
Empeno / desalinhamento					
Expansão volumétrica					
Desgaste					
Mancha (descrever)					
Perfurações					
Elementos espúrios					
Vidro quebrado / ausente					
Perda de massa de vedação					
Oxidação de peça metálica					
Sujidade					
Agentes biológicos (descrever)					
Partes ocas (análise percussiva)					
Indícios de térmitas					
Elementos faltantes					
Folha de madeira e vidro (a)					
Porta de dentro (b)					n/a
Ferragens antigas	a	b	a	b	n/a
Enxalos laterais em madeira	e	d	e	d	n/a
Enxalo superior em madeira					n/a
Pano de peito em madeira	n/a		n/a		n/a

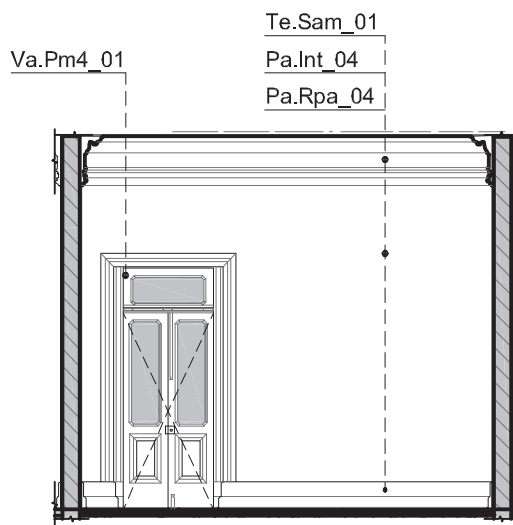
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalo lateral esquerdo, d= enxalo lateral direito).

Instruções:

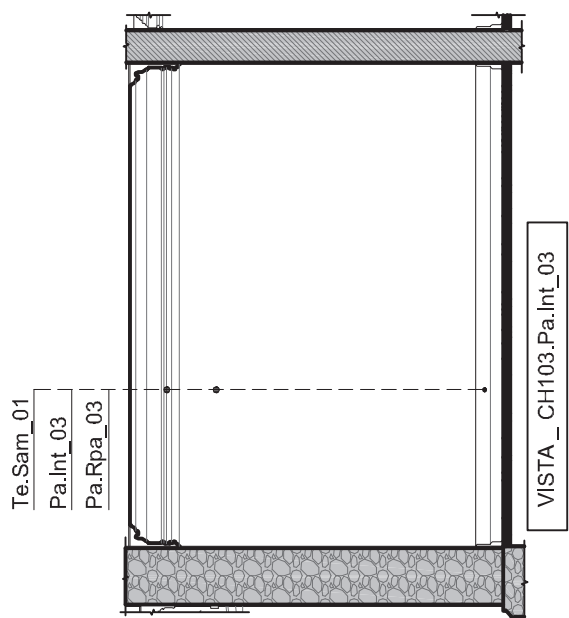
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



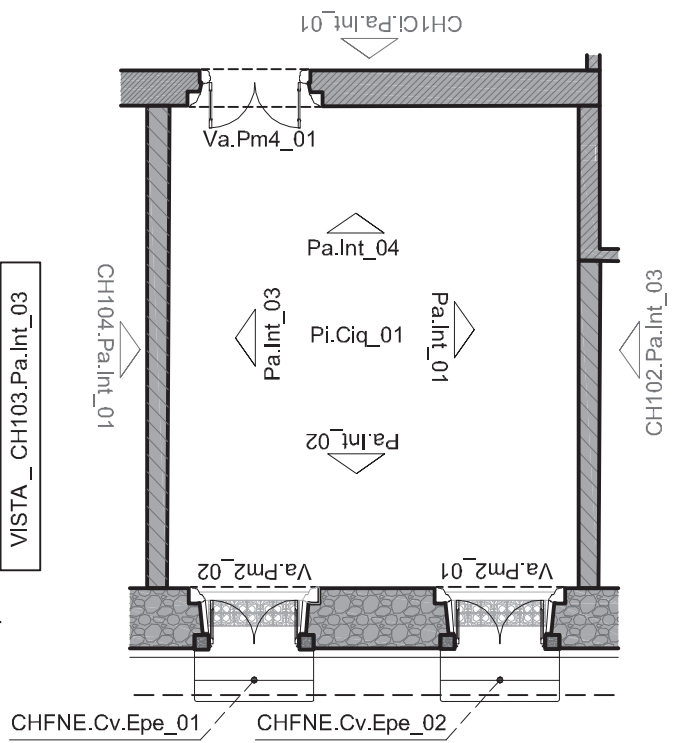
PLANTA DE TETO _ CH103



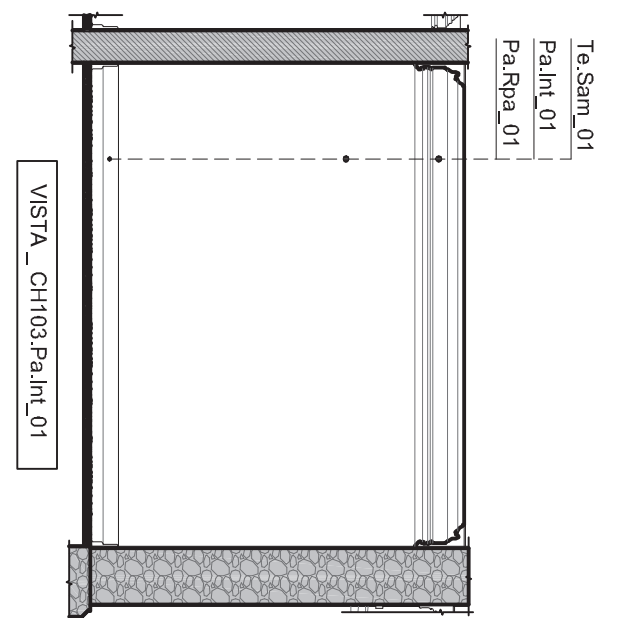
VISTA _ CH103.Pa.Int_04



VISTA _ CH103.Pa.Int_03

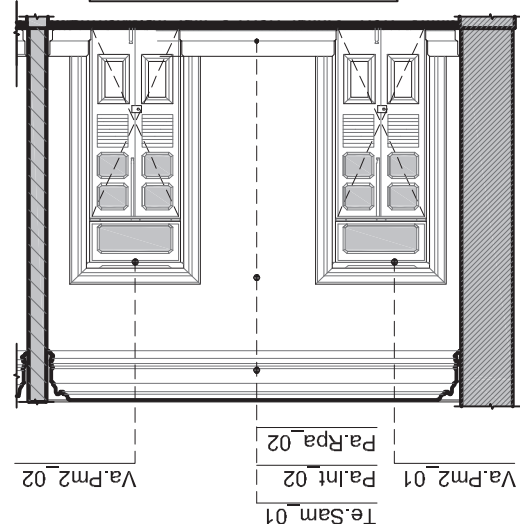


PLANTA BAIXA _ CH103



VISTA _ CH103.Pa.Int_01

VISTA _ CH103.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

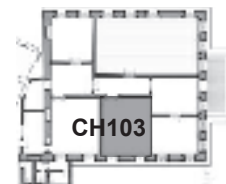
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 03

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

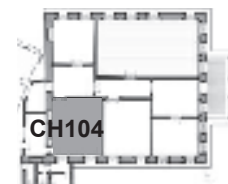
Ambiente interno: Chale – 1º Pavimento, Sala 04

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)	Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de			
						madeira (Rpm)		argamassa (Rpa)	
		01	02	03	04	01	03	02	04
Alteração cromática									
Empolamento									
Desprendimento de material									
Fissura / Trinca / Rachadura									
Deslocamento / desalinhamento									
Deformação									
Mancha de umidade									
Outras manchas (descrever)									
Expansão volumétrica									
Elementos espúrios									
Substituição / Intervenção inadequada									
Sujidade									
Desgaste									
Lacuna									
Arranhão									
Presença de Vegetação									
Agentes biológicos (descrever)									
Fratura									

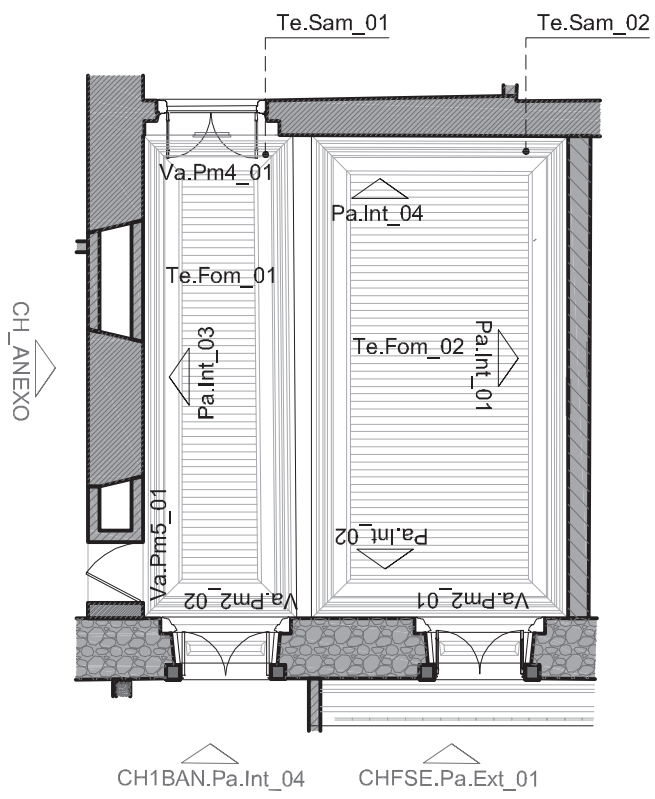
Teto (Te)				
Dano	Forro de madeira (Fom)		Sanca de Madeira (Sam)	
	01	02	01	02
Alteração cromática				
Empolamento				
Desprendimento de material				
Fissura / Trinca / Rachadura				
Mancha de umidade				
Manchas (descrever)				
Deformação / desalinhamento				
Elementos espúrios				
Substituições / Intervenções inadequadas				
Sujidade				
Lacuna				
Perfuração				
Presença de Vegetação				
Agentes biológicos (descrever)				
Indícios de térmitas				

Vãos (Va)				
Dano	Janelas (Jm1)		Portas (Pm2)	
	01	01	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				n/a
Porta de dentro (b)				n/a
Ferragens antigas	a	b	a	b
Enxalsos laterais em madeira	e	d	e	d
Enxalço superior em madeira				
Pano de peito em madeira			n/a	n/a

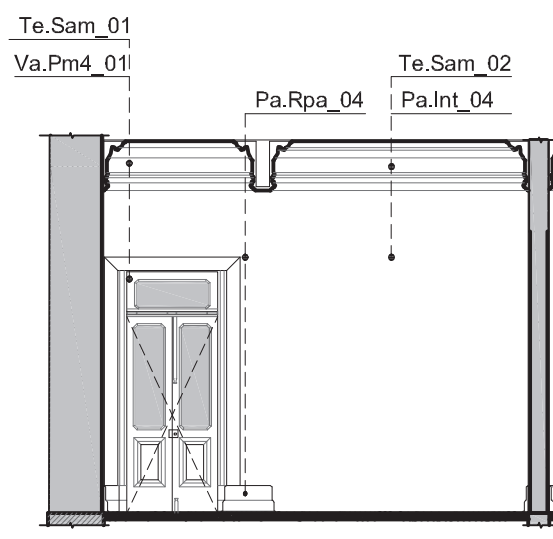
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalço lateral esquerdo, q= enxalço lateral direito).

Instruções:

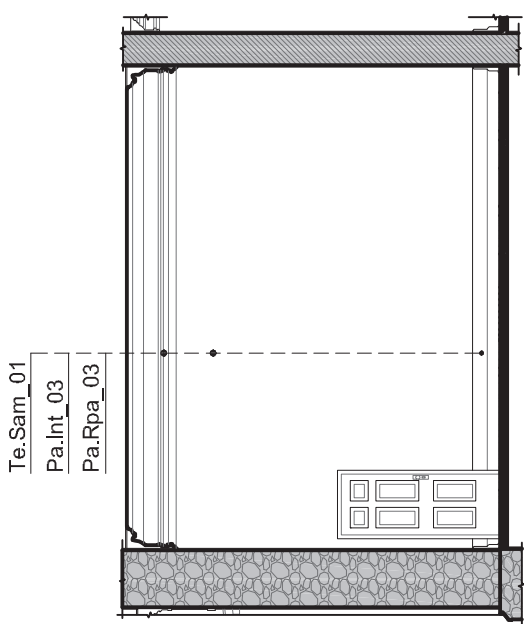
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 - 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



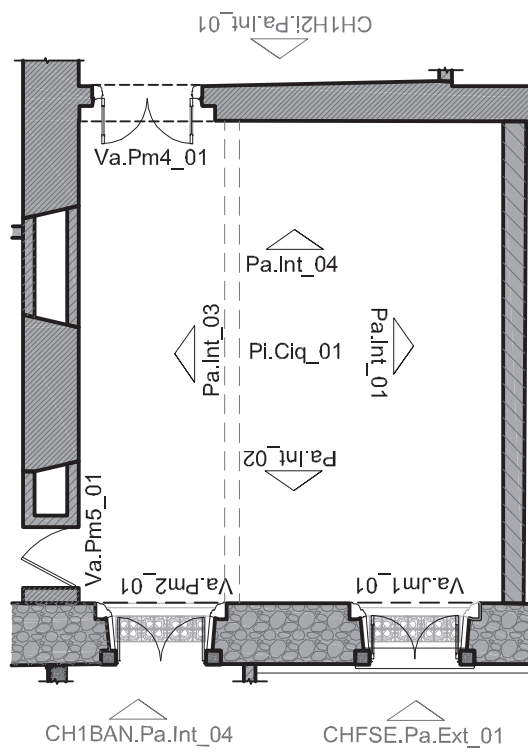
PLANTA DE TETO_ CH104



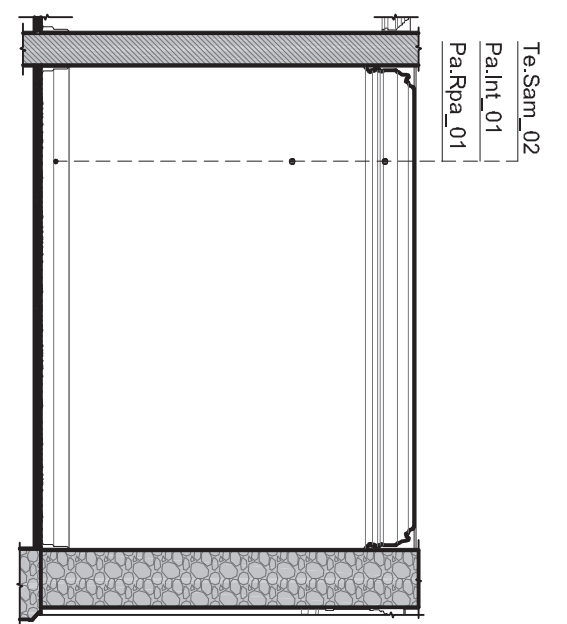
VISTA_ CH104.Pa.Int_04



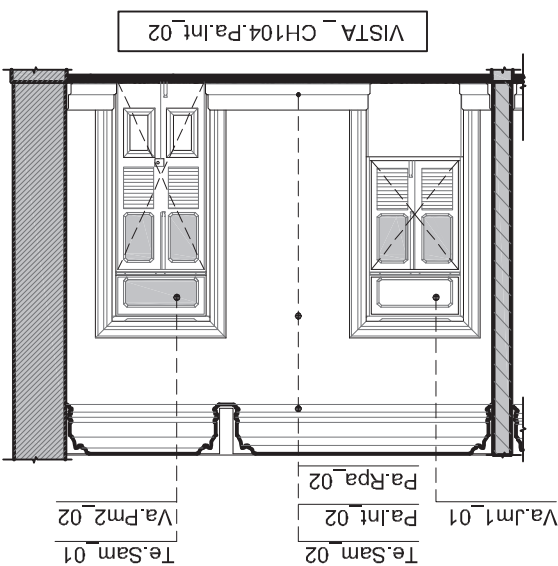
VISTA_ CH104.Pa.Int_03



PLANTA BAIXA_ CH104



VISTA_ CH104.Pa.Int_01



VISTA_ CH104.Pa.Int_02



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Identificação do ambiente

Localização

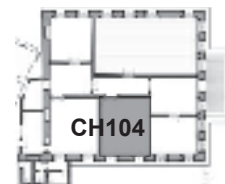
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 04

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

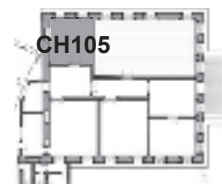
Ambiente interno: Chalé – 1º Pavimento, Sala 05

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de argamassa (Rpm)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

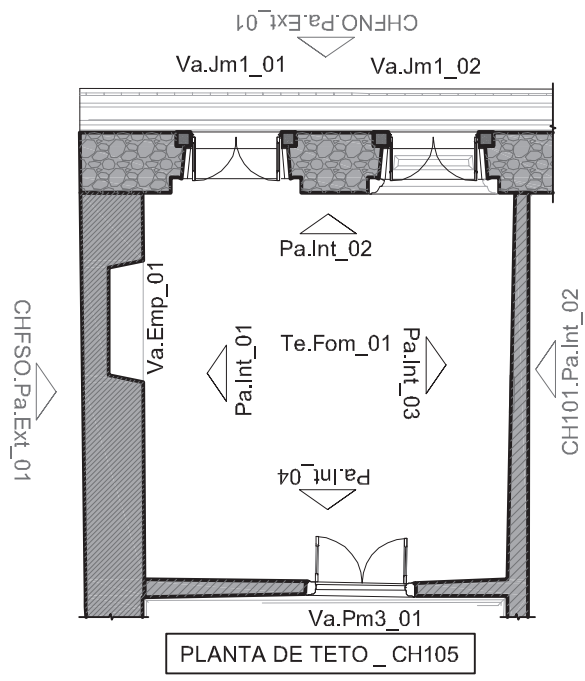
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)				
Dano	Portas			Emparedado
	(Jm1)		(Pm3)	(Emp)
	01	02	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Porta de dentro (b)				n/a
Ferragens antigas	a	b	a	b
Enxalsos laterais em madeira	e	d	e	d
Enxalço superior em madeira				n/a
Pano de peito em madeira				n/a

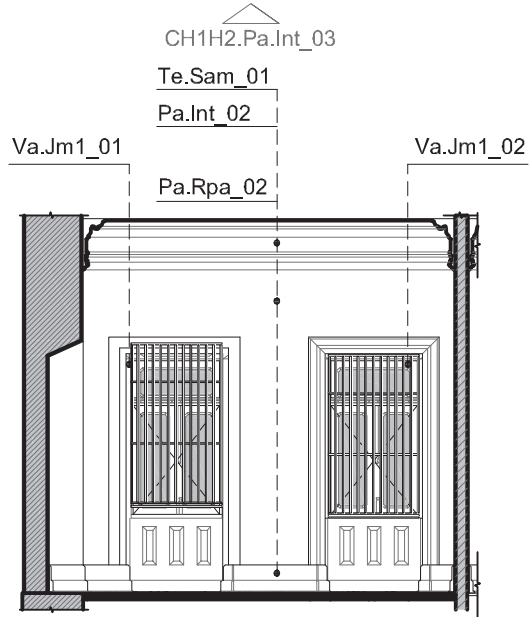
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalço lateral esquerdo, d= enxalço lateral direito).

Instruções:

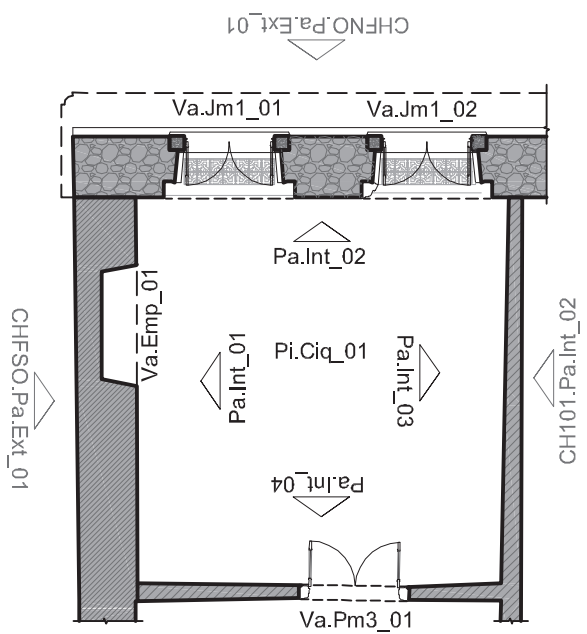
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



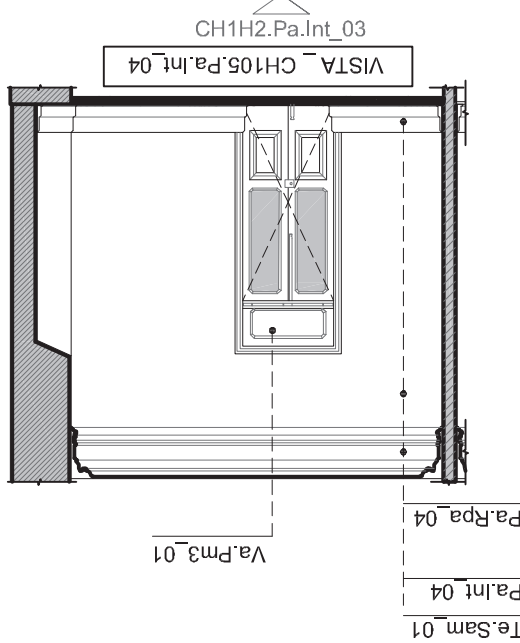
PLANTA DE TETO _ CH105



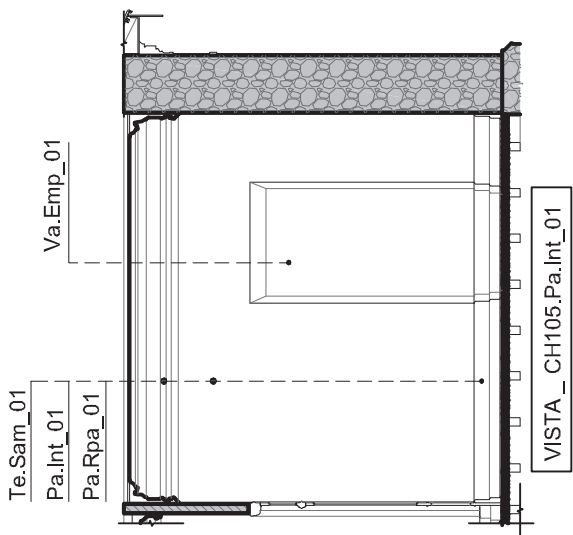
VISTA _ CH105.Pa.Int_02



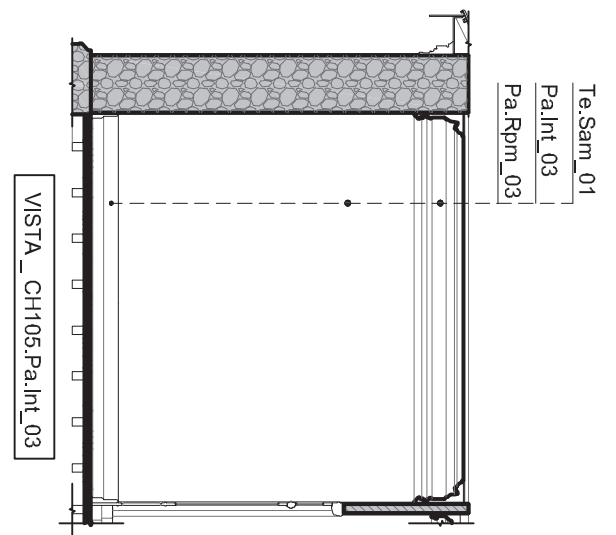
PLANTA BAIXA _ CH105



VISTA _ CH105.Pa.Int_04



VISTA _ CH105.Pa.Int_01



VISTA _ CH105.Pa.Int_03



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

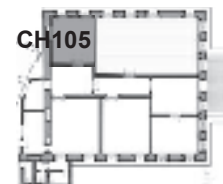
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Sala 05

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

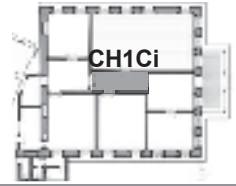
Ambiente interno: Chalé – 1º Pavimento, Circulação 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de argamassa (Rpa)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

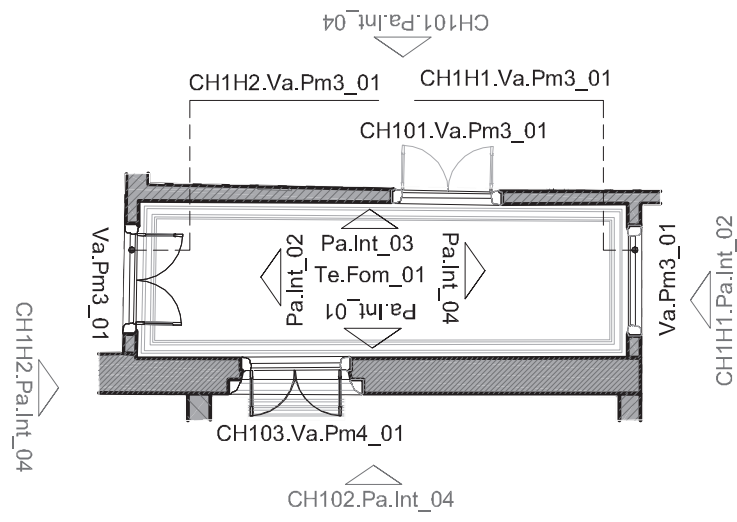
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)				
Dano	Portas			
	CH103 Va.Pm1	CH1H2 Va.Pm3	CH101 Va.Pm3	CH1H1 Va.Pm3
	01	01	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Porta de dentro (b)	n/a	n/a	n/a	n/a
Ferragens antigas				
Enxalsos laterais em madeira	n/a	n/a	n/a	n/a
Enxalso superior em madeira	n/a	n/a	n/a	n/a
Pano de peito em madeira	n/a	n/a	n/a	n/a

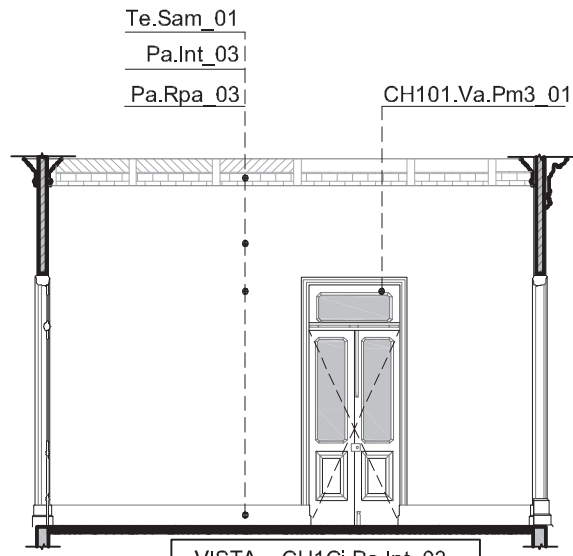
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalso lateral esquerdo, q= enxalso lateral direito).

Instruções:

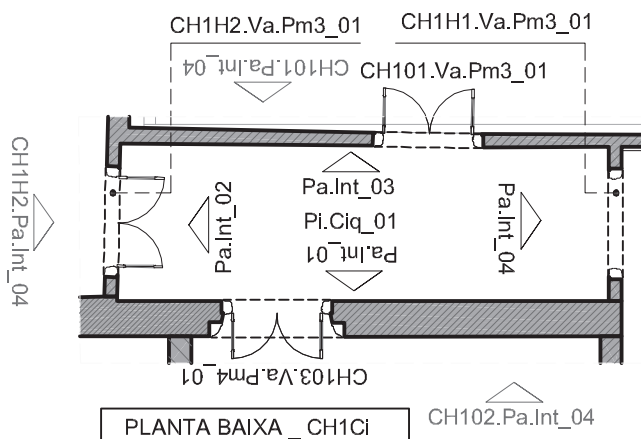
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 - 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



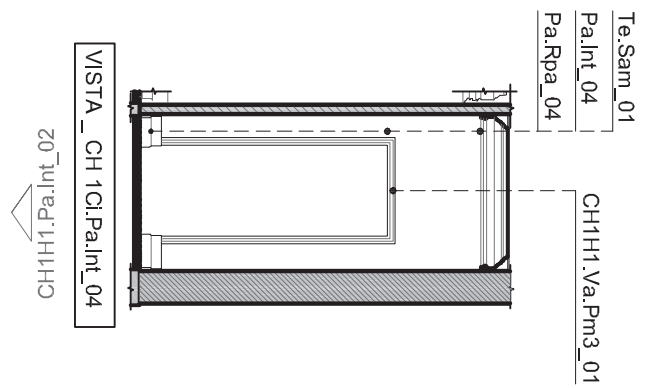
PLANTA DE TETO _ CH1Ci



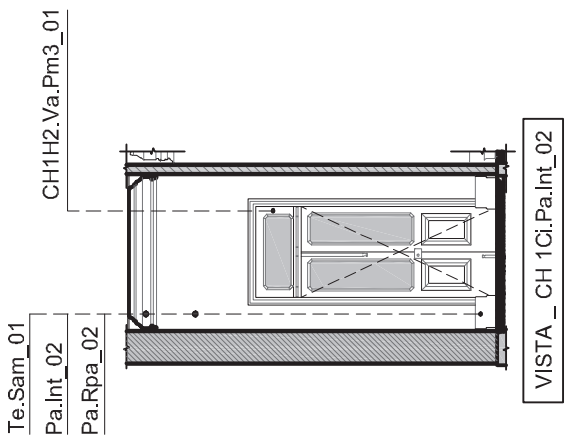
VISTA _ CH1Ci.Pa.Int_03



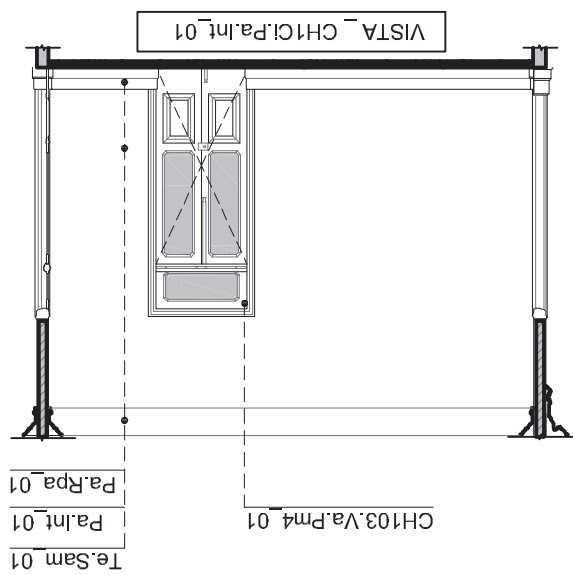
PLANTA BAIXA _ CH1Ci



VISTA _ CH 1Ci.Pa.Int_04



VISTA _ CH 1Ci.Pa.Int_02



VISTA _ CH1Ci.Pa.Int_01



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

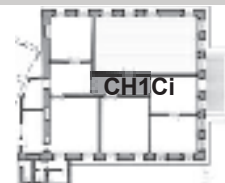
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Circulação

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Chalé – 1º Pavimento, Hall 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)								
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de argamassa (Rpa)			
	01	02	03	04	01	02	03	04
Alteração cromática								
Empolamento								
Desprendimento de material								
Fissura / Trinca / Rachadura								
Deslocamento / desalinhamento								
Deformação								
Mancha de umidade								
Outras manchas (descrever)								
Expansão volumétrica								
Elementos espúrios								
Substituição / Intervenção inadequada								
Sujidade								
Desgaste								
Lacuna								
Arranhão								
Presença de Vegetação								
Agentes biológicos (descrever)								
Fratura								

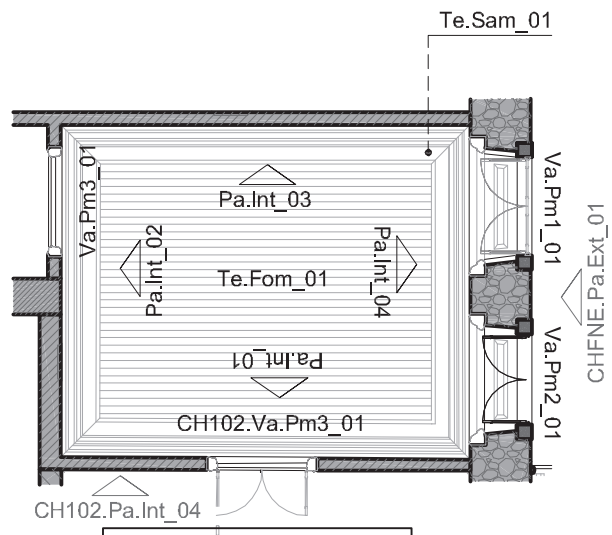
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)				
Dano	Portas			
	(Pm1)	(Pm2)	(Pm3)	CH102 Va.Pm3
	01	02	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Porta de dentro (b)			n/a	n/a
Ferragens antigas	a	b	a	b
Enxalsos laterais em madeira	e	d	e	d
Enxalço superior em madeira			n/a	n/a
Pano de peito em madeira			n/a	n/a

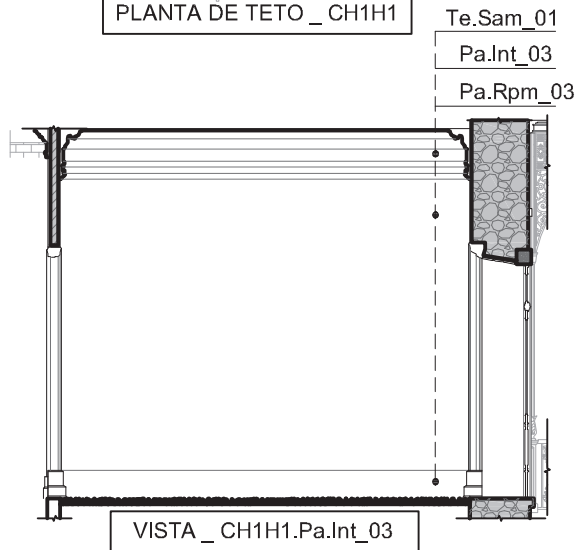
(Obs: n/a = não se aplica, e= enxalço lateral esquerdo, d= enxalço lateral direito).

Instruções:

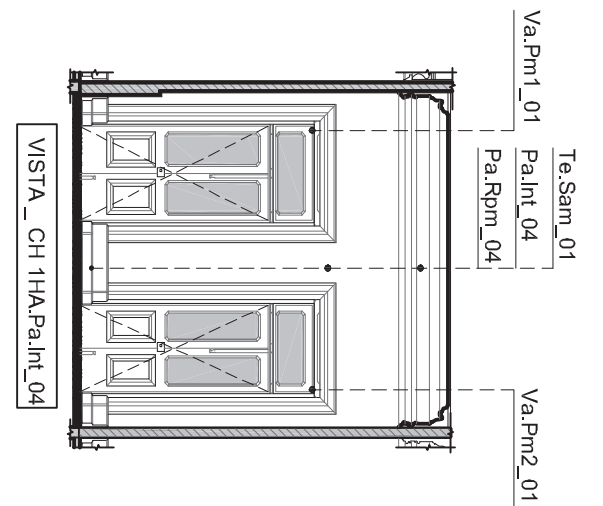
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente.



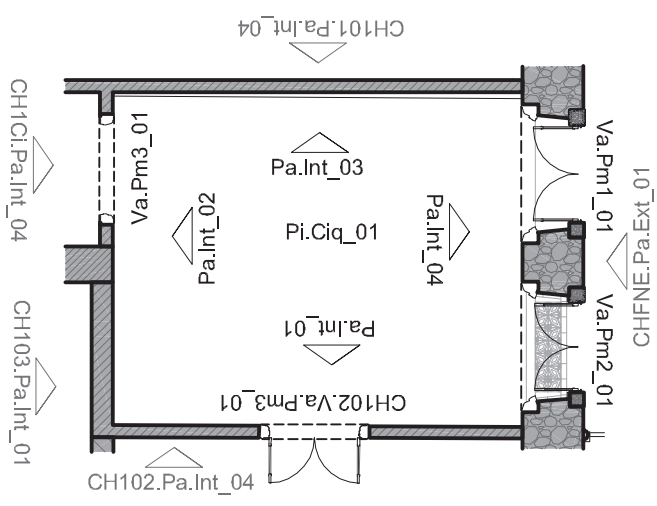
PLANTA DE TETO _ CH1H1



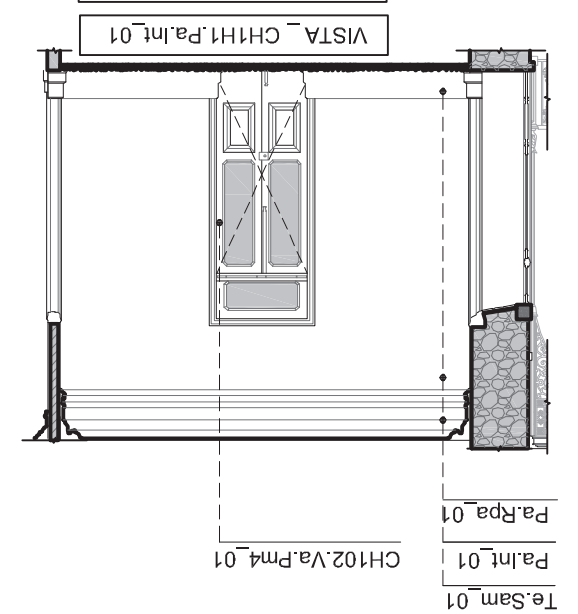
VISTA _ CH1H1.Pa.Int_03



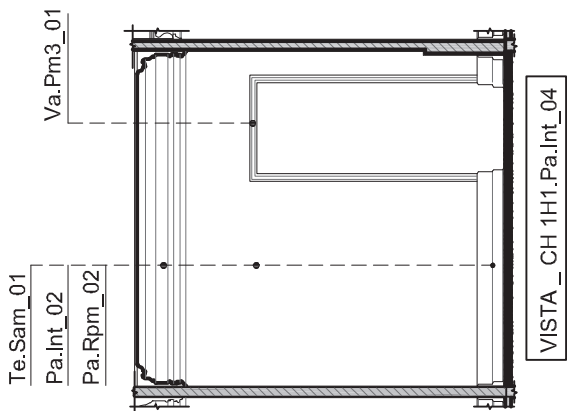
VISTA _ CH 1HA.Pa.Int_04



PLANTA BAIXA _ CH1H1



VISTA _ CH1H1.Pa.Int_01



VISTA _ CH 1H1.Pa.Int_04



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

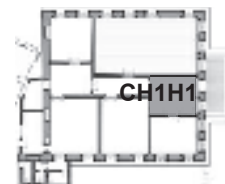
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Hall 01

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

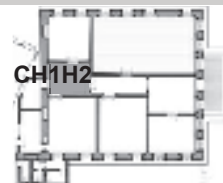
Ambiente interno: Chalé – 1º Pavimento, Hall 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)	
Dano	Cimento queimado (Ciq)
	01
Alteração cromática	
Desprendimento de material	
Fissura / Trinca / Rachadura	
Deslocamento / desalinhamento	
Deformação	
Elementos espúrios	
Substituição / Intervenção inadequada	
Perfurações	
Sujidade	
Desgaste	
Lacuna	
Presença de Vegetação	
Sinais de agentes biológicos (descrever)	
Mancha de umidade	
Outras manchas (descrever)	
Retração	
Indícios de térmitas	

Paredes (Pa)											
Dano	Superfícies internas (Int)				Rodapés de argamassa (Rpa)						
	01	02	03	04	01	02	03	04			
Alteração cromática											
Empolamento											
Desprendimento de material											
Fissura / Trinca / Rachadura											
Deslocamento / desalinhamento											
Deformação											
Mancha de umidade											
Outras manchas (descrever)											
Expansão volumétrica											
Elementos espúrios											
Substituição / Intervenção inadequada											
Sujidade											
Desgaste											
Lacuna											
Arranhão											
Presença de Vegetação											
Agentes biológicos (descrever)											
Fratura											

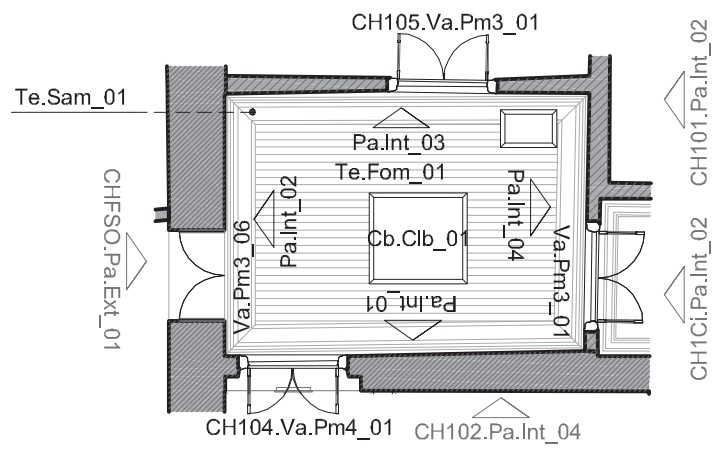
Teto (Te)		
Dano	Forro de madeira (Fom)	Sanca de Madeira (Sam)
	01	01
Alteração cromática		
Empolamento		
Desprendimento de material		
Fissura / Trinca / Rachadura		
Mancha de umidade		
Manchas (descrever)		
Deformação / desalinhamento		
Elementos espúrios		
Substituições / Intervenções inadequadas		
Sujidade		
Lacuna		
Perfuração		
Presença de Vegetação		
Agentes biológicos (descrever)		
Indícios de térmitas		

Vãos (Va)				
Dano	Portas			
	CH104 Va.Pm4	(Pm6)	CH105 Va.Pm3	(Pm3)
	01	01	01	01
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (análise percussiva)				
Indícios de térmitas				
Elementos faltantes				
Folha de madeira e vidro (a)				
Porta de dentro (b)			n/a	n/a
Ferragens antigas				
Enxalsos laterais em madeira			n/a	n/a
Enxalço superior em madeira			n/a	n/a
Pano de peito em madeira			n/a	n/a

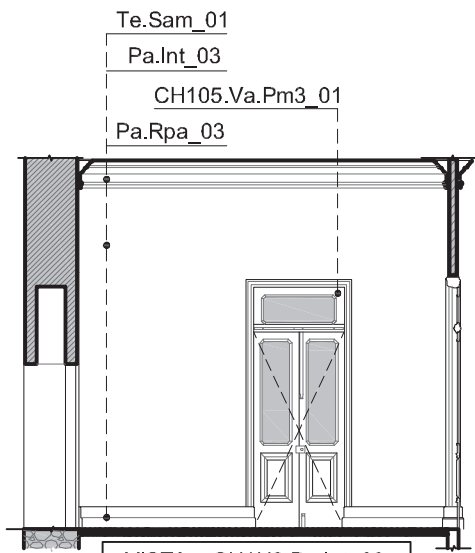
(Obs: n/a* = não se aplica, e= enxalço lateral esquerdo, d= enxalço lateral direito).

Instruções:

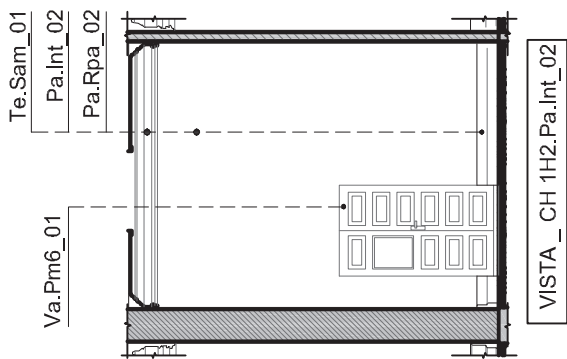
- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano:
 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte
- Para a seção "Elementos faltantes" (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente. Utilizar cor do dano "Lacuna".



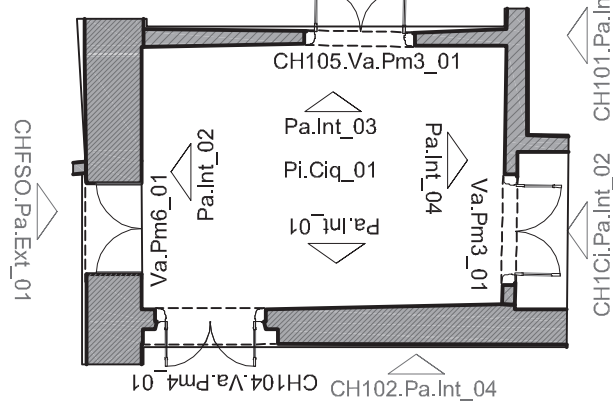
PLANTA DE TETO _ CH1H2



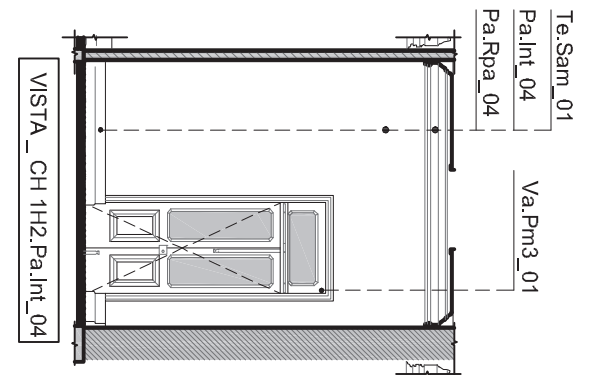
VISTA _ CH1H2.Pa.Int_03



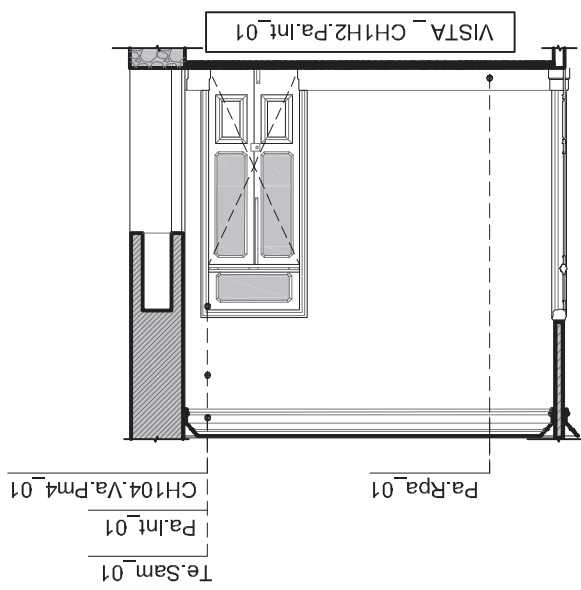
VISTA _ CH 1H2.Pa.Int_02



PLANTA BAIXA _ CH1H2



VISTA _ CH 1H2.Pa.Int_04



VISTA _ CH1H2.Pa.Int_01



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Localização

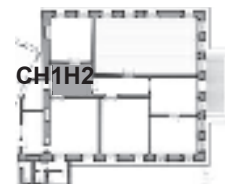
Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Hall 02

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Piso (Pi)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Paredes (Pa)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Tetos (Te)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Vãos (Va)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:
Processos identificados:

Observações e aspectos destacados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente interno: Chalé – 1° Pavimento, Alpendre

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



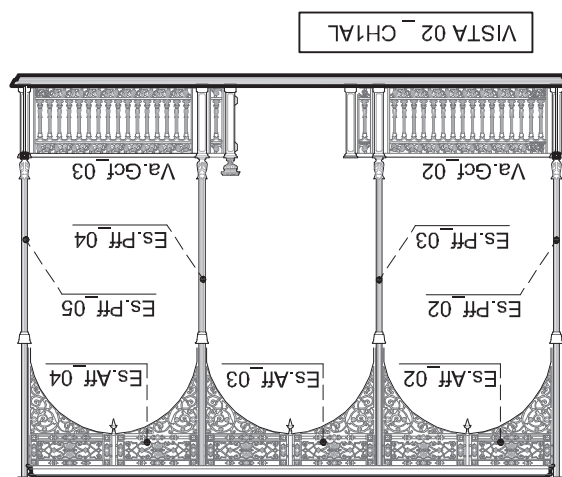
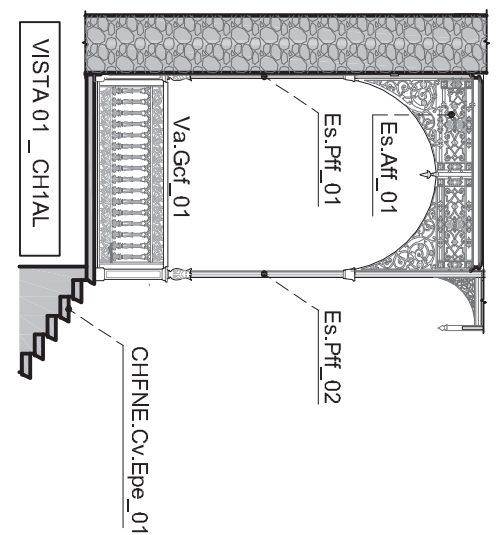
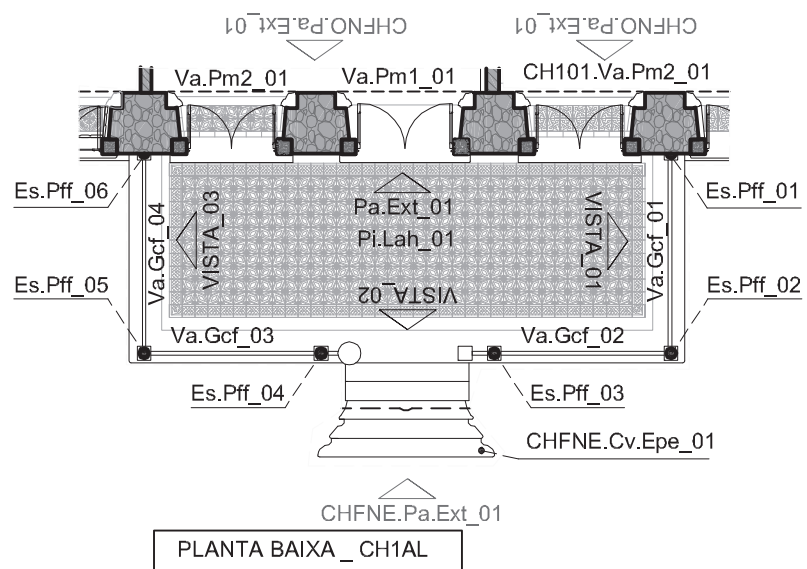
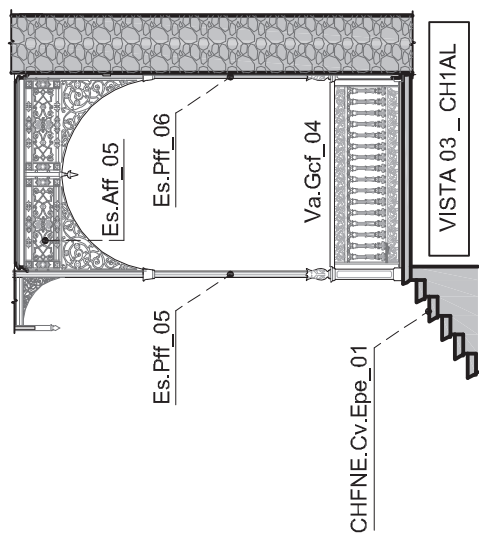
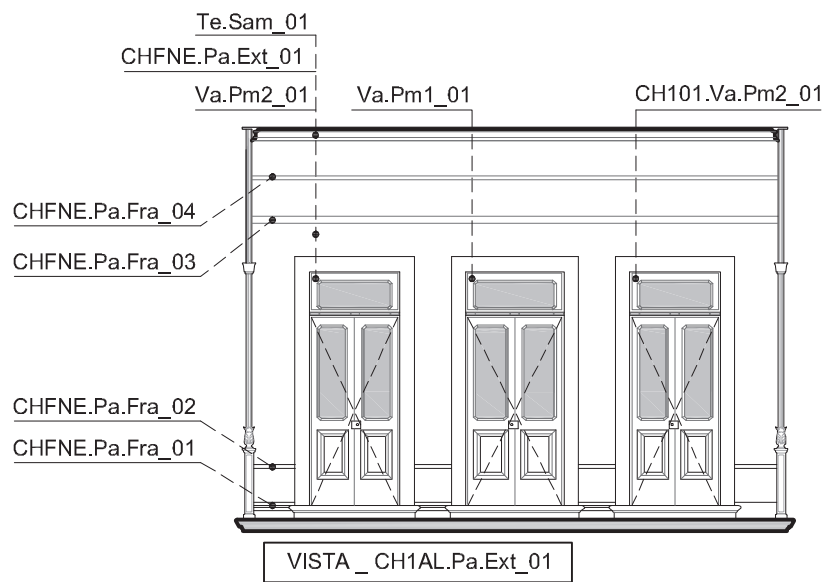
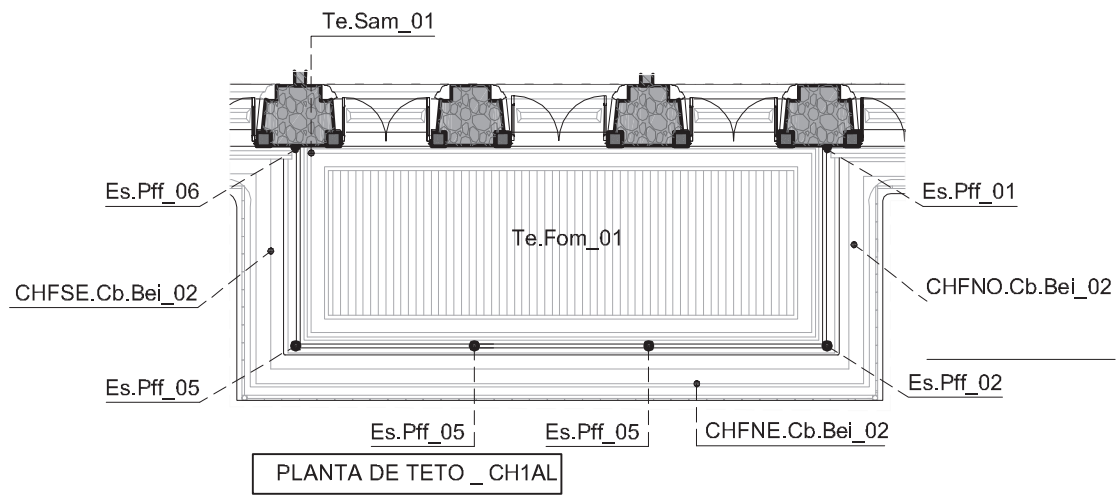
Paredes (Pa)					Teto (Te)				Circ. Vertical (Cv)		Piso (Pi)		
Dano	Superf. Ext. (Ext)	Frisos de Arg. (Fra)				Forro de madeira (Fom)		Sanca de madeira (Sam)		Escada de pedra. (Epe)		Ladr. hydr. (Lah)	
	01	CHFSE.Pa.Fra	01	02	03	04	01	02	01	01	01	02	01
Alteração cromática													
Empolamento													
Desprendimento de material													
Fissura / Trinca / Rachadura													
Deslocamento / desalinhamento													
Deformação													
Mancha de umidade													
Outras manchas (descrever)													
Expansão volumétrica													
Elementos espúrios													
Substituição / Interv. inadequada													
Sujidade													
Desgaste													
Lacuna													
Arranhão													
Presença de Vegetação													
Agentes biológicos (descrever)													
Fratura													

Vãos (Va)					Estrutura (Es)															
Dano	Portas			Guarda corpo de ferro fund. (Gct)					Pilar de ferro fundido (Pff)						Arco de ferro fundido (Aff)					
	CH1H1		CH101																	
	Va.Pm1	Va.Pm2	Va.Pm2	01	02	03	04	05	01	02	03	04	05	06	01	02	03	04	05	
Lacuna																				
Fratura																				
Retração																				
Empolamento de pintura																				
Desprendimento de material																				
Alteração cromática																				
Empeno / desalinhamento																				
Expansão volumétrica																				
Desgaste																				
Mancha (descrever)																				
Perfurações																				
Elementos espúrios																				
Vidro quebrado / ausente																				
Perda de massa de vedação																				
Oxidação de peça metálica																				
Sujidade																				
Agentes biológicos (descrever)																				
Partes ocas (percussão)																				
Indícios de térmitas																				
Elementos faltantes																				
Folha de madeira e vidro (a)																				
Porta de dentro (b)																				
Ferragens antigas																				
Enxalsos laterais em madeira																				
Enxalço superior em madeira																				

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento. Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte

- Para a seção “Elementos faltantes” (Vãos) marcar com X onde o elemento correspondente for ausente. Usara cor do dano “Lacuna”.



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Observações:

Localização

Ambiente externo: Chalé – 1º Pavimento, Alpendre

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Tetos (Te)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Nordeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

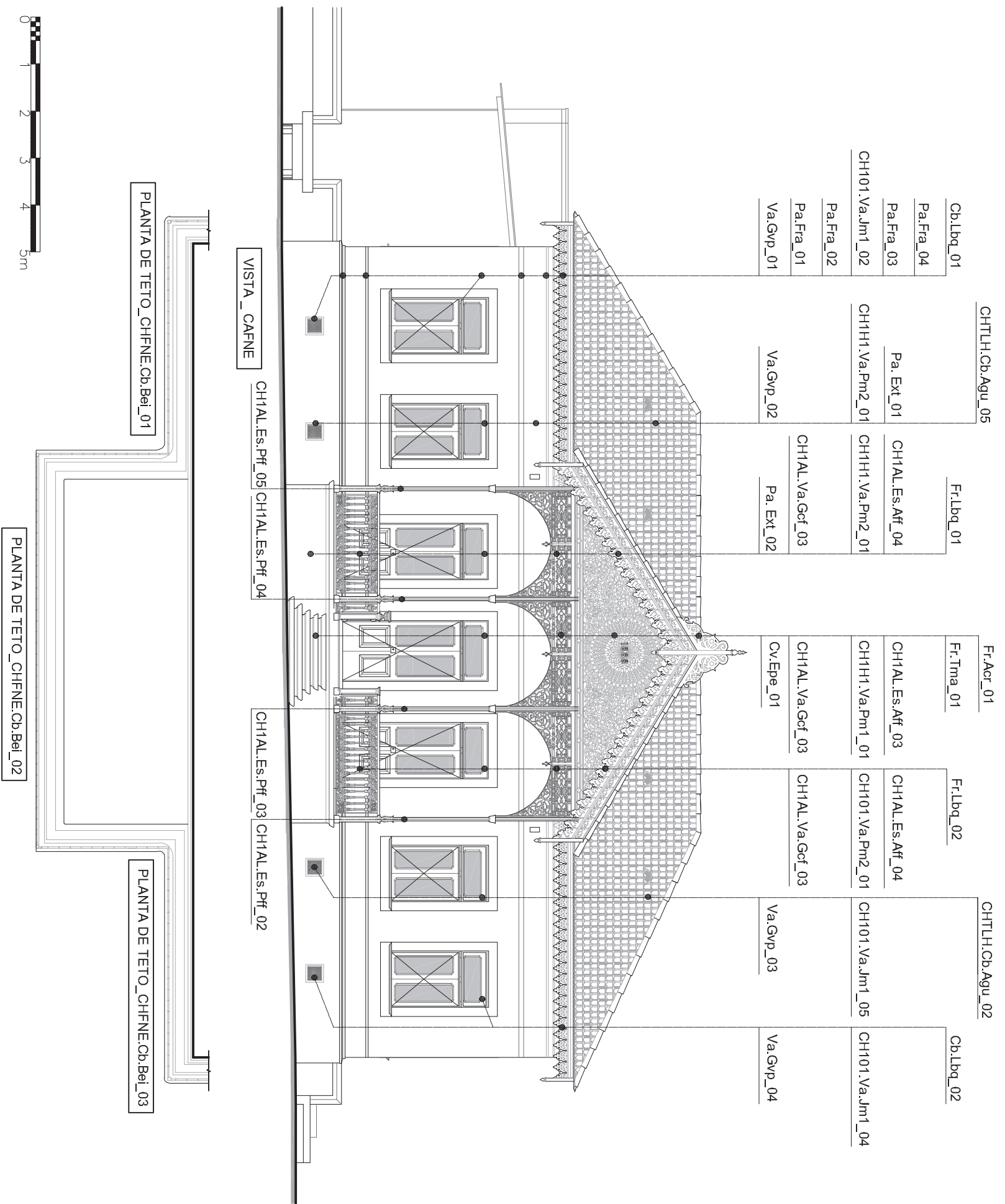


Paredes (Pa)								Cobertura (Te)						Circ. Vert. (Cv)	Frontão (Fr)			
Dano	Superf. Ext. (Ext)		Frisos de Arg. (Fra)				Águas CHTLH Cb.Agu		Beiral (Bei)			Lambreq. (Lbq)		Escada de pedra. (Epe)	Lambreq. (Lbq)		Acrotério (Acr)	Tímpano madeira entalhada (Tma)
	01	02	01	02	03	04	05	02	01	02	03	01	02		01	02		
	Alteração cromática															01		
Empolamento																		
Desprendimento de material																		
Fissura / Trinca / Rachadura																		
Deslocamento / desalinhamento																		
Deformação																		
Mancha de umidade																		
Outras manchas (descrever)																		
Expansão volumétrica																		
Elementos espúrios																		
Substituição / Interv. inadequada																		
Sujidade																		
Desgaste																		
Lacuna																		
Arranhão																		
Presença de Vegetação																		
Agentes biológicos (descrever)																		
Fratura																		

Vãos (Va)											Estrutura (Es)								
Dano	Portas e janelas					Ventilação Porão (Gvp)	Guarda corpo de ferro fund. CH1AL.Va.Gcf					Pilar de ferro fundido CH1AL.Es.Pff				Arco de ferro fundido CH1AL.Es.Aff			
	CH102	CH1H1		CH101			01	02	03	04	05	02	03	04	05	02	03	04	
	Va.Jm1	Va.Pm1	Va.Pm2	Va.Pm2	Va.Jm1														
Lacuna																			
Fratura																			
Retração																			
Empolamento de pintura																			
Desprendimento de material																			
Alteração cromática																			
Empeno / desalinhamento																			
Expansão volumétrica																			
Desgaste																			
Mancha (descrever)																			
Perfurações																			
Elementos espúrios																			
Vidro quebrado / ausente																			
Perda de massa de vedação																			
Oxidação de peça metálica																			
Sujidade																			
Agentes biológicos (descrever)																			
Partes ocas (percussão)																			
Indícios de térmitas																			

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:

Identificação do ambiente	Observações:	Localização
----------------------------------	---------------------	--------------------

Ambiente externo: Chale – Fachada Nordeste
 Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:



Paredes (Pa)	Frontão (Fr)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Noroeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

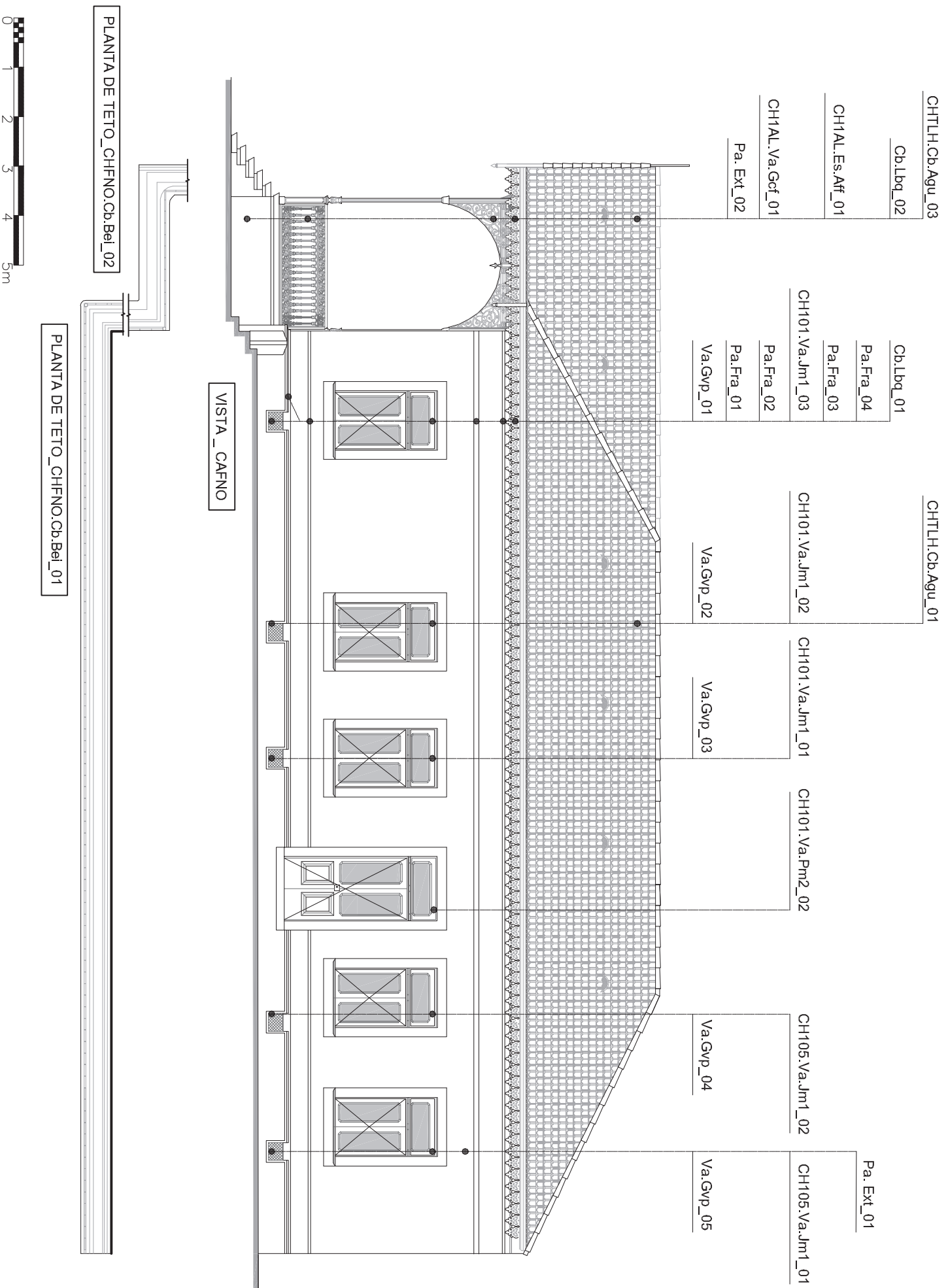


Paredes (Pa)								Cobertura (Te)						Estrutura (Es)			
Dano	Superf. Ext. (Ext)				Frisos de Arg. (Fra)				Águas		Beiral (Bei)		Lambreq. (Lbq)		Pilar de ferro fundido CH1AL.Es.Pff		Arco de ferro fundido CH1AL.Es.Aff
									CHTLH.	Cb.Agu							
	01	02	01	02	03	04	03	01	01	02	01	02	01	02	01		
Alteração cromática																	
Empolamento																	
Desprendimento de material																	
Fissura / Trinca / Rachadura																	
Deslocamento / desalinhamento																	
Deformação																	
Mancha de umidade																	
Outras manchas (descrever)																	
Expansão volumétrica																	
Elementos espúrios																	
Substituição / Interv. inadequada																	
Sujidade																	
Desgaste																	
Lacuna																	
Arranhão																	
Presença de Vegetação																	
Agentes biológicos (descrever)																	
Fratura																	

Vãos (Va)																
Dano	Portas e janelas								Ventilação Porão					Guarda corpo de ferro fund. CH1AL.Va.Gcf		
	CH101				CH105				(Gvp)							
	Va.Jm1				Va.Pm2											
	04	03	02	01	02	02	01	01	02	03	04	05	01			
Lacuna																
Fratura																
Retração																
Empolamento de pintura																
Desprendimento de material																
Alteração cromática																
Empeno / desalinhamento																
Expansão volumétrica																
Desgaste																
Mancha (descrever)																
Perfurações																
Elementos espúrios																
Vidro quebrado / ausente																
Perda de massa de vedação																
Oxidação de peça metálica																
Sujidade																
Agentes biológicos (descrever)																
Partes ocas (percussão)																
Indícios de térmitas																

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: 1 – Fraco 2 – Moderado 3 – Forte



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:

Identificação do ambiente	Observações:	Localização
----------------------------------	---------------------	--------------------

Ambiente externo: Chalé – Fachada Noroeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Sudeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

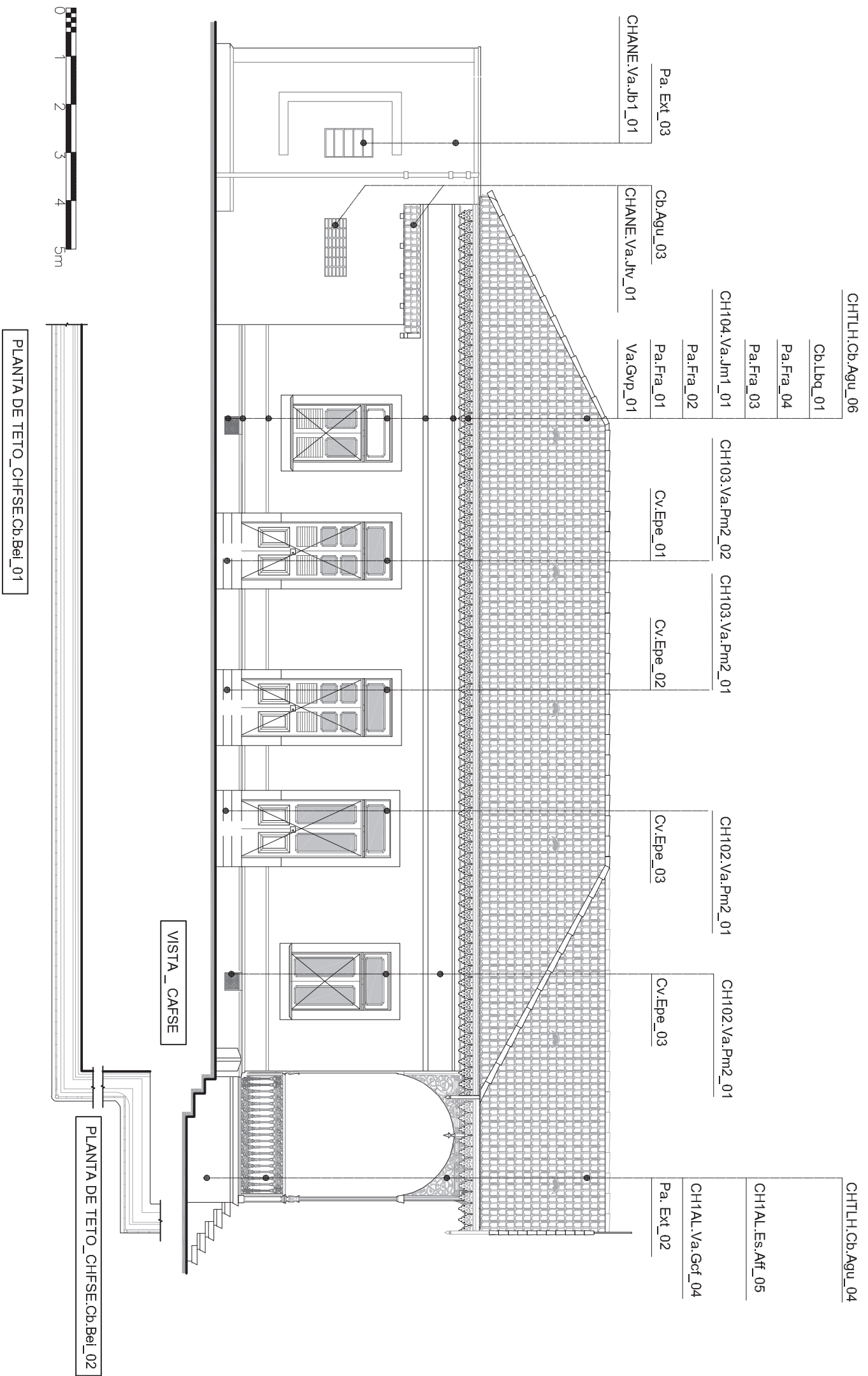


Paredes (Pa)		Cobertura (Te)										Circ. Vert. (Cv)	Estrutura (Es)						
		Superf. Ext. (Ext)		Frisos de Arg. (Fra)				Águas CHTLH. (Cb.Agu)		Beiral (Bei)			Lambreç (Lbq)		Escada de pedra. (Epe)		Pilar de ferro fundido		Arco de ferro fundido
				CHFSE.Pa.Fra		Cb.Agu		(Bei)		(Lbq)			(Epe)		CH1AL.Es.Pff		CH1AL.Es.Aff		
		01	02	01	02	03	04	06	04	01	02		01	02	01		05	06	05
	Alteração cromática																		
	Empolamento																		
	Desprendimento de material																		
	Fissura / Trinca / Rachadura																		
	Deslocamento / desalinhamento																		
	Deformação																		
	Mancha de umidade																		
	Outras manchas (descrever)																		
	Expansão volumétrica																		
	Elementos espúrios																		
	Substituição / Interv. inadequada																		
	Sujidade																		
	Desgaste																		
	Lacuna																		
	Arranhão																		
	Presença de Vegetação																		
	Agentes biológicos (descrever)																		
	Fratura																		

Vãos (Va)		Portas e janelas						Ventilação Porão		Guarda corpo de ferro fund.
		CHANE		CH104	CH103	CH102		(Gvp)		CH1AL
		Va.Jb1	Va.Jtv	Va.Jm1	Va.Pm2		Va.Pm2			Va.Jm1
		01	01	01	01	02	01	03	01	02
	Lacuna									
	Fratura									
	Retração									
	Empolamento de pintura									
	Desprendimento de material									
	Alteração cromática									
	Empeno / desalinhamento									
	Expansão volumétrica									
	Desgaste									
	Mancha (descrever)									
	Perfurações									
	Elementos espúrios									
	Vidro quebrado / ausente									
	Perda de massa de vedação									
	Oxidação de peça metálica									
	Sujidade									
	Agentes biológicos (descrever)									
	Partes ocas (percussão)									
	Indícios de térmitas									

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte



Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

Identificação do ambiente

Observações:

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Sudeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:



Paredes (Pa)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)	Circulações verticais (Cv)	Estrutura (Es)
Principais danos observados:	Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Identificação do ambiente

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Sudoeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

Orientação:

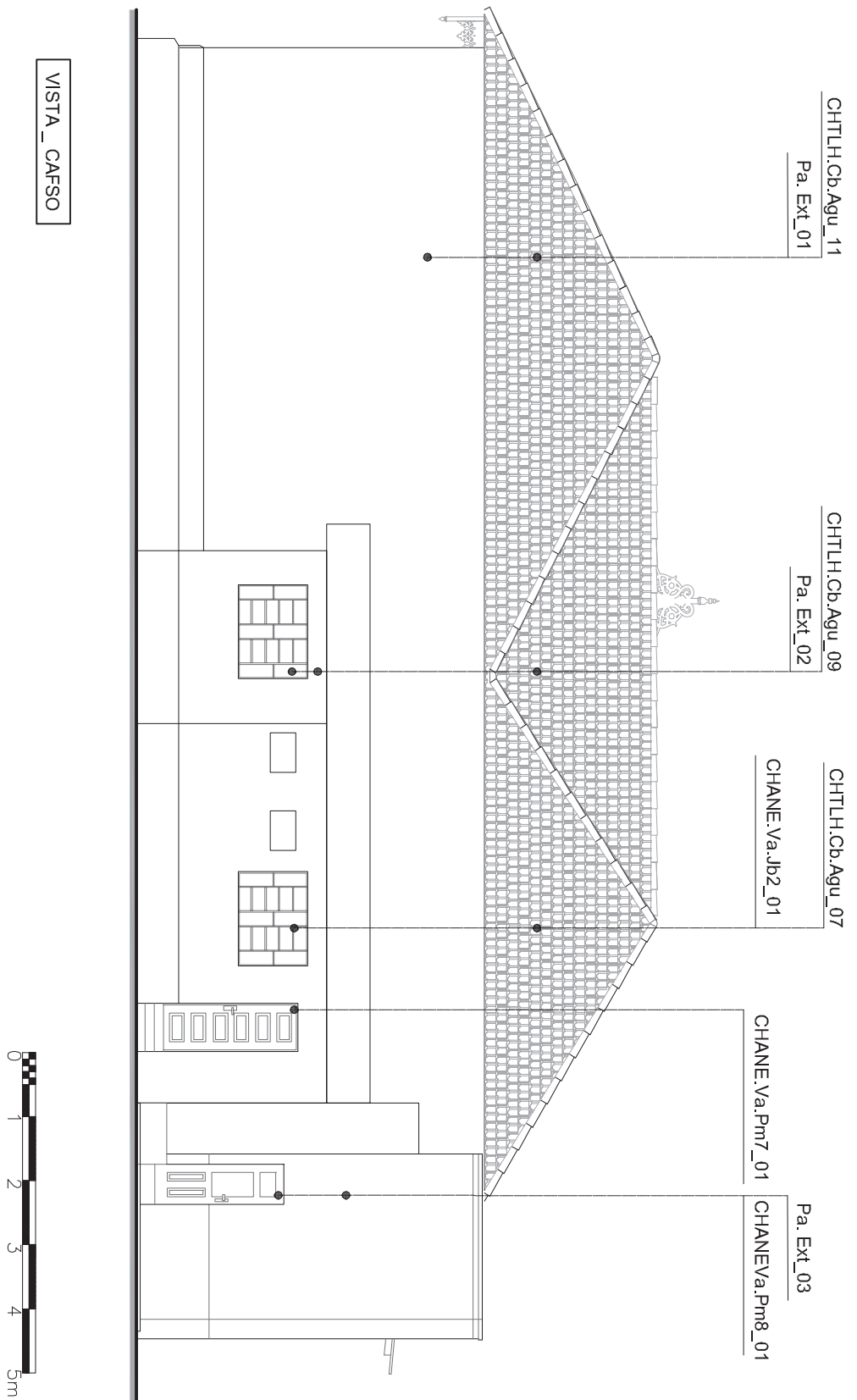


Paredes (Pa)				Cobertura (Cb)		
Dano	Superfícies Externas (Ext)			Águas CHTLH.Cb.Agu		
	01	02	03	11	09	07
Alteração cromática						
Empolamento						
Desprendimento de material						
Fissura / Trinca / Rachadura						
Deslocamento / desalinhamento						
Deformação						
Mancha de umidade						
Outras manchas (descrever)						
Expansão volumétrica						
Elementos espúrios						
Substituição / Interv. inadequada						
Sujidade						
Desgaste						
Lacuna						
Arranhão						
Presença de Vegetação						
Agentes biológicos (descrever)						
Fratura						

Vãos (Va)				
Dano	Portas e janelas			
	CHANE			
	Va.Jb1		Va.Pm7	Va.Pm8
	01	02	02	02
Lacuna				
Fratura				
Retração				
Empolamento de pintura				
Desprendimento de material				
Alteração cromática				
Empeno / desalinhamento				
Expansão volumétrica				
Desgaste				
Mancha (descrever)				
Perfurações				
Elementos espúrios				
Vidro quebrado / ausente				
Perda de massa de vedação				
Oxidação de peça metálica				
Sujidade				
Agentes biológicos (descrever)				
Partes ocas (percussão)				
Indícios de térmitas				

Instruções:

- A primeira fileira deve ser preenchida com a cor / hachura ou código utilizado no mapeamento.
- Preencher a tabela de acordo com a intensidade do dano: **1** – Fraco **2** – Moderado **3** – Forte



Data:
 Realizado por:
 Disciplina:
 Orientação:

Identificação do ambiente

Observações:

Localização

Ambiente externo: Chalé – Fachada Sudoeste

Data:

Realizado por:

Disciplina:

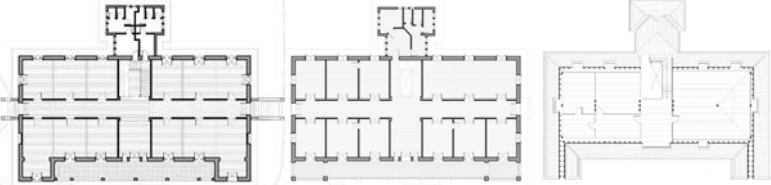
Orientação:



Paredes (Pa)	Vãos (Va)
Principais danos observados:	Principais danos observados:
Elementos mais afetados:	Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:	Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:	Agentes de deterioração identificados:

Cobertura (Cb)
Principais danos observados:
Elementos mais afetados:
Relações de danos entre diferentes grupos / elementos:
Agentes de deterioração identificados:

2c Fichas de registro de intervenções

Identificação do ambiente	Localização
Localização do Elemento: Contexto da intervenção: Período da intervenção: Realizado por: Disciplina: Orientação:	
Tipo de intervenção:	Materiais utilizados:

(Descrição resumida. Ex: Restauração de janela)

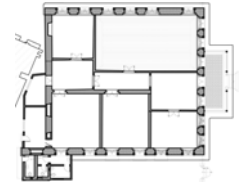
Relatório Fotográfico:		
Foto 01 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 02 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 03 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia
Foto 04 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 05 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 06 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia
Foto 07 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 08 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 09 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia
Descrição da intervenção:		

Descrição detalhada de todo o processo de intervenção, com referências às fotografias "(Foto 01)", descrevendo material utilizado, instrumentos, técnicas e justificativas.

Identificação do ambiente

Localização

Localização do Elemento:
Contexto da intervenção
Período da intervenção:
Realizado por:
Disciplina:
Orientação:



Tipo de intervenção:

Materiais utilizados:

(Descrição resumida. Ex: Restauração de janela)

Relatório Fotográfico:

Foto 01 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 02 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 03 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia
Foto 04 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 05 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 06 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia
Foto 07 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 08 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia	Foto 09 (data): Descrição simplificada das ações apresentadas na fotografia

Descrição da intervenção:

Descrição detalhada de todo o processo de intervenção, com referências às fotografias "(Foto 01)", descrevendo material utilizado, instrumentos, técnicas e justificativas.

Anexo: CD com arquivos digitais